

SATYRICOS

PORTUGUEZES

R

SATYRICOS

PORTUGUEZES

COLLECÇÃO

DE

Poemas heroi-comico-satyricos

NOVA EDIÇÃO

COM INTRODUCCÃO CRITICA E ANOTAÇÕES

DE

JOÃO RIBEIRO



H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

109, RUA DO OUVIDOR, 109
RIO DE JANEIRO

6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6
PARIS

1910

INTRODUÇÃO

Honrou-nos a casa editora do sñr Garnier com a incumbencia que aceitamos de dirigir e anotar a presente edição dos *Satyricos Portuguezes*. Reimprime-se pois o texto publicado em Paris, em 1834, por José da Fonseca, e que se considerou o sexto volume do *Parnaso Lusitano*, editado poucos annos antes.

Accrescentamos, porem, uma noticia preliminar, a respeito dos autores escolhidos, falta que havia na edição primitiva e que buscamos remediar com breves apontamentos criticos e bibliographicos ao nosso parecer indispensaveis, e ajuntamos, ainda, as notas que explicam o texto e esclarecem as numerosas allusões hoje obscuras ou incomprehensiveis.

Não houve, da nossa parte, a intenção de fazer uma edição critica, o que, aliás, não vinha ao caso, em tão modestas proporções, n'esta simples collectanea de poetas.

Houve, sim, a intenção de vulgarizar um livro que obteve e ainda merece grande estima e é hoje raro.

Quasi todos os exemplares de antigo *Parnaso lusitano*

apparecem desfalcados do sexto volume que aliás teve duas extracções, ou tiragens, uma dellas inutilizada pelos proprios editores.

A collecção dos *Satyricos portuguezes* comprehende ordenadamente : o *Hyssope*, poema heroi-comico de Antonio Diniz da Cruz e Silva; o *Reino da Estupidez* (publicado anonymamente) do D^r Francisco de Mello Franco, brasileiro, natural das Minas Geraes; e algumas das satyras mais notaveis, o *Bilhar*, a *Guerra*, o *Passeto*, etc., de Nicolau Tolentino de Almeida.

Quasi cada uma d'estas obras basta para explicar ou o exito do livro ou a curiosidade que despertou outr'ora.

A principio, tiveram os primeiros editores a intenção em parte realizada de incluir no volume uma edição dos *Burros* do Padre José Agostinho de Macedo, mas as expressões torpes e obscenas que se deparam n'esse poema, antes panfleto politico violentissimo, logo mostraram a inconveniencia da empreza.

D'essa mallograda tentativa ainda apparecem rarissimos exemplares mutilados e imperfeitos que não tiveram maior divulgação. O poema dos *Burros*, segundo texto mais completo (e as copias manuscriptas que se conhecem ainda hoje muito divergem entre si) foi reimpresso pela casa Cruz Coutinho, do Porto.

* *

Antonio Diniz da Cruz e Silva foi um dos fundadores da *Arcadia*, e poeta dos mais notaveis do seu tempo.

Nasceu em Lisboa em 4 de julho de 1731, filho de pais humildes, João da Cruz Lisboa, que emigrou para o Brazil pouco antes do nascimento do poeta, e Eugenia Tereza.

A's condições difficeis e precarias da vida na infancia de

Diniz, succedeu logo farta abundancia de meios quando João da Cruz, emigrado para as Minas Geraes do Brazil dentro em pouco melhorou de fortuna e poudo auxiliar a familia distante com outros recursos.

Testemunham os contemporaneos que na Universidade de Coimbra se tratava nobremente com largas mezadas.

Foram companheiros dos seus estudos universitarios Manuel Nicolau Esteves Negrão, Theotonio Gomes de Carvalho, Claudio Manoel da Costa, Santa Rita Durão e outros, todos poetas de illustre nomeada.

Formou-se em direito em 1753, isto é, aos 22 annos de idade e voltou á casa materna em Lisboa onde esteve até o anno de 1759, quando foi dispatchado Juiz de fora de Castello de Vide. Esse periodo de seis annos (1753-59) foi de grande actividade litteraria : então, fundou com outros a *Arcadia* (1756) e redigiu os estatutos da nova sociedade, a imitação das que florescia em Espanha e em Italia. Pretendia-se com a *Arcadia* renovar as fontes classicas da poesia, segundo os modelos antigos gregos e romanos, já caídos em olvido com o abuso do culteranismo e do genero burlesco das academias anteriores.

Na *Arcadia* tem Diniz conspicuo lugar, mas incontestadamente tanto ou mais, valem muitos outros, Garção, Quita, Claudio, Gonzaga, Basilio da Gama, Durão, que a ella pertenceram.

Em 1765 mudou-se Diniz para Elvas, tendo sido dispatchado Auditor do segundo regimento d'aquella praça.

Ahi foi que se travou aquella ridicula disputa entre o bispo e o deão, a qual deu origem ao poema heroi-comico do *Hyssope*. O caso succedeu em 1768 e em cidade de provincia como Elvas foi durante muito tempo assumpto importante e commentado; formaram-se partidos, o do deão e o do bispo.

4

A coisa era em si mesma ridícula, e a ridiculez não escapava aos espiritos superiores como o de Diniz alheios a essas apaixonadas questiunculas locaes.

Costumava o bispo, quando ia a Sé, servir-se de uma porta pequenina e lateral por onde entrava e que lhe parecia mais commoda; o deão vinha ahi recebê-lo e, segundo a cerimonia usual, entregava-lhe o hyssope. Uma intriga sobre provisão e posse de conegos semeiou a discordia e desharmonia entre o deão e o bispo.

Ambos se desavieram, e o deão resolveu não receber mais o bispo á porta travessa nem entregar-lhe o hyssope, protestando todavia fazê-lo, se o bispo seguindo a lei e o costume entrasse pela porta principal.

A pequenina desforra foi tomada por affronta. Accenderam-se as paixões; o cabido viu-se envolvido na disputa. Appellou-se para outras instancias, para o metropolitano de Evora. Afinal o pobre deão apaixonado, victima deste caso que na sua pacatez se lhe afigurou enorme, adoeceu e morreu. Succedeu-lhe um sobrinho Ignacio Joaquim Alberto de Matos que, muito mais energico, recusou obediencia ao cabido, recorreu á Coroa que mandou informar. O bispo receioso (e era o tempo em que dominava Pombal) negou tudo quanto havia feito, e deu-se por findo o incidente.

Testemunha d' estes successos, começou logo Diniz a compor o *Hyssope* cuja data Ramos Coelho assignala de 1770 a 1772, na sua excellente edição critica do poema, e que temos por exacta quando se confere com o testemunho dos contemporaneos.

Se fosse então publicado o *Hyssope* talvez não soffresse a prohibição da censura, como foi o caso, mais tarde.

A verdade, porem, é que Diniz não publicou em vida os seus versos que, todos, tiveram edição postuma. Desde

logo, foi aquelle poema divulgado por innumeradas copias e uma dellas foi solicitada pelo grande Pombal ao poeta, no momento em que fora agradecer o seu despacho de desembargador da Relação do Rio de Janeiro.

Esteve Diniz no Brazil desta vez de 1776 a 1789, cerca de treze annos e a esse periodo refere-se uma raia do poeta não menos ridicula que a canhola do *Hyssope*.

Em 1789 voltou a Lisboa e no anno seguinte attingia o termo da sua carreira na magistratura, como desembargador de Casa da supplicação (1790).

D'ahi ainda veiu uma ultima vez ao Brazil em 1791 como um dos juizes da alçada que devia julgar os réos da conspiração mineira, entre estes, alguns dos seus antigos collegas Claudio Manoel, Gonzaga, e Alvarenga Peixoto que foi seu companheiro na primeira viagem ao Brasil.

Não parece que Diniz procedesse com animo justo e e muito menos benevolo. Mais tarde, talvez remordendo-se do rigôr iniquo d'aquella alçada, deu provas de benevolencia em parecer ao vice-rei Conde de Rezende sobre a sociedade litteraria (*Arcadia Ultramarina*) de que faziam parte alguns brasileiros, por motivo de suas ideas livres postos em prisão (Silva Alvarenga, Mariano Fonseca, etc).

Em 1798, foi Antonio Diniz nomeado para o Conselho Ultramarino, mas não chegou a tomar posse de lugar, pois falleceu no Rio de Janeiro em 5 de outubro de 1799 com pouco mais de 68 annos de vida.

Foram as obras de Antonio Diniz da Cruz e Silva publicadas segundo manuscritos que se achavam nas mãos de seus amigos, e que eram autographos, alguns parte imperfeitos, incompletos e sem a ultima demão do autor. Outras copias e apographos appareceram depois, e realmente em nada contribuíram para a perfeição dos manuscritos originaes conhecidos.

Em vida, A. Diniz apenas publicou algumas produções fragmentarias.

As publicações postumas são as seguintes :

Odes pindaricas. Coimbra, 1801.

Hyssope, Londres, 1802 (1).

Obras, em 6 vols. Lisboa; 1807-1817.

E essa é toda a sua obra.

Do *Hyssope* que mais particularmente nos interessa, saíram varias edições, e são dignas de nota as seguintes.

(A) Foi a primeira a já indicada de Londres (antes, Paris) 1802.

Houve successivamente as seguintes :

(B) *O Hyssope*, Lisboa, typ. rolandiana, 1808.

(C) *O Hyssope*, com variantes, prefacio e notas. Paris, A. Bobée, 1817.

(D) *Idem, ibidem*. Off. de P. N. Rougeron, 1821.

(E) *Idem*. Dirijida por José da Fonseca; incluída no chamado 6º volume do *Parnaso lusitano*, o qual traz o titulo de *Satyricos portuguezes*. Paris, 1834.

E'a reproduzida nesta presente edição.

(F) *Idem*. Editor R. V. Barcellos 1876. Edição muito mal impressa, mas assaz interessante e enriquecida de copiosas notas.

(G) *Idem*. Edição critica, disposta e anotada por José Ramos Coelho. Lisboa, 1879.

E'a melhor sob todos os aspectos, e a mais completa de todas.

Innocencio não podia ter registrado as duas ultimas edições, posteriores ao *Diccionario bibliographico*, mas é curioso que lhe escapasse a noticia da edição de 1808. A edição anterior havia sido prohibida em Portugal (1802) e

(1) Indicação supposta de Londres; foi realmente impresso em Paris.

a de 1808 foi feita justamente quando já não havia a censura, sob o domínio dos francezes.

Entre as edições (E) e (F) houve a probabilidade de apparecer uma edição do *Hyssope* promettida por Innocencio que para ella já trabalhava e reunia apontamentos. A promessa não se realisou.

Não faltaram ao *Hyssope* os seus criticos, Zoilos e Aristarcos. Alguns, almas invejosas e deshonestas, acharam que o *Hyssope* era um plagio do *Lutrin* de Boileau ou de *The Rape of the Lock* de Pope.

Diniz não era um genio como Boileau e muito menos tinha a arte e a technica do inexcedivel satyrico francez de quem Hugo dizia, talvez com exagero : « Les autres peuples disent Homère; nous disons Boileau. »

Rebello da Silva comparando os dous satyricos mostra que é Boileau rapido e conciso em quanto Diniz é prolixo e estirado. Esta é a verdade; nenhum poeta francez deixou tantos versos proverbiases, como Boileau, o que seria impossivel sem o merito da concisão.

A figura da Discordia no *Hyssope* é insignificante quando comparada á da preguiça, do *Lutrin*, a qual

Soupire, étend les bras, ferme l'œil et s'endort.

Sem embargo dessa inferioridade, basta ao *Hyssope* a sua verdadeira classificação de primeiro poema heroico comico da literatura portugueza. A *Benteida*, a *Gaticanea*, o *Reino da Estupidez*, o *Foguetario* e quejandos outros, são produções inferiores quando cotejadas com o *Hyssope*.

* *

O REINO DA ESTUPIDEZ occupa a segunda parte desta collecção dos *Satyricos*.

Nas primeiras edições, inclusive a do *Parnaso*, apparece como obra anonyma. Nunca houve, horem, duvida a respeito do seu autor que foi Francisco de Mello Franco, bacharel em medicina pela Universidade de Coimbra.

Mello Franco nasceu no Brasil, em Paracatú, na antiga capitania das Minas Geraes em 1757, data que é a mais geralmente aceita pelos seus biographos. Viveu, porem, o melhor da sua vida em Portugal para onde foi desde cedo aos onze annos, e onde fez os seus estudos secundarios, matriculando-se depois na faculdade de medicina da Universidade. Ainda na naquella epoca tinha poder a Inquisição que fez encarcerar o estudante, sectario das ideas materialisticas do tempo; a accusação era exaggerada e talvez calumniosa, e como quer que fosse, a sua prisão que já durava alguns annos teve um termo.

Exerceu a medicina com grande lustre em Lisboa, e, em 1817, veio para o Brasil onde estava á corte portugueza; aqui perdeu os haveres que possuia e veio a fallecer pobre e desditoso, quazi sem recursos em Ubatuba, em 1823, quando já contava sessenta e seis annos de idade.

O momento de sua volta ao Brasil foi pouco auspicioso para tal homem de ideas liberaes que já havia soffrido a tirania dos obscurantistas de Coimbra. Chegou precisamente no anno da revolução republicana de 1817 e prova velmente caiu no desagrado da cõrte que o havia chamado. Seja como for, é certo que nada aqui obteve que correspondesse sequer ao que tinha direito por seus meritos e nomeada que já trazia da Europa.

Tambem, logo depois, começou uma era de fervor politico e patriotico em que teve precipuo papel o seu glorioso amigo e antigo collega José Bonifacio.

N'esse periodo escasseiam as noticias a cerca do nosso auctor.

Muitas obras, escreveu Mello Franco sobre assumptos praticos e uteis : um *Tratado da educação fisica* (1790), *Elementos de Hygiene* (1813, reimpressos em 1823), *Ensaio sobre as febres* do Rio de Janeiro (1824) e varios opusculos de polemica, discursos e ensaios.

Segundo Innocencio, constou que deixara alguns manuscritos e entre estes um volume de poesias sob o titudo *Noites sem somno*. E' todavia, difficil averiguar o paradeiro que levou o seu espolio literario. De todos as suas obras, porem, a unica que logrou ser lida, elogiada, e satyrizada foi o REINO DA ESTUPIDEZ.

O *Reino da Estupidez* durante muitos annos foi divulgado em successivas copias manuscritas, as mais antigas das quaes datam do ultimo decennio do seculo xviii. Entre tanto, só foi impresso pela primeira vez em Paris por A. Bobée, 1819. Houve, logo, segunda edição do mesmo editor em 1821; terceira, foi impressa em Lisboa, em 1833; a quarta impressão foi a do *Parnaso* no tomo VI que comprehende os *Satyricos*, Paris, 1836; a quinta em Barcellos, edição insignificante.

Esta agora é pois a 6ª impressão do *Reino da Estupidez*.

Não teve, todavia, esse poema heroi-comico a popularidade do *Hyssope* e, em verdade, lhe é inferior, a qualquer luz que se examine.

Demais, a satyra precisamente no seu tempo era injusta com quanto a decadencia da Universidade viesse, na epoca da publicação, dar toda a apparencia de razão ao poeta.

Na sua *Historia da Revolução portugueza* de 1820, mostrou José de Arriaga quanto foi injusto Mello Franco, pois pelos fins do seculo xviii a Universidade cobrou novo alento com as reformas liberaes iniciadas pelo Marquez de Pombal; quando o *Reino da Estupidez* appareceu em 1819 imperava o retrogrado absolutismo e estava-se nas vespersas

da revolução constitucional. As circumstancias do momento deram grande exito áquella satyra vibrada contra o ferrenho atrazo dos absolutistas. Quando se divulgou na pequena cidade universitaria em numerosos copias que della se fizeram, com tamanha discreção havia procedido o poeta que ninguem conseguiu descobrir o autor da satyra que foi attribuida a José Bonifacio e a outros menos conhecidos.

No tempo da publicação, e já muito antes, era Mello Franco o unico autor reconhecido do *Reino da Estupidez*.

Silvio Romero apenas consagra na sua *Historia da Literatura brasileira* (II, 220) doze linhas quasi desfavoraveis a Mello Franco. Em verdade, o satyrico não tinha direito a maior estima, e, apenas brasileiro pelo nascimento, não merecia mais que uma breve menção.

* * *

A ultima parte do volume compõe-se de varias producções do Tolentino. Saõ ellas, as famosas satyras *O Bihar*, *A Guerra*, *Os Amantes*, *O Passeio*, *A Função*, *O Velho* e outras composições menores.

Nicolau Tolentino de Almeida nasceu em Lisboa em 1744 e faleceu em 1811.

As suas obras satyricas tiveram varias edições : a 1^a, de Lisboa, 1801 em 2 pequenos volumes, e as demais, postumas, de 1828 (duas edições de diverso formato), de 1836 e de 1858.

A ultima edição a todos os respeitos superior ás antecedentes foi a que fez o erudito José Torres :

— *Obras completas de Nicolau Tolentino de Almeida com alguns inéditos e um ensaio biographico critico, por José Torres, illustradas por Nogueira da Silva. Lisboa, Castro, irmao e C. editores, 1861; um vol. in-8 de 388-LXXXVI-IX paginas.*

Esta ultima pode quasi considerar-se definitiva pelo esmero, e pelo consciencioso estudo com que foi preparada e realizada.

A vida de Nicolau Tolentino, as suas predilecções e o seu character não inspiram sympathia; egoista, adulator da gente nobre diante da qual se curvava humilde e servil e ao mesmo tempo, indifferente e desprezador dos seus confrades quando estes não tinham qualquer posição social de importancia, não admira que recusasse entrar para a Arcadia e não entretivesse relações de amizade com os poetas seus contemporaneos.

E' coisa averiguada que as *lamurias* de *pobreza ou necessidade*, as mil petições de miseria que [formula nos seus versos são falsas e insinceras; assim como são falsas as anedotas de seu convívio com Bocage, reproduzidas de tradições improvaveis ou inexactas. Zurzia ou condemnava os amores venaes; mas esse facil moralista não os teve outros e, toda a vida, deixou-se ficar celibatario.

Parece que nos ultimos tempos uma irmã dedicada lhe suppria ou amenizava as tristezas da soledade que criou a roda de si.

Entre tanto, as noticias que temos da sua vida indicam que elle amara todos os prazeres sociaes e muitos dos vicios das rodas elegantes.

Era um dos mais assiduos frequentadores da opera, do theatro e da musica; apaixonado do jogo e das dansas. Detestava, porem, as reuniões literarias e d'ellas dezer-tava para frequentar as funcções, saráos ou assembleas como então lhes chamavam, da gente que se divertia.

Alto, de tez rosada e clara « dentes bellos e andar pausado e nobre » como diz um seu biographo, tinha, pois, dotes pessoaes que não explicam o seu falso e supposto pessimismo e retrahimento.

Muito poucos dos poetas seus contemporaneos a elle se referiram, e eram ausentes : Filinto Elisio em Paris e Antonio Diniz, no Rio de Janeiro. Não é menos certo que a sua reputação « foi colossal » como diz Costa e Silva, entre os da Academia de sciencias, da qual fez parte, por ser um instituto burocratico e official.

Os amigos de Tolentino eram os da alta roda social, fidalgos e ministros aos quaes sempre se dirige com excessiva lisonja.

Se o homem, porem, n'elle parece esteril ou mesquinho, não ha duvida que o poeta é superiormente engenhoso.

D'elle escreveu Garrett :

« E' o mais verdadeiro, mais engraçado, o mais *bom* homem dos nossos escriptores. »



Nada mais temos que acrescentar á breve noticia que escrevemos como introdução á leitura dos *Satyricos portuguezes*.

Os leitores que queiram ter mais ampla informação das duas obras mais notaveis deste volume, á saber, o *Hyssope* e os versos do *Tolentino*, devem consultar as duas edições excellentes de Ramos Coelho (para aquelle poema heroi-comico) e de José Torres para as obras do ultimo.

Dellas, nos servimos para cotejo e confronto do texto e por vezes para as anotações que se deparam em appendice.

Acreditamos ter feito o que nos era possivel, sem exceder os limites que nos impozemos, para esta edição popular e ao alcance de todos.

J. R.

ARGUMENTO

DO POEMA

José Carlos de Lara, Deão da Igreja d'Elvas, querendo obsequiar seu Bispo, o Ex^{mo} e Rev^{mo} D. Lourenço de Lancastre, vinha offerecer-lhe o Hyssope, á porta da Casa-do-Cabido, todas as vezes que este Prelado ia exercitar suas funcções na Sé. Depois, esfriando esta amizade por motivos, que nos são occultos, mudou o dicto deão de systema; e que o Bispo sentiu em extremo, como uma grande affronta feita á sua ill^{ma} pessoa: e para o constranger a continuar no mesmo obsequio, machinou com alguns seus parciaes do Cabido, que este lavrasse um Accordão, pelo qual o Deão fôsse obrigado, debaixo de certas multas, a não o esbulhar da pretendida posse, em que se achava. D'este terribil Accordão appellou o Deão para a Metropoli, onde teve sentença contra si. Esta é a acção do Poema.

Passado pouco tempo depois da referida sentença,

morreu o Deão, e lhe succedeu no Deado um sobrinho seu, chamado Ignacio Joaquim Alberto de Matos; o qual, recusando sujeitar-se, como seu tio, ao sobredicto encargo, foi pelo Bispo asperamente reprehendido, e ameaçado. Então interpoz o mesmo um recurso á Coroa, cujo Tribunal mandando ao Bispo dar razão de seu procedimento, este, cheio d'um terror panico, desistindo da imaginada posse, negou haver tal Accordão, e o mais que tinha obrado a esse respeito.

Tudo isto dá materia ao vaticinio d'Abracadabro, que é um dos episodios de que se reveste o presente Poema.

*(Respeita-se nesta reimpressão a orthographia dos
« Satyricos portuguezes »).*

O HYSOPE

CANTO PRIMEIRO

Eu canto o Bispo, e a espantosa guerra,
Que o Hyssope excitou na igreja d'Elvas.
Musa, tu, que nas margens apraziveis
Que o Sena bordam de arvores viçosas,
Do famoso Boileau a fertil mente
Inflammaste benigna, tu m'inflamma;
Tu me lembra o motivo; tu, as causas
Por que a tanto furor, a tanta raiva
Chegaram o Prelado, e o seu Cabido.

Nos vastos Intermundios d'Epicuro
O gran' paiz se estende das Chimeras,
Que habita immenso povo, differente
Nos costumes, no gesto, e na linguagem.

Aqui nasceu a Moda, e d'aqui manda
 Aos vaidosos mortaes as várias fórmas
 De seges, de vestidos, de toucados,
 De jogos, de banquetes, de palavras;
 Unico emprêgo de cabeças oucas.
 Trezentas bellas caprichosas Filhas,
 Presumidas a cercam, e se occupam
 Em buscar novas artes de adornar-se.
 Aqui seu berço teve a espinhosa
 Escholastica vã Philosophia,
 Que os claustros inundou; e que abraçaram
 Até a morte os perfidos Solipsos.
 D'aqui sairam, a infestar os campos
 Da bella Poesia, os anagrammas,
 Labyrinthos, acrósticos, seguros,
 E mil especies de medonhos monstros,
 A cuja vista as Musas espantadas,
 Largando os instrumentos, se esconderam
 Longo tempo nas gruttas do Parnasso.
 Aqui (cousa piedosa!) alçou a fronte
 A insipida Burletta, que tyranna
 Do Theatro desterra indignamente
 Melpómene e Thalia. e que recebe
 Grandes palmadas da Nação castrada

Do denso Povo, que o paiz povôa,
 Uns com pródiga mão ricos thesouros,
 A trôco d'uma concha, ou borboleta,
 Ou d'uma estranha flor, que represente
 As vivas côres do listrado Iris,
 Dependem satisfeitos. Outros passam,
 Sem cessar, revolvendo noite e dia
 Do antiguo Lacio antiguos manuscriptos,
 Do roaz tempo meio-consumidos,
 Para depois tecer grossos volumes

Do—H—sôbre a pronuncia; ou se se deve
A conjunção unir ao verbo, ou nome,
Que marcham antes d'ella no discurso.
Alguns (miserá gente!) inutilmente
Compoem grandes Iliadas, e tecem
Aos vaidosos Magnatas mil sonetos,
Mil Pindáricas odes, e epigrammas,
A que apenas de olhar elles se dignam.
Estes, cujas cabeças desgraçadas
Não bastam a curar tres Anticyras,
Abrasados se crêem d'um sancto fogo,
E ter commércio com os altos deuses:
Senhores da aurea fama, e seus thesouros
Se inculcam aos Heroes, e em seus delirios,
Se julgam mais felizes e opulentos,
Que o grande imperador da Trapizonda;
Em quanto, na pobreza submergidos,
Cobertos de baldões, e d'improperios
Dos Ricos ignorantes, e dos Grandes,
Com mofa, e com desprezo, são olhados.

D'este pois populoso e vasto Imperio
Em paz empunha o sceptro soberano
O Genio tutelar das Bagatellas.
N'um magestoso alcaçar, que se eleva,
Com estranha structura, até as nuvens,
Assiste o grande Nume; e d'alli rege
A lunatica gente, a seu arbitrio.
De transparente talco fabricado
É o largo edificio, que sustentam
Cem delgadas columnas de missanga.
Nos quatro lados, em igual distancia,
Quatro tórres de lata se levantam;
Do capricho obra, em tudo, muito prima,
Onde a materia cede muito á arte.

Aqui pois a conselho chama o Genio
Do seu imperio os principaes Dynastas.

Num vistoso salão, todo coberto
De papel-prateado, e lentejoulas,
Se ajuncta a grande Côrte; e alli, por ordem,
Assentando-se vai : aos pés do throno
De alambres, e velorios embutido,
A Lisonja se vê, e a Excellencia;
Segue-se a Senhoria, e abaixo d'ella
O Dom surrado, as grandes Cortezias,
O Whist, o Trinta-e-um, os Comprimentos;
E logo o Vampirismo, os Sortilegios,
Os Sylphos, Salamandras, Nymphas, Gnomos,
E os outros Genios da subtil Cabala.
De mil vás Ceremonias rodeada,
Os assentos reparte a Precedencia.

Composto o gran' rumor, e socegado,
Assim do alto do throno o Genio falla :

« Illustres moradores d'este excelso
Magnifico palacio, bem sabido
Ja ha muito tereis o quanto deve
O meu augusto genio, a nossa côrte
Ao gran' Prelado, que as ovelhas pasce
Dos Elvenses redis : notorio a todos
Sem duvida vos é, como pospondo
Das funcções mais piedosas o cuidado
Ás nossas bagatellas, só se emprega
Em cousas vãs, ridiculas e futeis.
A corrupta, mas real genealogia,
O roixo-tercio-pêllo dos sapatos,
As pedras, que lhe esmaltam as fivelas,
A preciosa saphira, a linda caixa,
Onde (sôbre Amphitrite, que tirada

D'escamosos Delphins, n'uma aurea concha,
 Os verdes campos de Neptuno undoso,
 Cercada de Tritões, nua passeia)
 Do famoso Martin o verniz brilha;
 Seu emprêgo so são, e seu estudo,
 Emfim, entre os mortaes, não ha quem renda
 À minha divindade maior culto.
 Agradecido pois ao grande empenho,
 Que mostra em nos honrar, tenho disposto
 Dar á sua vaidade um novo pasto :
 Que a uma escusa porta o Deão saia,
 Co'o Hyssope, a esperal-o, determino.
 D'este meu parecer quiz dar-vos parte,
 Não so para escutar os vossos votos;
 Mas para que saibais, e fiqueis certos
 Que a côrte não fazeis a um Nume ingrato. »

Acabou de fallar; e confirmando
 Todo o sabio Congresso o seu dictame,
 Um susurro no Cónclave s' espalha,
 Ao do Zephyro em tudo semelhante;
 Quando, nas frescas tardes suspirando,
 A bella Flora segue, que travêssa
 Ca e la, entre as flôres, se lhe furta.

Mas a vã Senhoria, que se lembra,
 Que em casa do Deão sempre encontrara
 A mais benigna, a mais certa guarida,
 Que seu nome ma bócca do lacaio,
 Do cozinheiro, da ama andava sempre,
 A cabeça movendo descontente,
 Tres vezes escarrou, e a voz alçando,
 D'esta sorte fallou ao gran' Despóta :

« Soberano monarcha, que tu queiras
 Premiar a quem te honra, empresa digna

É de teu coração : eu mesma approvo,
 E mil vezes dictara este conselho :
 Mas que, para o fazer, hoje pretendas
 Que um Deão, de crescente, e curta vista,
 A dignidade abata, e a esperar saia,
 N'uma porta d'escada, o seu Prelado,
 Nem justo me parece, nem louvavel.
 Se tu queres honrar sua Excellencia,
 Outras maneiras ha de conseguil-o :
 Na mesma Igreja d'Elvas, e Cabido,
 Ha um Bastos, um Sousa, dous Aporros,
 Que, junctos com os Pittas, podem todos
 Inda á mesma commua acompanhal-o,
 Levantar-lhe a cortina do trazeiro,
 Lavar-lhe o nedio cu, — e até beijar-lh'o.
 Estes, e outros d'esta mesma estofa
 (De que o Bispado, quasi todo, abunda)
 Às costas vão buscar o gordo Bispo,
 Que, inda que um pouco pésa, vem seguro ;
 Que são Cavallos mestres e possantes. »

Mais queria dizer o vão Dynasta,
 Quando, de seu assento, esbravejando,
 Se levanta impetuosa a Excellencia :
 O furor, que lh' inflamma o grave aspecto,
 As palavras lhe corta; principia
 Cem vezes o discurso, e logo pára :
 Até que n'estas descompostas vozes
 Finalmente atroou a grande sala :

« Como ! E é possibil que haja quem se atreva
 N'este Congresso, a oppor-se, cara á cara.
 Aos obsequios que tu, o' Nume ! ordenas
 A uma reverendissima Excellencia ?
 Um Deão, co'o seu Bispo comparado
 Um cominho não é ? Se tu, o' Nume !

O teu grande projecto não sustentas,
Eu só... » E n'isto bate o pé na casa.

Ao rijo som da bestial patada,
Tremeu o regio solio, e o pavimento :
Assentos, e Assistentes assustados
Cairam pela terra. Então o Genio
Alçando um pouco a voz : « Basta (lhe disse)
Eu disputas não quero em meu Conselho,
Minha resolução está tomada ;
Eu a escrevi, eu mesmo, em meu canhenho,
E o que escrevo uma vez, nunca mais borro. »

Aqui, co'o rosto um pouco carregado,
O Cónclave despede ; e logo chama
A vistosa Lisonja que, n'um ponto,
Cem caras, cem vestidos, cem figuras,
Cem linguas toma, e muda brevemente
De palavras, e tom, segundo o gôsto
Dos que o govêrno teem : e assim lhe falla :
« Magnata principal da minha Côrte,
Eu, para executar este projecto,
Entre todos te escolho ; diligente
Parte a cumpril-o ; pois de tuas artes,
E de ti so confio a grande empresa. »

Acaba ; e mais veloz que a leve setta
Parte do Itureo arco, ou na alta noite
Cair se ve do ceo brilhante estrella,
Voa o falso ministro, abrindo os ares.

Juncto da bôcca do cruel Averno,
A provincia se ve da Dependencia,
Cujos campos retalha, murmurando,
Um pequeno ribeiro d'agua turva :

Não cria em suas margens tronco altivo;
Mas soervas humildes e rasteiras
Produz o seu humor; se algum arbusto
Mais viçoso rebenta, as suas folhas
Tem para a terra todas inclinadas :
Funesto influxo do liquor maligno,
Que o succo lhe ministra! Aqui, voando,
A Lisonja chegou; e enchendo d'agua
Uma pequena infusa, que trazia,
As azas abre, parte alegremente
Fendendo os leves ares; mil cidades,
Mil povos deixa atraz, até que chega
Da famosa azeitona á grande terra.
Aqui, tomando o fórma do laçao
Do farfante Deão, entra na casa,
A tempo que, de chambre, e de chinelas,
Pela comprida sala passeava,
Sorvendo uma pitada de tabaco,
De quando em quando, sua Senhoria;
Ora á janella chega, e applicando
Uma pequena lente á curta vista,
O que passa na praça vigiava;
Ora, arrotando, para dentro torna.
Ardia então em calma toda a terra;
E o calor, que as guelas lhe seccava,
Lhe faz bradar por agua, e caramelos.

A Lisonja, que idoneo tempo vira
Para tammanha empresa, um copo enchendo
Da turva lymphá do regato impuro,
Com quatro caramelos, n'uma salva
Lhe levou mui lampeira; elle sorvendo
Com muita mogiganga o fôfo açucar,
Os dedos lambe, e logo o copo vasa
Do maligno liquor dentro na pança.
Acabou de beber, e pouco a pouco

O veneno se actúa dentro n'alma :
Uma chamma subtil, um vivo fogo
Lentamente se ateia : arde em desejos
D'ir o Bispo buscar, de offerecer-lhe
O mais activo incenso ; mil obsequios
Na cabeça lhe rolam, e o transportam :
Da tarde em todo o resto não socega ;
Nem na profunda noite estas ideias
O deixam descansar um so momento :
Sôbre os fôfos colchões revolve o corpo,
Mil maneiras pensando de adulal-o :
Umaz vezes lhe lembra debuxar-lhe
Em dourado-papel sua prosapia ;
Mas de genealogia nada intende
O triste, por seu mal : outras, lhe occorre
Ir calçar-lhe os sapatos : com inveja
Olha do illustre Almeida a feliz sorte,
Que os pratos, e a bebida lhe ministra.

Da noite a maior parte assim consome
N'estes projectos vãos, e em nada assenta :
Até que, — juncto ao toque da alvorada,
Apênas, de caçado, cerra os olhos, —
Emboscada a Lisonja prestes toma
D'um prazenteiro sonho a leve fórma,
Entre mil vãos phantasmas lhe apparece,
E assim lhe falla : « Ó grande Dignidade,
Cabeça illustre do Cabido Elvense,
Se de teu alto ingenho hoje pretendes
Dar ao mundo uma prova, humildemente
Tomando o bento Hyssope, á porta nova
Com elle, o teu Prelado, prompto espera.
Honrar nossos Maiores cousa é sancta,
Que a natureza inspira : da syntaxe
O cartapacio diz, que mais illustres
Seremos, quanto formos mais humildes. »

N'este ponto acordon o Prebendado ;
E vestindo-se á pressa, á Igreja corre :
Sem fazer oração, o Hyssope toma,
E com elle, na porta sinalada,
Sua Excellencia espera : alli apenas
Da liteira assomou o grande macho,
Per terra se prostrou, e d'esta sorte
Ao Pastor, que se apeia, o Hyssope off' rece ;
Que uma sancta vaidade respirando,
N'elle alegre pegou, e o sacro Asperges
Circumspecto lhe lança ; em si cuidando,
Que todo este profundo acatamento
A seu illustre bêrço era devido ;
E, n'estas vãs ideias engolphado,
Foi devoto cantar a grande-missa.

CANTO SEGUNDO

REINAVA a dôce paz na sancta Igreja ;
O Bispo, e o Deão, ambos conformes
Em dar, e receber o bento Hyssope,
A vida em ócio sancto consumiam
O bom vinho de Málaga, o presunto
Da célebre Montanche, as gallinholas,
As perdizes, a rôla, o tenro pombo,
O gran' cha de Pekin, e la da Meca
O cheiroso café, em loutas mezas,
Do tempo a maior parte lhes levavam ;
E o restante, jogando exemplarmente,
Ou dormindo, passavam sem sentil-o.

Emtanto a Senhoria, em cujo peito
Altamente ficou depositada
Da suberba Excellencia a petulancia,
Mil vinganças na mente revolvendo,
Comsigo mesma diz : « Que ! Por ventura
Não sou eu a sublime Senhoria,

Idolo de Pelões, e de Casquilhos?
Quantas Mòças gentis, em cujos rostos
Entre lírios brilhar se vêem as rosas;
A meu culto não rendem seus cuidados?
Quantos graves Varões, que sôbre os livros,
De cãs se teem coberto, ou sob os elmos?
Nas ricas e faustosas Assembleias
Não tenho porta franca? Não me fazem
Os Circumstantes todos mil lisonjas?
Não correm após mim? não me festejam?
Pois, como soffro que a Excellencia altiva,
A seus pés me derrube, e me atropelle?
Que triumpho de mim impunemente?
Ah! se esta injúria soffro; com desprezo
Entre a gente será meu nome ouvido:
Nem em casas armadas de damasco,
Ou de pannos-de-raz, onde spumando
Na rica transparente porcelana,
De Carácas se serve o chocolate.
Roda o cha, o café, se joga o Whist,
Terei (como costume) entrada livre:
E somente nas lojas dos barbeiros,
Ou pintadas boticas, entre as moscas,
A vida passarei triste, e sem honra.
Ás armas pois corramos, e á vingança:
Que desmaiar á vista dos perigos
É de animo abatido indicio certo.
Mil artes, mil maneira de vingar-me
Buscará minha astucia. O mundo inteiro
Hoje conhecerá minha potencia. »
Disse: e sôbre o veloz dourado carro,
Que tiram sei Pavões, irada sóbe,
Levemente rasgando o ar sereno.

Nas entranhas de Rhódope escabrosa,
Uma furna se rasga, tam medonha,

Que um gelado tremor, á sua vista,
Dos tímidos mortaes os ossos corre :
Aqui luctando sempre em viva guerra,
Rugem mil furacões de oppostos ventos;
Aqui se ouvem silvar horrendamente
Górgones, e Cerastas. A Discordia
Aqui morada tem, aqui seu throno.
A este horrendo hospicio a Senhoria,
Batendo as redeas ás pomposas aves,
Guia o suberbo carro. Espavorido
Da triste vista do medonho albergue,
Tres vezes quiz atraz volver o vôo
Das bellas aves o brioso tiro,
E tres vezes o Genio vingativo
Sacudindo, irritado, o longo açoute,
O constrange, por fim, a tomar terra.
Alli do carro desce, e ás palpadelas,
Pela cega caverna entra animosa.
No mais profundo da sombria estancia
Assiste a cruel Deusa, cujo rosto
Apenas se divisa, á luz confusa,
Que espalham respirando de continuo
Por olhos, e gargantas, mil Serpentes.
Aqui o Genio chega : e derribado
Pela terra, que beija humildemente,
D'esta sorte fallou : « Nume terribil
Cujo grande podêr, cuja vingança
A Terra faz tremer, e o mesmo Olympo,
A teus pés hoje chega a Senhoria,
Atrozmente ultrajada : o teu soccorro,
Contra a fera Excellencia, humilde implora.
Se de peitos illustres glória, e timbre
Foi sempre proteger os desvalidos,
Tu me vale em meus males : tu, castiga
D'um Genio insultador a petulancia
Além d'isto, presumo não ignoras

Que o farfante Deão da Igreja d'Elvas,
Pela baixa Lisonja persuadido,
Olvidado da sua dignidade,
N'uma porta travessa, o bento Hyssope
Vem, sem brio, offrecer ao gordo Bispo.
D'aqui nasce a concordia, que hoje reina,
Em desprezo da tua divindade,
Na mesma Igreja : o Ocio e a Priguiça,
De teu podêr zombando, n'ella habitam :
Tu mesma, se o meu pranto te não move,
Para credito teu, perturbar debes
Esta serena paz, que o Ócio nutre.
Tu podes, se te agrada, a um so aceno,
No seio da familia mais conforme,
Dissensões, semear, motins, e bandos;
Banhar no fraternal sangue innocente
O buido punhal; e n'um momento
A Terra confundir, e o Mar profundo :
Mil Fraudes, mil Ciladas, e mil Tramas,
Como escravas fieis, promptas te servem.
Do Deão fascinado pois desperta
A innata presumpção, o genio altivo.
Tu faze que conheça o desar grande
Em que caído tem, e se arrependa
Do baixo incenso, que á Lisonja rende :
Tu lhe traze á memoria, que seu nome,
Seu nome illustre, na futura idade,
Dos Deãos no catalogo, com mofa
De todos os vindouros, será lido
Sabendo-se, que a tanto abatimento
Seu spiritu chegou : tu furiosa
Os animos altera, e a paz desterra. »

Disse : e o tyranno Nume respirando
Das entranhas um negro e vivo fogo,
D'esta sorte responde : « Bem conheço,

O nobre Senhoria ! quanto devo
A teu suberbo influxo ; quantas vezes
Auxiliado tens minhas cabalas.
Sei, que, por teu respeito, se não falla,
Na Terra, nuita gente ; as muitas mortes
De que auctora tens sido. Não me esqueço
Do que devo aos amigos. Vai segura
Que eu ja parto a vingar tuas affrontas. »

Aqui, sôbre um feroz Dragão montando.
Rapidamente vôa : incendios, mortes,
Sacrilégios, traições, roubos, ruínas
Vai deixando a Cruel, por onde passa.
Chega dos Elvios á colonia antiga ;
E vendo de passage os Dominicos ;
Entre o Prior, e os Frades mil disputas
Sôbre o cha, sôbre o jôgo: e sôbre os doces,
E sôbre os trastes, que ás Senhoras manda,
Tyranamente excita : alguns gritavam
Que o convento roubava, que a clausura
E religiosa vida se perderam :
Outros, cheios de colera, bradavam,
Que por jogar o Whist, e dar merendas,
As rendas dissipava do mosteiro ;
Que por isso, no sãnceto refeitorio,
A fome cruelmente os consumia.
Mas o sancto Prelado, todo cheio
D'exemplar paciencia e de modestia,
Vociferar os deixa, — e vai jogando.
Entretanto a Discordia encara a porta
Do grande Presidente-do-Cabido,
A tempo que estirado, á perna sôlta,
Sôbre um molle Sophá, dormia a sésta.
Roncava mui folgado, e cada ronco
A grande sala estremecer fazia.
Alli, encarquilhando o feio rosto,

Um Rosario tomou, e na figura
 Da velha e carunchoso Ama se torna :
 Assim, a lentos passos caminhando,
 Ao Conego chegou ; assim o acorda :

« Como, em tam dôce paz repousa agora,
 Dorme, e descança vossa Senhoria ;
 Ao mesmo passo que, na Terra toda,
 De seu nome se faz ludibrio, e mófa ?
 Como (discorrem uns) como é possibil
 Que o bom Capitular, que viu o Papa,
 Que em Roma conversou com o Datario,
 E do sacro Palacio com o Mestre,
 Que joga o Trinta-e-um, e mais o Whist,
 Que cha, e que assembleia dá em casa,
 A tanto abatimento hoje chegasse,
 Que á porta da commua o Hyssope traga,
 Para offrecel-o a um Bispo* de má morte ?
 Outros dizem : — Parece cousa incrível,
 Que a principal figura do Cabido,
 Que tem loba de sêda, e trouxe ás costas,
 La da famosa Italia, a Senhoria,
 Tanto de si se esqueça, e do seu cargo ? —
 E vossa Senhoria, ao ócio entregue,
 Dorme profundamente ? Acorde, acorde
 D'esse molle lethargo, que é ja tempo :
 Véja o que deve a si, a seus Maiores,
 A grande Dignidade que, brilhando
 Com seus raios, o cêrca majestosa ;
 E deixe a vil Lisonja, que o arrastra. »

Aqui, os turvos olhos esfregando,
 O Deão abre a bôcca, estende os braços,
 A cabeça levanta, e d'esta sorte
 Ao Monstro enganador irado falla :

« Que phrenesi é este, Velha tonta?
 Está fóra de si? ou bebeu vinho,
 Que o miôlo lhe faz andar á roda?
 Reze nas suas contas : quem a mette
 Em cousas a fallar, que não lhe tocam?
 Va-se logo d'aquí... » N'estas palavras,
 Outra vez, sôbre o molle travesseiro
 A pesada cabeça cair deixa.

Então a cruel Deusa, ardendo em ira :
 « Pois não queres de grado (lhe tornva)
 Por teu brio acudir, a minha fôrça
 Agora provarás. » Isto dizendo,
 A furtada figura prompta despe,
 As hydras arrepella da cabeça,
 E cheia de furor, uma arrancando,
 No seio do Deão, feroz a lança,
 E subito pelo ar desaparece.
 Em tanto a cruel hydra a cauda ferra
 Do Conego nas miseras entranhas.
 Em Delphos a famosa Pythonissa,
 Toda agitada d'um furor divino,
 Não geme tam convulsa, tam raivosa
 Não corre, não retorce os vivos olhos,
 (Não podendo soffrer a Divindade)
 Como o pobre Deão : — Do Sophá salta ;
 Correndo furioso toda a sala,
 « Armas! armas (bradava) guerra! guerra! »

A estas altas vozes prompta acode
 Da casa toda a gente; e presumindo,
 Que algum grave accidente lhe roubara
 De todo o pouco siso, pegam n'elle,
 E per fôrça o levaram para a cama,
 Onde, a cru cachação, a murro sêcco,
 Lhe fizeram cessar parte da raiva.

CANTO TERCEIRO

Era dia de festa ; e, na alta tôrre
Da grande cathedral, de vinte sinos
O grave carrilhão, rompendo os ares ;
Os freguezes chamava á grande-missa ;
Quando sua Excellencia vigilante,
Montando a gran' liteira, em que se via
(Com modestia exemplar) Venus pintada
Sôbre um globo de tenros Cupidinhos,
Qual ao mancebo Adonis, ou a Páris,
Na Idalia selva ja se apresentara,
Para a Sé lentamente s' encaminha.

Tu, jocosa Thalia, agora dize
Qual seu espanto foi, sua surpresa,
Quando á porta chegando costumada,
N'ella o Deão não viu o Hyssope.
Tanto foi da Discórdia o fero influxo !
Caminhante, que ve subito raio
Ante seus pés cair, ferindo a terra,
Tam suspenso não fica, tam confuso,

Como o grave Prelado : a côr mudando,
 Um tempo immobil fica ; mas a raiva
 Succedendo ao desmaio, entra escumando
 Na grande-sacristia, e d'alli passa
 Para o altar-mor, onde se reveste,
 Onde, como costuma, em contra-baixo,
 Sem saber o que diz, a missa canta.
 Toda aquella manhã, uma so bênção
 Sôbre o Povo não lança ; antes confuso,
 Em profundo silencio á casa torna,
 Onde, logo a Conselho convocando
 Toda a grande familia, assim lhe falla :

« Amigos, companheiros, que o Destino
 Fez de meu mal, e bem participantes,
 O caso sabereis mais execrando,
 Que até hoje no Mundo se tem visto.
 O Deão... » (E aqui, dando um gran' soluço,
 Em pranto as negras faces todas banha,
 Suspenso um pouco fica, e logo torna)
 « O suberbo Deão, que sempre attento
 A meu alto decóro, o sancto Hyssope
 Vinha trazer-me á porta do Cabido,
 Hoje não so deixou de vir render-me
 (Ah! que não sei, de nojo, como o conte!
 Este obsequio devido ao real sangue,
 Que nas veias me pulsa heroicamente ;
 Mas, na sua cadeira empantufado,
 Os psalmos entoava, em mim fitando
 A carrancuda vista ; de tal sorte,
 Que mostrava insultar-me, com desprezo.
 A raiva, e o gran' furor, que a alma me occupam,
 Me tem fóra de mim : não sei que faça
 Para vingar tam grande e atroz delicto.
 Vós conselho, vós artes, vós maneira

(Pois a vós também chega a grande affronta)
Me dai, para punir este atrevido. »

Disse : e um grande laçao da liteira,
Famoso Rodomonte das tabernas,
A voz tomando a todos, d'esta sorte
Seu conselho propoz : « Tam grande caso
Senhor, se leva a pau : eu tenho um raio
De sege, ha muito ja expr'imentado
Em funcções similhantes; eu com elle
De sua Senhoria tal vingança
Hoje espero tomar, que d'escarmento
A todos sirva... » Aqui o grande Almeida
Gentil-homem da camara, e da bôcca,
Homem de Gabinete, e de Conselho,
Bom poeta, orador, *Petrus in cunctis*,
Que goza do Prelado a confidencia,
O discurso lhe atalha d'este modo :
« Se este horrendo execravel attentado,
Ao vêl-o, digno de que o Sol brilhante,
Os rubidos cavallos afastando,
Corresse a mergulhar-se eternamente
Nas voragens da noite mais espessa,
Se houvesse de levar por fôrça, e armas ;
Eu armas, coração, e fôrças tenho :
Mas violentos remedios so s' applicam
Em mal desesperado ; isto supposto,
Astucia, e mais astucia se precisa ;
Que, onde reina a Prudencia, nada falta.
Vossa Excellencia conta no Cabido
A muitos parciaes, e lisonjeiros ;
Estes pois, sendo a Cônclave chamados,
Poderão sustentar o seu partido,
E obrigar que o Deão faça por fôrça
O que fazer recusa voluntario. »

A esta voz, babando-se de gôsto,
O Prelado exclamou: « Ó raro ingenho!
Meu podêr, minha fôrça, e meu conselho!
O teu voto me praz; seguil-o quero.
Chamem-me, logo logo, o docto Andrade,
O Gran' Penitenciario, o sêcco Marques;
E o jantar se prepare promptamente. »

Ja na suberba meza cem terrinas,
O vapor mais suave derramando,
A insaciavel gula provocavam;
Quando chegam ao cheiro os Convidados
Que, feitos os devidos cumprimentos,
Sem distincção, emtôrno, se assentaram.
Começam a chover logo os manjares,
Cem perdizes, cem pombos vêem voando,
Cem especies de môlhos, cem d'assados,
Grandes tortas, timbales, pasteis, cremes
Cobrem, com symmetria, a grande meza:
A cabeça não falta de vitella,
Nem do gordo animal a curta perna,
Cozida em branco leite, ou dôce vinho.
Mil fructas, mil corbelhas, mil compotas
A terceira coberta logo adornam;
E em dourados crystaes, ó loução Baccho!
De tuas plantas brilha o roixo summo.
Entretanto na porta do palacio,
A cem pobres o Bicho-da-cuzinha,
Por ordem do Pastor caritativo,
Um caldeirão de caldo repartia.

Entre os copos, que emtôrno sempre gyram,
Brevemente propoz o gordo Bispo
Aos bons Capitulares seu projecto,
Que todos approvaram, e alli juram

Polo dôce liquor, que impetuoso
 Pelas veias, e cerebro lhes corre,
 De o sustentar — até darem as vidas
 Por vê-lo felizmente executado.

Assim da lauta meza entre as delicias
 Largas horas passaram docemente :
 Em um queijo de Parma inda roía
 A alegre Companhia, pastejando,
 Quando das sanctas vesporas, na tôrre,
 Fez signal o relojio. Descontentes
 Ao triste som do aborrecido sino,
 Se levantam em pe os Prebendados,
 E fazendo uma longa reverencia,
 Correm velozes, por fugir da muleta,
 A ganhar no alto côro os seus assentos,
 Alli mesmo, primeiro que rezassem,
 A seus sabios Collegas propozeram
 Que, para resolver certó negócio
 De maior interesse ao grande Corpo,
 Preciso vinha a ser, que ao outro dia,
 Em que o Deão da Terra s'ausentava
 Se ajunctasse o Cabido. Na proposta,
 Sem nenhum discrepar, todos concordam
 Engrolados os psalmos, para casa
 Cada um se partiu, em si pensando
 Qual seria o negócio, que obrigava
 O Cabido a chamar. Alguns julgavam
 Que a pia d'agua-benta se mudava :
 Outros, cheios de gôsto presumiam,
 Que para se vender mais caro o trigo,
 Que no commun celleiro se guardava,
 Algum celeste arbitrio se encontrara.

Mas o famoso Bastos, d'outra sorte
 Comsigo discorria : « Certamente,

Para nodistinguir da baixa plebe
Dos vis Beneficiados, d'esta feita.
(E como se ufanava!) se nos manda,
Que de verde forremos as batinas;
E que chapeo azul, com borlas brancas
Tragâmos na cabeça. » N'este pouto,
Em si proprio, de gôsto, não cabendo
Pulava para o ar, batia as palmas.
Não d'outra sorte o misero mendigo,
Que sonha achar thesouros soterrados,
Se alegre, salta, e folga, e s'imagina
Igual ao gran' Sophi da rica Persia;
Que o vão Capitular, que ja se pinta
Na sua extravagante phantasia
A par do gran'Lamá, no fausto, e pompa,
Ou de fero Muphti dos Musulmanos.

Cheio d'estas ideias entra em casa,
E para dar seu voto na Assembleia
Com mais legalidade, pedir manda
Ao Rabula do Céa alguns Auctores,
Que os canones sagrados commentaram.

O docto Accursio, todo satisfeito
De podêr grangear um Prebendado,
Esperando medrar por esta via,
E vestir alguma hora a roixa murça,
Digno premio das suas gordas lettras,
Lhe envia o Bertachino, o grande Granha,
Tamborino, Escolano, Spada, e Pichler,
Meninas de seus olhos, flor, e honra
Da rançosa indigesta livraria.

O bom Conego, vendo os grossos tomos,
De prazer, em si proprio, não cabia :
Julgando, pelo vulto dos volumes,

Que d'elles qualquer seja Auctor de arromba ;
 Ja, sem demora ordena, que lhe tragam,
 Para um voto lançar, que semelhante
 Nas decisões da Rota não se encontre,
 Papel-de-Hollanda, pennas, e tinctorio :
 E para que completo em tudo fôsse,
 A *Roda-da-fortuna*, e *Crystaes-d'alma*
 Trazer manda tambem, fazendo conta
 De, em partes, lhe cirzir alguns pedaços,
 Que incantado o deixaram, quando os lera
 Isto ordenado, para a banca chega,
 O lenço tira, o grosso monco assoa,
 Toma tabaco, escarra, os livros abre,
 E a folhear começa ; porém vendo
 Que nada intende do que está escripto,
 Para a ceia se chega, e enchendo a pança
 Se foi a repousar no brando leito.

Ja a vermelha Aurora, derramando,
 Do candido regaço, sôbre os prados,
 Mil roscidas boninas, despertava
 Com a trémula luz de sette côres,
 Os miseros mortaes e seus trabalhos ;
 Quando, na grande sala do Cabido,
 Se ajunctam os zelosos Prebendados,
 E tomando, por ordem, seus assentos,
 Depois d'um breve espaço de silencio,
 Alçou-se o grande Abreu, com rosto grave,
 E feita uma profunda reverencia.
 D'esta sorte fallou : « Cabido egregio,
 Exemplar de Cabidos, e virtudes ;
 Bem sabe vossa illustre Senhoria,
 Que goza felizmente a insigne honra
 De ter por chefe, por pastor, e Bispo,
 Um ramo de real portuguez Tronco :
 Tambem sabe, que a glória da cabeça

Aos mais membros s'estende ; e além d'isto
Occulto lhe não é quanto se empenha
Em honrar sua Sé este Prelado.

Tu, sancta-quarentena, tu o dize ;
Pois viste a importantissima refórma,
Que em nossas grandes capas fez zeloso
Este grande Prelado, não soffrendo
De seus Capitulares em desdouro,
Os antigos franjados alamares,
Que a moda ja ridiculos tornara.
Deixo por ora de fazer memória
D'outras grandes acções em que seu zêlo
Por nós, brilhar se viu ; e so não pôsso
Em silencio passar aquella rara,
Grande e quasi real lib'ralidade,
Com que sua Excellencia foi servido
A muitos membros d'este grave Corpo
Uns capitães fazer, outros tenentes,
Alguns alferes, ajudantes outros,
Este major, sargento, e cabo aquelles ;
Quando a Furia infernal da voraz Guerra,
Rompendo as portas do espantoso Averno,
Desboccada saiu, o ferro, o fogo
Nas garras sacudindo ; e furibunda,
Depois de ter corrido largo tempo,
Com sanguinosa planta, toda a Europa,
Em Portugal entrou, ameaçando
D'um estrago fatal nossas prebendas :
Nem o raro valor, com que seguindo
De seus Avós as inclytas façanhas,
Ao som de caixa e pifaros, na frente
Da brava ecclesiastica phalange,
Coronel-general dignou chamar-se :
Acção, por certo, digna de ser lida
Com lettras-de-ouro, na Gazeta da Haya,

Ou nas folhas-volantes, que em Lisboa
 Os cegos apregoam pelas ruas,
 Estas razões, Senhores, nos obrigam
 A olhar, como propria, a honra sua.
 Ella ultrajada se acha indignamente
 Pelo altivo Deão; pois costumando
 (Nos testemunhas somos, nós o vimos!)
 Vir humilde esperar, co'o sancto Asperges
 Á porta d'este Alcaçar, derepente
 Mudando de systema, hoje refusa
 Este obsequio render, este tributo
 De tam altasv irtudes merecido;
 Turbando injustamente em sua posse
 O grandioso Prelado. Este desprezo,
 sEta pois tam atroz e negra injuria,
 Que, em menoscabo seu, nas nossas barbas,
 Se fez ao seu character, nos releva
 Promptamente vingar. Sim, consultemos
 Os canones sagrados, e vejamos
 A fórma, o modo. » — Então o Ramalhete,
 Théologo chapado e canonista.
 Que o dialectico-Pharo de cór sabe,
 Que de sancto Thomaz ha lido a *Summa*,
 O Genet, Busembaum, Lacroix, Guimenio;
 Que sabe decidir magistralmente
 A famosa questão, — se um Burro póde
 O baptismo beber, ardendo em sêde; —
 Que argumenta nas theses dos Capuchos,
 E inchando do pescoço as cordoveias,
 Infere, grita, prova, e nada colhe;
 A voz alçando grave e magestosa,
 N'esta fórma votou. « Lavrar-se deve
 Um terribil Accordão, que de exemplo,
 Da historia nos annaes, o todos sirva :
 O farfante Deão seja obrigado,
 D'elle em virtude, a desistir da fôrça

Que ao bom Prelado faz na sua posse,
 Fulminando-lhe multas, e outras penas :
 Este Cabido tem auctoridade
 Para o fazer : em muito bons auctores
 Assim o tenho lido : este é meu voto. »

— O Bastos, n'esse instante, homem versado
 Na lição de *Florinda*, e *Carlos-Magno*,
 Quiz metter seu bedelho : mas Andrade,
 De seu discurso não fazendo caso,
 Do docto Magistral o voto apoia
 Com mil textos, que aponta a troxe moxe ;
 No *Sexto*, *Decretaes*, e *Clementinas*
 Capitulos inteiros terminantes,
 Para proval-o, encontra ; e a outra turba
 Que, co'o queixo caído, os escutava,
 Arqueando, de pasmo, as sobrançellas,
 No que dizem os dous, prompta, concorda.

Em vão o Thesoureiro, em vão o Chantre.
 (Homens austeros, que adular não sabem)
 S'oppoem tres vezes ao sinistro Accordão ;
 Que a Lisonja astuciosa (que volita
 Sôbre suas cabeças invisibil,
 E seus votos inspira) faz que todos,
 A calar-se, os obriguem : murmurando ;
 E levados da fôrça da torrente,
 Assignaram tambem o vão decreto.

CANTO QUARTO

N'UMA casa-de-campo, descuidado,
Entretanto passava, alegremente,
O farfante Deão os longos dias
Em que Phebo insoffrido, unindo as furias
Às que raivoso vibra o Cão celeste,
Abrasa as calvas terras Transtaganas :
Quando o Monstro veloz, que por cem olhos
Todas as cousas ve, e as cousas todas
Por cem bôccas, cem linguas palra, e conta ;
Com cem azas fendendo os largos ares,
Aos ouvidos lhe leva a cruel nova
Do barbaro decreto. Em paz serena
Então jogando sua Senhoria,
Ganhava um real-róber : mas apenas
As orelhas lhe fere o infausto aviso,
Quando subitamente lhe cairam
Das mãos as cartas. Pallido e suspenso,
Largo espaço, ficou. — Não de outra sorte
Immobil jaz, qual o mancebo hardido,
Que seguindo no campo, com seus galgos,

O fugace animal, subitamente
Ante os pés do cavallo, ve a terra
Em profundos abysmos despenhar-se; —
Mas das potencias recobrando o uso,
Que o subito desgosto lhe embargara,
Escumando de raiva, entre si disse :
« Pois não querem a paz, haverá guerra.
Vós, sanctos Ceos, e tu, astro brilhante,
Que o dia trazes, e que o dia levas,
E que eu nascer não vejo, ha longos annos !
Vós testemunhas sois, se eu pretendia
Mais que em paz desfructar minha prebenda,
Comer, jogar, dormir, e divertir-me.
Mas ja qué tu, ó Bispo revoltoso !
E tu, infame adulador Cabido,
A mudar me obrigaes, com vis cabalas,
De tam sancto proposito, — até onde
Chegam dos Laras o valor, e o brio,
D'esta vez provareis. » Isto dizendo,
Levanta-se furioso, e sem respeito
Ao real-róber, que ganhado tinha,
(Tanto póde a paixão no peito humano !)
Assim mesmo, e sem ver quanto indecente
Foi sempre á Senhoria andar á pata,
A caminho se poz, aos ilhaes dando,
Suado e melancolico entra em casa.
Alli, sem socegar, ora passeia
Pela comprida sala, ora se assenta,
Ora comsigo falla. Em vão a mesa,
Os criados lhe poem; em vão os gordos
E tenros Perdigosos, a salada,
A fructa, o vinho, os dôces o convidam;
Que, sem ceia, esta noite foi deitar-se.
Alli a molle pluma se lhe torna
Em duro campo de cruel batalha.
Mil cuidados o investem; seu decóro

Atrozmente offendido, a todo o instante
À memória lhe vem : ora d'um lado
Os lasso membros volve, ora do outro :
Suspira, tosse, escarra, e abrindo a caixa
Toma o insulso rapé, e não socega.

A triste Senhoria, que chorando
A deshonra commum, aos pés do leite,
Companhia lhe faz, compadecida
De seu desassocego, veloz parte
A trazer-lhe um pesado e doce somno.

Entre as rochas do Bósphoro Cimmerio
Uma grutta se ve, onde não entra
Jamais a luz do sol : sombria alcova,
Onde, em triste lethargo submergido,
Repousa o deus do somno, coroado
De brancas prigueirosas dormideiras,
Emtorno ao torpe albergue não se escuta,
Com seu canto, chamar o esperto Gallo
Da Aurora a clara luz; nem n'alta noite
Ladram raivosos cães; mas so murmúra
Um placido ribeiro, que respira,
Com o surdo rumor, paz e descanso.
Outros menores Somnos, fertil prole
Do indolente Morpheu, alli assistem.
Tanta espiga não doura a fertil Ceres
No caloroso Estio; tantas flôres,
Na fresca Primavera, pelos prados
Fecunda não produz a Madre-Terra,
Quantos alli se vêem, todos diversos
De genios, de costumes, de figuras!
Uns de lugubre aspecto, outros de ledos,
Muitos pesados são, muitos são leves;
Estes, entre vãos sonhos, de contino
Pela escura caverna andam voando:

Os olhos teem cerrados, e dormindo,
De mil hervas lethargicas o succo
Espremem d'entre as mãos. Caladamente
Aqui se chega a triste Senhoria,
E um d'elles, pelas azas, agarrando,
Á casa do Deão, comsigo o leva,
Que urrando de desgosto, não dormia ;
Mas mal o lumiar tóca da porta,
Quando o humor somnolento, derramado
Do Somno pelas mãos, aos olhos chega
Do desperto Deão, que logo os cerra
E a resonar começa docemente.

Então o Genio em sonhos lhe apparece,
E fallando com elle assim dizia :
« Que é isto, illustre Lara? Assim desmaia
Teu forte coração! Como é possibil,
Que quem pôde soffrer o grave aspeito,
Em Roma, nas maiores Personagens,
Sem susto, sem temor, — hoje esmoreça,
Perca toda a constancia, trema, e gele,
So á vã ameaça d'um Cabido,
A quem faltou, sem ti, alma, e cabeça?
Animo pois, valor, e segurança,
Que o campo cederão os inimigos.
N'esta cidade tens discretas pennas,
Tens de Serpa o Ouvidor, que ovelho Accursio,
E Bártholo o famoso so despreza,
Por que idólatras foram, e adoraram
A Jove, Marte, e Juno, divindades
A quem aras ergueu o Paganismo.
O Céa tens tambem, tens o Fernandes,
Oraculos de Astrea, que seu dente
Em canones tambem mettem ousados ;
Estes consulta, e segue os seus dictames,
Para o orgulho abater de teus contrarios. »

— « E tu, quem es, Espiritu celeste,
 (O Deão incantado, lhe pergunta,
 Da graça que no rosto lhe scintilla)
 Que a consolar-me vens nos meus trabalhos? »
 — « Eu sou (ella lhe torna) a Senhoria,
 A quem, com tanto extremo, tu adoras. »

A estas vozes, da cama salta fóra,
 Per terra se lhe prostra, bate os peitos,
 De gôsto dôces lagrymas derrama,
 Bejar-lhe quiz os pés; mas n'este instante,
 Ella desaparece, e elle acorda.

Ja o sol, esmaltando com seus raios
 A alegre terra, entrava a furtadelas,
 Das cerradas janellas pelas figas,
 E as importunas moscas começavam,
 Com seu lento susurro, e com os curtos
 Aguilhões, que nas caras lhes cravavam,
 Os poltrões acordar, que inda dormiam :
 Quando o nosso Deão, todo engolphado
 Na Celeste visão, se veste alegre ;
 As meias *gris-de-fer*, e mais as luvas,
 A casaca de sêda, e mais a capa,
 Em signal de prazer, preparar manda ;
 O crescente penteia, e todo guapo
 E do po sacudido, sai de casa.

Ha d'Elvas na cidade um escriptorio,
 Onde assiste a Trapaça, e o Pedantismo.
 Alli os feios monstros consultados,
 Do gritador Fernandes pela bôcca,
 Suas respostas dão á rude plebe.
 Aqui o reverendo Prebendado
 Seus passos encaminha, e aqui chega,
 A tempo que, de chambre, o novo Caio

A um rude Camponez, que o consultava,
 D'uma fraca jumenta sôbre o escãibo
 Com outro seu visinho, respondia :
 Mil livros tem abertos, e mil textos
 Em latim, *ad formatia*, lhe repete.
 Mas se o Rustico d'elle nada intende,
 O Doctor muito menos intendia :
 « O seu caso (lhe diz) proprio, escarrado
 N'este livro, aqui temos; va seguro,
 Que, a seu favor, terá final sentença. »

N'este momento sua Senhoria
 Á porta chega, e o gran' Consulto, ao vêl-o.
 Logo o Rustico deixa, e vai buscal-o.
 Á parte se retiram; e no caso,
 Que o Deão lhe propõe, ambos conferem.
 Aqui a livraria vem abaixo;
 De poeira uma nuvem se levanta,
 Que sai dos velhos e traçados livros :
 Em vão sacode os punhos, e a casaca
 O bom Deão : que quanto mais sacode,
 Mais poeira dos livros vem caindo.
 Lê, e relê o gran' Jurisconsulto,
 E depois consid' rando, assim conclue :
 « Á metrópole vossa Senhoria
 Deve logo appellar. Isto me ensinam
 Os doctores, Senhor, que tenho lido. »
 — « Inda assim (replicou o fôfo Lara)
 Veja vossa mercê sempre o que dizem
 No ponto Van-Espen, Dupin, Barthelio :
 Estes livros louvar, e seus Auctores,
 N'uma docta Assembleia tenho ouvido. »

— « Que Van-Espen, Dupin, e que Demonio ?
 (Disse o Consulto então excandescido)
 Esses nomes jamais, esses escriptos,

Nem ouvi repetir, nem meu peculio
 Com elles uma vez allega, o prova :
 Sem duvida serão d'alguns Herejes.
 Aqui temos o bom Panormitano
 Em grande lettra-gothica, os Fagnanos,
 Valenças, Belarminos, Anacletos :
 Estes sim, que são livros de mão-cheia ;
 E não esses Auctores estrangeiros,
 Que com sua doutrina a Igreja empestam .
 O que lhe digo, faça : appelle, appelle ;
 E deixe-se do mais, que é parvoíce.
 Advirto-lhe tambem, que não se esqueça
 De pedir os Apostolos ; e sejam
 Os reverenciaes, por que suspendam
 Do malevolo Accordão os effeitos ;
 E não uma so vez ; mas muitas vezes,
 Com mais e mais instancia, instantemente. »

— « Isso (diz o Deão) é escusado ;
 Eu conservo, entre varias baforinhas
 (De Agus Dei, de Veronicas, de Breves.
 Que truxe la de Roma, e ao despedir-me,
 Me deu o Passionei) uma cabeça
 Do glorioso san' Pedro, cousa rara!
 Obra de insigne mestre! Talvez este,
 Como principe foi do Apostolado,
 Baste no nosso caso, a serem n'elle
 Os sagrados Apostolos precisos.
 Veja, Doctor, se tem isto caminho,
 Por poupar-me a vergonha de pedil-os. »

— « Não são esses (surrindo-se, lhe tornã)
 Mas outros, os Apostolos, que digo,
 E que precisos são em nosso caso :
 Esta phrase, Senhor, entre os Praxistas,
 Tem diverso sentido, e significa

O como a appellação deve expedir-se.
 A alguns d'estes modernos tenho ouvido
 Que fôra no romano Foro usada,
 E n'elle os Canonistas a pescaram :
 Eu porêem d'este achado, e d'outros muitos
 De que elles se presumem os Auctores,
 (Do bom Phebo, bom Mendes, e bom Pêgas,
 A luz e norma dos que o Foro cruzam,
 Com punivel despejo motejando !)
 Ca para mim me rio; pois não acho
 Em meu peculio similhante nota.
 Faça pois, sem demora, o que lhe digo,
 Que outra estrada não tem, por onde pôssa
 Do Accordão escapar á sem-justiça. »

Corrido, e aconselhado ao mesmo tempo,
 Do Doctor o Deão se despedia;
 Quando o Consulto dando uma palmada
 N'um livro, que na banca estava aberto :
 « Espere (lhe gritou) que n'este instante
 Uma cousa me lembra de substancia :
 De Juizes venaes e corrompidos
 Tudo esperar se deve; e deve tudo
 Com tempo prevenir, o que é prudente.
 E como os seus, Senhor, são d'esse porte,
 Se deve receiar, que levianos
 A sua appellação ousem negar-lhe :
 Assim, por evitar longas ambages,
 Que dinheiro, paciencia, e tempo gastam,
 Será melhor que vossa Senhoria
 Appelle longo, — *coram probo viro.* »

— « E que querem dizer, Doctor amigo,
 Essas palavras — *coram probo viro?*
 Que eu do latin estou quasi esquecido :
 Sem embargo de que (volvia o Lara)

Quando fui estudante, era eu uma Aguia,
 (Não o digo, Doctor, por fanfarrice;
 Que eu de bazofia nunca tive nada)
 Em declinar veloz nominativos;
 E na classe o tropheu levei mil vezes;
 Por signal, que de têt-o, boas fitas
 O Mestre me rapou, que era um alambre.
 Mas voam, voam os ligeiros annos,
 E damninhos, comsigo, tudo levam,
 Os gostos, a saúde, e a memória;
 E qualquer rapazinho agora pôde
 Rachar-me com quinaus afoutamente. »

— « Querem dizer, que vossa Senhoria
 (O Fernandes lhe volta) appellar deve
 Perante algum Varão, que em dignidade
 Constituído seja; *verbi-gratia*,
 O Guardião dos Capuchos, dos Paulistas
 O Reitor, o Prior dos Dominicos :
 Este foi efficaz, prompto remédio,
 Que os famosos letrados Palma, Decio,
 Bartolo, Castro, e Baldo descobriram
 Contra injustos Juizes, que denegam
 A justa appellação aos Litigantes.
 Esta lembrança é minha; não intenda
 Que, por gabar-me, o digo; os meus estudos
 Assás notorios são n'esta Cidade.
 Nove vezes (não tracto por agora
 Do Auctor da *Arte-legal*, nem do *Perfeito-
 Advogado*, ou do Flaviense Gomes,
 Por serem todos tres de menos polpa)
 Tenho lido, e cotado em mil logares
 O grande Portuguez Cabral, Vanguerve,
 E o famoso Bremeu, de cujo livro
 Faz logo ver o titulo a grandeza;
 O mesmo digo do moderno Campos;

Sem que o nosso Ferreira me escapasse;
 Auctores todos de maior chorume,
 Que esses seus Zalweins, qu'os seus Barthelios.
 Esta lembrança pois (a dizer tórno)
 Nem todos a teriam; não o Céa,
 Não o Doctor Caetano, e a récua toda
 Dos novos lettradinhos á franceza,
 Que sem tregoa as orelhas nos martellam,
 Não sei com que Noodts, nem com que Strachios,
 E outros galantes nomes taes como estes,
 Que na bócca não cabem, nem a lingua
 Póde, bem que se afane, pronuncial-os :
 Mouriscos devem ser, ou eu me engano,
 Que Christãos nunca usaram de taes nomes.
 Va pois, Senhor Deão, e sem receio
 A sua appellação prompto interponha,
 Que aos Juizes depois intimar deve
 Se quer das multas escapar ao raio,
 Que o terribil Accordão lhe fulmina.
 Não durma sôbre o caso, nem descance :
 Que, segundo a vulgar regra em Direito,
 O direito aos que dormem não soccore. »

— « Essa regra, Doctor, é o Diabo!
 Merecia, o que a fez, as mãos cortadas :
 (O Deão assustado repelia)
 Visto isso, por amor d'esta demanda
 Hei-de eu perder a paz, e o meu socêgo,
 Não dormir, vigiar continuamente?
 O ditoso Organaz, e tu, Marmota,
 Que sem demandas ter, nem ter cuidados,
 Passaes dormindo quasi o anno inteiro!
 Ó quanto mais feliz é vossa sorte,
 Que a nossa, tristes homens! Pois, se acaso
 Queremos defender nosso direito,
 O direito nos deixa, se dormimos!

Meu Doctor, se essa regra é verdadeira,
 Fique o malvado Accordão subsistindo,
 Chovam, embóra sôbre mim as mulctas,
 O vestido de sêda, a loba, a murça,
 Pela agua abaixo vão, tudo se perca,
 Com tanto que eu não perca um so instante
 Dos meus suaves regalados somnos. »

Aqui, com branda voz, o bom Fernandes
 Ao afflicto Deão assim consola :
 — « Senhor, os textos tanto ao pe da lettra
 Se não hão-de intender, como imagina;
 Não é da mente pois do gran' Consulto,
 Que esta regra dictou prudentemente,
 Que não devam dormir os pleiteantes,
 Que isso seria desmarcada asneira :
 Sua tenção somente foi lembrar-nos,
 Que quem litigios tem, e quer vencel-os,
 Deve tudo attentar, e ser experto. »

— « Isso agora (cobrando novo alento,
 Diz o Deão farfante) é outra cousa.
 Por experto, não tenha, Doctor, mêdo,
 Que me haja de vencer o gordo Bispo;
 Que aqui, onde me ve, sou gran' laverco :
 Muitas vezes no Whist, estando a nove,
 Na segunda partida, os meus Contrarios,
 De taes artes me valho, taes maranhas,
 Que, não tendo mais qu'um, lhes ganho o rôber.

Isto dizendo, e feita uma zumbaia,
 Do Doctor Bartolista se despede;
 E mais ligeiro, que um ligeiro galgo,
 Para casa direito o fio toma,
 Onde, sem se despir, manda lhe tragam
 Prestemente a comida, e prestemente

Engole, pensativo, alguns bocados;
E na mesma cadeira, sem deitar-se,
Umás vezes dormindo, outras pensando,
Por algum tempo recostado fica.

CANTO QUINTO

AINDA o chylo bem não tinha feito
O farfante Deão ; quando, lembrado
Do — *coram probo viro* — do Fernandes,
Abre a caixa, e tomando uma pitada
De mofoso tabaco, assim dizia :
« Que inercia é esta ? Que prigiça, ó Lara !
Que os membros, e sentidos te adormenta,
Quando por inimigos tens em campo
O gordo Bispo, o Abreu, o Ramalhetc,
Velhacos todos da primeira plana ?
Á lerta, Lara, pois, á lerta, á lerta ;
Que o Direito aos que dormem não soccorre
E cumpre aos litigantes ser expertos. »

Isto dizendo, o corpo inteiriçava,
E abrindo a bôcca, e os olhos esfregando,
A modorra sacode em que jazia ;
E o suado crescente endireitando,
Sem attender ao sino, que o chamava

A vespuras tocando, nem á mulcta,
 Que a bolsa lhe ameaça sai de casa
 E por baixo da calma, com que assava
 Syrio, ladrando, a sequiosa terra,
 Aos Capuchos, de trote, s'encaminha.

Sôbre uma agra montanha, que se estende,
 Em pequena distancia dos suberbos
 Guerreiros muros da triumphante Elvas.
 O célebre Convento se levanta.
 Aqui, da molle Inercia no regaco,
 Das austeras fadigas descانçando,
 Da provincia se ve cem Padres graves,
 Ex-guardiães, ex-porteiros, ex-leitores,
 Ex-provinciaes, e alguns d'estes famosos
 Polas artes subtis, pola ardileza,
 Com que forçado teem o Sp'ritu-Sancto,
 Nos rixosos capitulos, mil vezes,
 Os votos a seguir de seu partido.
 D'estes tambem no meio, alli se encontram
 Do gordo badulaque ex-cuzinheiros,
 Na fumosa cozinha, entre as tisnadas
 Certãs fuliginosas, e marmitas,
 Com grande glória sua, jubilados.

Aqui, suando pois, como um cavallo,
 Chega o Deão, a tempo que o Porteiro
 A porta da clausura prompto abria;
 E vendo do Deão a gran' fadiga,
 D'esta sorte lhe diz, sobresaltado:
 — « Que é isto, meu Senhor? Qu'estranho caso
 Aconteceu a vossa Senhoria,
 Que per baixo de calma tam intensa,
 A nossa casa o traz tam affrontado?
 Matou acaso algum dos seus Collegas?
 Roubou a sacristia? ou, do Diabo

Tentado, violou alguma virgem,
E asylo vem buscar na nossa igreja? »

— « Nenhum d'esses desastres, Deus louvado!
Me succedeu (o Lara lhe replica)
Ao Padre-Guardião somente quero
N'um negocio fallar, se for possibil. »

— « Inda bem pois cuidei que era outra cousa;
(Lhe torna o bom Porteiro) e de assustado
Fiquei sem sangue, em quasi todo o corpo,
O Padre-Gardião, antes das cinco,
Não costuma da sésta levantar-se;
Mas por servir a vossa Senhoria,
A despertal-o vou : no emtanto, póde
La na cêrca esperar, tomando o fresco. »

Isto dizendo, ao dormitorio sóbe;
E o Deão, caminhando para a cêrca,
Com outro Reverendo acaso topa,
De gran' barriga, de cachaço gordo,
Que attento o comprimenta, e acompanha.

Quiz então a fortuna, que este fôsse
Um dos Padres mais graves da provincia,
Ex-guardião, Ex-leitor, e jubilado,
De todos o mais docto, excepto o Arronches,
Pregador de gran' fama na cidade.

O bom Lara, que havia longo tempo,
Que n'esta casa santa não entrava,
Aturdido ficou, quando a seus olhos,
Na cêrca entrando, junctos se lhe off'recem
As areiadas ruas, as estátuas,
Os buxos, os craveiros, as latadas
De mil flôres cobertas, e que, emtórno,

O virente jardim adereçavam;
 E não bem quatro passos tinha dado,
 Quando, fitando curioso a lente
 Na státua, que primeira alli se encontra,
 Pergunta ao Jubilado : — « Quem é este
 Monsieur París? segundo diz a lettra
 Que per baixo, na base, tem aberta :
 Se se houver de julgar pela apparencia,
 O nome, a catadura, o penteado
 Dizendo-nos estão que este bilhostre
 Foi Francez, e talvez cabelleireiro,
 Inventor do topete, que o enfeita. »

— « París, e não París diz o lettreiro,
 (Circumspecto lhe volve o Padre-Mestre)
 Nem Francez, como crê, cabelleireiro
 A personagem foi, que representa;
 Mas em Troia nasceu d'estirpe régia. »

— « Pois, se Francez não foi (replica o Lara)
 Como Monsieur lhe chamam? »

— C'um sorriso

Lhe torna o Padre-Mestre : « Não se admire
 Que isto está succedendo a cada passo
 Ao pe de cada canto, hoje, sem pejo,
 Se tractam de Monsieurs os Portuguezes
 Isto, Senhor, é moda; e como é moda,
 A quizemos seguir; e sobretudo
 Mostrar ao mundo, que francez sabemos. »

— « De tanto pêso pois (lhe volta o Lara)
 É, Padre-Jubilado, per ventura,
 O saber o francez; que disse alarde
 Fazer quizessem vossas Reverencias?
 Por acaso, sem esse sacramento,
 Não podiam salvar-se, e serem sabios?

Pois aqui, em segredo, lhe descubro,
 Que o francez, para mim, o mesmo monta,
 Que a lingua dos selvajens Boticudos. »

— « Não diga, Senhor, tal; que n'este tempo,
 Ó tempos! ó costumes! (diz o Padre)
 O saber o francez é saber tudo.
 É pasmar ver, Senhor, como um pascasio
 De francez com dous dedos, se abalança
 Perante os homens doctos e sisudos,
 A fallar nas sciencias mais profundas,
 Sem que lhe escape a sancta Theologia;
 Alta sciencia aos claustros reservada,
 Que tanto fez suar ao grande Scoto,
 Aos Baconios, aos Lullos, e a mim proprio.
 D'esta audacia, Senhor, d'este descoco,
 Que entre nós, sem limite, vai lavrando,
 Quem mais sente as terriveis consequencias
 É a nossa portuguez casta linguagem,
 Que em tantas traducções anda envasada
 (Traducções, que merecem ser queimadas!)
 Em mil termos, e phrases gallicanas!
 Ah! se as marmoreas campas levantando,
 Saissem dos sepulcros, onde jazem
 Suas honradas cinzas, os antigos
 Lusitanos Varões, que com a penna,
 Ou co' a espada, e lança, a Patria ornaram;
 Os novos idiotismos escutando,
 A mesclada dicção, bastardos termos,
 Com que enfeitar intentam seus escriptos
 Estes novos ridiculos Auctores;
 (Como se a bella e fertil lingua nossa,
 Primogenita filha da latina,
 Precisasse d'estranhos atavios!)
 Subito, certamente, pensariam
 Que nos sertões estavam de Caconda,

Quilimane, Sofála, ou Moçambique ;
Até que, ja por fim, desenganados
Que eram em Portugal, que os Portuguezes
Eram tambem, os que costumes, lingua,
Por tam estranhos modos, affrontavam,
Segunda vez de pejo morreriam.
Mas elles teem desculpa ; a negra fome
Os miseros mortaes a mais obriga :
Sem saber o que escrevem, escrevendo
Buscam d'ella o remédio, e como logram
Os fins de seus intentos ; o que escrevem,
Seja ou não portuguez, isso que monta ?
Quem desculpa não tem, nem a merece,
É quem vedar-ih'o deve, e não lh'o veda :
Mas por ora deixemos estas cousas,
Que o mundo corrigir a nós não tóca.
Este (como dizia) foi Troiano,
E nos campos, que o phrygio Xantho corta,
Guardando, em doce paz, o seu rebanho,
Eleito foi juiz do grande pleito,
Que Juno, e Pallas, entre si, com Venus,
Sôbre a belleza, um tempo, sustentaram ;
No qual, não sei porêem se com justiça,
Deu a favor de Venus a sentença,
Entregando-lhe o rico pomo de ouro,
Que a Discordia lançara n'um banquete. »

— « Ja n'esse pleito ouvi, se bem me lembro,
E no pomo fallar (lhe volve o Lara)
Mas o tal Monsieur Páris foi um asno
(Perdoe a sua ausencia.) Se na causa
De ser juiz a sorte me coubera,
Daria, mal ou bem, minha sentença,
Conforme o meu bestunto me ajudasse,
Sem em nada gravar a consciencia ;
Mas a maçã, havia d'eu papal-a,

Pelas custas, por certo : e quando muito,
 Daria á Vencedora, d'ella as cascas.
 Mas, diga-me, meu Padre-Jubilado,
 Se gado apascentou esse marmanjo,
 Como de cortezão está vestido,
 De cabello, de bolsa, e penteado? »

— « Essa é boa! (replica o Reverendo)
 Pois parece-lhe, a vossa Senhoria,
 Que lhe bastava o sêcco tractamento
 De Monsieur, que lhe démos, e um cajado,
 Um intonso cabello, uma samarra? »

— Essa razão me quadra (diz o Lara.)
 E esta Madame Helena (continúa)
 Que d'elle está defronte, par ventura
 É Troiana tambem, ou é Franceza,
 Como do penteado mostra o gôsto?

— « Não foi, Senhor, Franceza, nem Troiana;
 (Responde o Padre-Mestre) d'alto sangue,
 Em a Grecia nasceu; e no seu throno
 Esparta um tempo a viu : mas sceptro, espôso,
 A patria, a fama, a glória d'alta estirpe,
 Tudo deixou por Páris. »

— « Pois que ! o espôso,
 A cara patria, o sceptro, a fama, a glória,
 Tudo deixou por esse barbas-d'alho?
 Valente marafona foi por certo,
 A tal Madama Helena ! E quem foi esta?
 Diz a lettra, Madama Pena-Lopes,
 (Proseguia o Deão) talvez seria
 Tam boa, como ess'outra? »

— « Essa (responde
 O docto Jubilado) é d'outra laia :
 A famosa Penélope foi esta,

Do conjugal amor, da fe jurada,
 Do sagrado Hymeneu nas castas aras,
 Um perfeito exemplar; grande matrona;
 Boa mãe-de-familias; e extremada,
 Entre as mais do seu tempo, tecedeira.
 N'uma têia gastou mais de déz annos... »

« Que me diz, Padre-Mestre? está zombando!
 (O Deão aturdido lhe replica)
 Em urdir, e tramar uma so têia
 Déz annos consumia a tal Madama!
 E diz-me que foi grande teceloa?
 A minha Ama... e mais é uma zoupeira,
 N'outro tanto não gasta nove mezes:
 E comtudo, não passa, entre as peritas,
 Por grande sabichona n'este officio. »

« N'isso mesmo é que estive a habilidade,
 (O Padre lhe tornou) pois que de noite,
 O que obrava de dia, desmanchava. »

— « Peior! (diz o Deão) Isso é o mesmo,
 Que para traz andar, qual caranguejo.
 Jurarei em cem pares d'Evangelhos
 Que essa mulher perdido tinha o siso. »

— « Perdido o siso! Que galante cousa!
 (O Padre lhe tornou) antes no mundo
 Nunca mulher se viu tam atinada;
 E digna de passar á eternidade,
 Sôbre as azas da póstuma memória.
 Foi prudencia, Senhor, o que estulticia
 A sua phantasia lhe figura:
 Pois se assim practicava, era somente
 Por enganar (em quanto o caro espôso
 Da prolongada ausencia não volvia)

Cançados rogos de importunos procos,
 Que aspiravam do seu consorcio á glória.
 Arachne, que Minerva vingativa
 Em Aranha tornou, por arrojar-se
 A competir com ella; certamente
 Lhe não levara no tecer a palma. »

— « Como é isso? (o Deão diz assustado)
 Pois, salvo tal logar, um homem póde,
 (Isto fallando, todo se persigna)
 Ou póde uma mulher, em feio bicho
 Ou animal quadrúpede mudar-se? »

— « Isto fabulas são, com que os antigos
 Quizeram explicar aos seus vindouros
 De muitos animaes a industria, e a arte;
 E além d'isso ensinar que ás divindades
 Se deve ter um grande acatamento.
 Mas, que acontecer póssa, quem duvida?
 (Dizia gravemente o docto Padre.)
 Não fallo agora das antiguas Lamias,
 Que inteiros enguliam os meninos,
 De Circe, de Medea, nem d'Alcina,
 Ou da velha Canidia, de quem conta
 O bebado de Horacio as nigromancias :
 Todos sabem, que todas estas Bruxas,
 Em ossudos Leões, manchados Tigres,
 Em hardidos Ginetes, negros Ursos,
 Ou em Toupeiras vis, vis Musaranhos,
 A seu sabor, os homens convertiam.
 Além d'isso, Apuleio nos informa
 Que, per malicia d'uma certa Fôtis,
 Em Asno, n'um instante, se tormara,
 E como Asno passara mil trabalhos.
 Não tem ouvido vossa Senhoria,
 Ruidosos Cães uivar, la n'alta noite?

Pois que querem dizer aquelles uivos,
 Senão, que anda no bairro Lobis-homem ;
 Ou homem, por fadario, transmudado
 Em Jumento orelhudo, ou em Sendeiro? »

— « Sancto Breve-da-marca? (aqui exclama
 O farfante Deão, de temor cheio ;
 E logo proseguiu.) Se minha estrella
 Ordenado me tem, que per incantos
 De alguma Feiticeira, ou Nigromante,
 Em fero bruto eu haja de mudar-me.
 Praza a vós, sanctos Ceos! ao Fado praza
 Que, antes do qu'em Sendeiro lazarento,
 Em brioso Cavallo elles me mudem :
 Pois assim poderei, inda algum dia,
 A sorte vir a ter de ser pae d'Eguas :
 Que bons Potros darei da minha raça !
 Mas, se muito julgais o que vos peço,
 Ao menos concedei-me que em Fuinha,
 Ou matreira Raposa me transtornem ;
 So para do Bispo ir ao gallinheiro,
 De quantas aves tem a dar-lhe cabo. »

Socegado o Deão do seu espanto,
 Ao bom Padre pergunta : — « E quem é este
 Circumspecto Monsieur, que ca s'enxerga? »
 — O Padre-Mestre, vendo-se obrigado
 A recontar d'Ulysses os trabalhos,
 Para o tempo ganhar de recordal-os,
 Ronca, escarra, da manga o pardo lenço
 Saca, nas espalmadas mãos o tende ;
 Em ambas sopesado o leva á penca ;
 Com'strondo se assoa, e dobrado o colhe
 D'esturro então sorvida uma pitada,
 O hábito sacode ; aos sobacos
 Alça o cordão, arrocha-o na casola,

E de papo ao Deão assim responde :
 « Esse que ahí está, nem mais, nem menos,
 É o facundo decantado Ulysses,
 De Madama Penélope marido :
 De todos quantos Gregos aportaram
 Da neptunina Troia ás curvas praias,
 O mais prudente foi, excepto o velho
 Nestor, que viu dos homens tres idades.
 Este, depois que a cinzas reduzido
 Foi o fero Ilion, per suas traças,
 E da altiva Cidade so ficara

O campo, em que imperiosa antes estava ;
 Voltando á Patria amada, carregad .
 D'altos despojos da immortal victória,
 De Neptuno soffreu a cruel sanha,
 E dos ventos, e vagas açoutado,
 Undívago correu per longos mares,
 Vendo de muitas gentes as Cidades,
 As várias artes, os costumes varios,
 Até que levantou, na foz do Tejo,
 A rainha do mar, Lisboa invicta. »

— « Ó grande Fundador da minha patria !
 (A qui brada o Deão) se mãos tiveras,
 E se pernas e pés te não faltaram,
 Os pés, e mãos, humilde, te beijára !
 Mas se manco e maneta aqui te vejo,
 E á franceza vestido, a mal não hajas
 Que á franceza te beije a fria face. »
 Disse : e ao collo, furioso se lhe lança,
 E na cara tres beijos lhe pespega.
 Passado este pequeno enthusiasmo,
 O Lara proseguiu : « E aquell'outro,
 Que do jardim no meio se empertiga
 Com cara de ferreiro, é per acaso

O grande Ferrabraz d'Alexandria?
Ou Galafre da ponte-de-Mantible? »

— « Esse (responde o Padre) foi Alcides,
Cujos tremendo braço, cujos feitos
Ha-de, por certo, vossa Senhoria
Ter ouvido exalçar discretamente,
Em seus sermões, ao nosso Padre Arronches. »

— « Engana-se, Senhor (O Deãoolve)
Que eu sermões nunca ouvi em minha vida;
E pôstoque, no côro, muitas vezes,
Em razão d'esta minha dignidade,
A meu pezar, alguns ouvir eu deva;
Em quanto o Padre grita, estou dormindo :
Pois d'outra sorte disfarçar não posso
A fome, que me ataca a essas horras.
Se eu algum dia for eleito Bispo,
(Como esperar me faz o regio sangue
De Lara, que nas veias me circula)
Ja desde aqui, meu Padre, lhe prometto,
Que estes sermões desterre do Bispado;
E se n'elle inda achar quem tenha o flato
De prégar, lhe darei prompto remédio :
Mandarei que, cumprindo seus desejos,
Va prégar aos Herejes, e Gentios,
Que o prémio lhe darão do seu trabalho;
E escusem de quebrar-nos os ouvidos
Com uma insulsa dilatada arenga,
Que ouve, por uso, o povo e não entende,
E a pagar vem, por fim, por alto prêço ;
Dando (cousa que muito a mim m'espanta!)
Sem saber o porquê, o seu dinheiro.
Sermões? — E quando quer jantar a gente?
A fome so augmentam, causam somno.
Mas, tornando, meu Padre, ao nosso ponto,

Este Alcides, segundo tenho ouvido,
 Foi o maior tunante dos seus tempos. »
 — « Foi amigo de Môças? Que tem isso?
 Vê-me aqui? Pois com ter mais de setenta,
 (Dizia o Jubilado) nem por isso
 Onde quer que as eu tôpo, lhes perdôo. »

— « Outro tanto de mim, ó quanta mágoa!
 (O Deão exclamou) ó quanto pêjo
 Me custa, Padre-Mestre, o confessional!
 Outro tanto de mim dizer não pôsso,
 E comtudo não passo dos sessenta;
 Mas isso é do burel virtude innata.
 Agora pois, se á vossa Reverencia
 Pesado lhe não lôr, dever quizera
 Que d'esse traficante toda a história
 Me referisse; pois, segundo penso,
 Ha-de ser vária e muito divertida
 Lembra-me a mim que, sendo inda estudante,
 Do Bacharel Trapaça, e Peralvilho
 De Cordova a história portentosa
 Ouvi lêr (por signal, que por ouvil-a,
 Na classe pespeguei valentes gazios)
 A um Clerigo visinho, bom Poeta,
 Que sabia o Borrallho todo inteiro,
 E tinha uma escolhida livraria;
 E confesso-lhe, Padre Jubilado,
 Que nunca, em minha vida, tenho ouvido
 Cousa, que ca no gôto mais me dêsse. »
 — « De bom grado o farei, por dar-lhe gôsto
 (O Padre lhe tornou, e assim começa):
 « Este grande varão Alcmena e Jove
 Teve por paes, aindaque gran'tempo
 Do forte Amphitrião passou por filho... »
 — « Com que, de mais a mais o tal Alcides
 De barregã foi filho?... Avante, Padre,

Que o comêço promette grandes cousas. »
(Diz o Deão)

— e o Padre proseguia :
De tantas fôrças foi, logo em nascendo.
Que inda elle não contava bem dez mezes,
Quando (em logar de bêrco, repousando
N'um escudo de cobre, que a Pterelas
Amphitrião ganhara batalhando)
Duas Cobras, mais grossas qu'um madeiro
Que entraram a papal-o surrateiras,
No silencio da noite, por mandado
De Juno, que em ciúmes se abrasava,
Rompeu, espedaçou, com mais presteza
Do que eu trinchar costume uma gallinha,
Quando com fome estou, na nossa cella :
Digo — na cella; — pois no refeitório
Esta ave nunca entrou; que n'elle reina
Somente o bacalhau, e talvez podre.
Depois, sendo mancebo, a estrebaria
De Augias alimpou, façanha grande... ! »
— N'este ponto o Deão ter-se não pôde,
Sem que esta sabia reflexão fizesse :
« Filho de barregã! môço-de-mulas!
Vejam de que ralé era a criança ! »

— « Logo (prosegue o Padre Jubilado)
Fez maiores acções; um Leão fero
Na floresta Nemea, cara á cara,
Destemido affrontou; e lhe machuca,
Com a pesada maça, o duro casco... »

Aqui chegava o Padre em sua história
Quando o experto Deão, á porta vendo
Da cêrca o Guardião, que a vel-o vinha,
Inda do somno os olhos esfregando,
O fio lhe cortou, em altas vozes

Ao Guardião gritando : « Appélo, appélo,
 Perante vossa sábia Reverencia,
 Varão constituído em dignidade,
 Da affronta que me faz o meu Cabido,
 Pretendendo com mulctas constranger-me
 A vir apresentar ao gordo Bispo,
 A' porta da latrina, o sancto Hyssope.
 Peço tambem, com todo o acatamento,
 Os reverenciaes Apostolos, mil vezes,
 Com mais e mais instancia, instantemente... »

— « Basta (o Prelado diz) ja interposta
 A Appelleção está. Agora, em quanto
 O Reverendo Padre Jubilado,
 (Pois Notario não ha que dê fe d'isso)
 A certidão lhe passa, nos sentemos
 Ao pé d'esta roseira a tomar fresco. »
 Dictas estas palavras, se assentaram,
 E o farfante Deão assim começa :
 — « Por certo, que não póde duvidar-se
 Do augmento, Senhor, que em nossos dias
 Tem tido Portugal, por alto influxo
 Do grande, forte e nunca assaz louvado
 Rei, primeiro no nome, e nas virtudes,
 E do sabio Ministro, que lhe assiste.
 Não fallo nas Sciencias, e nas Artes,
 Que eu d'ellas nada sei ; pois meu emprego
 As lettras applicar-me não me deixa,
 Qual o meu gôsto, e genio m'o requerem ;
 E da arte-de-cuzinha tam somente
 (Que é obra, quanto a mim, mais proveitosa
 Aos homens, que o Francez, que anda na moda)
 Alguns pedaços leio, estando vago.
 Fallo, sim, no apparatus dos banquetes,
 No polido dos trajes, e assembleias ;
 Dos jardins no bom gôsto, e dos palacios :

Digo isto, meu Senhor, porque esta cêrca,
 Que era um chiqueiro, ha menos de dous dias,
 Hoje tornada está n'um Paraiso.

Mas que não poderá um genio grande,
 E tal, como o de vossa Reverencia? »

— « O Guardião então todo enfunado;
 Mas modestia affectando, lhe responde :
 « Aqui que póde haver, que os olhos encha
 De vossa Senhoria, que tem visto
 As terras estrangeiras tam gabadas,
 Se é tudo uma pobreza *franciscana!* »

— « Tanto não direi eu (replica o Lara)
 Que ao vêr d'este vergel a amenidade,
 O desenho dos buxos, o bom gôsto,
 Com que são as estátuas trabalhadas ;
 A abundancia dos vasos, e das flôres,
 Que no jardim estão, se me figura
 De Castello-Gandolfo, ou de Frascáti
 (Onde fallei mil vezes como o Papa)
 Vêr o primor, e o curioso acceio.
 Tudo está esmerado ; e só lhe falta
 Para em nada ceder aos mais gabados
 Deliciosos jardins d'Italia, e França,
 Uma cascata, que a de Terni iguale.
 Se vossa Reverencia quer a planta,
 Eu ja mandar-lh'a vou ; que a tenho em casa. »

— « Essa obra ha-de custar muito dinheiro
 (Responde e Guardião) e hoje as esmolas,
 Para encher a barriga a tantos Frades
 Que teem fome canina, apenas bastam.
 Algum dia foi rico este Convento ;
 Mas estas novas leis testamentarias
 Deram um grande córte em suas rendas.
 É verdade, que os sanctos Exorcismos,

O benzer dos feitiços, e lombrigas,
O grande e extraordinario privilegio
D'irmão, e mãe de Frades, e outros pios
E sanctos institutos, que inventaram,
Devotos e subtils, nossos antigos,
E que nós pelo Povo propágamos,
Com zêlo, e com destreza, maiormente
Entre o devoto feminino séxo,
Inda pingando vão de quando em quando :
Mas isto tudo é nada, é um cominho,
A par do que rendia o Purgatorio!
Senhor, o Purgatorio, e as almas sanctas
Eram o Potosí da franciscana.

N'este ponto chegando o Jubilado,
O discurso lhe atalha, e ao Lara entrega
A grande certidão, que passar fôra.
O Deão a recebe civilmente,
E com mil importunos cumprimentos,
E outras tantas profundas cortezias,
Dos dous Padres, cortez, se despediu :
E correndo, e saltando, como um Corço,
Risonho e prazenteiro entrou em casa ;
Onde á sua presença, pelos ares,
Faz vir o triste Luz, que a honra goza
De tocar mal rabeça, na Sé d'Elvas,
E de ser, em seu fôro, mau notario,
Ou pessimo escrivão, que vale o mesmo :
Além d'isso, cursado tinha as classes ;
E a todas estas cousas adjunctava
Uma profunda erudição, bebida
Nos Autos de Reinaldo, e Valdevinos,
E do Infante Dom Pedro nas Partidas,
Florisel de Niquea, e outros livros
Da andante, da immortal cavallaria ;
Ao qual o Deão disse : « Hoje um negócio

De ti fiar pretendo, d'importancia ;
 Sas antes será bom, que ao grande Baccho
 Algumas libações, como costumás,
 Aqui façás. » Dizendo estas palavras,
 Ordena que lhe tragam promptamente
 Do bom vinho de Borba tres garrafas.

— O bom Luz transportado á sua vista,
 Sem fazer-se rogar, logo a primeira,
 A's duas palhetadas, deixa enxuta :
 Muito tempo não passa, sem que próve
 Igual sorte a segunda ; sem descanso
 Com a terceira investe ; largo espaço
 O forte Campeão entra por ella :
 E depois que esquentada teve a bilis,
 Assim com o Deão falla animoso :

— « Que cousa póde vossa Senhoria
 Querer d'este seu servo, que não faça ?
 Que perigo haverá, que não arroste ?

a Nova-Zembla os duros caramelos
 Irei a passeiar : ao meio-dia,
 Na Libia soffrerei a calma ardente :
 Com Tigres, com Leões, com Crocodilos
 Audaz affrontarei : do reino escuro,
 Para seu Cão-de-fralda, se é seu gôsto,
 N'um pulo, lhe trarei o Cão-Cerberô ;
 Se mais d'isso se paga, c'uma corda
 porta lh'o atarei, como um Macaco. »

— « Menos que isso (bradou o Prebendado)
 Menos que isso de ti hoje pretendo.
 Uma Appellação só quero que intimes
 Ao gordo e fero Bispo : isto somente
 De ti hoje desejo, e de ti fio. »

— Aqui, mudando a côr do triste rôsto,
 Começou a tremer o novo Alcides ;

E com voz balbuciante, lhe replica :
 — « Muito, illustre Senhor, tam grande empresa
 Minhas fôrças excede : o mesmo Achilles,
 Mandricardo, Gradasso, Sacripante,
 Commettel-a, por certo, receiaram,
 E Orlando, indaque fôra verdadeiro.
 D'ella pois me dispense; que eu sem pêjo,
 Ante os Ceos, ante a Terra, hoje confesso
 Que meu ânimo a tanto não se atreve. »

— A este breve discurso, ardendo em ira,
 O Deão exclamou : « De minha vista
 Vai-te, indigno, Furão vil e rasteiro,
 A quem, na cara e feitos, te pareces;
 Que eu saberei achar quem me obedeça. »

Trémulo, e semivivo o pobre zote
 Então se foi d'alli escapulindo;
 E o farfante Deão fica suspenso,
 No peito revolvendo a quem daria
 A grande commissão : quando á memória
 Lhe traz a Senhoria (que a seu lado
 Invisibil assiste) o bom Gonsalves,
 Escrivão atrevido, e sem piedade;
 Que a si mesmo prendera, se podera.
 « Este sim (exclamou então contente)
 Que é capaz de citar a Jesu-Christo. »
 Isto dizendo, que lh'o chamem, manda.
 A Senhoria então, tomando a fôrma
 Do Galopim de casa, veloz parte,
 E com elle voltou *in continenti*;
 A quem logo o Deão propõe a empresa,
 Que elle, sem duvidar, risonho accita;
 E para executal-a, tempo accómmodo,
 Cheio de confiança, a esperar, parte.

CANTO SEXTO

Ja o sol grande espaço declinava
Do brilhante Zenit, para o Occidente,
E a socegada Tarde, conduzida,
Nas frescas azas dos subtis Favonios,
A passeio os Peraltas convidava :
Quando, por divertir sua Excellencia
O fastio, que a longa ociosidade
Nos peitos dos mortaes tyranna gera
Se dispõe a sair, como costuma,
A frescura gozar do seu Versalhes.

Mil infandos prodigios (trama urdida
Pela mão industriosa da Excellencia,
Para obrigar-o a não sair de casa)
Esta infausta jornada precederam.
Á meza pôsto, e a beber um copo
De generoso vinho da Madeira,
Em vinagre na bôcca se lhe torna
O suave liquor; e ao mesmo passo,

No aparador saltando um Gato negro,
 Em hastilhas lhe faz, com grande estrondo,
 Os dourados crystaes, que n'elle estavam.
 Depois, dormindo docemente a sésta,
 Se lhe figura, no melhor do somno,
 Que andando de passeio pela quinta,
 Com passos lentos a elle se chegava
 Da nora o velho Burro, e alçando o rabo,
 Dous couces lhe pregava no vasio.
 Á phantástica dôr, gritando, acorda;
 E acudindo a familia promptamente,
 Lhe narra o triste caso, inda assustado :
 Mas, passado o primeiro sobresalto,
 Desenganado emfim de que era sonho,
 A vestir-se começa : então calçando
 O polido sapato, das fivellas
 Salta da guarda-roupa ao aureo tecto,
 Com medonho estampido, a melhor pedra.
 Finalmente, ao montar a carruagem,
 Batendo um gran'besouro as negras azas,
 Com horrendo stridor lhe açouta as ventas;
 E um pardal lh' esterçou no tejadilho.

N'este instante a Excellencia, que tomado
 Tinha do grande Almeida a gentil fórma,
 Vendo que estes agouros não bastavam
 Para aterrar do Bispo o forte peito,
 C'uma grade zumbaia, assim lhe falla :
 — « Se crer em abusões é d'almas fracas;
 Desprezar portentosos vaticinios
 É de peito obstinado, ensurdecido
 Às vozes com que o Ceo mil vezes falla.
 Se em Africa, Catão; se em Roma, Cesar
 Deram fé aos presagios : nem aquelle
 Nas férvidas aréias africanas
 Acabara infeliz; nem no Senado,

Às mãos de Cassio, e Bruto, ferozmente
Este fôra, qual rez nas aras, morto.
O mesmo digo do temido Almeida,
De quem vossa Excellencia tem o sangue;
De Cambaia murchar as altas palmas
Na brutal Cafraria elle não vira,
Se afouto, ou temerario não zombara
Do bater dos sapatos dos Menezes.
Vossa Excellencia ja viu os portentos
Que lhe teem n'este dia acontecido :
Ah! se a mente presaga não me engana,
Algum grande desastre prognosticam
N'este passeio, que fazer intenta.
Para illudil-os pois, torne a aprear-se,
Ao paço se recolha : considere
Que, por grande, a cautela nunca damna.
Se pois da ociosidade, e seus prestigios,
Que tanto horror lhe faz, fugir deseja,
Mande chamar alguns Capitulares,
E com elles em sancta paz jogando,
O resto passe da calmosa tarde;
E não queira, com vã temeridade,
A seu gôsto a razão sacrificando,
Desafiar a colera dos Astros. »

— A estas vozes, risonho, o gordo Bispo,
Lhe responde : « Meu Filho, bem conheço,
Que o amor, que me tens, é quem te dicta
Essas sábias razões; mas que diria
Esta marcial cidade que, admirando
Meu heroico valor, trazer pendente
Do bordado talim me viu na guerra
Uma talhante espada; e sôbretudo,
Erguer da cama, n'uma fria noite,
Por correr, sem temor, suas muralhas;
Quando o fogo nas altas atalaias

Brilhando tristemente, annunciava
Roubos, assolações, incendios, mortes :
Se hoje soubesse, que eu ficava em casa,
Assombrado de quatro bagatellas?
Eu confio no Ceo, que esses successos
Nada contenham, que aziago seja :
Mas, se assim succeder, constante e forte
Irei por onde os Fados me chamarem. »
Isto dizendo ; resolute ordena
Aos Moços que caminhem sem demora.
No tempo que estas cousas succediam
No episcopal palacio, o bom Gonçalves
A quem a grande empresa desvelava,
Sendo por seus espias avisado
De que o Bispo saia, aproveitar-se
Da occasião, que a Sorte lhe offerece,
Comsigo determina ; e a toda a pressa
A vestir-se começa : quando a cara
E longeva Consorte, do cartorio
Nas sordidas trapaças tam versada,
Como o déstro marido, toda cheia
D'um panico terror, que dentro n'alma
A feroz Excellencia lhe infundira,
Ao collo se lhe lança, e assim lhe falla :

— « Onde, ó luz de meus olhos ! doce espôso,
Assim corres veloz, assim me deixas
Cercada de receios, e tristezas?
O Bispo vas citar ? Ah ! tu não sabes
Qual é d'este Prelado a sancta raiva ?
Ignoras, que as menores bagatellas,
Em seu conceito são graves insultos,
Que castigar costuma sem piedade ?
Tu, ó pobre Milheiro ! tu o dize,
Que por zombar da fita do palmito,
Na respeitavel face do Roquete,

(Mestre-de-ceremónias, e cabalas,
Com poder d'Assistente, juncto ao solio,
Para insultar, sem termo, os pobres zotes,
Em toda esta cidade, e seu Bispado)
A jazer longo tempo na cadeia
Barbaramente condemnado foste!
Não sabes, que a pezar das leis sagradas
Do nosso piedosissimo Monarcha,
Elle Meirinho tem de vara alçada,
Que prende, escorcha, e rouba impunemente,
A sombra do sagrado sanctuario?
Pois, como a provocal-o hoje te arrojas,
Por servir o Deão? Crês per ventura,
Que elle te livrará das suas garras?
Ou te fias talvez em que es sujeito
A outra jurisdicção? Mas, oh, repara
A quantos, como tu, Leigos isentos,
Em seu cruel aljube, opprime, e vexe!
Oh! se um raio voraz dos Ceos descesse,
E todos os aljubes abrasasse!
Quantas, ó Ceo! ó quantas se evitaram
Vexações, injustiças, e insolencias!
Ólha o que succedeu ha pouco tempo,
Ao charlatão de Medico pequeno
(Que a hábito perpétuo d'estudante
Foi, de Esculapio em Juncta, condemnado)
Por não dar alimentos á Consorte
Em dinheiro corrente; que de balde,
Os homens, e as estrellas attestando,
Allegava não ter o miseravel;
E em vão, para pagal-os off'recia
A venda de seus predios, ou seus fructos.
A pezar da Razão, e da Justiça,
Foi este pobre zote receitante,
Com público pregão excommungado!
Bem que dizer-se d'elle se não póssa

Que de Herodes á fera tyrannia,
 Não devera escapar, por innocente;
 Pois so, d'uma pennada, a muitas almas
 Tem feito as margens ver do stygio lago,
 Onde por elle esperam barregando,
 Para as barbas tirar-lhe, e a cabelleira.
 Pretendes pois que o mesmo te succeda?
 Ah! não, amado espôso, por aquelles
 Primeiros e suavissimos instantes
 Do nosso doce amor, pela fe pura,
 Que no sagrado laço me juraste;
 Por estas ternas lagrymas, que chóro,
 Que a tanto não exponhas: ah! não queiras,
 A ti mesmo cruel, e a meu sessêgo,
 Roubar-me a triste vida, dar-me-me a pena
 De ouvir-te excommungar pelas esquinas!
 Ou prêso cruelmente, entregue ás garras
 Do Meirinho voraz, qual tenra Pomba
 Entre as unhas crueis de Açor ligeiro.
 Do meu pranto tem dó, e dos cançados
 Longos annos da minha amarga vida. »
 Aqui um magoado e gran'suspiro
 As queixas lhe impediu; e o sentimento
 A voz lhe congelou dentro no peito.

— Então o grande e intrepido Gonçalves,
 Assim, de brio cheio, e de ternura,
 A timida Consorte alenta, e anima.
 « Enxuga o bello pranto, ó bella espôsa!
 Que sem causa derramas, pois com elle
 O forte coração me despedaças.
 Eu não vou combater algum gigante,
 Nem tenho o Tamerlão por inimigo;
 Vou fazer meu officio; e bem conheço
 A quanto m'abalanço, e me aventuro.
 Mas que dirá o Mundo, se vir hoje,

Que eu fujo dos trabalhos com o corpo?
De mais, que d'este excesso, a que me arrojô,
Tu a causa só es; pois d'outra sorte
Mal poderei, meu rico Bem, comprar-te
A saia, a capa, a fita, o leque, o pente.
Os annos estão caros; e eu não devo
Um gancho desprezar, que raras vezes
A Ventura depara, e nos off'rece.
As censuras, o Bispo, e sua vara,
Vãos espantalhos são, que não me assustam;
Eu não temo o Meirinho, nem da Igreja
O forte raio, sem razão vibrado;
E para me livrar do Bispo ás iras,
Tenho braço, artes tenho, e tenho modo.
O susto deixa pois; que brevemente
Tu me verás volver sem frio, ou febre,
A gozar de teus mimos, teus favores. »
Isto dizendo, de seus braços foge;
E mais ligeiro, que o ligeiro Gamo,
A esperar se partiu, sua Excellencia.

Ja, na rica liteira recostado,
Da cidade saia o gordo Bispo.
Dous Lacaios membrudos e possantes
Guiavam a compasso os grandes Machos;
E dous do mesmo talhe, na dianteira,
A lenta e priguiçosa marcha abriam.
Nos altos campanarios os Donatos,
E das Freiras as Mòças, muito alegres
Davam, como costumam, aos badalos:
Quando o bom Escrivão, que prompto estava,
Qual sagaz caçador, que alegre e fero,
A porta d'uma mouta a rez espera,
Á porta d'uma mouta a rez espera,
Á liteira se chega, e respeitoso,
Uma carta ao Prelado logo entrega,

Na qual a Appellação descomedida
Em letra-garrafal ia traçada.

O innocente Pastor, que não suspeita
O veneno mortal, que em si levava,
Depois de lhe lançar a sancta bênção,
Com risonho semblante, péga n'ella,
O sobrescripto rompe, e soletrando,
Vai lendo com trabalho; mas, apenas
O sentido da astuta carta intende,
Começou a tremer; das mãos lhe cai
O atrevido papel. Não, se cem bôccas,
Cem linguas eu tivesse, e a voz de forro,
Poderia contar qual foi a raiva
Do gordo Bispo. A Ira, a Impaciencia,
A Suberba, a Vingança, e outras Furias
O rodeiam, o agitam, e o transportam :
O rôsto se lhe inflamma; os olhos, tintos
D'um vivo e negro sangue, lhe chammejam :
Escuma, geme, e brama, range os dentes.
Tam cruel, tam espantoso, tam feroz
Não treme, não avança, não se rasga
O que mordido foi de Cão-damnado;
Quando o triste veneno, que fervendo
Pelas veias lhe corre impetuoso,
Ao coração lhe chega, e lh'o devora;
Como o grave Pastor! A vil Priguiça
Que a seu lado jazia recostada,
Ao vê-lo, d'alli foge espavorida.
Emfim, em raiva ardendo, grita e clama
Aos Lacaios, que logo, sem piedade,
Aquelle infame ousado lhe castiguem.
Então os insolentes vis mochilas
Arrancam das espadas que, em desprezo
Das leis, e Magistrado, á cinta trazem,
E cheios de grande ira (quaes raivosos,

Arremessados Cães, que hardidos seguem
 O fero Javali, que veloz foge
 A emboscar-se na densa e vasta mouta)
 Correm, sem tino, após o bom Gonsalves,
 Que em seguro ja pôsto, ao pe da guarda,
 Os ólha, com deprezo, e com insulto.
 Não de outra sorte rubido Podengo,
 Que seguindo, fiel e lisonjeiro,
 O rustico Saloio, que á cidade
 Vem, de seus campos a vender os fructos;
 Se ao pe d'alguma esquina se demora,
 Prêso da vista das formosas côres
 Da galhifeira cidadã Cadella,
 E sôbre elle caindo a roaz turba
 Dos bairristas Cachorros, que namora;
 Entre as pernas mettendo a longa cauda,
 Corre sem se deter, até que chega
 Juncto de seu Senhor, a cujas abas
 Seguro e confiado encrespa as ventas,
 Contra elles se revira, então rosnando
 Lhes mostra os brancos navalhados dentes.

Denodado Gonçalves (se meus versos
 Alguma cousa podem, se rompendo
 A névoa escura dos futuros évos,
 Sôbre as azas do Tempo se espalharem
 Pela terráquea mole) em quanto Alcoides,
 Quadrilheiros houver, houver Meirinhos,
 O teu nome será sempre famoso,
 Pelo heroico valor, com que abarbaste
 Do gordo Bispo a temerosa sanha :
 E dos leilões na praça, em quanto ás nuvens
 A fronte levantar a gran' Lisboa,
 Entre a terribil pestilente corja
 De Alguazis desalmados e vorazes,

Com inveja, e louvor, serás de todos
Pelo primeiro Beleguim contado.

Em tanto a Senhoria, que presente
A esta cómica scena sempre esteve,
Chama a Fama veloz, e lhe encarrega
Que a gran' nova ao Deão leve ligeira.
Estava então o triste combatido
De alegres esperanças, e temores ;
Umaz vezes confia, outras receia,
Que o Escrivão medroso não se atreva
A proseguir no empenho começado ;
Quando a rapida Fama, em seus ouvidos,
A nova espalha do feliz successo.

Vós, Filhas da Memória, que do Pindo
Concordes habitaes as frescas selvas,
Qual foi seu gran'prazer, dizei agora.
De Baccho nas solemnes Anthestérias,
As desenvoltas Ménades não correm,
Nyetélio invocando, mais furiosas,
Do deus e da alegria arrebatadas ;
Como o farfante Lara corre as casas,
Gritando de contente. Os Moços chama,
E a todos, entre grandes gargalhadas,
O successo declara. Ora lhes pinta
Do arrojado Escrivão a grande astucia,
Ora as vãs iras do cruel Prelado.

Ó geração humana! e quanto es facil
No meio da bonança a engrimpinar-te,
Sem temer, que a pellada má Fortuna,
Lúbrica, extravagante, caprichosa,
Te vire as costas, e te mostre a calva!
Tu, ó farfante Lara! em pouco espaço
O viste, por teu mal, tu o provaste :

Pois, quando mais ditoso te julgavas,
De improviso fugiu tua alegria ;
Qual leve exalação, que apenas nasce,
Nos abysmos do Ceo desaparece.

Engolphado o Deão nas esperanças,
Que este fausto principio lhe annuncia,
Aos Criados ordena *in continenti*,
Que para festejar o feliz caso,
Uma esplendida ceia se prepare ;
E a Velha, que tambem de gôsta salta,
Com risonho semblante intima, e manda
Que não fique, na grande capoeira,
Fólego vivo em tam festivo dia.

Não contente com isto, maior prova
De seu immenso gôzo dar pretende :
Que bizarro concêrto, de prelúdio
Sirva ao farto banquete, determina,
Da musica melhor, que ha na cidade :
E por dar mais prazer aos Convidados,
De cavallinhos-fuscos, depois d'ella,
Na vaga sala, com suberba pompa,
O galante spectaculo prepara.
Então a convidar, saltando, envia
Do cléro, e da milicia cem pessoas.

Ao passo que estas cousas se faziam,
A despiedosa Velha ferozmente
A barbara sentença executava,
Cem Gallinhas, cem Frangãos degolando.
Entre todos havia um velho Gallo,
Pae da grande familia, victorioso
De cem feros rivaes, e respeitavel]
Pelo roixo esporão, e roixa crista :
D'este pois nem, sequer, o vulto escapa
Da grande mortandade; e com seu sangue,
De seu cruel Senhor honra o festejo.

CANTO SEPTIMO

Entretanto, surdindo a Noite escura
Do Bosphoro Cimmerio, e despregando
As estellantes azas, involvia
Todo o nosso hemispheria em densa treva,
Quando na casa do Deão triumphante,
Ajunctando-se vão os Convidados.

Vós, Deusas do Parnasso, vós agora
Novo fogo inspirai dentro em meu peito ;
Regei-me a voz cançada, e o debil canto,
Por que n'elle celebre dignamente
De tam altos Varões nomes, e manhas.

O primeiro que entrou na grande sala
Foi o môço Sequeira, que hobreando
Co'o Pae sagaz, na usura, e na trapaça,
Lhe sobreleva muito de avareza.
D'uma sebenta desbotada fita
A bengala da dêxtra traz pendente,
Com que as Moscas enxota do castello

Após este se segue circumspecto
O Noventa cabellos, conhecido
Por fido Achates do pomposo Lara;
Homem sisudo e grave, e o mais cálido
De quantos pizam d'Elvas a cidade;
Excepto o triste, misero Tacanho,
Que gerou, por seu mal, o velho Tôrres
Muitos d'elle murmuram. (Feia Inveja,
Quem de teus dentes'ficará isento,
Se não te escapa a simples Innocencia!)
Que não falla, porque fallar não sabe:
Outros porém mais justos o defendem,
E ás estrellas o sobem; pois ao menos
Se não sabe fallar, sabe calar-se;
E (qual lúbrica negra Sanguisuga,
Que aferrando-se á pelle, se não sólta,
Sem de todo fartar a cruel sêde)
Dos que encontra ás orelhas não se agarra;
E não similha o zote do Sardinha
Que, sem antes gastar-lhe a paciencia
Com questões importunas, os não larga.

Nas ancas d'este entrou esbaforido
O Velloso, arithmetico afamado,
Capaz de duvidar, até de Christo;
E que tem, de loquaz e d'arengueiro,
Quanto de taciturno tem o outro;
Elle sabe de Acclamo o grande schólio;
De cabo a rabo, sem falhar-lhe um verbo;
E á fôrça de Pae-velho, algum pedaço
Vérte, em mau Portuguez, do Tridentino.
Com o que, e repetir alguns exemplos
Da longa jesuitica syntaxe,
Passa, entre os seus, por homem consummado:
Bom juiz de sermões, e Prégadores;
Apezar do atrevido casadinho,

Que, por ser o barbeiro do Prelado,
Arrogar este cargo a si pretende.

Pouco tempo depois, ao beque dando
Entra o vaidoso mulheril Perinha,
Ramo insigne dos Gatos Rodovalhos,
E chefe dos pelões da sua terra.
Então de Senhorias toda a casa,
Qual d'um picante enxame de mosquitos,
Azoinada se viu : umas da bôcca
Em borbotões lhe saem, outras lhe entram
Pelas grandes orelhas lisonjeiras.
E subindo-lhe ao cérebro, a cabêça
De illustrissimos flatos lhe enchem toda.

Não passou muito espaço, sem que á porta
Se não vissem chegar ambos os Bichos,
Alegria, e prazer da elvense terra ;
O Leite, e o Barquinhos, tam famosos,
Aquelle, pela teima com que intenta
Mungir d'um grande Bode as grandes têtas ;
Este, pela piedade com que vendo
Jazer em terra morto o bravo Touro,
Que os calções de camurça lhe rasgara ;
Por que o Ceo suas culpas lhe perdoe,
Perdoa em altas vozes, generoso,
O estrago do vestido, e a grave affronta.
Estes per onde passam, mil apodos,
Mil graças, e risadas, entre a bulha
Do vulgo insultador, soar se escutam :
Não de outra sorte viu Lisboa, um tempo,
Da vil plebe entre a grande borborinha,
Passeiar suas ruas, ombro a ombro,
O célebre Dom Félix, e o Caturra.

Mas outro entrando vem, de insignes prendas,
Que no ingenho, agudeza, brio e garbo,

Com os dous póde bem correr parelhas.
Afastai, afastai : deixai passál-o ;
Que é o grande Salgado, cujo nome
Por todo o Alem-Tejo, em suas trompas,
Com sonoro louvor publica a Fama.
D'elle relata pois a chocalheira,
Que inda o rol pendurado traz ao collo,
Das Moças que, em mancebo, namorara ;
Onde, com distincção, se lêem seus nomes,
Suas graças, e dotes. Pelos prados,
Que o Hebro crystallino corta, e rega,
Tantas, d'Amor captivas, não seguiram
De Thracia o gran'Cantor, que a cara espôsa,
Na solitária praia descanzando,
Duas vezes perdida, em vão chamava ;
Quantas o rol contem, desde a mais baixa
E roliça fregona, até a Dama
Mais nobre, mais *gagé*, e mais chibante.
Hoje porem, que em mais serios estudos,
Os dias gasta, desfructando a honra
D'a rustica curar gente da vargem,
Inda este phrenesi curar não póde ;
Nem da empirica sciencia o gran'segredo,
s Ahervas, cataplasmas teem bastado,
Para os males curar-lhe da cabêça.

Eis outro chega, de não menos fama,
Cavalheiro do porte dos Venegas,
Que muitos infanções por Avós conta.
Este so comerá d'uma assentada,
Sem qua papo lhe faça, um Boi inteiro ;
E como quem um copo bebe d'agua,
De café, chocolate, cha, sorvete,
D'um trago, beberá toda uma pipa.
Elle ceia não ha, não ha merenda,

A que prompto não vòe, não assista.
 Tam rapida, calar das altas nuvens
 Não vê o Passageiro, em largo campo,
 A grasnadora Gralha, o negro Corvo,
 Sôbre o triste animal, que de cançado
 Em comprido caminho, deu a ossada;
 Como correr se vê o bom Fidalgo
 Á voz, e cheiro do mais vil banquete.
 D'esta canina fome, que o devora,
 De *Atarve* lhe ficou o gentil nome,
 Com que em toda a cidade é conhecido.

Nem tu has-de deixar de ser lembrado
 Em meus versos, Prior da sancta igreja.
 Que Alcáçova ennobrece; tu, que sendo,
 Um tempo, branco e louro, te tornaste
 Por artes incantadas, negro e pardo.
 Este na sala entrou de loba, e capa;
 Mas debaixo do braço, co'a catana,
 Com que em noites d'escuro tem brigado
 (Se de seu gran'valor não mente a fama)
 Muitas vezes, com todos os Diabos

Então, tremendo chega a passos lentos,
 O longevo potroso do Saldanha,
 Que em regras economicas bem póde
 Dar sota e az ao Grego Xenophonte.
 Para prova do seu contentamento,
 Se adorna do vestido domingueiro;
 Sôbre uma véstia branca, airoso traja
 Casaca, que foi negra ha quinze lustros;
 Os calções eram pardos, e os sapatos,
 As meias, e espadim, e os outros cabos
 Em nada do vestido desdiziam.
 A seu lado marchava o velho preto,
 Com a suja panella, em que costuma

Ajunctar as reliquias dos banquetes,
A que assiste faminto, e com que passa
O resto da semana co'a familia.

Tu tambem, grosso Silva, lustre e glória
Da tua patria, antiga Tôrres-Vedras,
Doctor em Anno-historico, não foste
Dos ultimos, que a rica sala entraram.

Estes, e outros varões d'igual calibre,
Dignos todos de fama, e maravilha,
Honoraram n'esta noite a grande festa :
Mas da justiça o amor me não consente
Que eu deixe vossos nomes envolvidos
Entre a treva, que espalha somnolenta
A agua estôfa do sombrio Lethes :
Bolorento Pão-ralo ; e tu, que fallas
A lingua da mourama, ó bom Gonsalo!
E que os melões, e pêras almotças,
Com tanta rectidão ao povo d'Elvas,
Quando empunhas severo a rubra vara.

Juncta enfim a selecta Companhia,
O vistoso salão emtórno c'roam.
Então ao côro, que esperando estava,
Deu signal o Deão, e uma sonata
De cravo, de machete, e castanholas,
Da orchestra estrepitosa foi prelúdio,
A que um duo se segue, cousa rara!
E que igual nunca ouviu em seus theatros
Milão, Veneza, Napoles, Florença.
O grande Eugenio, e o famoso Felix
Foram os dous Virtuosos, que o cantaram.

Seu, ó extremada Zampert ini,
Que em Lisboa os Casquilhos embaraças,

Seus suaves accents escutaras,
Passages, e volatas ; bemque as Graças
Lisonjeiras te cerquem, e derramem
Em teu peito, e garganta, mil incantos,
Com que as tres filhas d'Achelôo vences;
Quantos novos incantos aprenderas!

Depois, o Vidigal ligeiro toma
Uma bandurra, que na orchestra estava,
Por mão d' insigie mestre trabalhada :
N'ella se viam, sôbre a branca faia,
De márfitn embutidas, e pau-sancto,
As folias do filho de Semele ;
Quando, do Ganges triumphando, á Grecia,
Entre ledos tripudios, se tornava.
Jazia o gordo deus alli sentado
N'um grande carro, que virentes parras,
Contra os raios do sol todo toldavam ;
Uma bojuda pipa, que esparzia
Um largo jôrro de liquor vermelho,
De throno lhe servia ; e o Môço imberbe,
Co' o verde thyrso, de uma mão picava
Os dous accesos mosqueados Tigres ;
E eo'a outra chegava á sêcca bocca,
De saboroso summo um cheio vaso.
Após elle se via debuxado
O bebado Sileno, sôbre um ruço
E cançado jumento ; de verde hera
C'roada a fronte tinha o semi-capro ;
E com tal arte figurado estava,
Que a cada passo do animal imbelle,
Aos olhos dos que o vêem, se representa,
Que, balançando, o semi-deus caia,
Co' os fumos, que a cabeça lhe toldavam.
De foliões Silenos uma tropa,
Quasi para o suster, o rodeiava ;

E sôbre ella lançava o bom Sileno,
Todo risonho, os mal-abertos olhos.
Precediam o carro, desgrenhadas
Mil Bacchantes e Satyros lascivos,
Dando nos ares descompostos saltos.
Uns tocavam businas retorcidas,
Outros rijos adufes, e pandeiros.

O Vidigal, pegando no instrumento,
Se encommendou ao deus, a quem amava;
E dando á escaravelha largo espaço,
Até de todo temperar as cordas,
Soltou a bruta voz, com que costuma
Levantar os *mementos*, nos enterros.
Com tam grande attenção não pendem promptos,
Do novo batalhão da elvense terra
Os marciaes soldados, na parada,
Da voz agallegada do Malifa,
Quando o manejo, á falta d'homens, rege;
Como a festiva Companhia pende
Dos duros berros do Cantor famoso,
Que, da patria em louvor, assim dizia :
« Ó grande Elvas, cidade em todo o tempo,
Per teus famosos filhos, memoranda!
Hoje até as estrellas meus accentos
Teu nome levarão, e tua fama;
Mas d'onde minha voz a teus louvores
Dará principio? Tu, ó brincão Baccho!
Como tens por costume, tu me inspira.
Mil, em silencio deixarei, successos,
Em mais remotos tempos celebrados,
Que tua glória illustram; pois não póde
Um ingenho mortal todas as cousas
Abranger co'o acceso pensamento;
E a louvar passarei de teu Senado
A rara e nunca vista economia,

Com que no velho, ja rachado sino ;
 Por se acharem as rendas do Conselho,
 Em luminarias, luctos, e propinas,
 Todas (em seu proveito) consumidas,
 Quatro gatos mandou lançar de ferro. »
 Com tal arte feria o cantor déstro
 Do pequeno instrumento as tesas cordas,
 Acompanhando o som, com que cantava
 Este estupendo gracioso caso,
 Que, ao bater das pancadas, parecia
 Que se ouviam no sino as martelladas.
 « Que direi (proseguiu) da subtiliza,
 Com que gravar mandaste, sôbre a porta
 Que tem de esquina o nome, em negra pedra,
 Por que ninguem a lêl-a se atrevesse,
 A famosa inscripção, em negras lettras?
 Mais intricado, mais escuro enigma,
 Que o que nas portas da famosa Thebas,
 Por destino fatal, aos peregrinos
 Feroz propunha a monstruosa Spinghe. »

Aqui, para tomar maior alento,
 Um pouco se calou; e em alvo pondo,
 Como quem pensa em cousas mais profundas,
 Os turvos olhos, prega um grande escarro,
 Com que assustou os circumstantes todos;
 E de novo começa : « Oh! se eu lograsse
 A grande dita de nascer em Roma,
 E alli, na tenra idade, me tivessem,
 Qual misero e novel Frângão, castrado :
 Que entã só, dignamente, em fino tiple,
 Qual Achilles nas óperas d'Italia,
 De teu grave Senado cantaria
 A acção maior, que viram as idades!
 Tu, ó povo miudo, e povo grosso!
 Que dos Touros ao barbaro combate,

Presidido de serios Magistrados,
 La na praça assistias galhofeiro,
 Tu testimunha foste! e no futuro
 Testimunha serás. que eu não matizo
 Com falsas côres o notavel feito :
 Fallo da profusão, com que lançaram,
 (Ao primeiro rumor, e ainda incerto,
 Com que a Fama espalhava vagamente
 A noticia dos regios desposorios
 Da Princeza Real, Real Infante)
 Depois de terem feito bem o papo,
 As reliquias da pródiga merenda,
 Sôbre as cabeças da apinhada gente.
 Então (cousa pasmosa!) os ovos-molles,
 Arroz-dôce, cidrão, e leite-crespo,
 Que o povo, ás rebatinhas, apanhava,
 De toda a parte a flux chover se viam;
 Cobrindo n'um instante toda a praça.

Qual nas tardes de maio (quando Jove
 Com a rúbida mão dardeja irado,
 Por entre as negras condensadas nuvens,
 Com medonho fragor, torcidos raios)
 Cái a grossa saraiva, alaga os campos;
 Taes, de manjar-branco as tostadas pélas... »

Aqui chegava, quando os Convidados,
 A quem de tantos dôces a lembraça
 Tinha feito crescer água na bôcca,
 Da demora da ceia impacientes,
 E da fome voraz estimulados,
 Em tropel se levantam, e lançando
 Pela terra cadeiras, e instrumentos,
 Correram para a meza, onde scintilla
 Nos dourados crystaes, nos finos pratos,
 A radiante luz de cem bougias.

O primeiro que occupa a cabeceira
 É o tolo Aguilár ; sem comprimento
 Entra logo a cevar a fera gula ;
 Exemplo, que os mais seguem vorazmente.
 Brilha nos copos o rosado çumo,
 Que desterra a cruel melancolia
 Da meza festival, — reina a saúde!

Mas de todos tu foste, ó gran' Gonçalves!
 Quem as primicias colhe ; todos brindam
 A teu grande valor, á tua astúcia ;
 Em quanto tu, no collo recostado
 Da prezada Consorte, entre os seus mimos,
 Do Bispo, e do Deão te estavas rindo.

A alegria reinava em toda a meza,
 Mil chistes, mil apodos, mil pilherias
 Giravam sem cessar ; sua Excellencia
 De todos era o alvo ; todos n'elle
 Malhavam satisfeitos e contentes ;
 Pôstoque era malhar em ferro frio.
 Uns, a brilhante escolha lhe louvavam
 Dos synodæes Theologos, — do Arronches,
 Eximio prégador (que leu inteiro
 O livro dos Conceitos predicaveis,
 O Zodiaco-sob'rano, e outros muitos,
 Que na eschola capucha estão ém prêço),
 — Do Guardiã dos Capuchos, — do Roquete,
 Thomista petulante e confiado.
 Outros, a prepotencia celebravam
 Com que, de motu-proprio, um pobre Leigo
 Despejar, promptamente, fez das casas,
 Para n'ellas viver o seu barbeiro.
 Este, a grande philaucia encarecia
 Com que a portuense mitra na cabeça,
 E seu bago reger ja se suppunha,

Officios repartindo, e dignidades.
 Aquelle, murmurava da arrogancia,
 Com que ministro eleito á grande Roma
 A julgar-se chegou; e rodeiado
 De Pages petulantes, e Lacaios,
 Do Tibre assuberbar as verdes margens,
 Em malhados Frizões, imaginava.
 E todos, sem respeito, blasphemavam
 Da fatal ignorancia, ou liberdade.
 Com que, apezar dos canones sagrados,
 Beneficios-curados entregava
 De avaros Regulares entre as garras.

Nem tu, gentil roupão de fresca chita,
 (Com que á grande janella, empanturrado,
 Da inutil ociosa bibliotheca,
 Nas noites de verão, a calma passa)
 Ás suas tesouradas escapaste.

Entre tantos motejos, so, calado,
 Chupando os dedos, e roendo os ossos,
 Comia, e mais comia o Dom Alarve;
 E algum caso fatal, de quando em quando,
 Todo cheio d'espanto, recontava
 Do Anno-historico, o grosso e torto Silva.

Quando subitamente (caso horrendo,
 Que as carnes faz tremer, ao repetil-o!)
 O velho gallo, que n'um prato estava,
 Entre frângãos, e pombos, lardeado,
 Em pe se levantou, e as nuas azas
 Tres vezes sacudindo, estas palavras,
 Em voz articulou triste, mas clara :
 — « Em vão, cruel Deão , em vão celebras
 Com nosso sangue o próspero successo,
 Que a futura victória te promette ;
 Que per fim cederás a teu contrário. »

Disse : e caindo sôbre o grande prato,
Sem mexer-se, ficou. N'este momento
Um gelado suor dos circumstantes
Banha as pallidas faces; os cabellos
Nas frontes se lhe erriçam; largo espaço
Immoveis ficam, sem dizer palavra.
Mas o perdido spiritu cobrando,
Se levantam tremendo, e pela terra
A recheiada meza baquearam :
Tres vezes se benzeram co'a mão toda :
Tres vezes; mas em vão, esconjuraram
O fatal gallo, que jazia morto;
E, mil, a infausta ceia dando ao Démo,
Se foram, sacudindo os calcanhares.

CANTO OITAVO.

Na superior instancia introduzida
A grande Appellação, ardia a guerra,
Dous Rabulas famosos trabalhavam
Em offuscar das Partes o direito.
Quantos rançosos livros, que jaziam
Sepultados em po, meio comidos
Da cruel e voraz maligna Traça,
Tornaram outra vez a vêr o dia!

A Excellencia, a Discordia, a Senhoria,
Cadauma, de per si, os excitava;
E sôbretudo, a fome devorante
Do luzente metal, que o Mundo incanta.
De papel muita resma, em lettra-grypha,
Onde, a montões, os Textos, os Doctores
Sem ordem, e sem tempo, se allegavam,
Cadaqual, de si pago, tinha escripto.
Quando o Genio feroz das Bagatellas
Uma fiel balança nas mãos toma,

E n'um dos aureos discos, põe attento
 As razões do Deão, n'outro as do Bispo;
 E vendo que estas tinham maior pêsô,
 Talvez por terem mais papel, e tincta;
 Por um geral edicto á Côrte chama
 Os vaidosos Magnatas, e em senzala,
 Com fera continencia, assim lhes disse :
 « Nunca a pensar cheguei, que em meus Vassallos
 Que do Orbe a estimação, e o ser me devem,
 Tam louco algum houvesse, e tam ingrato,
 Que combater ousasse meus projectos!
 Mas o tempo, que a todos desengana,
 Me mostrou quanto errava, e quam perdidos
 São, com ingratos, grandes beneficios!
 Este enorme attentado merecia
 Um castigo exemplar; mas a Clemencia,
 Companheira fiel do meu Imperio,
 A espada me suspende, na esperança
 Da prompta emenda. »

Aqui fitando os olhos

Na pallida e confusa *Senhoria*,
 D'esta sorte prosegue em seu discurso :
 « É pois minha vontade, ordeno, e mando,
 Sob pena de incorrer no desagrado
 De meu real favor, de abrir os olhos
 Do Mundo fascinado, e de mostrar-lhe
 Que nada teem de real vossas Pessoas,
 Que todas são phantasticas chimeras :
 Que nenhum de vós-outros se entremetta
 No famoso litigio, que hoje corre
 Entre o Bispo e Deão de igreja d'Elvas. »
 Severo, isto dizendo, se retira,
 Deixando a todos tristes e confusos.

Mas a vã *Senhoria*, que conhece
 A quem as ameaças s'encaminham,

Vendo, por este modo, as mãos atadas,
Para seguir o empenho começado;
A carpir se retira n'um deserto,
Sua grande desgraça, envergonhada.

Entretanto o Deão confuso, afflicto
Passava as horas, na memória tendo
Do lardeado gallo o infausto annúncio.
Pouco e pouco, a cruel Melancolia
O devora, e consome; não graceja,
Como d'antes usava, co'a familia:
Mas, em seus pensamentos abysmado,
Comia pouco, pouco repousava;
Não joga: nem café, nem cha bebia.
No pico d'um rochedo solitario,
Entre as t'nevas da noite carregada,
Tam lugubre gemer, de quando em quando,
O feio e rouco Mocho não se escuta,
Como o pobre gemia, retirado
No escuro canto d'uma nua sala.

Então a zelosa Ama, a quem penetra
Do afflicto Patrão a grave pena,
Um dia lhe fallou, por esta fórma:
— « Que tem, Senhor Deão? que mágoa é essa,
Que tam mudado o traz do que antes era?
Mal haja quem lhe dá tanto cuidado!
Essa cara, Senhor, que n'outro tempo,
Era cara de Paschoas, tam alegre,
Tam gorda e reverenda, tam affabil,
(Até para os seus servos) tam mudada
Está do que ja foi, que hoje parece
Uma cara de angustias! Não socega;
Mas em triste silencio sepultado,
Nem toma o seu café, nem joga o whist!
Supponho que lhe deram mal-de-olhado!

Ah! se esse fôr seu mal, prompto remédio
 Em mim encontrará; pois do quebranto
 Sei benzer, e curar por mil maneiras:
 Porém, se a causa é outra, não m'a occulte;
 Que talvez lh'eu descubra algum allivio:
 Pois, mil vezes, na planta desprezada,
 Está de grave enfermidade a cura. »

— « Ama (diz o Deão) para que é tonta?
 Per ventura não sabe o gran'litigio,
 Que trago com o Bispo; em que meu brio,
 O meu ser, minha glória se interessam?
 Não se lembra tambem do infausto agouro
 Do lardeado gallo? Que mais causa,
 Em mim pretende pois, de viver triste?
 Oh! se os astros crueis teem ordenadõ
 Que eu a demanda perca, derepente
 Me verá estalar sem frio, ou febre,
 Entre as barbaras mãos d'este desgosto. »

— « Senhor Deão (replica então a Ama)
 Se da sua tristeza é essa a causa,
 Tem por certo razão para affligir-se;
 Suppõsto que não é o mal tam tam grande,
 Que não póssa remédio ter ainda.

Na minha mocidade, instituída
 Fui nas artes da Madre Celestina,
 Pela velha Canidia; muito tracto
 Tive então com o sábio Abracadabro
 Famoso Incantador, que ainda vive,
 Não longe d'este sítio, n'uma grutta.
 Este estupendo Magico conhece
 Das pedras, e das plantas as mais raras,
 As occultas virtudes; sabe a lingua
 Das aves, e animaes; com seus conjuros

Muda as louras searas; sôbre a terra,
Mil vezes, faz descer trovões, e raios;
Arranca do alto Ceo a branca Lua;
Em negro Urso, mil vezes, se converte,
Mil em Lobo-Cerval, e mil em Touro :
Este pois mudar póde do Destino
As leis, e a natureza; e mentiroso
Tornar (se lhe parece) o triste agouro
Do diabolico gallo. A consultal-o,
Se fôr do seu agrado, iremos ambos. »

Disse : e o Deão suspenso largo espaço,
Sem saber resolver-se, mudo fica.
Umás vezes se anima, outras receia
Do Magico feroz o horrendo aspecto.
Não de outra sorte está carvalho annoso,
Que emtórno, pelo pé, sendo cortado,
Pendente d'um so fio, com a quêda
Cem partes ameaça, e a verde copa
A nenhuma, por longo tempo, inclina.

Finalmente, o desejo da victória
Vence o frio temor. Tanto em seu peito
Póde a Raiva, póde a cruel Vingança!
Dando um grande gemido, estas palavras
Do mais íntimo d'alma afflicto arranca :
— « Vamos, Ama, buscar o grande Sabio;
E veremos se tem meu mal remédio. »

Era alta noite, e a terra esclarecia,
Com duvidosa luz, a branca Lua;
Quando o Deão, pela Ama conduzido,
A um monturo se foi, onde ambos junctos
Se despem promptamente, e untando o corpo
Com sangue de Morcego, e de Toupeira,
Sôbre sordidas pennas se espojaram.

Então o corpo todo agita, e move
 Com medonhos esgares, e rosnando
 Em baixo som, por entre os podres dentes,
 Certas palavras a espantosa velha,
 Ao farfante Deão diz açodada :
 — « Voemos. » E n'um ponto (cousa rara!
 E que igual nunca fez Juan de las Vinhas)
 Pelos ares voaram livremente,
 Procurando do Archimago a morada.

De Alcáçova o Prior, homem vexado
 De nocturnas visões, que então á casa,
 Do Nunes Bacchanal em companhia,
 D'um puxativo escalda se tornava,
 Vendo alçar-se da terra os negros vultos,
 Arranca da brilhante Durindana,
 E o capote traçando, velozmente,
 Põe-se nos recto, parte, atira um furo,
 Faz pé atraz; mas tropeçando acaso
 N'um Podengo, que á fôrça de pedradas,
 Os travessos rapazes tinham morto,
 De costas se estendeu na dura terra,
 Coberto de vergonha, estêrco, e lama.
 Então mais furioso se levanta,
 E c'um golpe mortal a partir torna.
 O Pejo, e o Furor lhe dobra as fôrças :
 Berra, salta, esconjura, põe preceitos,
 Sem descançar, talhando os subtis ventos ;
 Mas tudo em vão; que leves e seguros,
 Nadando pelos ares, se sumiram
 Os novos Anthropógrifhos nas nuvens.

Tu so, n'esta aventura, infeliz Nunes,
 Provaste a furia do pesado braço ;
 Pois, ao vibrar um talho o Dom Quichote,
 Co'o rabo te chegou da rija espada,

Pregando-te um gilvaz pelos focinhos,
Com que em duas te fez a aguda barba.

Nas entranhas d'um monte solitario,
Que entre as nuvens esconde a calva fronte,
Assiste Abracadabro, a quem patentes
Os profundos mysterios da Cabala,
E todas as leis são da Onomania.
Mil globos, mil compassos, mil quadrantes
Confusos jazem no sombrio albergue :
Alli Betyles ha, ha Chelonites,
Corações de Toupeiras, ha entranhas
De vãos Camaleões, ha pedras-d'ara,
E magicos espelhos; ha cabêças
De mortos animaes, lameiras virgens,
Hypómanes, mandrágoras, e outras hervas,
A luz colhidas da nascente Lua
Nas campinas do Ponto, e da Thessalia.

Aquí Ama, e Deão descem, a tempo
Que, á mal accesa luz d'uma lanterna,
Um Talisman o Magico compunha.

— Ao feio aspecto do fatal hospicio,
As carnes ao Deão se arripiaram.
Começa a vacillar; mas a malvada,
Velha Bruxa o segura, alenta, anima.
Entram pois onde o sabio trabalhava;
E prostrada per terra, a vil carcassa,
D'esta fórma, o silencio interrompia :
— « Famoso Abracadabro, a cuja illustre
Alta sciencia os Fados concederam
Dominar Elementos, e Planetas,
Este, que vês (eu creio, o não ignoras)
É o nobre Deão da Igreja d'Elvas.
Pelo arrogante Bispo perseguido,

Do teu grande podèr se chega ás abas :
 Com o gordo Prelado, e seu Cabido
 Uma demanda traz; para vencel-a,
 Tuas artes procura. Ah! se algum dia,
 Com teu alto favor, benigno honraste
 Esta serva fiel; por elle mesmo,
 A teus pés humilhada, hoje te peço,
 Que o queiras amparar; elle o merece
 Por triste e desvalido; e pelo grande
 E profundo respeito, que tributa
 A teu alto saber, ás tuas barbas. »

— Aqui o Velho Magicô lhe torna :
 « Nada do que tu dizes me é occulto ;
 E por elle, e por ti provar intento
 Quanto minha arte póde. »

Isto dizendo,

Todos tres se saíram da caverna,
 E a mal-distincta luz da frouxa Lua,
 Sobre a rasa campina, Abracadabro,
 Com uma curta vara, quatro linhas
 De circulos pequenos logo traça :
 A estas linhas juncta tres fileiras
 De outras, iguaes em tudo, quatro linhas ;
 E entre si alguns circulos unindo,
 D'elles várias figuras prompto fórma :
 Umas se chamam Mães, as outras Filhas,
 Testemunhas, e arbitros : isto feito,
 Diversas hervas queima, e murmurando
 Tres vezes, ao redor, certas palavras,
 Começou a tremer toda a montanha :
 Cem espantosas feras, cem serpentes
 Se ouvem bramir, silvar ao mesmo tempo.

Então na frente do Deão pellado,
 Os cabellos: que ainda lhe restavam,

Em espetos se tornam; pelas veias
 Subitamente o sangue se lhe gela.
 Mas quando viu sair da rude furna,
 Horrendamente uivando, um Cão medonho
 De negro espesso retorcido pêllo,
 Que lança pelos olhos triste fogo,
 E chegar-se do Magico ás orelhas,
 De todo perde a côr, o alento perde :
 Tres vezes quiz fugir, e tres o mêdo
 Os passos lhe embargou; immobil fica,
 E semi-vivo respirar não pôde.
 Passado finalmente um breve espaço,
 Com horrendo fragor, se abre a terra,
 E crepitantes chammas vomitando,
 Em seu ardente seio o Monstro esconde.

— Então, deixando o Bruxo o fero incanto,
 Para o Deão se vólta, e n'estes termos,
 Com feia catadura lhe responde :
 « Emfim não ha remédio : nada podem
 Co'o Fado inexoravel meus conjuros :
 Nos duros diamantes tem escripto
 Que a lide perderás. »

A estas vozes

Todo o valor cedeu do heroico Lara :
 Começou a tremer, e sobre a terra,
 Sem alentos caiu, e sem sentidos.
 Sobre elle se debruça a torpe Velha,
 Chorando amargamente. Abracadabro
 Á grutta corre, d'onde, compassivo,
 Trazendo um negro frasco, todo cheio
 D'um spiritu vital, lh'o arruma ás ventas.
 Então um gran'suspiro derramando,
 O Deão abre os olhos, e começa
 A cobrar os alentos, que perdera.
 — Por largo espaço, o deixa o Nigromante

Repousar em descanso, até que ao vél-o,
 De todo, do desmaio recobrado,
 Com mofa, e compaixão, assim lhe falla :
 « Não cuidei, que tam pouco esforço tinhas,
 Priguiçoso Deão, imbelle e fraco ;
 Que uma sentença, contra ti vibrada,
 Te fizesse perder de todo o alento :
 Mas es Conego emfim, e tanto basta !
 Ignoras tu acaso, que as desgraças
 Pedras-de-toque são, onde os quilates
 Das grandes almas sempre resplandecem ?
 De mais, que os duros Fados tam injustos
 Não são para comtigo, que vingança
 A teus grandes aggravos não permittam. »

— Ao echo da vingança, o antigo esforço
 Cobra o pallido Lara ; e alvoroçado
 Esta pergunta faz ao Velho Bruxo :
 — « E que vingança é essa, Abracadabro,
 Que o Fado me promete? »

— Então o Sabio,

Com severo semblante, lhe responde :
 « Virá a succeder-te no Deado
 Um novo Heroe da tua mesma raça.
 Este, sendo tambem indignamente
 Pelo orgulhoso Bispo injuriado,
 Por que á porta recusa do Cabido
 Ir, como tu, a off'recer o Hyssope ;
 Para em salvo se pôr de seus insultos,
 Deixando (sabiamente aconselhado)
 De venaes Magistrados o recurso,
 Refugio buscará nas sanctas Aras
 Onde Themis preside, e firme asylo
 Acham contra a violencia os opprimidos.

Os ministros da Deusa que zelosos
 De seu altar, e culto, attentos séguem

As pizadas do Principe famoso
 (Que dando ao Sacerdocio, ao Sceptro dando
 O que é do Sacerdocio, o que é do Sceptro,
 Tem de ambos os poderes felizmente
 As sagradas balizas assignado)
 E defendem, com prompta vigilancia,
 Da Real Jurisdicção os justos termos;
 Ao Bispo mandarão por seu Decreto,
 Que a razão d'este excesso logo assigne.
 Á fatal vista do imprevisto golpe,
 Ficando muito afflicto o bom Prelado,
 Com fraqueza a mais vil, dolosamente,
 (Acção bem digna só d'um home' indigno!)
 Do livro mandarà riscar as multas;
 Negará têt-as feito, e negaria,
 Se necessario fôsse, o mesmo Christo.
 Então desistirá, cheio de mêdo,
 Da pretendida posse, e seus direitos :
 E a pelle convertendo, na apparencia,
 De fero Lobo se fará Cordeiro. — »

Disse : e o Deão, de ouvil-o satisfeito,
 Mil graças dava aos Fados, dava ao Sabio,
 Mil á Velha, que a vêt-o o conduzira.

Ja a Aurora, deixando enfastiada
 Do potroso Titão o frio leito,
 Sobre o carro, d'aljofres guarnecido,
 Com um mólho de rosas excitava
 Ao veloz curso as remendadas Pias,
 Que os freios mastigando de diamante,
 Por olhos, e por ventas scintillavam
 Tremulos raios, que de luz cobriam
 Os longo-apavonados horizontes :
 Quando a Velha, e o Deão, ambos deixando
 O grande Abracadabro, e sua grutta,

A descançar da longa ameijoada,
Para casa velozes se partiram.

Era ja alto dia, e retumbava,
Em alegres repiques, Elvas toda;
Quando o Deão acorda ao grande ruido,
E chamando os Criados, lhes pergunta,
Qual do grande zão-zão era o motivo.
Então o Cuzinheiro, debulhado
Em lagrimas, lhe conta « que a noticia
De ter vencido o Bispo o grande pleito
Que trazia com sua Senhoria,
Tinha, ha pouco, chegado per um Proprio :
Que em todas as Igrejas não havia
Sino grande, matraca, ou campainha
Que, em signal de prazer, se não tocasse. »

Acabou o bom Servo a triste arenga,
De seu peito exhalando um gran'soluço :
Mas sua Senhoria consolado
Da futura vingança com a imagem,
Sem alterar-se, ouviu a infeliz nova.

O REINO
DA ESTUPIDEZ

POEMA HEROI-COMICO-SATYRICO EM QUATRO CANTOS

PAR

FRANCISCO DE MELLO FRANCO

Hæc misere nefas.
PENSO.

PROLOGO

VAI ó Poema ! não digo discorrer, pelo Universo, porque sei que estás escripto em portuguez; mas ao menos corre as mãos de todos esses que compoem a Universidade. Eu te vaticino desde ja uma desgraçada sorte : serás praguejado, e per muitos reduzido a cinzas, que irão até lançar-te no Mondego, como cousa contagiosa. Não esmoreças, que entre esses alguns haverá, ainda que poucos, que folguem de ver a verdade com os seus proprios vestidos : não receies penetrar os mesmos claustros : ah! é que te prognostico os maiores desprezos : soffre com paciencia, que o teu fim é so de fazer ver a verdade : affirma pois a esses homens, que o teu Auctor venera os seus sanctos Instituidores; que so desejara, que aquelles que se prezam de ser seus filhos, fossem vivas copias suas ; porque então não chegariam a muitas duzias em Portugal. Dize-lhes que o que mais o afflige, é ver, que os homens que por voto devem ser pobres, humildes e castos, são os mais regalados, superbos e libidinosos, a quem custa muito cumprir os votos que fazem. Pergunta-lhes, como será possivel ver de sangue-frio a um Monge, a um pobre de

Jesu-Christo, robusto, gordo, e capaz de vender saúde, ás costas de dous pobres homens pela Couraça dos-Apostolos acima até o Patio-das-Artes? Dize-lhes, que bem sabes, que este é o Mestre d'hebraico o S^r D. João de Tal.

Irás ter ás mão de muitos, que te censurem de pouco verdadeiro; porque hoje a Universidade está em seu auge, e esplendor : dir-te-hão, que para dizer tanto, é preciso, ou não ter noticia da refórma, ou ser maldizente por officio : a estes taes pede a resolução do seguinte problema. Achava-se um homem nas trevas sepultado no mais profundo somno, rodeiavan-o per todos os lados mil perigos, e despenhadeiros; compadecido outro do miseravel estado em que se achava aquelle desgraçado, foi despertal-o para o pôr fóra dos perigos, que o cercavam : tinha ja o bemfeitor dado alguns passos; mas de repente lhe falta a vista, e fica o infeliz ainda nas trevas acordado sem guia, caminhando de precipicio em precipicio. Pergunta-lhes pois, quando era mais desgraçado este homem, se no tempo em que estava engolphado em seu lethargo, se quando se via acordado, só, e nas trevas? Não te cances em fazer-lhes a applicação, que é manifesta; dize somente, que o fructo, que d'aqui levam os Legistas, é a pedanteria, a vaidade, e a indisposição de jamais saberem : enfari-nhados unicamente em quatro petas de Direito-romano, não sabem nem o Direito-patrio, nem o publico, nem o das Gentes, nem Política, nem Commércio, finalmente, nada util. Que os Canonistas saem d'aqui com o cerebro intumecido com tanto Direito de Graciano, sem critica, sem methodo, engolindo, com alguns verdadeiros, immensos Canones apocryphos; dando ao Papa a torto e a direito poderes, que lhe não competem por titulo nenhum, e esbulhando os Rêis dos que por Direito da Monarchia lhes são devidos. Com estes não te abras mais, e acrecenta só que é melhor morar em uma casa vasia, do que n'uma cheia de trastes velhos e desconcertados, onde reina a desordem, a confusão, e a immundicia. Deves porê m con-

fessar, que a Refórma trouxe á Universidade as Sciencias naturaes, que na verdade tiveram, e teem ainda alguns Mestres dignos de tal nome; mas que estes ficam tam submergidos pela materialidade dos Companheiros, que fazem a maior porção, que para os distinguir é preciso ter vista bem perspicaz; tanto reina ainda aqui mesmo a Estupidéz! Adverte emfim, que não reparem em não fazeres menção dos Senhores Theologos, devendo ser os primeiros, porque *ex fructibus eorum cognoscetis eos* : S. Matheus, cap. I., e invertendo : *ex illis cognoscetis fructus eorum*. O Ceo te leve a mãos, que te não deem logo tyranno garrote antes de seres lido por algum que te propague. *Si Musa vetat, facit indignatio versum.*

CANTO PRIMEIRO

Não canto aquelle Heroe pio e valente,
Que depois de ter visto a cara Patria
A cinzas reduzida, e campo vasto,
Mil p'rigos contrastando um clima busca,
Aonde com os seus, ditoso seja.
A molle Estupidez cantar pretendo,
Que distante da Europa desterrada
Na Lusitania vem fundar seu Reino.
Dicta-me, ó Musa! que eu não posso tanto,
Os nobres feitos, e diversos casos,
Que a esta grande empresa acompanharam.
Um feio Monstro de cruel figura,
Desgrenhados cabellos, olhos vesgos,
Disforme ventre, circular semblante
Da lugubre caverna, aonde jazia,
Bocejando saiu, e longo tempo
Nas vizinhas montanhas reparando,
Estas vozes soltou de mágoa cheia :
« É possibil, que sendo venerada

Em outro tempo pela Europa toda,
Hoje aqui viva sem dominio, ou mando,
N'estas brenhas incultas desterrada?
É possível, qu'a Deusa, que usurpara
De Sábia o nome, e ser de Jove filha,
Dos meus vastos dominios m'expellisse,
E haja sôbre o meu, pôsto o seu throno!
(Deixar esta inacção, um dia, quero)
Não ha-de ser assim! essa tyranna
Ha-de ver uma vez, o quanto posso. »
A fria Estupidez accessa em ira,
Tanto jamais se viu; ao reino escuro,
Aonde mora a macilenta Inveja,
Co' a furiosa e vingadora Raiva,
Quanto lhe soffre a natural inercia,
Ligeiramente marcha. — « Ó fortes Deusas!
(Soluçando lhes diz) se tantas vezes
Em taes empresas ja me soccorrestes,
Não podereis deixar tambem agora
De dar-me a mão em tam afflicto caso.
A suberba Minerva ijustamente
Depois de meus dominios ter roubado,
(Dominios, que na Europa tanto prézo)
Por cúmulo de mal, em feias selvas
De ninguem habitadas, me desterra. »

O fero coração das negras Furias,
(Por ser causa commum) enterneceram
Da molle Estupidez as brandas queixas :
— « Deixai, amiga Irmã, somente dizem ;
Vinde tambem connosco, e vingaremos
Essa injustiça, que te faz Minerva. »
Em si não se fiando, tambem chamam
O duro Fanatismo, a Hypocrisia,
E tu, Superstição, que tanto podes
Nas credulas Nações, não os deixaste.

Em forte batalhão todas armadas
Os elementos turbam : negra nuvem,
De mil coriscos prenhe, se encaminha
Á parte, d'onde sopra o frio Noto.
A raivosa cohorte alli se encobre;
Subtis entratagemas alli traça.
Ja França se lhes mostra, e déstramente
Tomando cadaqual sua figura,
Para o combate espreitam util meio.
Então o Fanatismo, que tomara
Um ar sisudo, e marcha compassada,
Vendo reinar somente a Humanidade,
De tristeza, e rancor se despedaça;
Suas maximas duras assoalha
Ja entre o Povo, ou entre a sábia gente.
Em vão é trabalhar (com riso, e mofa
A porção mais sensata lhe responde)
Mas o povo uma vez entre apupadas
Pelas ruas o corre duramente,
Qual o Cão, que damnado se presume.
Da vil Superstição, da Hypocrisiá
Mai effeito os trabalhos não produzem;
Reinam a seu pezar a singeleza;
Nos costumes, candura, e sã verdade.
Minerva, qué o ardil não desconhece.
Nos animos infunde novas luzes;
Luzes, que dissipando a fusca névoa
Com que a recta razão manchada fica,
Com proprias côres a verdade pinta.
Da gallica Nação ligeira e docta,
Mil pragas vomitando, fogem todas.
Iradas ainda mais ligeiras buscam
A britannica Gente : ataques novos
Em conselho alli poem, ferve de novo
Nos bravos corações rancor funesto;
Fulminam tudo; a toda a parte correm.

Mas qu'importa, se a ti, profundo Povo,
 Brilhantes apparencias nunca illudem;
 Se por entre a verdade, e falso buscas
 Manifesta divisa, e so descanças,
 Quando das cousas tens a sã medúlla!
 Desesperam d'alli as Furias logo;
 Voam, não fogem, d'esta Gente clara,
 A que intractavel e ferina chamam,
 Vão discorrendo pelo frio Norte,
 Aqui, alli, novos combates dando,
 A Deusa tutelar vendo com susto,
 Que alguns dos seus a vacillar começam,
 Que se deixam levar dos vis enganos,
 Convoca em continente um gran' Congresso
 D'aquelles que sustentam fortemente
 O seu brilhante e majestoso throno.

— « Alumnos meus; mas não, não disse tudo,
 (A fallar principia d'esta sorte)
 Amados filhos, que da infancia tenho
 A meus peitos nutrido, e com desvelo,
 A vós, a vossos paes tenho livrado
 Da vil escravidão, em que os tivera
 A frouxa Estupidez ja n'outro tempo,
 Sabereis qu'este Monstro bafejado
 De muitas Furias, que tornar lhe juram
 Seus antiguos dominios, disfarçado
 Armando laços, entre vós passeia :
 Ao vosso lado noite, e dia vélo ;
 Mas de modo teem sido os seus encontros,
 Que entre vós sinto alguns ja titubantes;
 Que mágoa a minha, que pezar não fôra,
 Se em triste captiveiro ainda vos visse,
 Comigo ingratos, para vós tyrannos!
 Ao Leão rugidor, qu'emtórno gyra,
 Constantes resisti. As almas fortes

Com phantasticas fórmas não sossobram.
 Qual déstro Capitão, que descortina
 Ardilosas ciladas do Inimigo,
 Na vossa frente pelejando marchou :
 Victória conseguiu já d'elle a França,
 Outro tanto tem feito a Gente ingleza. »

Com estas vozes tal esfôrço inspira
 Nos vacillantes peitos, que ligados
 Um corpo fazem, como nunca, firme.
 De novo as Furias seus ardis empenham,
 Multiplicam combates, dobram fôrças;
 Mas a sábia cohorte a peito aberto
 Sem p'riço alcança a vencedora palma.
 Qual annoso carvalho, cujos ramos
 Tanto procuram as cinzentas nuvens,
 Quanto as raizes vão minando a terra,
 Despreza immobil a sobeja furia
 Dos ventos zunidores, que o combatem :
 Vendo sem fructo o seu trabalho as Furias,
 A certo aceno se congregam todas
 Em occulto logar, aonde so moram
 As negras sombras da tristonha noite :
 A Raiva então, de cujos vesgos olhos
 Scintilla o ódio, e a cruel vingança,
 Assim ás outras falla em tom irado :

— « Será possível, qu'um podêr tam forte,
 Qual é o vosso, e qual o meu conheço,
 Em nada pare? que nenhum effeito
 Haja destas fadigas resultado? »
 Ao lado chora, sem dizer palavra,
 Afflicta a Estupidez, e largo espaço
 Aguda mágoa põe na lingua freio.
 Senão quando, depois de feita a venia,
 D'este modo começa o Fanatismo :

— « A vosso, e meu pezar ja tendes visto
Que suamos em vão; Minerva impera
Nos duros peitos d'esta Gente infame :
Deixemos pois estes gelados climas,
Bem digna habitação de taes cabêças :
D'aqui fujaamos para o Meio-dia,
Paiz de toda a Europa o mais ditoso :
Aqui mais resistencia não teremos ;
O Povo habitador n'este terreno
A pezar dos passados contratemplos
A meu mando viveu sempre sujeito.
Não chores, cara Irmã ; o teu Imperio,
(Segundo creio) la verás fundado.
Fugir, fugir d'esta inimiga terra. »
Todas a uma voz promptas concordam :
Da fria região logo desertam ;
E sobre as azas dos ligeiros ventos
As amenas Hespanhas vão buscando.

CANTO SEGUNDO

20
Era alta noite, e o enregelado Hivero
Ja começava a sacudir as azas,
Que ao sereno gottejam frio orvalho;
Dormia tudo, e so nas êrmas ruas
Errantes Cães ladrando se encontravam :
Foi então que a Lisboa rica e vasta
Em segredo baixou o bando infame.
Se á suberba Madrid primeiro iriam,
Hesitaram, em quanto o Fanatismo
Não decidira, que no luso Reino,
Como mais certo, começar deviam.
Per accôrdo commum assentam todas
Que aos publicos logares com disfarce
Ir sem demora devem, p'ra que espreitem,
Que diz o Vulgo, que censura o Sabio.
Uns, que murmuram no actual Govêrno,
Que louvam outros : d'esta sorte podem
Cair melhor, no que fazer se deve.
Dispersas pelas Praças vão notando
As prácticas d'iversas, a que assistem,

Não so ouvindo; mas também seu voto,
 (Como a bem lhes fazia) declarando.
 Não deixam sem visita parte alguma;
 De fôrmas differentes se revestem
 Ja d'Homem, de Mulher, de Mõço, ou Velho,
 De Casquilho, de Frade, ou de Jarreta,
 Segundo julgam, que requer o caso.
 N'esta pesquisa muitos dias andam,
 Até que chega o desejado instante,
 Em que haviam proposto, se ajunctassem,
 Para em pleno Conselho darem conta,

Do que ouviram dizer, do que fizeram.
 Em occulto logar, que não perturbam,
 Nem o tropel dos anafados Machos,
 Nem das velozes rodas o ruído,
 E nem do Povo o baralhado tracto;
 Logar, que fica além do claro Tejo,
 As vagas sentinellas se congregam.
 Duvidam entre si qual d'ellas ha-de
 Dar primeiro razão, do que passara :
 Da sua parte cadaqual recusa ;
 Mas nisto a Raiva impaciente falla :

— « Não noteis Companheiras, qu'eu primeiro
 Tome mão da palavra, serei breve :
 Nem deve para nós haver cer' monia.
 Por mil sitios andei, andei de noite,
 Assisti uma vez a um caso gerande :
 Era um Cadete de figura esbelta
 Que diziam ser filho de tal Conde,
 Vestido muito bem de pontó em branco;
 Uma espada tremenda tinha á cinta,
 Toda de prata sem-senão lavrada :
 Para mais casquilhar como soldado,
 Nem da guerra sabia a menor cousa ;

36
Porêm de namorar todos os modos
Manejava melhor que o seu florète,
Em que muitos progressos tinha feito :
Na assembleia passava as noites todas,
E n'ella com respeito era escutado.
Assentava com sigo, que nos olhos
Trazer devia as settas de Cupido;
Pois para requestar qualquer Senhora,
Não precisava mais, que pôr-lhe a vista.
Encontra por acaso um Velho grave
Com a sua familia passeiando;
A uma filha pelo braço tinha,
Por bella conhecida, e que trazia,
Havia tempo ao tal Cadete louco.
Apenas a vislumbra, emtôrno gyra,
Um dicto sólta, e outro disfarçado :
Na filha, inquietação o Velho nota;
No Mancebo repara, e em seus gracejos;
Diz-lhe, que o deixe, que não seja tolo;
Que a não serem os annos se vingara.
Do comprido florete tira logo
O bravo Militar enamorado.
Quer defender-se o vacillante Velho,
A dous passos porêm ferido cai.
Acode immensa gente; mas fogoso
Destroça tudo, e impaciente leva
Entre o tumulto a aturdida Mõça.
No fundo do seu peito o Velho geme;
Ao Ministro se queixa magoado :
Este ao Fidalgo busca, e de bom modo
Propõe-lhe, queira ao Pae levar a filha.
Qual sibilante Cobra, cuja cauda
Pizou o incauto e frouxo caminhante;
Assim no Militar se accende a ira,
Descompõe o Ministro, e se não foge,
Não voltaria, como foi, inteiro.

Pelo successo o Pae afflicto,
 Em resposta o Ministro so lhe torna :
 Amigo, são Fidalgos, tenho feito,
 Da minha parte o que fazer podia :
 Para os pequenos so as leis teem fôrça.
 Folguei de ver esta ousadia, e fogo,
 Que nas outras Nações jamais notara.
 Vi de noite roubar, tambem de dia.
 Uma forte quadrilha de marujos
 É quem faz per alli maior fachina :
 Nada mêdo lhe põe, zombam da ronda,
 Que de vis sapateiros é composta,
 E de outros taes, que dormitando levam,
 Por espadas, espetos ferrugentos.
 Isto vi, Companheiras, e mil casos,
 Que não refiro, por não ser extensa. »

34

Logo a Superstição em pé se põe ;
 Mas fazendo primeiro mil monices,
 O chão prostrada por tres vezes beija ;
 Outras tantas rosnando certas cousas,
 Faz sôbre o coração quinhentas cruces.
 Debaixo da camisa tambem tira
 Uma grande almofada, que constava
 De muitas orações, muitas reliquias.
 Ja contra mal-feitiços, contra a peste,
 E muitas contra a tentação da carne.
 Beija, e rebeija o venerando Breve ;
 E com os olhos para o Ceo erguidos,
 Com o mesmo se benze immensas vezes.
 D'este modo disposta principia
 A dar conta fiel do que passara :

— « Tam outro Portugal agora vejo,
 Que o mesmo não parece; quem diria
 Que estas pobres Mulheres perseguidas

Do Dragão infernal, em pouco tempo,
Haviam de encontrar pelos mosteiros
Prompto soccorro a seus crueis tormentos?
Mal haja esse Judeu, esse tyranno,
O Paulo de Carvalho, homem ferino,
Que á tristes prohibiu este remedio.
Ja não é, Camaradas, como outrora.
Fui aos Frades Capuchos quarta feira :
Que cousas la não vi edificantes?
Na Portaria estavam certamente
Para cima de cem, ou mais Mulheres,
Humas em convulsões, outras zurrando;
Cousa-má na verdade pareciam!
Appareceu depois um Frade idoso,
Vinha de estola armado, e pela cara
Todos diziam que ja era um Sancto.
Não era d'estes Frades, que capricham
Em trazer os sapatos de camurça
Muito amarella, e o calcanhar brunido :
Que o cabello penteiam, que arregaçam
O escovado burel, quando passeiam!
Este não era assim; de muito estudo
Via pouco, grandes oculos trazia,
E tam negligente era em seus habitos,
Que so peito guardava de simonte
Mui boa quarta, se não fosse arratel.
Apenas se avistou, umas entraram
A fazer-se em pedaços, outras davam
Horrendos uivos, como Cães famintos.
É dôr do coração ver tal martyrio!
Suspenso estive o Frade muito tempo,
Para todas olhando; e derepente
Em profundo silencio ficou tudo.
N'um livro entrou a ler, primeiro baixo;
Mas depois carregando as sobrancelhas
C'uma voz de trovão, e irado lia.

Aqui é que foi pena!... D'improviso
Todas quebraram o silencio a um tempo;
Taes urros, taes bramidos atroaram
O Claustro todo, que ainda hoje tenho
De susto o coração como abafado.
O Frade cada vez mais lhes gritava,
Batendo como o pe, que se calassem.
A muito custo accommodou a bulha;
Suspiravam somente enternecidas,
Como quem de um combate se livrara.
O Exorcista ja lia em voz mais mansa;
E benzendo-as tres vezes, so lhes disse,
Que se fossem na paz de Jesu-Christo.
Um a par das outras em fileira
Pondo em terra o joelho a manga beijam,
E com grande mesura, se despedem.
Não pára aqui somente a caridade
Do bom Religioso : de outro lado
Afflictas Mães co'os Filhos entre os braços
Ante os pé do Exorcista os apresentam,
Um a lhe dizem que crueis lombrigas
As pobres Criancinhas martyrisam :
Outras lhe pintam os horriveis damnos,
Que aquelles innocentes recebiam
De uma sua visinha geralmente
Por bruxa, e feiticeira reputada :
Promptamente os benzeu, e com brandura
Uma prática breve foi fazendo,
Que tivessem fé viva; emfim lhes disse,
Que do seu sancto Padre se lembrassem.
D'esta longa fadiga descansava
Ja no seu aposento o bom Fradinho,
Quando o Porteiro a toda a pressa o chama.
Uns poucos de Gallegos carregados
De presuntos, Peruns, e de bom vinho
Pelo Padre Exorcista perguntavam.

A sua caridade isto lhe rende,
 E ser entre os seus Padres respeitado.
 Lisboa ja não é (torno a dizer-vos)
 A mesma, que ha déz annos se mostravã :
 É tudo devoção, tudo são terços,
 Romarias, novenas, via-sacras.
 Aqui é nossa terra, aqui veremos
 A nossa cara Irmã cobrar seu Reino. »

A fina Hypocrisia é quem se segue.
 Co'os olhos baixos, macilento rôsto,
 Longos vestidos de côr parda e negra,
 A fazer sua venia se levanta :
 Depois, em voz submissa assim começa :

« A Cidade corri, e tive o gôsto
 De vêr por quasi todos practicadas
 As maximas subtis, que lhes prérgava.
 No público-passeio, onde concorre
 A mais luzida gente d'esta Côrte
 Uma tarde me achei, e perto estavam
 Quatro sujeitos de figura séria,
 Em quanto alli se via, reparando.
 Dizia um d'elles : Notem bem, amigos,
 Os oucos cascos d'esses dous mancebos ;
 Em logar de topetes concertados,
 Medonhas conchas de revelhos Cágados,
 Da injúria do tempo lhes defendem
 As vaidosas cabêças : os vestidos,
 Se não teem as feições ja nos sobacos,
 São vestidos de Ginja, e de Jarreta.
 No embigo o espadim atravessado ;
 Por calções, hollandezas calças trazem.
 Gemem os pobres pés dentro das talas
 Dos lustrosos sapatos, carregados
 Co'o pêso enorme das luzentes placas :

Casquilhar á Malteza a isto chamam.
Muitos dias não ha, que a moda-chefe
Era o contrário do que vemos hoje.
O ter de Portuguez o nome indigno,
É a pena maior, que me atormenta.
Nomear Portuguez a qualquer homem,
É fazer-lhe a maior descompostura,
Que póde proferir a aguda lingua
D'uma vil Regateira enfurecida.
É chamar-lhe sem dúvida Macaco.
Somente imitador dos vãos caprichos
Das estranhas Nações, não das virtudes.
Sem rebuço, é chamar-lhe um ignorante,
Um confirmado tolo, que não sabe
Nem artes, nem sciencias, nem commércio,
Miseravel Nação! Que fielmente
Os thesouros franqueia aos Estrangeiros
Por chitas, por fivelas, por volantes,
E por outras immensas ninharias. —
N'isto estava inflammado o homem, quando
O fio lhe cortou a seus discursos
O estrondo, que faziam nas calçadas
As fumegantes rodas d'um carrinho.
Quatro asseitados e membrudos Mòços
Pomptos saltando da vermelha tábua
Adjudam a descer um gordo Bispo,
Que na Còrte se achava com licença.
Vinha todo de sêda, e do pescoço
Uma cruz lhe pendia cravejada
De lucidas saphiras; de brilhantes
O majestoso annel cegava os olhos,
E pouco menos as fivelas de ouro.
O austero Censor ficou pasmado
A mirar o Prelado passeiando.
Depois, com vozes d'azedume cheias,
Para os outros se volta, assim dizendo :

— Ó costumes! ó tempos primitivos!
 Tempos, em que o Pastor so differia
 Do seu rebanho pelas sãs virtudes,
 Pela vida exemplar, com que o guiava!
 Quem o sancto Evangelho lê a vida,
 Do Supremo Pastor quem lê attento,
 A presença de um Bispo Petimetre
 Como póde levar á paciencia?
 Se o venerando Apostolo das gentes
 Aqui apparecesse, quereria
 Por companheiro ter um homem d'estes?
 O grande Paulo, que o enrugado rôsto
 Todos os dias de suor banhava;
 E para não servir jamais de pêso
 A seus caros Irmãos, antes escolhe
 Ganhar escasso pão com seu trabalho.
 Sancta Religião, tempos ditosos!
 Ou tu não es a mesma, ou teus Ministros
 De Pastores o nome não merecem. —
 N'esta prática sempre os quatro amigos
 Se foram com a noite retirando.
 Não fiquei do discurso satisfeita.

A horas, em que o Bispo ja dormia,
 Medonha e enormissima figura
 Tomei; e como setta despedida,
 A seu rico aposento fui direita.
 Estirado em colchões de branda pluma
 Em profundo silencio repousava :
 Mil divertidos e agradaveis Sonhos
 Ao redor do semblante revoavam,
 Um a bella assembleia das Senhoras,
 Outros o wisth, o bom café pintando.
 De pressa os fiz fugir; e promptamente
 Seu logar occupando, este discurso
 Em breve lhe intimei com voz horrivel :

— É possível, que durmas descansado,
Sem te lembrares de que rosna o Povo,
Do teu modo de vida, do teu fausto?
Não digo que practiques fielmente
As maximos austeras do Evangelho :
Para teres de Sancto o nome honroso,
Não precisas de tanta austeridade.
Embora te regales, te divirtas,
Ainda mais se é possível, do que d'antes;
Mas n'isso deve haver certa medida.
Sê embora um velhaco, um libertino,
Um lobo tragador do teu rebanho;
Mas devem outras ser as apparencias :
De outro modo, serás mal reputado
E muita duração os teus prazeres
Não podem ter, se não mudares logo. —
Do brando leito espavorido salta ;
Na visão acredita, e vólta prestes
Em menos de oito dias ao Bispado :
Em modesta liteira então passeia ;
Aos pobres manda dar todos os dias
Seu caldo por jantar e ás terças-feiras
Déz réis a cada um, sendo aleijado. »
Dizendo que occultava muitas cousas,
Acabou de fallar a Hypocrisia.
Tam somente restava o Fanatismo,
Que tinha sôbre todos ascendente,
E d'aquella palestra a Presidencia.

« A vossa exposição (assim começa)
Com prazer escutei ; tudo promette
Um exito feliz á nossa empresa.
Aquelle furioso e ardente zêlo,
Que em Paris fez correr rios de sangue
Na celebrada noite dos francezes,
Aquelle matador e fero Genio,

Que os duros castelhanos animava
A regar d'indiano sangue um dia
O Mexico, e Perú, entre este Povo
Agora mesmo eu incitar podia.
Um inglez, um gentio, um mahometano,
Se as leis civis o não vedassem tanto,
Com a mesma presteza assassinados
Aqui seriam, como a um Cão se mata ;
Pois por alma de Cão qualquer é tido,
Que a sancta fe de Roma não professa
Agora pois so resta qu'assentemos,
Se deve ser aqui, ou em Coimbra,
A nossa cara Irmã enthronizada.
N'esta Côrte, annos ha, se tem fundado,
Uma cousa chamada Academia :
Mas isto quanto a mim sem differença
É um corpo sem alma, que não póde
Produzir acção propria ou um phantasma
Qu'em bem poucos minutos se dissipa.
O meu voto é que vamos demandando
O mesmo assento, d'onde foi lançada
A mansa Estupidez injustamente.
Cobrar novos esforços é preciso ;
Que por fim a victória está segura. »

Todas em uma voz n'isto concordam.
Entretanto saltava de contente
A molle Estupidez, com taes risadas,
Que nos montes visinhos retumbavam.

CANTO TERCEIRO

Do fertil Portugal quasi no centro
A vistosa Coimbra está fundada :
Pelo cume suberbo de alto monte,
E pelas fraldas, que o Poente avistam,
Vai-se ao longo estendendo, até que chega
A beber do Mondego as mansas aguas.
Defronte outra montanha senhoreia
A liquida corrente dividida
De longa Ponte pelos grossos arcos.
Apraziveis campinas, ferteis valles
Do crystallino rio retalhados,
Emtórno a cercam, aos habitantes dando
Os mais bellos passeios do Universo.
Da fronteira montanha, que dominam
Dous famosos Conventos, se desfructa
A linda perspectiva da Cidade,
Que tem tanto de bella, quanto é dentro
Immunda, irregular e mal calçada.
A terra é pobre, é falta de commércio;

O Povo habitador é gente infame,
Avarenta, sem fé, sem probidade,
Inimiga cruel dos Estudantes;
Mas amiga das suas pobres bolsas.
Aqui de muito tempo está fundada
A nobre Academia Lusitana.

O Monstro, que é dotado de cem olhos,
Que ao longe avista os mais pequenos vultos;
Que debaixo do tecto o mais forrado,
Nada se passa sem lhe ser notorio;
O Monstro, que por outras tantas bôccas,
Quanto sabe, e não sabe, põe patente,
Aqui em altas vozes apregôa,
Que vem a Estupidez em breve tempo
Seus dominios cobrar, seu diadema,
Armada de terrível companhia.

Na minha phantasia accende, ó Musa!
Um fogo vivo; põe na minha lingua
Expressivas palavras com que pinte
As proezas que vou dizer agora.
A academica Gente alvoroçada
Não pensa, não conversa n'outra cousa :
Em quasi todos geralmente reina
Excessiva alegria, e nos Conventos,
(De que consta a Cidade em grande parte)
Mandam os Guardiães, que os Refeitorios,
De mais vinho, e presunto se reenchem.
Da Universidade o grande Chefe
Um Claustro-universal convoca logo,
Para que em pleno-conselho votem todos,
O que deve fazer-se n'este caso.
Em comprido salão, cujas paredes
Ricamente compostas teem em ordem
Dos Lusitanos Réis proprios retratos,

Em suberba cadeira se apresenta
 O Reitor, e por um, e outro lado
 Os Lentes, e Doctores assentados,
 Segundo o vão capricho o destinara,
 A dar o seu par, cer s'apromptam todos.
 Tira n'isto o barrete o Presidente,
 E ao Lente-Primaz de Theologia
 Acena, que comece; logo feita
 Ao Congresso em geral submissa venia,
 O seu voto profere n'estes termos :

« Muito illustres e sabios Academicos ;
 Por direito divino, e por humano,
 Creio, que deve ser restituída
 Á grande Estupidez a dignidade
 Que n'esta Academia gozou sempre.
 Bem sabeis, quam sagrados os direitos
 Da antiguidade são : por elles somos
 Ao logar, que occupámos, elevados ;
 Occulta vos não é a violencia.
 Com que foi d'esta posse desbulhada.
 Vós testemunhas sois dos sentimentos
 Com que a vimos partir tam desprezada ;
 Porém sempre, a pezar do seu destêrro,
 Constante tributei dentro em meu peito
 Homenagens devidas á que fôra
 Na minha infancia carinhosa Mestra,
 E na velhice singular Patrona.
 Entrai pois, Companheiros, em vós mesmos,
 Ponderai sem paixão, para que serve
 As pestanas queimar sôbre os Auctores,
 A estimavel saúde arruinando !
 P'ra levar este tempo em bom socêgo,
 Divertir, e passar alegremente,
 Acaso precisaes de mais sciencia ?
 Se os dias d'esta breve e curta vida

Tivéssemos co'os livros perturbado,
Houveramos acaso mais prebendas,
Mais dinheiro, mais honra, mais estima?
De que podem servir estes estudos,
Que mais da moda se cultivam hoje?
A barb'ra geometria tam gabada,
Que mil proposições todas hereticas
Aqui faz ensinar publicamente,
Sabeis para que presta n'este mundo?
Diga-o a Inquisição, e mais não digo,
Ó gothicos estudos nunca ouvidos,
Nos tempos, em que tanto florescia
Um Ceara, maior do que o seu nome,
Um Pupillo, um Fr. Paulo de San' Mauro,
Que sempre chorarão os Frades Bentos!
Historias-naturaes, Phoronomias,
Chymicas, Anatomias, e outros nomes,
Difficeis de reter, são as sciências,
Que vieram trazer os Estrangeiros.
Ha cousa mais cruel, mais deshumana
Mais contrária á razão, que ver os Medicos
Um cadaver humano espatifando,
Um corpo, que habitou o Esp'ritu-Sancto?
Nunca tal practicastes, ó bom Lopes!
Quando pelo Natal em um Carneiro
O hofe, o coração, as tripas todas
A teus habeis Discipulos mostravas.
Quem póde sem desprezo ver um Lente,
De immensos Estudantes rodeiado,
Pelos campos vagar, alli colhendo
Uma hervinha, uma flôr, um Gafanhoto?
Acolá c'um fuzil ferindo as pedras?
Deixemos pois um dia, ó sábia Gente!
Estes prestigios, que nos teem cegado;
Ponhamos, como d'antes, estas cousas
Em seu antiguo ser : como bons Filhos

Recebamos a nossa Protectora :
O que foi sempre seu, em paz governe. »

Qual sussurrante enxame, que em tumulto
Segue a vereda, que seguiu a Mestra,
Assim dos Frades todos, e dos bécas
Seguiu a turba o explanado voto.
Algun d'estes talvez quizesse oppor-se ;
Mas de um Collega refutar os dictos
Da honra do Collegio é menoscabo.
A porção principal tinha votado.
Faltava a outra, que em desprezo é tida :
Lentes de capa-e-espada são chamados,
Que aos Collegios não teem algum accesso,
Nem recolhem da Igreja os doces fructos.
Pelo mesmo teor votaram muitos ;
Mas chegando o Tirceu homem singelo,
Que seus dias consome sôbre os livros
Contemplando a profunda Natureza,
Os longos comprimentos põe de parte,
com voz resoluta assim começa :

« Não é a glória vã de distinguir-me,
Quem me obriga encontrar a tantos votos,
Que por serem conformes, talvez sejam,
Ao parecer de muitos, verdadeiros.
A glória do meu Rei, o amor da Patria
São dous fortes motivos, que me impellem
A dizer fracamente quanto penso,
Trazei, Sabios illustres, á memória
Aquelle tempo em que contentes visteis
Entrar n'esta cidade triumphante
O grande, invicto, o immortal Carvalho,
As vezes de seu Rei representando,
D'aquelle sabio Rei, cujo retrato
Inda agora me anima, e me dá forças,

Para que em seu favor, em sua glória
Derramando o meu sangue exhale a vida.
Visteis ao gran' Marquez, qual sol brilhante
De escura noite dissipando as trevas,
A frouxa Estupidez lançar ao longe,
E erigir á Sciencia novo throno
Em sabios estatutos estribado.
Das vossas mesmas bôccas retumbaram
Canticos de louvor n'estas paredes,
O triumpho cantasteis na presença
De zeloso Ministro respeitado.
Que diff' rente linguagem hoje escuto?
Como é possível, que sem pêjo, ou honra;
O contrário digaes do que dissesteis?
As sublimes sciencias da Natura
Como podeis tractar com tal desprêzo?
Ó tu, sombra immortal! ó gran' Ministro!
Da face do teu Deus, onde repousas
(A cabeça abanou, deu tres cuadas
Ouvindo esta heresia o bom Bustoque)
Vem um instante apparecer agora
Aqui n'esta Assembleia, e d'estas bôccas,
Que em teu nome entoavam tantos hymnos
Ao heroico triumpho das sciencias,
Blasphemias ouvirá... Mas ah! não venhas;
Nem permittam os Ceos que tanto saibas.
Que dôr a tua, que afflicção não fôra
Ver sem fructo as vigalias, os trabalhos,
Que por zêlo da Patria padeceste!
Ver, sôbretudo, ingratos e falsarios,
Que affectando apparencias d'alegria,
No fundo do seu peito idolatravam
A molle Estupidez, como uma Deusa!
Se o mesmo, que então eras, hoje fosses,
Quizera, ó Pae da Patria! que tivessem
Com a tua presença validade

As minhas vozes, o meu zêlo ardente.
Ainda reinará (com mágoa o digo)
Em nossa Académia essa tyranna,
Essa vã Divindade; mas protesto,
Que nem hoje o approvo, e que inimigo
Ha-de em mim encontrar, em quanto o sangue
Seu círculo fizer n'este meu corpo.
Se algum de vós, illustres Companheiros,
Comigo pensa, sem temor exponha,
Apezar da torrente, as seus discursos.
As almas varonis nunca temeram,
Ainda á vista dos maiores p'rigos,
Pola glória da Patria, e da verdade
Expor a vida, derramar seu sangue... »

Ao dizer estas vozes se arrasavam
De lagrymas seus olhos, e as palavras
Ja-prêsas lhe ficavam na garganta.
Os Homens grandes, os Varões preclaros
Tambem sabem chorar, quando a ternura,
A bem da humanidade, os estimula.
Nos animos fradescos, e nos Bécas
Contra Tirceu um tal rancor fervia,
Que vivo o tragariam, se a presença
Do serio Presidente o permittisse.
Disfarçando porê m, com riso, e mofa,
A dissonante falla receberam.

Acabou-se a funcção, e timorato
Não decide o Reitor, o que se faça.
Era ja noite, e nos Collegios ambos
Exquisitos manjares esperavam
Aos rubicundos e nutridos Bécas.
Nos Conventos porê m cousa mais grossa,
Em que o dente atolasse, prepaaavam :
Famosas postas de vitella tenra

Sobre as brasas chiavam nos espetos;
 Peruns assados, e tremendos quartos
 De bom carneiro por mil modos feitos,
 Muito vinho, e presunto, eram as massas
 Com que os seus Refeitórios adubavam,
 Em quanto os outros com prazer comiam,
 E á saúde da Deusa grandes copos
 De bom vinho enxugavam; pensativo
 O tímido Reitor escrupuloso
 Passeia as salas todas, té que chega
 O Patricio a saber « se inda não ceia
 Sua Excellencia, que ja eram horas. »
 Responde-lhe, « que não, que estava afflicto, »
 E os motivos lhe conta, consultando-o.

— « É bom caso, Senhor, vossa Excellencia,
 Do que deve fazer inda duvida?
 Depois de ser d'um voto tanta gente
 Tam sábia, tam distincta? Pouco importa
 O que diz meia duzia d'esses homens,
 Que apenas são por Lentes conhecidos.
 Coma vossa Excellencia alguma cousa,
 Durma, que tudo em paz ha-de fazer-se. »

Assim o consolou o bom Mordomo.
 Sua Excellencia mais quieta fica;
 Um pouco come; e no seu brando leito
 Vai allivio buscar a seu cuidado.
 As Furias, que em Comibra ja se achavam,
 Que no Claustro-geral tinham estado,
 Do famoso Orador pondo na lingua
 Palavras, que a seu caso mais faziam,
 Ao sombrio logar, onde descansa
 O languido Morpheu, ligeiras voam.
 Nunca alli penetrou a luz da Aurora;
 Em perenne repouso dorme tudo.

Somente os frescos Zephyros brincando
 Com suave sussurro as folhas movem ;
 Murmúra ao longe a crystallina fonte,
 Escabrosas pedrinhas volteando.
 Sôbre viçosa relva recostado,
 Entre rubras papoulas, verdes myrtos
 Nada pressente o deus do que se passa.
 Então depressa no soturno bosque,
 Ja quasi dormitando as flôres colhem,
 Que a molle cabeceira lhe formavam ;
 Dos somniferos ares se retiram,
 E de improviso ao bello quarto chegam,
 Aonde ainda perplexo o Presidente
 Com os olhos no tecto vigiava.
 Mal das flôres se espalha o grato cheiro,
 Boceja, estende os braços, adormece.
 O Fanatismo então, tomando a fórma
 D'um pequeno Rapaz gordo e risonho,
 Juncto ao leito volteja em curtos gyros,
 E com doces palavras assim falla :

« Não te assustes ó Homem venerando!
 Eu não sou cousa-má, que te appareça,
 Tuas altas virtudes me encaminham
 D'esta dúvida vã a pôr-te fóra.
 Aos Lentes, Doctores, e Estudantes
 Ordena, que á manhã de tarde saiam
 A receber em préstito, pomposo
 A nobre Estupidez : faze lhe as honras,
 Que lhe são por direito bem devidas. »

Com mais se não cançou o Fanatismo,
 Pois sair com a sua não duvida ;
 Nem Minerva subtil e poderosa
 Aqui ja lhe fazia a menor guerra.
 Deixou por uma vez os Portuguezes,

Como gente rebelde e refractaria,
Com a sua ignorancia, e preconceitos
Docemente abraçados. N'isto acorda
O devoto Reitor; e inda imagina
Que um divino clarão no quarto brilha.
Da eama salta, e a toda a pressa manda
Que venha o Secretario, e os Escreventes.
Um comprido edital se lavra logo :
Que as ordens da visão, continha todas,
Pelas mesmas palavras, com que a ouvira.
O docto Secretario, que em Aveiro
Alçou ja vara-branca, o *subscripsi*
Põe no fim do papel, e o Presidente
Por extenso se assina em letra-grande.

CANTO QUARTO

Apenas o Edital se põe na porta
Da grande sala, que p'ra os Actos serve,
Entre o corpo, que fórma a Academia
Um novo reboliço, um alvorôço
Geralmente se move; não se fiam
Na fe dos que referem a noticia :
Desejam com seus olhos vêr a nova,
Que tam doce alegria lhes motiva.
Deixam os Estudantes nos bilhares
A partida no meio; e perturbados,
Das capas lançam mão, como succede;
Mas o dono da casa, que o barato
Não dá por bem parado, clama, e grita :
« Parceirinhos, pagar; nada me importa
Que venha a Estupidez, ou que não venha. »
Dão-lhe dous encontrões, por terra o lançam;
E, a qual primeiro, pelas ruas correm.
Outros no Sete-e-ponto extasiados,
No Wisth, no Marimba, e mais na Banca,

Os dados com as cartas deitam fóra.
 Jamais os obrigou a tanto excesso
 Nem do lúgubre sino o toque infausto,
 Que os chama ás Aulas, nem tam pouco a ama
 Com a nojenta vacca ao lume posta
 Praguejando a tardança, e quem lh'a causa;
 Nem ainda a venal e immunda môça,
 Que fretada os espera a certas horas.
 Tal a cega paixão, o vil apêgo,
 Que estes miseros môços teem aos vicios!
 Esta Gente revôlta e mal-criada,
 Tam soberba e ociosa, que entre tantos,
 Apenas se acham, quando muito, doze,
 Que o nome d'Estudantes bem mereçam,
 A ler o Edital chegam a montes;
 E batendo nas palmas : « Bravo! bravo!
 Ó que férias agora não teremos!
 Viva a Estupidez! » dizem, saltando.

Nos Collegios, Conventos, e nas Casas
 Os Doctores, os Frades, e Estudantes
 Disputam sôbre o caso; e mil castellos
 Ácêrca do futuro levantando
 Melhorar de fortuna todos cuidam.
 N'estas gratas ideias se recreiam,
 Até que o sino a grandes vozes brada,
 Que venham todos, que é chegada a hora
 Em que o novo edital cumprir se deve
 Promptamente concorrem, e marchando
 Ao rude som d'ingratos instrumentos
 Vão a Deusa esperar além da Ponte.
 Ainda bem ao Convento franciscano
 O préstito não chega, eis de repente
 Uma nuvem brilhante vem ao longe,
 De luzentes estrellas esmaltada;
 No meio um throno ricamente feito;

A molle Estupidez n'elle sentada.
Entre tanto apparato la disfarça
A sua horrenda e natural figura :
É tudo traça das astutas Furias.
Mansos ventos curvados encaminham
A majestosa pompa : em terra postos
Os suberbos joelhos, com as palmas
Para o Ceo levantadas, se assombravam
De ver baixar com tanta majestade
A Deusa tutelar da sua Athenas.
Brandamente ondeando a nuvem pára
Aonde, co'o Reitor, os Lentes-chefes
Com o queixo caído, presenceiam
Tam grande maravilha nunca vista.
Tem de recato um sumptuoso pállio,
Com que a Deusa recebem reverentes.
Cousa mais espantosa, de improviso
O caminho, que trouxe, a nuvem segue !
A frouxa Divindade, por tres vezes,
Com alegre semblante, a todos lança
Uma benção papal, como a bons filhos.
Os Donatos repicam : e á contenda
As descaradas môças dos Conventos ;
E pelas Freguezias vis garotos :
Ninguem se intende com tammanha bulha.
Á janellas acode, acode ás ruas
De toda a qualidade immenso povo.

Entretanto com passo vagaroso
Duas compridas alas s'encaminham
Ao antigo Mosteiro, que disfructam
Os reverendos Cruzios satisfeitos
De hospedar esta noite a Protectora
Da sua sancta Casa. Á portaria
Com alegres festins é recebida.
De noite em toda a parte as luminarias

Fazem emulação á luz do dia.
Em funcção de barriga, e de badalo
Fazem os Frades consistir a festa.
Mas o pio Reitor, que obediente
Ao milagroso sonho ser deseja,
De novo ordena, que se apromptem todos
Que na manhã seguinte bem montados
Iriam conduzir á Academia
A Régia Estupidez sua Senhora.
Assignala tambem os Oradores,
Que haviam celebrar tam grande feito.
O valido Mordomo, que algum dia
De mochila exerceu o nobre emprêgo,
Toma a seu cargo o aprestar as bêstas.
Ainda descansava a roixa Aurora
Nos braços d'Amphitrite, eis que os Lacaio
As portas dos Doctores despedaçam
A fortes golpes de calhaus tremendos.
Abrem a seu pezar os frouxos olhos
Estas almas ditosas, engolphadas
Em mil suaves e felices sonhos;
Mas não vendo luzir o Sol nas frestas
Querem o somno agasalhar de novo.
Debalde o querem, que os valentes môços
Cada vez as pancadas mais duplicam.
Tal ha, que a mil Diabos encommenda
Os Lacaio, e a quem lh'os manda á porta;
Por vêr o seu descanso interrompido,
O seu somno de doze boas horas.
Mas emfim, o motivo é forte e justo;
E para apparecer á Divindade
É preciso o cabello bem composto
A batina escovada, a volta limpa;
Cousas, em que despendem longo tempo.
Cada qual asseiado, o mais que póde,
Vai buscar o Reitor, e em companhia

D'uma rica berlinda, a seis tirada,
No patio de Samsão se ajunctam todos.
Reverentes a mão todos lhe beijam,
E a todos vai lançando a sancta bênção.
Chega emfim ao Prior, elle prostrado,
« O Deusa! (assim lhe diz) ampara, e zela
A estes Filhos, que te adoram tanto.
Por ti d'este sessêgo é que gozâmos.
Esta forte saúde, esta alegria
Desfructamos por tua alta bondade.
Seria para nós ditosa sorte,
Se fizesses aqui tua morada;
Mas ja que somos n'isso desgraçados,
Benigno influxo sôbre nós derrama,
Que a nossa gratidão será constante. »

Abraça-o ternamente a Divindade;
Diz lhe « que se console, que ella sempre
Nos seus olhos trazia a tam bons Filhos. »
Os suberbos capellos alli tomam;
Branços, verdes, vermelhos, amarellos,
Azul-ferrete, ou claro; o mesmo as borlas :
Por humildade os Frades só barrete.
Em duas grandes alas repartidos
Os barrigudos e vermelhos monges
Acompanham saúdosos esta grata,
E d'elles sempre amada Padroeira.
A nobre comitiva dos Doctores
Entre os braços a toma, a qual primeiro,
E quasi ao collo na berlinda a mette.
Logo montados pelas ruas tomam,
Que de mais Povo são sempre assistidas.
Uns d'encarnado vão todos cobertos,
Altivos, suberbões comsigo assentam,
Que não ha no Universo outras figuras
De mais contemplação, de mais respeito;

O vermelho durante ás bêstas serve
De compridas gualdrapas; outros picam
O feroso Cavallo, quando passam
Pela porta de tal, ou tal Senhora.
De preto muitos vão; porém os Frades
Vestem ao mesmo tempo várias côres,
Branco com preto, azul com encarnado :
Se tu, ó gran Fidalgo de la mancha
Famoso Dom Quichote! esta aventura
Nos teus andantes dias encontrasses,
Á sem-par Dulcinéa, quantos d'estes
A render vassallagem mandarias!
Tu que não perdoaste aos pobres Padres
Conduzindo a cavallo, por ser longe,
Entre archotes, e vélas um defuncto,
Que os fizestes voar de susto e mêdo
Pelos campos, e montes, que fizeras
A esta encamisada de Doctores?
Por Gente feiticeira endiabrada,
Por maus incantadores os terias :
Como taes o furor de Rossinante,
Do elmo de Mambrino as influencias,
E o pesado lanção expr'imentaram.

Musa, renova no teu Vate o fogo
Com que accendeste, outrora, a sábia mente
Não digo de Despréaux, d'aquelle activo
E discreto Diniz na Hyssopaida;
Renova, em quanto acabo, que a priguiça
Da molle Estupidez ja me acommette;
Ja comêço a sentir os seus effeitos.
Mas oh! que um estro de repente agita
O meu intendmento. Eu vejo, eu vejo,
Da nossa Academia ao grande patio
Chegar contente a numerosa tropa;
Em triumpho é levada a Deusa Augusta

A um suberbo e majestoso throno :
Gemem debaixo d'elle aferrolhados
A Sciencia, a Razão, o Desabuso.
Poem-se em socêgo os Assistentes todos;
Levanta-se o Bustoque, e de joelhos
Á Deusa pede uma comprida venia :
Em barbaro latim começa ufano
A tecer friamente um elogio
Á sua Protectora; e n'elle mostra,
O quanto é indecente, que nas Aulas
Em Portuguez se falle, profanando
A sacra Theologia, e as mais sciencias:
Que em fórma syllogistica se devem
Os argumentos pôr : sem syllogismo,
Não sabe como possa haver verdade.
N'isto mais d'hora gasta; e emfim conclue
Animando a que sejam sempre firmes
Na fe, que devem a tam alta Deusa.

Levanta-se depois o gran' Pedrozo,
Que de prima a cadeira em Leis occupa,
Com a béca estendida, a mão no peito
Prostra-se em terra, a sua venia pede
Á molle Estupidez, que muito folga,
De ver um Filho seu com tal presença,
Tam cheio de si mesmo, tam inchado.
Principia a fallar com voz d'estalo;
Com a esquerda acciona, e co'a direita
(Que estende as mais das vezes sobre o peito)
Sua em mostrar a vã Genealogia
Da nobre Deusa, a quem louvar pretende.
A sua antiguidade patenteia :
Faz depois elogios nunca ouvidos
Ao Direito-romano; e no remate
Concorda em tudo com o seu collega.
Vem depois o Reitor, jura por todos

Submissa obediencia, e lealdade.
 Da molle Estupidez põe na cabêca
 Uma importante c'roa cravejada
 De finissimas pedras do Oriente.
 As mãos lhe beija logo respeitoso,
 E manda a todos, que outro tanto façam.
 Os Oradores véem : off'rece um d'elles
 A discreta oração *de sapientia*,
 Que foi causa de ser tam cedo Lente.
 O outro o mesmo faz da sua Analyse
 Do parto septimestre, cousa prima!
 Um bando de Rhetoricos rançosos
 Depois acode; um d'elles assim falla :
 (Parece, que Bezerra se apellida)
 « Soberana Senhora, a vossos plantas
 Tendes rendida por vontade, e gòsto,
 A porção principal do vosso Reino.
 As portas das sciencias nós guardâmos :
 Porque sendo as palavras distinctivo
 Que dos brutos separa e especie humana,
 Eu creio que so n'ellas deve o homem
 Da vida despender os curtos dias.
 A Mocidade pois assim levâmos
 N'esta bella sciencia industriada.
 Quando a mesma palavra se repete
 Ou duas, ou tres vezes, lhe dizemos
 O nome, que isto tem : quantas apostrophes
 Póde o exordio conter, sem ser notado.
 N'estas cousas, e n'outras semelhantes
 De sorte os engolphâmos; que surprazo
 Fica o gosto, se o teem, às vãs sciencias,
 Que servem de cançar o esp'ritu humano.

— « Ó bom Filho! insisti n'esse systema,
 Que por ser verdadeiro mais me agrada. »
 (Abrançando-o lhe diz a Divindade.)

Vem atraz um Varão muito asseiado,
 Um livro traz na mão mui douradinho :
 Ó Deusa singular! a quem respeito,
 Esquecido da minha Fidalguia,
 Este Poema fiz, que Joanneida
 Por nome tem; humilde vol-o off'reço,
 Dignai-vos aceitar a minha offrenda. »

— « Ó meu Morgado! quanto sou contente
 Da tua offerta, vél-ó-has com o tempo;
 Aqui ao pé de mim quero te assentes.
 « Para mostrar o quanto te venero. »
 Assenta-o juncto a si a Divindade.
 Dos Estudantes vem a turba immensa;
 Um lhe offerece uma flôr, outro um bichinho,
 Um ninho de pardal, um gafanhoto,
 Da Historia-natural suados fructos!
 Outro vem todo afflicto mil queixumes
 Formando contra um tal, que lhe usurpara
 A glória de fazer ja sete máchinas,
 Que subiram ao ar com bom successo.

« Filhos amados (lhes replica a Deusa)
 Esse vosso cuidado me consola;
 Esse desvelo de ajunctar cousinhas
 Tam lindas, tam bonitas, bem recreia
 Uma alma como a vossa tam sensivel.
 Prosegui n'esse estudo, eu vos prometto
 A minha protecção em toda a vida. »
 Ao queixoso assim diz : « Sinto deveras
 Que tenhas essa causa de tristeza;
 Mas ólha um bom remédio : outras de novo
 Obra, que la irei mesmo em pessoa
 Assistir a fazer justiça inteira. »
 Os Doctores véem logo por seu turno

Vassallagem render, e vão passando.
A molle Estupidez brinca entretanto
Com os lindos anneis do bom Morgado,
Que afflicto não quizera ter tal honra,
Receiando, que alli se descobrisse,
Que cabello não é, mas que lhe cobre
A luzidia calva, cabelleira ;
Por que em menos não préza o ser bonito,
Do que Fidalgo ser, e ser Poeta.
Seguem-se finalmente os Lentes todos,
Que são alegremente recebidos.
Mas chegando o Trigozo, fica a Deusa
Assombrada de vêr tal catadura
Não menos carregada que a d'um touro,
Que sopra, e para traz a terra lança,
Quando para investir se ensaia irado.
Com immensa alegria rematada
A geral confissão de vassallagem :

Em paz gozai (a Deusa assim profere)
Da minha proteccão, do meu amparo,
Eu gostosa vos lanço a minha bênção;
Continuai, como sois, a ser bons Filhos,
Que a mesma, que hoje sou, hei-de ser sempre.

SATYRAS

DE

NICOLAU TOLENTINO DE ALMEIDA

O BILHAR

Por fugir da cruel melancolia.
Que a estragada cabeça me atropella,
Largando o pobre leite, em que jazia.
Fui sentar-me n'um canto da janella;
D'alli pela miuda gelozia
Espreitando, qual timida donzella,
De tudo quanto vi te darei parte,
Se a tanto me ajudar engenho, e arte.

Mora defronte roto Guriteiro,
Com jogo de Bilhar, e Carambola;
Onde ao Domingo o lepido Caixeiro
Co' a loja do Patrão vai dando á sola;
Gyra no liso verde taboleiro,
De indiano marfim lascada bola,
Erguendo aos ares perigosos saltos :
Chamão-lhe os Mestres d'arte truques altos.

Alli se ajuncta bando de casquilhos,
 A que o vulgo mordaz chama rafados;
 Alto topete, prenhe de polvilhos,
 Que descalço gallego deu fiados;
 De quebrados tafues, vadios filhos,
 Pelas vastas tablilhas encostados,
 Altercam mil questões; prompts contendem,
 Promptos decidem no que nada intendem.

Um quer ver, enfronzado em picaria,
 Silvada tésta no andaluz ginete;
 Outro prova no chão a ponta fria
 De luzidio virginal florete:
 Mais amante da paz, outro elogia
 Do bom *Dupré* o airoso minuete;
 E pôsto em pe, para imitar-lhe os paços,
 Alteia o peito, e vai torcendo os braços,

Aventuras de amor outro contando,
 Mostra os escriptos de Nerina bella,
 Onde a mão adoravel foi lançando
 Com penna de perum lettra amarella;
 Vai com trabalho o triste soletrando
 As tortas regras, que boçal donzella,
 De emprestadas finezas carregara,
 Que piedosa visinha lhe dictara.

Então, diz « que finissima madeixa
 Lhe ondeia sobre o hombro torneado; »
 Alli suspira o triste, alli se queixa
 De ir ja sendo por ella desprezado;
 Conta, chorando, que esta ingrata o deixa
 Por esbelto Cadete, que rafado,
 Por mais que ao Usuario os soldos peça,
 A bolsa sempre tem como a cabeça.

Alçando mais os olhos, vi defronte
Malhando a fio rígido banqueiro;
Que tendo ja de marcas alto monte;
Ia despindo o misero parceiro;
Em quanto um diz « que lavre, outro que conte »
Sem valerem os oculos do olheiro,
N'uma paz ja vencida, um ponto affeito,
Subtilmente lhe encaixa duas de oito.

O perito banqueiro affronta os medos,
Tendo nas mãos em que se va vingando;
Com cuspo milagroso ungingo os dedos,
Vai destramente as cartas recuando;
De sciencia infernal, subtis segredos,
Com mão ligeira prompto executando,
Marcando cartas, inventando nicas,
Fazia, em vez de banca, peloticas.

Mas não se livra de subtil calote,
Que um velho mansamente lhe tecia,
Julgando-o todos misero pixote,
Parolins de campanha impune erguia;
Embuçado em diaphano capote,
Por um buraço os ganhos recebia;
Fôra no *Cabra* das melhores pernas,
Hoje joga os *tres setes* nas tavernas.

Os roixos olhos para o ar alçados,
Encostado na quina de um bufete,
Pensativo taful mordida uns dados,
Que seis vezes tiraram quatro a sete;
Com suspeitas de que eram carregados,
Em duro almofariz o triste os mete;
E a golpes de martello aberto o centro,
Por fóra são marfim, chumbo por dentro.

Mais ao longe, com pallida viseira,
 Sujo Poeta esta vociferando ;
 Da nojosa empedrada cabelleira,
 Várias pontas de palha véem brotando ;
 Os papeis, que lhe pejam a algibeira,
 Vão pelo fôrro larga porta achando ;
 Faz da véstia camisa ; e é collarinho
 Torcido solitario pescocinho.

Fôra cem vezes em nocturno outeiro
 Da sábia Padaria apadrinhado ;
 E diz-se que glosava por dinheiro ;
 Mas creio, que téqui não tem cobrado :
 Seguindo em moço o officio de barbeiro,
 E das filhas de Jove namorado,
 Abriu ao Mundo asperrima batalha,
 Tanto co' a penna, como co'a navalha.

Fallou, por affectar Musa campestre,
 Em surrão, e cajado muitas vezes ;
 Era um flagello este tyranno mestre
 Dos ouvidos e faces dos freguezes ;
 Todos os versos leu da Estatua Equestre,
 E todos os famosos Entremezes,
 Que no Arsenal ao vago caminhante
 Se vendem a cavallo n'um barbante.

De cançada rançosa poesia
 Grosso volume na algibeira andava ;
 Em vendo gente, logo la corria,
 E o fatal cartapacio lhe empurrava ;
 Acrosticos Sonetos repetia,
 Que so elle intendia, e so louvava ;
 Punha em prosa tambem muita parola,
 E acabava por fim pedindo esmola.

Este ouvindo da turba as prosas frias,
E acceso do Parnaso em sancto zelo,
Alçando a voz, cantou doces poesias,
Que invejou de Latona o filho belo;
Jurando que as fizera em poucos dias,
Prometteu que as havia dar ao prelo;
Mas da roda um dos menos depravados,
Em desconto as ouviu dos seus peccados.

« Debalde (diz) o povo vil perverso
Sôbre mim descarrega tiros rudos!
Que eu não só sou Poeta desde o berço,
Mas tambem tenho solidos estudos :
Sei que syllabas leva cada verso,
E não misturo graves com agudos;
Rompi outeiros em Sanct' Anna, e Chelas,
Chamei Sol á Prelada, ás mais, Estrelas.

Co' as sonoras palavras *Pindo e Plectro*,
Ponho em meus versos locução divina;
E sei, para cumprir as leis do metro,
Quanto a historia das fabulas me ensina :
Sei que dos Ceos tem Jupiter o sceptro;
Que nos Infernos reina Proserpina;
A' madrugada sempre chamo Aurora,
Sempre chamo a um jasmin mimo de Flora.

Sei de certo em que tempo viu o Mundo
Filhos da Terra os quatro irmãos Gigantes;
Sei finalmente conhecer a fundo
O que são consoantes, ou toantes;
Sei tudo; e unicamente me confundo
C'uns taes versinhos, que eu não via d'antes;
Aos novos ursos tudo o povo acode,
O estylo é sybillino, o nome é ode.

Fazel-as eu, não pósson, nem desejo;
 Porém sei conhecel-as facilmente!
Co' as verdes mãos o serpeado Teio
Alça o tritngue máddo tridente;
Mas que Gorgona filtra? e vejo...! eu vejo...!
 Em dizendo isto, é ode certamente,
 É filha d'arte a escuridade d'ellas,
 É um preceito das *desordens bellas*.

As taes poesias, que a intender não chego,
 Podres palavras teem desenterrado;
 Se levam nó, é tam occulto e cego,
 Que quem quer desatal-o, vai logrado:
 Dizem que imitam n'isto um certo grego,
 Glória de Thebas, Pindaro chamado;
 Se isto é assim, a sua lingua de oiro
 Seria grega, mas fallava moiro.

Quatro rapazes estendendo o pano,
 Deixam as gentes ao redor absortas;
 Fallando em venezino, e mantuano,
 As Musas portuguezas poem por portas;
 Aprendendo francez, e italiano,
 E umas taes Linguas, a que chamam mortas,
 Trazem com ellas perigosas modas;
 Mas ainda bem que eu as ignoro todas.

Diz um Sabio « que o Seculo presente
 Ia emendando os erros do passado;
 Mas que das odes a infeliz torrente
 Tinha a lingua outra vez estropeado;
 Que amontoam com mão impertinente,
 Quantas palavras velhas teem achado;
 Que se envergonham das que usamos todos,
 E vão buscal-as muito além dos Godos.

Como a caruncho, e podridão condena
A lição affectada dos antigos,
Não leio Barros, Sousa, nem Lucena,
Porque sempre foi bom fugir dos p'rigos :
Ou sempre escreveu mal a sua pena,
Ou nunca os leram bem os taes amigos ;
E por cautela, arreda, bolorentos
Ginjas fataes do tempo de Quinhentos.

Não podem crer os genios lusitanos,
Que as modas, como as vidas, são pequenas ;
Que ja murchou esse Estro dos romanos,
E influem sobre nós outras Camenas ;
Que o Tempo tragador, volvendo os annos,
Fez cair Roma, fez cair Athenas ;
Que jaz no po a Iliada involvida,
E que alça a frente a *Fenis Renascida*. »

Mais ia per diante o monstro horrendo
Co'o sermão, que ninguem lhe encomendara,
Mas inimiga mão lhe foi batendo
C'um baralho de cartas pela cara :
Era um ponto infeliz, que estando ardendo,
No innocente Poeta se vingara ;
Que não sentiu o vêr-se maltractado,
Mas ter a porcos perolas lançado.

Eis que o dono da casa espavorido,
Em castigo da sordida cubiça,
Vem co'as mãos na cabeça — « Estou perdido,
Tenho as casas cercadas de Justiça : »
Era Domingo, e um ponto arrependido,
Sentiu então o não ter ido á Missa ;
Não valem rogos seus, nem do Banqueiro,
É mais brando um leão que um quadrilheiro.

Mas ja faminto alcaide carrancudo
 Grita no meio da voraz procella —
 « Bota cordão, *Manteiga*, agarra tudo,
 E sentido não saltem da janella — »
 Forçoso Quadrilheiro, alto e membrudo,
 Aos desgraçados põe de sentinella;
 Soam algêmas, lançam-se cordões.
 Cortam-se atraz os cozes dos calções.

Então o triste povo sitiado
 Faz das bolsas bandeiras de amizade;
 Capitula em dinheiro de contado,
 Negoceia-se a paz com brevidade:
 Sentiu-se o bom esbirro lastimado,¹
 E aos infelizes deu a liberdade;
 Pagou-lhe o Ceo tão sancto beneficio,
 Jaz no enxovia, e tem perdido o officio.

Eis aqui, meu Alcino, tenho exposto
 A medicina, que me tem sarado;
 E como trazes o quebrado rosto
 De lagrimas de dôr sempre inundado,
 Vem visitar-me um dia, que eu aposto,
 Que para casa voltarás curado,
 Nos costumes tambem; que aqui enfreias
 As baldas proprias, rindo das alheias.

A GUERRA

OFFERECIDA AO ILLUSTRISSIMO
E EXCELLENTISSIMO SENHOR VISCONDE DE VILLA NOVA DA CERVEIRA,
DEPOIS MARQUEZ DE PONTE DE LIMA; NO ANNO DE 1778

Ill^{mo} e Exc^{mo} Senhor,

A Satyra da Guerra, que ponho nas respeitaveis mãos de vossa Excellencia, tem por objecto os costumes, sem que a sua crítica aponte, nem remotamente, individuo algum em particular; este é o seu unico merecimento, o qual me esforça a levantar-a á grande honra de ser offerecida a vossa Excellencia.

Não me acovarda o nome de Satyra, só odioso ao Vulgo ignorante; vossa Excellencia sabe, que quando ella fere nos costumes, sem assignalar os homens, é a especie de poesia, em que mais vezes se dão as mãos os seus dous fins, a utilidade, e o recreio.

A estimação de Horacio, e o desterro de Juvenal, de mistura com o meu genio, me ensinaram a fallar com moderação; e ainda que talvez seja esta a unica instrucção que eu tire das suas obras, com ella me atrevo a esperar

bom acolhimento a uma Satyra, que se em vossa Excellencia não agradar ao homem de bom saber, ao menos não escandalisará o homem de bons costumes.

Vossa Excellencia, que sabe colhêr dos livros mais fructo, que o do prazer, não se envergonhou de ler os Philosophos, que escreveram em verso : a alta Philosophia de costumes, de que vão cheios os livros do antiguidade, nada perde nos olhos de vossa Excellencia, quando vai ornada com as bellezas da poesia.

As diversas especies d'esta Arte são inteiramente conhecidas per vossa Excellencia : eu tive algumas vezes a honra de ouvir fallar a vossa Excellencia nas poesias dos Gregos, dos Romanos, e dos Francezes, fazendo entre ellas tam justos parallelos, e fallando tanto de dentro, que me pareceria impossivel que vossa Excellencia achasse tempo para os outros estudos mais importantes, com que esclarecia o seu espirito, se eu não tivesse lido, que Cicero no meio do tumulto, e das tempestades de Roma, encarregado dos mais importantes negocios da Republica, achava tempo para ler, e disputar sobre os Poetas, e Philosophos da Grecia, e da sua Patria.

Não me valho da experiencia, que tenho de quanto vossa Excellencia é dado ao estudo das boas Artes, para lhe tecer com isto um elogio; tenho a honra de conhecer a vossa Excellencia, e sei que os seus louvores seriam o unico modo de se lhe fazer odiosa a verdade.

Valho-me d'esta experiencia, Senhor, para desculpa de ir cançar a vossa Excellencia com a leitura dos meus versos O nome de Poeta é desprezado da maior parte dos homens; fazem consistir a Poesia em número de syllabas e na união dos consoantes, e provam com isto a futilidade de arte : é quasi um vicio o ser Poeta; confundem-o com o homem sem character, e imputam á Poesia os erros da humanidade; e por isso achei natural, que uma arte desprezada pela ignorancia, fosse vingar os seus direitos aos pés de vossa Excellencia.

Os meus versos terão o successo de desagradarem a vossa Excellencia, por serem maus; mas por serem versos, é impossivel que sejam leitura odiosa a quem decorou, e analisa os Poetas de Augusto, e de Luis XIV.

Para Protector dos versos, que offereço, não procurei so em vossa Excellencia o Homem-de-letras, procurei tambem o Ministro-de-Estado. Vejo a Europa em armas; ouço o flagello da guerra ao redor dos confins da minha Patria; e pareceu-me que não desaprovava a Satyra da Guerra aquelle Ministro habil, que debaixo das direcções dos seus Soberanos, intenta, e consegue, manter uma paz profunda no meio dos fogos das Nações armadas.

E eu abençoarei este trabalho do meu curto ingenho, se vossa Excellencia se dignar de pôr benignamente os olhos sôbre elle, e sobre o seu Auctor, o qual é

De vossa Excellencia

O Criado mais humilde

A GUERRA

Musa, pois cuidas que é sal
O fel de Auctores perversos,
E o Mundo levas a mal,
Porque lêste quatro versos
De Horacio, e de Juvenal :

Agora os verás queimar,
Ja que em vão os fecho, e os sumo ;
E leve o voluvel ar,
De involta co'o turvo fumo,
O teu furor de rimar :

Se tu de ferir não cessas,
Que serve ser bom o intento?
Mais carapuças não teças ;
Que importa dal-as ao vento,
Se podem achar cabeças?

Tendo as Satyras por boas,
Do Parnaso nos dous cumes,
Em hora negra revoas ;
Tu dás golpes nos costumes,
E cuidam que é nas pessoas ;

Deixa esquipar Inglaterra
Cem naus de alterosa popa ;
Deixa regar sangue a terra ;
Que te importa que na Europa
Haja paz, ou haja guerra ?

Deixa que os bons, e a gentalha
Brigar ao *Casaca* vão !
E que em quanto a turba ralha,
Va recebendo o balcão
Os despojos da batalha ;

Que tens tu, que ornada história
Diga que peitos ferinos,
Em sanguinosa victória,
Inhumanos, assassinos,
São do Mundo a honra e a glória ?

As guerras precisas são ;
N'ellas a paz se assegura ;
Não mettas em tudo a mão ;
Musa louca, por ventura
Encommendam-te o sermão ?

Deixa que o roto Tافل,
A quem na Patria foi mal,
Va cruzar de Norte a Sul ;
Cubram-lhe o corpo venal
Tres palmos de panno azul :

Deixa que em tarimba estreita
O desperte a Aurora ingrata;
Qu'ô duro Cabo, que o espreita,
O faça, ao som da chibata,
Virar á esquerda, e á direita :

Deixa-lhe em sangue involver
Duro pão, que lhe dá Marte;
E para podêr viver,
Deixa-lhe aprender esta arte
De matar, e de morrer :

Va juncto á queimada Zona
Arvorar, em rotos muros,
O estendarte de Bellona;
Calejem-lhe os hombros duros
As correias da patrona :

Vôe-lhe aos ares um pê;
Sobre o outro, com valor,
A Plutão cem mortos dê;
Arda de raiva, e furor,
Sem nunca saber porquê :

Sem causa entre dentes trazes
A grande arte das batalhas;
Murmuras dos seus sequazes;
E quando da guerra ralhas,
Outra com a lingua fazes :

Dizes que uma guerra acceza
É theatro de impiedade;
Chamas-lhe crua fereza,
Flagello da humanidade,
Triste horror da natureza :

Pintas um bravo guerreiro,
E a meus olhos vens mostrallo,
Para ferir mais ligeiro,
Mettendo o ardente cavallo
Sôbre o exangue companheiro :

A um lado, e a outro lado
A morte mandando vai
Co'o sanguinoso traçado,
Até que elle mesmo cai,
De um pelouro atravessado.

Co' as cabêças abatidas
Vão de ferro vil marcados,
Maldizendo as tristes vidas,
Mil captivos manietados,
Vertendo sangue as feridas :

Entre horrorosos tropheos
O General deshumano
Manda falso incenso aos Ceos;
E de espalhar sangue humano
Vai dando louvor a Deos :

Dizes que se compra quina,
Porque altas febres desterra ;
E que em collegios se ensina,
Em uma aula, a arte da guerra,
Em outra, a da medicina :

Que no frio, vasto Norte,
Cem *Boerhaves* eloquentes.
Enchem de ouro o cofre-forte,
Porque perdidos doentes
Arrancam das mãos da Morte :

Que alli mesmo grosso fruto
Colhe *Saxe* entre os soldados,
Porque em minado reduto
Fez voar despedaçados
Déz mil homens n'um minuto :

Tirando então consequencias,
Zombar dos homens procuras,
E das suas vãs sciencias ;
Sempre cheios de loucuras,
E cheios de incoherencias :

Se a paz, em dias felizes,
A' cara Patria os conduz,
Dizes que estes infelizes
Mostram, rindo, os peitos nus,
Cortados de cicatrizes :

Que este reconta aos parentes
Como em perigoso paço,
Zunindo balas ardentes ;
Uma lhe quebrou um braco,
Outra lhe levou os dentes :

Que outro, da perna cortada
Abençoa a horrivel chaga,
Porque ao peito pendurada
Trará algum dia, em paga,
Inutil fita encarnada :

Dizes que entre os animais
Prohibe guerras o instincto ;
E que surdo a tristes ais,
Vês com horror o homem tincto
No sangue dos seus iguais :

Musa, não discorres bem ;
Pois se uns com os outros cabem,
E junctos a um pasto vem,
É so porque inda não sabem
A virtude que o ouro tem :

Por preciosos metaes
Não poem peito a bravos mares ;
Traze exemplos mais iguaes ;
Sabios homens não compares
Com os brutos animaes :

Trazem focinho no chão,
E nós sempre ao alto olhâmos ;
Temos em dote a razão ;
E por isso levantâmos
Uns contra os outros a mão :

Se os homens se não matassem
E impunemente crescessem,
Póde ser que não achassem
Nem fontes de que bebessem,
Nem campos que semeassem :

Em vão febres inimigas
Os mirrhados corpos gastam ?
Tornam as fôrças antigas ;
E está visto que não bastam
Nem malinas, nem hexigas :

Travem-se cruas batalhas,
Arrasem batidos muros
Os soldados de quem ralhas ;
Adornem-lhe os membros duros
Grossas tresdobradas malhas :

Sabe que mil males faz
A molle tranquillidade;
E que em seu seio nos traz
Brando luxo, e ociosidade,
Damosos filhos da paz :

Que nos causa occultos danos,
Fingindo rosto innocente;
Que a guerra de largos annos
Conservou antigamente
A innocencia dos Romanos :

Que em quanto ao duro exercicio
Eram seus corpos afeitos,
E da paz não houve indicio,
Não lavrava nos seus peitos
Mortal peçonha do vicio :

Não havia mãos profanas,
Eram suas almas sãs
E nas simples cabanas
Fiavam grosseiras lãs
As castas môças romanas :

Fez Jano os povos amigos,
Inerte ócio os peitos toma;
Co'os combates, co's perigos
Foram-se, ó austera Roma!
Os teus costumes antigos :

Entre as Nações socegadas
Sabe que o ócio arreigado,
E as paixões em paz criadas,
Fazem mais sangue no Estado,
Do que os gumes das espadas :

Deixa pois haver queixumes;
Mettam-se Armadas no fundo.
Accenda a guerra os seus lumes;
Que assim tornará ao Mundo
A innocencia dos costumes :

A intacta fé, a verdade
Venham com as baterias;
Desça do Ceo a Amizade;
E torne a dourar os dias
De Saturno a antigua idade :

Musa vã, que em ti neo cabes ;
Os guerreiros arraiais
Nem vituperes, nem gabes ;
E não te mettas jamais
A falar no que não sabes :

Haja bloqueio, haja assedio ;
O sangue humano espalhado
Nem sempre te cause tedio ;
Que em boa dóze tomado,
Té o veneno é remedio :

Deixa ir o Mundo seu passo ;
E contra si mesmo armado
Córte c'um braço o outro braço ;
Põe na bôcca um cadeado,
Faze o que eu mil vezes faço :

Emprega melhor teu canto,
E pois queres que te louvem,
Mão das Satyras levanto
Poesias que os homens ouvem ;
Um c'um riso, e cem com pranto :

De bons annos na função
Leva a Filis fria glosa;
Beija-lhe a nevada mão;
Chama-lhe Venus formosa,
Inda que seja um dragão :

Eglogas tambem dão fama;
Fala em surrão, em curral;
E do vulgo os olhos chama
Nas paredes do Arsenal,
Cheia de applauso, e de lama :

De gallegos rodeiada
Aos Aristarcos escapa;
Té que das tendas chamada
Sejas protectora capa
De manteiga, e marmelada.

OS AMANTES

OFFERECIDA AO ILLUSTRISSIMO E EXCELLENTISSIMO
SENHOR MARQUEZ DE ANGEJA DOM JOSÉ DE NORONHA

Ill^{mo} e Exc^{mo} Senhor,

Os dias tristes, de que vejo ir cheia a melhor parte da minha vida, me influiram insensivelmente o amor da Poesia; em quanto ordeno as minhas trovas, fujo de mim, e esquivo-me com ellas ao peso dos meus cuidados: a imaginação cansada de objectos que a affligem, busca, para distrahir-se, o commercio das Musas; e os versos que alguma vez fizeram rir os ouvintes, tinham a origem nas lagrimas do seu Auctor.

Hoje, illustrissimo, e Excellentissimo Senhor, motivo mais alto, qual é o desejo de agradar a vossa Excellencia, me fez emprehender a presente Sátyra. Os meus versos acharam o seu Mecenas: vossa Excellencia se digna de os louvar, e de os proteger; e um voto de tanto peso, alvoroçando a minha Musa, a faz correr, talvez sem tino, atraz de uma Protecção, que tanto a honra.

Repeti os versos antigos; e a primeira vez que me

apresentasse a vossa Excellencia, tinha de apparecer com as mãos vãsias : intentei Poesia nova; lembrou-me que um Fidalgo moço, a quem a Philosophia temperara sempre os fogos da mocidade, e que afastando do amor os crimes, faz d'elle mais una virtude, gosaria melhor do seu triumpho, pondo-lhe aos olhos uma pintura fiel do amor mal entendido.

Como o meu intento era divertir a vossa Excellencia, ajunctei o prazer á Philosophia da obra, e tracei uma Satyra : este nome assusta o Vulgo ignorante; confunde as Satyras com os libellos infamatorios; as que ha d'esta natureza, são um crime do Poeta, que quer emendar erros fazendo mais um; das melhores cousas se póde usar mal : a espada nas mãos do assassino é o escandalo da humanidade; nas mãos do Soldado fiel é a guarda do Throno, e das Leis : vossa Excellencia sabe que a severa Athenas, prohibindo a Satyra da Comedia antiga, e media, levantou Theatros para a nova, porque expunha á irrisão do povo os vícios, sem apontar os homens. O riso não implica com a doutrina : Platão, e Horacio caminharam por estradas diversas; mas ambos foram Philosophos, ambos instruíram os homens : imitando-os na tenção, me animei a ordenar, e a offerer a vossa Excellencia uma Satyra, que se excitar riso em uns, não o tira das lagrimas de outros; e vossa Excellencia consinta que a minha Musa humilde ponha este tributo de agradecimento nas mãos bemfeitoras do Protector, que a honra : isto pede, Senhor,

De vossa Excellencia

O Criado...

OS AMANTES

Amor, é falso o que dizes ;
Teu bom rosto é contrafeito ;
Tenta novos infelizes ;
Que eu inda trago no peito
Mãi frescas as cicatrizes :

O teu mel, é mel azedo ;
Não creio em teu gazalhado,
Mostras-me em vão rosto ledo ;
Ja estou muito escaldado,
Ja d'aguas frias hei medo :

Teus premios são pranto, e dor ;
Choro os mal gastados annos,
Em que servi tal Senhor !
Mas tirei dos teus enganos
O sair bom Prégador :

Fartei-te assás a vontade;
 Em vãos suspiros, e em queixas
 Me levaste a mocidade;
 E nem ao menos me deixas
 Os restos da curta idade?

És como os cães esfaimados
 Que comendo os troncos quentes,
 Per destro Negro esfolados,
 Levam nos ávidos dentes
 Os ossos ensanguentados?

Bem vejo aljava dourada
 Os hombros nus adornarte;
 Amigo, muda de estrada;
 Põe a mira em outra parte,
 Que d'aqui não tiras nada :

Busca algum fofo Morgado,
 Que sôlto já dos Tutores,
 Ao domingo penteado,
 Vai dizendo á toa amores
 Pelas pias encostado :

Que em sisuda casa honrada,
 De papeis nunca avarento,
 Dá com mão refalseada
 Escriptos de Casamento,
 Ora á Filha, ora á Criada :

Genealogico comprado
 Lhe concede, a peso d'ouro,
 Em Castello imaginado,
 Cabêça de fusco Mouro,
 Sobre Escudo golpeado;

Arvores de geração
Em pergaminho enrolado,
Provas innegaveis são;
È um ramo desgraçado
De antigos Rêis de Aragão :

Dando ao moxila o lasão,
De Filis a escada emboca,
Sempre em ar de protecção ;
Alvo palito na boca,
Branda varinha na mão :

Zomba dos falsos Brasões,
Que não são no bérço achados ;
E diz á môça as razões
De ter no teliz bordados
Dous cães, e quinze leões ;

As historias lhe declara
D'aquellas guerras felizes ;
E mostra, com mão avara,
Os ossos de déz narizes,
Que seu quinto Avô cortara :

Aturde a môça boçal
Com cem Quintas, cem commendas ;
E armando um mappa geral
Das suas immensas rendas,
Vai-se sem lhe dar real :

Mas se a teus farpões dourados
Não achas digno consumo,
E os julgas mal empregados
N'estas cabêças de fumo,
N'estes peitos altanados,

Busca algum novel basbaque,
Que por pobre não saia,
Mas ja mette o bairro a saque,
Depois que engenhosa Tia
Lhe armou de uma saia um fraque :

Que gravesinho namora
Com brando e risonho aspeito ;
Ponta de lenço de fora ;
Mólho de flores no peito,
Prenda de certa Senhora :

Que um trapo a seu geito ordena,
Temendo o pó das calçadas ;
E antes de entrar na Novena,
Com cuspo, pelas escadas,
Vai dando aos sapatos crena :

De gêlo as perdras cobertas,
Como ás vezes me fizeste,
Alta noite, e a horas certas,
Quando o rigido Nordeste
Deixou as ruas desertas ;

Ouçã duros assobios,
Precursores de alto insulto
Retalhem-o ventos frios ;
Ladrem ao postado vulto
Cem nocturnos cães vadios :

De paisanos salteado,
Ronda sem fe, e sem lei,
De espadas velhas cercado,
E ao som da parte de El Rei,
Por fôrça desembuçado :

Membrudo Cabo vermelho
O apalpe ante os mais Senhores ;
Acha uma escova, e um espelho,
Dezoito escriptos de amores,
E um sujo lencinho velho :

Firam teus accesos raios
Tambem na gentalha vil,
De crestados peitos baios,
Que começando em barril,
Vão por augmento a lacaios :

Busca algum que da cocheira,
Quando o Patrão não sai fora,
Com os olhos na trapeira,
Limpando a sege, namora
Desgrenhada Cuzinheira :

Que de noite á sua porta,
Com famosos tangedores,
Que o *Talaveiras* (1) conforta,
Lhe manda ternos amores
Sobre as azas da Comporta :

A quem a suja Donzella,
Por almoço do costume,
Manda em sordida tigella
O primitivo chorume
Da desflorada panella.

E se te não satisfazes
Com tanta conquista brava,
Que n'esta canalha fazes,
E ainda a funesta aljava
Pejada de settas trazes ;

(1) Casa de Povo.

Não tens velhas presumidas,
Que em fim de mez fingem dôres
So ás môças concedidas,
E teem de compradas côres
As roixas faces tingidas?

Cuja bôca pestilente,
Ante um espelho ensaiada,
Torcendo-se destramente,
Aprende a abrir a risada
Por onde inda resta um dente?

Que ha sessenta annos donzellas,
(Caso raras vezes visto)
Teem titulos de Capellas,
Com um Habito de Christo
Para quem casar com ellas?

Busca alguma de bom caco
Que pela fenda da sâia,
Marinhando o braço fraco,
Fisga o lenço de cambraia,
Afastando o de tabaco :

Que em festival sociedade
Até o rapé reprova,
Chamando-lhe porquidade :
E vai fartar-se na alcova
De Sumonte, e de Cidade :

Amor, faze estas em postas ;
Vai-lhe das lagrimas rindo ;
Ja que de lagrimas gostas :
E não andes perseguindo
A quem te virou as costas :

Porém se da plebe escura
Em pouco o triumpho prezas,
E queres fina ternura,
Extremos, delicadezas,
Os freiraticos procura :

Gentes de mais alta esteira ;
Ternos finos corações,
Que em fechada papeleira
Vão guardando em batalhões
As cartas da sua Freira :

Em chegando a Conductora,
Que os sacrilegios ateia,
Um d'estes de gôsto chora,
Lambe com respeito a obreia
Por ter cuspo da Senhora :

Pôsto na insipida grade,
Em almiscar perfumado,
Todo amor, todo saudade,
Comendo, em doce babado,
Os sobejos de algum Frade :

Ao sublime estylo guinda
Sua discrição notoria ;
A que logo a Freira linda,
Revolvendo na memoria
Os dous livros de Florinda,

Responde : *Os concellos sigam*
Os holocaustos de altar ;
Pois são : e as chammas o digam,
Pedir, quem pôde mandar,
Preceitos que mais obrigam :

Entretanto um Chantre velho,
 A quem a Rodeira engoda,
 E que em fechando o Evangelho,
 Vai metter dentro da roda
 O seu cachaço vermelho :

Freiratico por fadario,
 Tam goloso como amante,
 Condecinhas pelo armario,
 E sòbre a deserta estante
 Manjar-branco, e o Breviario :

Que em podre Philosophia,
 Sectario da antigua Lei,
 Os *Universaes* sabia;
 E armado do *A parte rei*,
 Tudo a eito distinguia :

Arranca oleoso escarro;
 Diz à Rodeira um conceito
 D'aquelles, que ja teem sarro;
 Mette os oculos no peito,
 Throno de amor, e catarro :

Pois ja que estes peitos vão
 Franca entrada offerecer-te,
 Amor, carrega-lhe a mão;
 Aprendam a conhecer-te,
 Mas paguem caro a lição :

Mette n'um carcere a Dama;
 Do bom Chantre os calcanhares
 Vão cortir gota na cama;
 E o Secular cruze os mares,
 Que foi descobrir o Gama ;

E se queres empregar
As tuas settas de prova,
Quando alva Lua raiar,
Vai sobre a Ribeira-Nova
As azas equilibrar :

Branços vestidos tomados,
Descobrimdo as saias altas;
Entre as nuvens os toucados;
E com esbeltos Peraltas
Os' braços entrelaçados :

Verás ser aceito logo
Teu riso enganoso e brando;
Não esperam por teu rogo;
E em tu do alto assoprando,
Verás chammejar o fogo :

Que alvos dedos delicados
A furto se vão beijando,
Em quanto os Paes descuidados
A loja nova admirando
Pararam embasbacados !

Verás sisudo Estrangeiro
Contando grossos tostões
Ao refinado brejeiro,
Correio de corações,
Que se compram por dinheiro :

Verás môça rebocada,
Na cabeça lenço sujo,
Rota capa sobraçada,
Recebendo do Marujo
Um copo de limonada;

E em quanto escuto os gemidos,
 Que arrancas de tantos seios,
 Dixa que em montes erguidos
 Veja os naufragios alheios,
 Enxugando os meus vestidos :

Se até nos teus estimados
 Hervadas settas se embebem ;
 Se do teu riso enganados
 Com bôccas sedentas bebem
 Veneno em vasos dourados :

Vão pé ante pé guiados
 Per peitada cuzinheira ;
 Mas vendo os Paes levantados,
 Dentro de enrolada esteira
 Ficam n'um canto emboscados :

Quando alta noite sussurra
 Rijo, sibilante vento,
 Que as grossas portas empurra ;
 E acorda o Velho avarento
 Com os cuidados na burra :

Salta da cama ligeiro ;
 Corre portas e janellas,
 Revistando o quarto inteiro,
 Em ceroulas, e chinellas,
 Com pistola, e candieiro :

Que tremor de coração,
 Que semblantes enfiados
 Os Amantes não terão ?
 Que co'os collos levantados
 Ouvindo o rumor estão ?

Da janella debruçada
Desinvolve degraus falsos
Pallida Dama assustada ;
Os mimosos pés descalços,
A madeixa ao vento dada :

Pois se estes teus escolhidos,
Por cabedaes, por figura,
Das Nizes favorecidos,
Maldizem sua ventura,
E descem arrependidos ;

Como hei-de eu crêr-te, que apenas
Vi de longe tranças de ouro ?
Debalde outro engano ordenas
A quem de teu vão thesoiro
Nunca teve mais que penas :

De teu rol meu nome risca ;
Em peito inda não cortado
Cevados anzóes arrisca ;
Mas com peixe ja sangrado,
Não gastes a tua isca :

De meu pranto rociadas
Penduro as fataes cadeias,
Ao som de meus ais forjadas ;
Arranco das rotas veias
Cruas settas despontadas :

Sangue innocente esparziram ;
Mais á ideia me não tragas
Uns olhos, que enxutos viram
Estas desgraçadas chagas,
Que em teu serviço se abriram :

Dei-te os cuidados e os dias;
De tudo ja foste dono,
Restam so melancolias;
Que glória te dá um throno
Pòsto sobre cinzas frias?

Teus golpes de mim que esperam?
Dá fol'go aos escravos mancos,
Que em teu carro entorpeceram;
Deixa em paz cabellos brancos,
Que entre os teus ferros nasceram.

SATYRA

OFFERECIDA AO ILLUSTRISSIMO E EXCELLENTISSIMO
SENHOR DOM MARTINHO DE ALMEIDA, NO ANNO DE 1779.

A vós, que favor me dais
Illustre e sabio Martinho,
Que meu fraco ingenho alçais,
E das letras o caminho
Dentro d'ellas me mostrais :

Homem são, e sem reserva,
Que pondes sangue de parte,
Que vãos respeitos conserva ;
Nutrido aos braços de Marte
Com o leite de Minerva :

Vosso Servo hoje se atreve
A mandar em má poesia
Bons desejos, que ter deve ;
Que tendes paz, e alegria,
Mais que o triste, que isto escreve :

Que nessas vastas campinas,
Que assombram ermos outeiros,
Vivais horas mais beninas;
Livre de duros Banqueiros,
Livre de ingratas Nerinas :

Em boa tarde mandai
Farpear bravo novilho;
Com o Conde passeai;
Ide adoçando co'o Filho
Justas saudades do Pai :

Ensinai-lhe altas verdades,
Aos vossos olhos patentes;
Mostrai-lhe n'essas herdades
Os prazeres innocentes,
Que fugiram das Cidades :

Que ame a pura singeleza,
De que os campos são figura;
Que não se fie em grandeza :
Que uma é obra da Ventura,
E a outra, da Natureza :

Mas voltando a nós a mão,
Vós Philosopho profundo,
Que conversais com Platão,
Vêde se lhe achais um Mundo,
Que nos encha o coração!

Que este em que estamos, Senhor,
Sempre surdo a são conselhos,
Volve a roda a seu sabor;
E dizem Pilotos velhos,
Que vai de mal a peor :

Quantas vezes nós falamos
Sôbre a sua natureza?
Quantas mazellas lhe achamos?
Porêem temos a fraqueza
De amar o que condemnamos :

O bom *Democritoria*
Do que a nós nos causa dor;
Elle mui bem o intendia;
Vamos nós tanbem, Senhor,
Fazer o que elle fazia :

Dos homens na vã loucura
Um pouco meditaremos;
E com alchymia segura,
Do mal alheio faremos
Para o nosso mal a cura :

Quando vierdes, então
Correremos a Cidade;
Uns que vêm, outros que vão;
Acharemos á vontade
Onde mettamos a mão :

Veremos o vão Peralta
Calcando importuna lama,
Que as alvas meias lhe esmalta,
Na esteira de esquiva Dama,
Que de pedra em pedra salta :

Aos Cafés iremos vello
No mostrador encostado
Sôbre o curvo cotovello,
Tendo á esquerda sobraçado
Gigante chapeo de pello :

Alli em regras de dança,
Com outros taes conversando,
Dirá, que desde criança
Andou sempre viajando,
Que viu Londres, que viu França;

Que gastou grossos dinheiros;
Pois ver com socego quiz
Cidades, Reinos inteiros;
Jura que como em Pariz
Nunca achou cabelleireiros :

Exalta os môlhos francezes
Dos banquetes que lhe deram;
E balbuciará ás vezes,
Fingindo que lhe esqueceram
Muitos termos portuguezes :

Chamará á Patria ingrata;
Murmurará do Governo,
Que do bom gôsto não trata,
E consente que de inverno
Haja fivelas de prata :

Em dous minutos emenda
O Mundo, que vai perdido;
E quer que com elle aprenda
Em que quadra, e em que vestido
São proprios punhos de renda :

Carregando a sobranceilha,
A fallar na história salta;
E logo da França velha
Reconta o pobre Peralta
Cousas que pescou de orelha :

Faz ao bom *Sully* justiça,
Que os fios da espada embota
Ao Rei, que em furor se atia;
E não lhe esquece a anecdota,
Que um Reino vale uma Missa :

Falla em San' Bartholomeu,
E quazi que as gôtas conta
Do sangue que então correu;
E ao certo as folhas aponta
Da historia que nunca leu !

Riremos do seu estudo,
Porque só o tem mostrado
Em ter chapeo gadelhudo,
Em ter canhão cerceado,
E em pôr de mais um canudo :

Iremos ouvir mil petas,
Quando mais o Sol se empina,
Vendo acerrimos jarretas,
Juncto a Sancta Catharina,
Argumentando em Gazetas :

Um quer a cabeça dar,
Se o Conde de *Estaing* não fez
Trinta naus desarvorar;
Outro levanta em um mez
O cêrco de Gibraltar :

Um, riscando a terra, ensina
Co' a bengala a Geographia;
E nos diz com quem confina
Ao poente, e ao Meio-dia
A Georgia e a Carolina :

Outro aos Inglezes deseja
Na Armada o fogo ateado :
E pinta em crua peleja
Déz lords fugindo a nado
Sòbre barris de cerveja :

Outro conta os graves danos,
Que esta Gazeta declara
Tiveram os castelhanos ;
E o triumpho inglez compara
Co'os triumphos dos romanos :

Ao seu partido se aferra ;
Diz que inda co'os mastos rotos
Ao Mundo farão a guerra ;
Mas fica vencido em votos,
E leva a breca Inglaterra :

Dão ao Leão furibundo
Gibraltar em justa guerra ;
E este Concilio profundo
Sem ter um palmo de terra,
Está repartindo o Mundo :

Dado emfim o inglez á sola,
Qualquer dos ditos Confrades
Na rôta capa se enrola ;
E tendo dado cidades,
Nos vêem pedir uma esmola :

D'alli, Senhor, voltaremos
Pelas Praças principaes ;
Que bellas cousas veremos !
Que fomosos editaes
Pelas esquinas leremos !

*Chegou Monsieur de tal,
Chymico em Paris formado;
Traz segredo especial;
Um Elixir approvado,
Um remedio universal:*

*Não pretende ajunctar fundo
Co'os grandes segredos seus;
E cheio de dó profundo,
Tira pelo amor de Deus
Os dentes a todo o mundo:*

*Iremos ler no outro lado
Onde acaso os olhos puz:
Em quarto grande, e estampado
Saíu novamente á luz
Carlos Magno commentado:*

*Na mesma loja hão-de achar:
As Obras de Caldeirão,
Que em bom preço se hão-de dar;
E o Cavalheiro Christão,
E as Regras de Partejar.*

*D'estas ridicularias,
E de outras taes murmurando
Co'as nossas Philosophias,
A tarde iremos gastando
Té que dêem Ave Marias:*

*Então ja quando em cardume
Saí gente de Fundição,
Como sabeis que é costume,
E ja as visinhas vão
Pedir ás visinhas lume.*

Quando a Dama requestada
Um vulto na esquina vê,
E diz á fiel Criada,
Que desça pé ante pé,
E tome o escripto na escada :

Quando todo o Ginja rico
Para casa a proa inclina,
Por temer facas de bico ;
E cuida que a cada esquina
Lhe lança mão o *Joanico* :

Então, meu Senhor, teremos
Funcção de mais alto preço ;
A certa assembleia iremos
De uma gente que eu conheço,
Onde á vontade riremos :

Feita a geral cortezia,
Pé atrás, segundo a moda,
Daremos á Mãe, e á Tia,
E depois a toda a roda,
Alto e malo, Senhoria :

A Mãe, já dragão formal,
Espelho de desenganos.
E que, por seu grande mal,
Ha ja mais de vinte annos,
Que guarda a fe conjugal :

Posta de roda no centro,
Cruza a perna, mestra abelha ;
E de longe a ver-lhe eu entro
Sapatos de seda velha,
Bicos de pés para dentro :

A Tia séria mulher,
Que os longos vestidos seus
Ao Carmo manda fazer;
E destas que dão a Deus
O que o Mundo ja não quer :

Sente um desgosto infinito,
Que o Mundo a deixe tam cedo;
Affecta mystico esp'rito;
Porém suspira em segredo
Polas cebolas do Egito :

L'Abbé, que encurta as batinas,
Por mostrar bordadas meias,
E presidindo em Matinas,
Vai depois ás Assembleias
Cantar modas co'as meninas;

É quem lhe rouba attenções,
E lhe accende um fogo interno;
Tracta-o com mil expressões;
Diz lhe quanto ha de mais terno
Nos seus Livros de Orações :

Riremos do tal dragão,
Que tantas figuras faz;
E sabe, com habil mão,
Unir em profunda paz
Babylonia com Sião :

Pouco ás Filhas fallarei,
São feias, e mal creadas;
Mas sempre conseguirei,
Que cantem desafinadas
De saudades morrerrei :

Cantada a vulgar modinha,
Que é a dominante agora,
Sai a Môça da cozinha,
E diante de Senhora
Vem desdobrar a banquinha :

Na farpada meza, logo
Bandeja, e bule aparece ;
Que mordais os beiços rogo ;
Pois são trastes, que parece
Que escaparam de algum fogo ,

Em bule chamado Inglez,
Que ja para pouco serve,
Duas folhas lança, ou trez
De cançado cha, que ferve,
Com esta, a septima vez :

De fatias, nem o cheiro,
Por mais que ás vezes as quiz ;
Que o carrancudo Tendeiro,
Cançado de gastar giz,
Ja não dá pão sem dinheiro :

Sairemos de improviso,
Despedidos á Franceza ;
E iremos, pois é préciso,
Na vossa esplendida meza
Largar redea á fome, e ao riso :

De tudo nos lembraremos,
A famosa digressão
Ao bom Marquez contaremos,
E do vermelho Monção
Mil saúdes lhe faremos :

Mas, Senhor, agora vejo
Quanto o pensamento voa;
Estar comvosco desejo;
Não podendo co'a pessoa,
Fui ao menos co'o desejo;

Correu com largueza a mão;
Escrevi mais do que devo;
Foi culpa do coração;
Quando vos falo, ou escrevo,
As horas instantes são;

Quem me seja pouco afeito,
Vendo estas regras singelas,
Dirá com dammado peito,
Que escrever-vos bagatelas,
É faltar-vos ao respeito;

Mas vós sois sabio, e sois justo;
Sabeis a quem me encostei;
Boileau, que escreveu sem susto,
Fez o mesmo ao grande Rei,
Fez o mesmo Horacio a Augusto.

A FUNÇÃO

MUSA, basta de rimar ;
Ja fazes esforços vãoos,
Vai a Lyra pendurar ;
Não sabem trémulas mãos
Com as cordas acertar ;

Ja a velhice pesada
Te encheu de rugas a testa ;
Ja co' a dura mão gelada
Te poz a marca funesta
Na madeixa branqueada ;

Teu Estro, falto de meios,
Ja furta mais do que imita ;
Vas dando airosos passeios,
E todo o Povo te grita :
« *Larga os vestidos alhetos ;* »

Tua vaidade faz dó;
Cinges cascos enrugados,
Cheios de caruncho e pó,
Com velhos louros furtados
Do sepulcro de Boiló :

Lêste por teu mal um dia
Este Livro endiabrado;
Tal te poz a phantasia,
Que o corpo velho e cançado
Inda te pede folia :

Depois que vistosa Quinta
Te deu brilhante função,
Tu de discordias faminta,
Vens com damnada tenção
Pôr-me ao pé papel, e tinta;

Bem me lembra o sitio ameno;
Quanto vi, tenho presente;
Mas a ti é que eu condeno,
Que na acção mais innocente
Vas sempre deitar veneno :

Com felpudos chapelinhos,
Que estofada pluma ornava,
Por aprasiveis caminhos,
Formoso Esquadrão montava
Ajaezados burrinhos :

Marcha a Tropa; Amor a guia;
Tu que a mesma estrada trilhas,
Mostra-me em todo esse dia
Cousas, que não fossem filhas
Da innocencia, e da alegria?

Dizes que pobres Donzellas
Vão os olhos enganando
Com postiças tranças bellas,
E chitas de contrabando,
Que ainda são das Adelas;

E que em quanto em taes desmanchos
A Irmã, com titulos falsos,
Faz o glória d'estes ranchos;
Corre o Irmão, co's pés descalços,
Vendendo em Lisboa ganchos :

Dizes que um, o qual eu calo,
Assentando que as Senhoras
Querem todas namorallo,
Cravando a furto as esporas,
Mettia em obra o cavallo :

Que outro, falto de expressão,
Traficar de longe quiz ;
E com o lenço na mão,
Pagava o pobre nariz
Os crimes do coração :

Mas quanto atéqui exprimes,
Por mais que as côres lhe mudes,
Por mais que a teu geito o rimes,
Creio que não são virtudes,
Porêm tambem não são crimes :

No largo patio apeados,
Que alva cal emtôrno pinta,
Dizes que de braços dados
Fomos passear na Quinta,
Uns dos outros separados :

Faiscando os olhos lumes,
Perdido o siso, e o conselho,
Gritas em vivos queixumes :
— Onde estão, Portugal Velho,
Onde estão os teus costumes ?

Onde os bons tempos estão
Da simples Lisboa antiga ?
Quando era grande função
Ir a Amiga ver a Amiga,
E merendarem no chão?

Quando a Filha sem labeo
Ia cantar com trabalho,
E co'a innocencia do Ceo :
Senhor Francisco Bandalho,
Fita verde no chapeo?

Oh malditos os primeiros,
Que a Idade de Ouro inventaram!
Que baniram pegureiros ;
E nos campos misturaram
Os Lobos com os Cordeiros !

Qual, apertando alvos dedos,
Vai dizendo : « *Ingrata, aprende*
D'estes passarinhos ledos ;
Amor sua voz intende,
São de amor os seus segredos : »

Qual co' a novalha afiada
Desigual cortiça aplanada
D'antigua arvore copada,
E entalha, em letra romana,
O nome de sua Amada ;

Beija então as letras bellas ;
E de versos curioso,
Pondo brandos olhos n'ellas,
Pede ao tronco venturoso,
Que as va erguendo ás estrellas :

Dizes que por mais que eu pregue,
São baldados meus officios ;
Que ninguem jamais consegue
Marchar sobre precipicios,
Sem que algum pé lhe escorregue :

Sentam-se entretanto os Pais ;
Vem Gazeta, e Rei da Prussia
Véem os Estado-Gerais ;
Marcham com as tropas da Russia
As tropas Imperiais :

Um conta da Porta o estado ;
Diz que pas pazes o artigo
Vai mui pouco acautelado ;
E tendo a Filha em perigo,
Ri do Turco descuidado :

Co' a pintada sobranceira
Vai sosinha passeando
Boa Mãe, sincera Velha ;
Dos esgalhos resguardando,
Ora a pellicia, ora a telha ;

Pondo contra a luz a mão,
E crendo que n'esta rua
Está san' Sebastião,
De Venus á estátua una
Faz mesura, e oração ;

Emtanto as Venus melhores,
Do que esta, que a Arte fez;
Escutam ternos amores,
Que estam jurando a seus pés
Felizes adoradores :

Basta, Musa, pare ahi
Esse montão inimigo
De mentiras, que te ouvi;
Tu sempre andaste comigo,
Mas eu nada d'isso vi;

Foi por meu braço levada
Uma das dictas Donzellas;
Feia, mas a estudos dada :
E sobre doutas novellas
De tenros annos creada;

Levantou sábias questões,
Que ella mesma resolveu;
Fez profundas reflexões;
E por fim me prometteu
Ler-me as suas traducções;

Jurou que aprendeu Grammatica,
E que hoje os livros não feixa
Da infallivel Mathematica;
E quer ver se o Pae a deixa
Ir na Máchina aerostatica :

So de nós podes falar;
Dos mais, como has-de saber,
Se vendo-os no bosque entrar,
Quando os tornámos a ver
Foi ás horas de jantar?

Dizes que é falso este nome;
 Que foi jantar de matula,
 Onde so quem furta, come;
 Juras que no altar da Gula
 Foste victima da Fome;

Mas da tua semrazão
 Eu vi prova verdadeira;
 De habil velha a crespa mão
 Foi atacando a algibeira
 Co'os sobejos da função :

Se Nize, que faz estudo
 De affectar moral virtude,
 Com ar austero e sisudo
 Faz criminosa saude
 Com os olhos no seu *Tudo*;

Se o Xixisbeo seu visinho
 Lhe vai afagando os dedos
 Do tenro surdo pesinho,
 E por saber-lhe os segredos
 Lhe bebe o resto do vinho;

Se mau Trinchante novato,
 Mostrando annel de brillantes,
 Mas errando a fôrça, e o tato,
 Com riso dos circumstantes,
 Trinchou o perum, e o prato :

Se gordo Beirão Morgado;
 A quem seus canhões affrontam,
 E em par de meias bordado,
 Traidores vincos nos contam
 As vezes que as tem calçado :

Seguindo a Nerina o trilho,
Lhe está dizendo que a adora;
Que de fartos Pais é filho,
E que venha ser senhora
De vinte moios de milho :

Se este infeliz namorado
Bordou de arroz o vestido;
Se duro garfo aguçado,
Na noviça mão mettido,
Lhe deixa um beijo espetado :

Tudo isto são meros nadas,
E toda a indulgencia pedem
Mezas em barulho armadas;
Peiores cousas succedem
Mas que julgas delicadas :

Eu ja vi boçal Criada,
Que o fatal segredo espalha,
De estar um moço na escada
Que vem buscar a toalha,
Se está ja desoccupada :

Deixa pois tenção ruim,
Foi um soffrivel jantar;
E depois que elle deu fim,
Foi mau ver contradançar
Toda a tarde no jardim ?

Destros Pares perfilados,
Que o brillante enredo tecem,
Deram promptos e acertados,
Um prazr, que so conhe cem
Os corações delicados :

Venus mesma não fizera
 Jogos mais incantadores,
 Quando dizem que descera
 Entre as Graças, e os Amores
 Sobre os jardins de Cithera ;

E que mal te fez então,
 No furor das contradanças,
 Ver parceiro cortezão
 Ir levar á Dama as tranças,
 Que lhe caíram no chão ?

Das tres Velhas que dançaram,
 Se uma gritou de repente,
 Foi porque os pés a entregaram,
 Quando desgraçadamente
 Os dous callos se encontraram ;

E se acaso em ti não ha
 Gôsto por, tal passatempo,
 Enfreia essa lingua má ;
 São modas, que véem co'o tempo,
 O tempo as acabará :

Não são os gostos eternos ;
 Teve o Passapie amigos,
 Ainda não ha quinze hiversos ;
 Foi a glória dos Antigos,
 Hoje é mofa dos Modernos :

Debalde em ralhar te canças ;
 Deixa ao tempo os seus caminhos ;
 Ir-se-hão poupas, ir-se-hão tranças,
 Istericos, Josézinhos,
 Feitiços, e contradanças :

Em bandolim marchetado,
Os ligeiros dedos prontos,
Louro Peralta adamado,
Foi depois tocar por pontos
O doce *Lundum chorado* :

Se Marcia se bamboleia
N'este innocente exercicio,
Se os quadris saracoteia,
Quem sabe se traz cilicio,
E por virtude os meneia?

Não sentenceies de estalo;
Teem as danças fim decente;
Ama o Pae; mas por deixal-o,
Dança a Donzella innocente
Diante de São Gonçallo :

Cobrando o pardo dinheiro,
De que o Povo é tributario,
Velho preto prazenteiro,
Para glória do Rozario,
Remeche o corpo, e o pandeiro :

Em solemne procissao
Une a Frialeira casta
O Fandango, e a devoção;
Mas emfim de exemplos basta,
E tornemos á questão :

Ja d'entre as verdes murteiras,
Em suavissimos assentos,
Com segundas, e primeiras,
Sobem nas azas dos ventos
As modinhas brazileiras;

E que mal te fez na porta,
 Pae, que ronda de quadrilha,
 Cabelleira loura e torta,
 Dizer que peçam á filha
 Um bocado de *Comporta* (1) ?

Com que graça vem trazidas,
 Fingindo-se envergonhadas,
 Tenras faces incendidas,
 Por destros galgos achadas
 No jogo das escondidas!

Musa abre os olhos escassos
 Não te enganes co'a apparencia;
 Se não torcesses os passos,
 Acharias a innocencia
 Té no jogo dos abraços :

Marilia as linhas espalha;
 E a candida mão sem luva
 Tam destramente as baralha,
 Que sempre saiu viuva
 Sancta Velha, que não ralha :

Tira a este brinco o veo,
 Útil fim veras mil vezes;
 D'alli sai o Xixisbeo;
 D'alli se levam as rezes
 Aos altares de Hymeneo;

E se co'a lingua damnada
 Sem motivo envenenaste
 A tarde tam bem passada,
 Com menos causa gritaste
 A' noite na retirada ?

(1) Moda, que canta a gente da plebe.

Se a pe, dando o Josézinho,
Escoltou Alcino ledo
A Marcia todo o caminho
Foi porque ella tinha medo
Que lhe caísse o burrinho :

Todas contentes chegaram ;
Nenhuma chegou moida ;
E depois que se apearam,
Alli mesmo, á despedida,
Outra Função ajustaram.

Vês, Musa, como atropellas
A innocencia das Funções?
Confessa que em todas ellas
O mal não vem das acções,
Vem de quem julga mal d'ellas :

Segue outra Philosophia ;
Nem sempre seriedade,
Como nem sempre folia ;
Na discreta variedade
Está do Mundo a harmonia ;

Bravo Inglez sanguinolento
Depois de deixar votado,
Que se affronte o mar, e o vento,
Cuidas que fica fechado
Nas salas do Parlamento?

Se pola Patria se cança,
Tambem prazeres deseja ;
De manhã assusta a França ;
Arrota á noite cerveja,
Canta mal, e contradança :

Tracta pois de te emendar,
E deixa vidas alheias;
Que o Povo está a zombar
Em quanto te incham as veias
Com a fôrça de pregar :

Thomaz dos Pós fez Misssões (1);
Ajunctou gente infinita;
Mas inda em negros vergões
Traz nos artelhos escrita
A paga dos seus Sermões :

Toma emfim a lição minha;
Mas se estás na mesma fragoa
D'aquella mulher mesquinha,
Que alçando a mão fóra d'agua,
Fez co'os dedos tesourinha :

Teme o raivoso furor
Do exército dos Peraltas,
Que em armas se vai ja por;
Tambem o das poupas altas,
Que é inimigo peor;

Guardam no peito ódio velho
Por motivos semelhantes;
E se crês no meu conselho,
Mata-lhe antes os Amantes,
Quebra-lhe o melhor espelho,

Prohibe-lhe as convulsões;
Abre-lhe ao cãozinho as veias :
Que para tudo ha perdões;
Mas nunca lhe chames feias,
Nem lhe intendas co'as Funções.

O VELHO

Em v̄lo te quero fugir;
Fatal Velhice; as tuas settas
De perto me vêm ferir;
Bem ouço o som das muletas,
E bém te sinto tossir :

Assim Natureza o quiz;
Ja em teu rol me alistaste;
Ja em triumpho infeliz
Uns oculos arvoraste
N'este vencido nariz :

Vens agora em teu vassallo
Imprimir novos ferretes;
Aos justos me humilho, e calo;
Brotem nodosos joanetes;
Nasça em cada dedo um callo :

Mas não dês com mão maldita
 Castigo sobre castigo ;
 Eu não fujo a lei prescripta ;
 E teimar tanto comigo,
 Não é lei, é rebem dita :

Queres que nojoso pranto
 Ja me crêste rubros olhos ?
 E não farta inda com tanto,
 Alças barrete de folhos,
 E ja me apontas um canto !

Ja me mandas, que abafado,
 Martyr de algozes receios,
 Pardo lenço sobraçado,
 Tente convulsos passeios
 No meu gallego encostado ?

Venha o mal, mas não se apresse ;
 Sobre o consultado espelho
 Meu rôsto não esmorece ;
 Queres saber quem é velho !
 É velho quem o parece :

Sei que a calva me condena ;
 Que importuna côr desdoira
 A grenha, pouca e pequena,
 Mas esta marrafa loura
 Lança um véo sôbre a gangrena :

Não me venha ja fechar
 Apressada mão ferina
 Tenho uma alma, e posso andar ;
 Quero da fiel Nerina

(1) Donato, que pôs passear :

Sisudo amor nos prendeu ;
Nerina não quer ver rotos
Os laços que me teceu ;
Quer consagrar nossos votos
Ante a faixa de Hymeneu :

Velhos da ultima idade,
Ao longo calção estreito
Mandam apertar metade,
Porque inda traz o defeito
De andarem n'elle á vontade ;

Pois se ha tantos refundidos
Com quem fazes grossa a vista,
Seja eu dos favorecidos ;
Augmenta comigo a lista !
Dos teus escravos fugidos :

Deixa emfim, deixa abrandar-te ;
Quando não, rebelde preza,
Hei-de as forças disputar-te ;
Tens por ti a Natureza,
Eu tenho o costume, e a Arte :

Troca a Arte annosos Freixos
Em dourado Bergantim ;
Troca em Nymphas toscos seixos ;
E torna em alvo marfim
Podres, solitarios queixos :

Que importa que a còr grisalha
Me infame o rosto ronçeiro,
Se em quanto da Europa ralha,
Leva fallador Barbeiro
Os meus annos na navalha ?

Se em cortezã sociedade
 Lesbia contrafaz denguiçe;
 E fiada no alvaiade,
 Quer tributos na velhice,
 Sem os ter na mocidade :

De tigellas rodeiada,
 Se á vontade os annos troca;
 E por ficar bem pintada,
 Com colhér dentro da boca
 Alteia a face engelhada :

Se a surda orelha applicando,
 Por mostrar que ouvira tudo,
 Vai co' a cabeça approvando
 Maganão, que em si sisudo,
 Serpente lhe está chamando :

Se assim mesmo quer Amantes;
 Se Alcino ajustando a Lyra,
 Mentirosos consoantes
 A seus joelhos suspira
 Pelos brincos de diamantes .

Moço de mesquinha sorte,
 Que tendo á indigencia horror,
 Vende amoroso transporte,
 E entoa os hymnos de Amor
 Ao Simulacro da Morte :

Pois se a Lesbia é permittido
 Rebellar-se á Natureza,
 E a seu duro açoute erguido;
 Por que estúpida baixaza
 Hei-de eu dar-me por vencido?

Cedam tremulos Jarretas,
Que ja quatro idades contam ;
De Cupido as mãos discretas
Sobre cinzas não apontam
As suas douradas setas :

Ceda Anfronio, que assentado,
O queixo emvão mastigando,
Na poltrona agasalhado,
Vai sendo de quando em quando
Pelas filhas assoado :

Que dando risadas tontas
Da contradança aos enredos,
E rezando ao som de affrontas,
As Netas apertam dedos,
Em quanto elle passa contas :

Sobre Anfronio assenta bem
Teu açoute levantado ;
Contra mim sem tempo vem ;
Que em estando escanhado,
Não me troco por ninguem :

Debalde de alcatruzar-me
Agora em vingança gostas ;
Vejo Nerina a esperar-me,
Gritarei com dôr de costas,
Porém hei-de endireitar-me .

Gemam, subindo a calçada,
Meus torcidos ossos velhos ;
Que com a porta cerrada,
Pondo a cara nos joelhos,
Tomarei fôlgo na escada :

Entrarei fazendo agrados,
Comprados dentes mostrando
Os meus beiços ensinados;
E nos avantaes lançando
Mãos cheias de rebuçados :

Direi mil amores ternos,
Ante Nerina ajoelhado ;
Mascarando os meus hibernos
Com cabeção encarnado,
E hotõeszinhos modernos :

— « *Meu Tudo, vem um primor ;
Vale mais que mil Peraltas ;
É o retrato do Amor ;
Bem the estão as feições altas ;
Vem hoje mesmo uma flor : »*

— « *Senhora são os enganos
Da belleza companheiros ;
Em mim so ha desenganos
Tendes n'estes Cavalheiros
Mais prendas, e menos annos :*

*Outra idade me convinha
Para vos ser bem aceito ;
A accender a paixão minha
Venus contra o vosso peito
Seus cisnes não encaminha : »*

Beijo-lhe a nevada mão,
E vou per ella mandado,
Pondo hum chapeo de galão,
Repetir, com pe virado,
Castelhana relação :

Mas tu, Velhice raivosa,
So comigo impertinente,
Desigual, escandalosa,
Com tantos tam indulgente,
Comigo tam rigorosa?

Forjando na tésta injusta
Vis ideias insultantes,
Gritas, que Nerina é justa;
Que me lança aos circumstantes,
E os diverte á minha custa :

Que é a travêssa Nerina,
Que me fez ao Sol expôr
Dez manhãs a uma esquina;
Sendo as pagas d'este amor
Risadas, e uma malina :

Que dos sete Amantes seus
Que suspiramos feridos
Co' as settas do cego deus,
Escuta os ternos gemidos;
Mas por mofa, só os meus ;

Que os olhos, que eu chamo Soes,
Mestres de attractivas tretas,
Têem so ouro por faroes;
Que alli forja Amor mil setas,
Que levam na ponta anzoos :

Mas que barbara insolencia!
Que injusto, infernal conceito?
E es tu irmã da Prudencia?
Infamar um casto peito,
Throno de amor e innocencia!

Unir-se a Noite co' a Aurora,
 Ver rebentar d'agua fria
 Viva chamma abrasadora,
 Mais facil isto seria,
 Que ser Nerina traidora :

Seus fiscaes meus olhos são,
 Inda d'antes que os seus paços
 Tocassem paterno chão;
 Vi-a crescer nos meus braços,
 Leio no seu coração :

Sem mim nunca póde estar;
 Co'o meu Moço á noite vou
 A sua porta rondar;
 Quer saber que alli estou,
 Gosta de ouvir-me escarrar :

Contando historias de Fadas,
 Em horas que o Pae não vem,
 E co'as pernas encruzadas,
 Sentado ao pe do meu Bem,
 Lhe dobo as alvas meadas :

Seus escriptos, que me affirmam
 Singelo amor, fé segura,
 Com o seu sangue se firmam;
 Pelos meus olhos o jura,
 E as Criadas o confirmam ;

A caça, a fina sedinha,
 De que as gavetas são fartas,
 Com inveja da Visinha,
 O Pae mesmo lê as cartas,
 Em que lhas manda a Madrinha :

Quando alguém mais cedo chega
Nos dias de companhia,
Aos p'rigos nunca se entrega;
Leva sempre a austera Tia,
Inda a pezar de ser cega :

E tu Velhice cruel,
Manchas tam justa paixão !
Com a lingua molhada em fel
Manchas puro coração,
A si, e a mim tam fiel!

Mas ainda a ser evidente
Quanto queres inventar,
Apostolo impertinente,
Para que has-de tu suar,
Se não sua o Padecente?

Doces expressões sinceras,
Meigo carinhoso dó,
Suppõe que não são deveras;
Por ventura sou eu só,
Que me nutro de chimeras ?

Se poz Natureza crua
Em cadaum seu furor,
So em mim a espada nua?
Se a minha teima é o amor,
Todos os mais têm a sua :

Fabio, antigo Cavalheiro,
Mas que herdou so pergaminhos
Quebrando hoje o mialheiro,
Deixou rotos os filhinhos,
E comprou um reposteiro :

Pede esmola em baixa vóz;
 E alegre sua alma nobre,
 Zomba da pobreza atrós,
 Beijando no dado cobre
 As armas de seus Avós;

Ticio, de versos fallidos
 Fabricante impertinente,
 Uns curtos, outros compridos,
 Quer que gemam igualmente
 As Imprensas, e os ouvidos :

Enfasiados Freguezes
 Juram que este Auctor é louco ;
 O Cego grita seis mezes ;
 E á noite, raivoso e rouco,
 Conta os mesmos Entremezes :

Mas Freira, que tem dinheiros,
 E da *Phenis Renascida*
 Repete tomos inteiros ;
 Dous triennios incumbida
 De dar motes nos outeiros :

Que hoje com dous estupores,
 Buscou dos banhos o abrigo ;
 Pródiga em cha, e em louvores,
 É quem desforra este Amigo
 Do desprezo dos Leitores :

Ticio ri de semrazões,
 Vende ás Tendas pelo vulto
 As divinas producções ;
 E tem dó do Povo estulto,
 Que gosta mais do Camões :

Pois se aqui na terra dura,
Que tu empeiorado tens,
Não ha solida ventura,
Deixa-lhe ao menos os bens,
Que finge a humana loucura :

Mas taes argumentos são
Para o meu caso escusodos ;
De Nerina a estimação,
Firme amor, dos agrados,
Não são bens de opinião ;

Velho que attento namora,
Que arrosta calmas intenças
Por servir a quem adora ;
Que lhe cobra logo as tenças,
Que é Comprador da Senhora ;

Que é calado, que é polido,
Que tem um coração lizo,
Com outras não dividido,
Pelas Damas de juizo
É aos Moços preferido ;

Que faz sobranceira preta,
Corpo esbelto, olhos bonitos,
Se sabe a Dama discreta,
Que nos Cafés seus escritos
São a segunda Gazeta ?

Mil relojios, mil fivellas,
Que aos Adonis muitas deram
Para uma irmã ir a Bellas,
A' terça feira penderam
Nas cabanas das Adelas :

Cuidas que é um Corollario
Ser velho amante infeliz?
Amor é muito arbitrario;
Manda este sabio juiz
Muitas vezes o contrario :

Roto dictionario antigo
Me dá n'este assumpto a mão;
Tracta d'este mesmo artigo;
E inda que é mera ficção,
Atiça a luz ao que eu digo :

Branda doença tocava
De moço marido o peito;
Terna esposa o não deixava;
Desgrenhada sobre o leito,
Triste pranto derramava :

Vem loquaz medico forte,
Que com a penna homicida
Governa as cousas de sorte,
Que nos esteios da vida
Levanta o throno da morte :

Por elle os ais derradeiros
Em milhões de tectos voam;
Por elle folgam herdeiros;
E em mil ermos adros soam
As enxadas dos coveiros :

A triste victima então,
Que o ultimo instante gosa,
Porque caíra em tal mão,
Passou dos braços da esposa
Para as garras de Plutão :

Não foi ver a clara luz,
Que em doce silencio raia
N'esses vastos campos nus,
Aonde o filho de Maia (1)
Piedosas sombras conduz :

Foi ao Reino dos espantos ;
O coitadinho pasmava,
Quando alli viu taes, e tantos ;
Viu muitos, que elle cuidava
Que eram n'este Mundo uns santos :

Mas o que mais o admirou
Foi ver seu velho Criado,
Que elle dos bons Paes herdou,
Por longas cãs abonado,
E a quem a casa entregou :

« Homem (lhe diz) que a ambição
Me viesse aqui trazer,
Pede-o a justiça, e a razão ;
Quiz meu filho enriquecer,
E para elle fui ladrão :

Mas de ti me maravilho ;
Dize, ó homem de conselho !
Por que vieste a este trilho ? »
« Vim (responde o afflicto Velho)
Por ser o Pae do tal filho : »

Com esta história te ensino...
Porêtu me tens vendido ;
E ás ideias que combino,
Vas co' o teu queixo caído
Dando um sorriso malino :

curio, filho de Maia, era na Fabula o conductor das Almas aos elysios.

Dizes que os annos escondo,
Fundando razões nos ventos;
Que á parte a verdade pondo,
A sisudos argumentos
So com fabulas respondo;

E em quanto te estou provando,
Que me devem ter amor,
Vas as settas afiando;
E o trahido Prégador
Com ellas ameaçando :

Fira embora a mão mesquinha,
Que eu nunca lhe cederei;
É Nerina a paixão minha;
E por casas andarei
Atraz d'ella em cadeirinha :

Ella virá adjudar.
Meus tardos mal-firmes paços;
E por não me constipar,
Irão os seus alvos braços
As vidraças abaixar :

Sua bôcca esfriara
Meu cha se quente o sentir;
Meus oculos limpará;
E para me fazer rir,
No seu nariz os porá :

Perdes emfim os cuidados
Sem vires co'os teus sequazes,
Triumphantes, apupados,
Brinco, e medo dos rapazes,
Os sujos gatos-pingados :

Então quando tendo alçado
Das tristes, feridas casas,
A Morte seu vôo ousado,
Encolher as negras asas,
E pousar no meu telhado;

Quando os dias que me agouras
Sentirem o último frio,
Que em teus cofres entesouras,
E a Parca em meu debil fio
Fechar as fataes tesouras;

Então sim, então venceste;
Os teus olhos fartarás
No triumpho que tiveste;
Mas também então verás
A loucura que fizeste :

Sem um Velho assim jucundo,
Que ponha côr, ponha dentes,
Quaes são teus bens, qual teu fundo?
Es o terror dos viventes,
Es o maior mal do Mundo :

Sem mim, sem minhas trapaças,
Sem ternura, sem meiguice,
Sem estudadas negaças,
Como andaria a Velhice
A par do Amor, e das Graças?

Chora então quem te arrancou
O arraigado vituperio;
Que os horrores te afastou;
Que adoçou o teu imperio,
E que em te negar, te honrou;

E sobre uma campa breve,
Com profundado lavor,
Que a mão do Tempo não leve,
Em honra tua, e do Amor,
Este Êpithio me escreve :

*« Aqui lisa pedra encobre
Um peito nunca infeliz;
Todo o Amante animo cobre,
Vendo que este foi feliz,
Que além de velho, era pobre. »*

A RESPEITO DE UM PADRE, QUE DIZIA TER SIDO MESTRE DE RHETORICA;
QUE TOMAVA TRIAGA CONTRA O VENENO QUE AINDA LHE HAVIAM DE
DAR; QUE DIZIA QUE ESTAVA ELEITO CARDEAL; E QUE ERA DEMASIA-
DAMENTE TRIGUEIRO, SE DEU ESTE.

MOTE

NAO TEM CÔR DE CARDEAL

Não ajuda ao Padre a cara;
Revolvo antiguos Annaes,
E vejo que os Cardeaes
Tinham a pelle mais clara;
Será maravilha rara
Achar um de côr igual;
Foram brancos como a cal
Mazarino, e Alberoni;
E a não ser este o Negroni,
Não tem côr de Cardeal.

RESPONDEU EM DECIMAS, A'S QUAES SE FIZERAM AS SEGUINTEs :

Que venham fuscos garraios
Metter em Versos a mão!
Potente Jove, aonde estão
Os teus vingadores raios?

Um homem de couros baios
Segue as Musas tuas filhas ;
Tu, pois, que os vaidosos trilhas,
Faze que este, em todo o caso,
Saia logo do Parnaso,
E passe para Cassilhas.

Se em rhetorico exercicio
Ja soubeste regras dar,
Tambem eu posso falar,
Porque sou do mesmo officio ;
Que o teu cérebro tem vicio,
É verdade assás notoria ;
Na Poesia, e na Oratoria
Vas em total decadencia ;
Collega, tem paciencia,
Has-de vir á palmatoria.

No teu escuro Papel,
Aos bons ouvidos ingrato,
Achei um vivo retrato
Da confusão de Babel ;
A' patria lingua infiel
Es da Nação o desdouro ;
Bem sei que te chego ao couro ;
Mas não merece passagem,
Que a batina, e a linguagem
Ajuntem Clerigo, e Mouro.

A quem me queira arguir,
Mostro, Padre, o tal Papel ;
É testemunha fiel,
Não me deixará mentir ;
Em novos termos urdir
Mettes a todos n'um canto ;

Que usas palavras de incanto
Assentam gentes machuchas,
Boas para ajunctar bruchas,
Ou para tirar quebranto;

Deixei-me, pois, de criterio,
E tomei melhor caminho
Meu amigo, a um louquinho
É loucura falar serio;
Chova, pois, o vituperio
Sobre esse tostado couro;
Saia o tal Cardeal mouro,
Que o Capinha, alvoroçado,
Vai, per ordem do Senado.
Metter garrochas no touro.

Fula escrava americana
Ja mandava á luz do dia
Um Creoulo, que seria
Nódoa da Curia Romana;
Carregado de banana,
Porque no caminho coma,
O rumo da Europa toma;
E em terra marchando á pata,
Com sacco, e folha de lata,
Deu a sua entrada em Roma.

Assim mesmo estropeado,
E envolvido em grosso pano,
Foi entre o Povo Romano
Com mil respeitos tractado;
Do vento, e do sol queimado,
Semblante quebrado, e afflito,
Tem tal dom na cara escrito,
Que gritavam de redor,

Uns, que é o Rei Belxior,
Outros, que é san' Benedito.

Tomou a Benção Papal;
E teve tanto poder,
Que sem o Papa o saber,
Ficou feito Cardeal;
Voltou para Portugal
Ja Cardeal Protector;
Achou ca pouco favor;
E zombam-lhe do Capello.
Por ter mui crespo o cabelo,
E ser muito baça a cor.

Erra o vulgo os passos seus;
É um cego e maldizente;
A côr é mero accidente,
Todos são filhos de Deus.
Porêm para os lucros teus
O Capello te faz mal;
No san' João, e Natal
Terias gorda guedelha,
Arma-lo de faca velha,
Pincel, e pote de cal.

Padre, vai-te o mundo ao pello;
E co'o a lingua maldizente
Te vai cortando igualmente
As Poesias, e o Capello;
Porêm eu, que sou singello,
E meus contrarios ameigo;
Te affirmo, piedoso e meigo,
Que se não tens, por teu mal,
Em Roma o de Cardeal,
Tens no Parnaso o de Leigo.

Deves voltar outra vez,
E dizem que n'isso callas
Mas pegam-se pelas falas
Teus molles tardios pés.
Se adjuda de custo ves (1),
Fazes-te coxo e ronceiro;
Meu Padre, es muito matreiro,
Ja todos estão de acordo;
E sem te verem a bordo,
Não pões a mão no dinheiro.

Tua saude se estraga,
Mas teu Medico condeno;
Meu amigo, o teu veneno
Não se cura com triaga;
Para a tua antigua chaga
Medicina impropria é esta;
Muda, pois vês que não presta;
Grita co'os olhos em brasa,
Que te fechem n'uma casa,
E que te sangrem na testa.

De balde em Lisboa gritas,
Attestando a Italia inteira,
Que regeste uma cadeira
Nos Claustros dos Jesuitas;
As obras que vejo escritas
Provam que nos tens mentido;
Até das Ordens duvido,
Quando as tem cabêças tontas;
Tu, ca pelas minhas contas,
Es um mulato fugido.

Foge outra vez, se tal és,
Qual foge apupado mono;

(1) Pedia uma adjuda de custo.

Antes que venha teu dono,
E te ponha nas galés;
Legal sonoro fusil;
Não veja o patrio Brasil,
Que os hombros do filho bello,
Vindo buscar um Capello,
So acharam um barril.

Dizem todos, que és fingido,
Que ninguem louco te chame;
Por mais que eu lhe jure, e clame,
Que és mesmo doudo varrido;
Dizem que estás conhecido,
E que o fazes por estudo;
Em tal caso prompto acudo,
E de outro lado te ataco;
Se não és doudo, és velhaco,
E talvez que sejas tudo.

Mas ja quem póde me ordena,
Que armas ponhamos em terra;
Apos sanguinosa guerra,
Alce a frente a Paz serena;
Sôbre essa pelle morena
Em paz teu Capello ajusta;
Assento que é cousa justa
Seguires método novo,
E não dares gôsto ao Povo,
Que quer rir á tua custa.

Não te finge falso agrado
Meu semblante contrafeito;
Não encobre honrado peito
Coração refalseado;
Se me julgas disfarçado,

Alta injustiça me fazes ;
Eu te juro eternas pazes ;
E se falto aos votos meus,
Ah Padre, permitta Deus
Que eu sempre ensine rapazes.

E tu, que sem estes sustos
Vives cheio de alegrias,
Serenos dourados dias,
Aos pés de teus Rêis Augustos ;
Tu, que por titulos justos
Te chamas o novo Horacio,
Quando entrares em Palacio
Conserva de mim lembranças,
Porque tenho as esperanças
Postas em ti, e no *Estacio* (1).

(1) Bobo célebre.

A UM LEIGO, QUE ERA VESGO, E QUE NUNCA TEVE FASTIO E A
QUEM POR ACASO TOCOU NA CABEÇA A PONTA DE UM ESPADIM.

A UM LEIGO

Feriu sacrilega espada,
Alçada por mão traidora,
Cabêça, que sempre fora
Té aos barbeiros vedada;
D'entre a grenha profanada
Corre o sangue á terra dura;
Tosquiou-se a matadura;
E o casco rebelde a ordens,
Precisou d'estas desordens
Para ter Prima Tonsura.

Feroz Soldado imprudente,
Que nova espada esgrimiu,
Foi o ímpio que feriu
Esta victima innocente;
A quem do golpe insolente
O motivo lhe procura,
Diz « que fez compra segura;
Pois duvidoso na escolha,
Quiz ver que tal era a folha,
Cortando por cousa dura. »

Homem de tenção damnada,
 So tu conseguiste o fim
 De entrar o teu espadim
 A onde não entra nada;
 Da repentina estocada
 Cai o Padre desmaiado;
 Mas quando recuperado
 A ti os olhos volveu,
 Sabes o que te valeu?
 Foi teres ja almoçado.

Todo o mundo te pragueja,
 Porque em detestavel guerra
 las deitando por terra
 Esta columna da Igreja;
 Mas se triumphasse a inveja,
 E o Padre morresse então,
 Dize, ó ímpio coração!
 Que tanto em furor te atissas,
 Quem ajudaria ás Missas?
 Quem tocaria ao Sermão?

Quem nos daria a certeza
 De haver outro homem sisudo,
 Que pudesse comer tudo
 Quanto se pozer na meza?
 Da próvida Natureza
 Quem havia as leis seguir,
 Observante em digerir,
 Qual outro havia saber
 Depois de acordar, comer,
 Depois de comer, dormir!

Que importa, ó cruel Soldado!
 Para desculpar teu erro,

Ter sido o teu impio ferro
Ja pola Patria arrancado?
Que importa que em campo armado
Juncto a si Lippe te veja
Que importa que o mundo seja
Das tuas acções e abono,
Se a mão que defende o Throno,
Ataca depois a Igreja?

E tu, que segues os trilhos,
Que san' Francisco te fez,
E pões os teus gordos pes
Sôbre os seus sanctos ladrilhos;
Pois que a seus devotos filhos
Guarda no Ceo largas pagas,
Nos olhos é bem que o tragas,
E de modelo não mudes;
E pois não é nas virtudes,
Que o seja ao menos nas chagas.



NOTAS

Notas ao Hyssope. I. O texto 2. Fontes de inspiração. 3. Referencias literarias. 4. Allusões e personalidades. 5. Notas geraes e historicas. 6. Materiaes do *folk lore*. 7. A linguagem.

II. *O Reino da Estupidez.*

III. *Satyras de N. Tolentino.*

NOTAS AO HYSOPE

I. — O Texto.

Correram muito tempo manuscriptas varias copias do *Hysope*. Não podia a censura conceder a impressão do poema que até por isso andava já repetido ma memoria de muitos ou multiplicado em varios apographos.

Quando impresso, já o *Hyssope* offerecia um grande numero de variantes e interpolações.

Ao reimprimil-o agora, seguimos o texto dos *Satyricos* ou do volume VI do *Parnaso lusitano*, de conformidade com o intento que nos foi imposto; mas julgamos de dever nosso sem exceder a modesta tarefa da reimpressão, ajuntar algumas breves anotações, apurando o que até hoje ficou, ao nosso alcance, estudado e esclarecido.

A mais completa edição de *Hyssope* é até agora a de Ramos Coelho. Temos noticia de que preparava uma edição anotada do poema o Dr. Francisco de Paula de Santa Clara, latinista, fallecido em 1902. Anteriormente, o anotador da de Barcellos falava da (já ha muito) promettida edição de Innocencio. Uma e outra ficaram naturalmente incompletas, e, não foram até agora publicadas ou aproveitadas, quanto o podemos saber. A de

Innocencio, cremos, que não passou das primeiras linhas ou de meros apontamentos (1).

Serviram-nos de fontes de estudo nessa reimpressão do *Hyssope* varios trabalhos de erudição literaria que podemos assim classificar :

1. Ed. V. — Edição Verdier, Paris, 1817, 1821; com algumas notas devidas ao sabio philologo Lecussan Verdier.
2. Ms 402. — Manuscrito 402, da Univ. de Coimbra cujas notas (de quasi nenhuma importancia), foram aproveitadas na ed. de Barcellos. A copia é de 1795.
3. Ms. S. — Manuscrito de D^r A. Filippe Simões, tambem aproveitado na ed. de Barcellos, e assaz interessante em tudo quanto se refere as allusões pessoas do poema. E' de 1805.
4. Ed. R. C. — Edição Ramos Coelho, em que foram aproveitados, quanto ao texto, as lições de varios manuscritos portuguezes da Bibliotheca nacional, Academia real e outros; quanto ás anotações: as notas são boas, mas sem importancia especial, 1879.
5. Trad. D. — A traducção franceza de J. Fr. Boissonade, com uma noticia critica, de Ferdinand Denis. Com algumas notas interessantes. Paris, 1867.
6. Ed. B. — Edição de Barcellos (1876), em que se aproveitam os n. 1. 2. 3. aqui mencionados.
7. Ed. L. — Reinhardtstøttner — *Der Hyssope*, in seinem Verhältnisse zu Boileau's *Lutrin* — Leipzig — 1877.

(1) O illustre escritor portuguez Alberto Pimentel escreveu um poema heroi-comico sobre um episodio (em tudo igual ao do *Hyssope*) da vida de Diniz. O poeta quando esteve a primeira vez no Brazil caiu em ridiculez igual á que havia satirizado em Elvas. Era então Desembargador dos Aggravos da Relação do Rio de Janeiro, em 1780, sendo vice-rei Luiz de Vasconcellos e Souza; levemente censurado por não comparecer como devia, a certa solemnidade official, havendo informação de que se não achava doente nem impedido e ao contrario, a mesma hora fora visto em lugar menos grave a divertir-se, estomagou-se o poeta de modo insolito e desproporcionado com aquella mera advertencia, não sem excitar o riso dos que conheciam os antecedentes do caso.

As circumstancias d'esse pequenino acontecimento acham-se esclarecidas pela troca de officios publicada no *Archivo historico portuguez* (1903) com excelente commentario de Brito Rebello.

O poema heroi-comico de Alberto Pimentel, que tanto interessa ao Brazil como a Portugal, ainda se conserva inedito (segundo graciosamente m'o communicou o illustre poeta et romancista). Seria desejavel que qualquer dos nossos editores tomasse a iniciativa de imprimil-o, o que seria meritorio serviço á litteratura dos dois paizes.

Não é esta a primeira vez que trata de Antonio Diniz. O seu livro de cultur-historia *Viagens a roda do Codigo Administrativo* (cap. VII) contem algumas paginas interessantes acerca do poeta e dos heroes do *Hyssope*.

Em rigor, os numeros 1, 4, 6, condensam o que está mais conhecido e estudado até agora. Poderia talvez adiantar ao que está feito o manuscrito incompleto anotado que deixou (1902) o Dr. F. de P. Santa Clara, de quem com palavras elogiosas fala um erudito portuguez, o general Brito Rebello.

Tambem não tivemos á mão o paralelo de Boileau e Diniz, estudo comparativo (n. 7) de Reinhardtstœttner, que nos seria de grande proveito para o exame critico do poema.

I. — Variantes.

Em dourado papel sua prosapia. (Pag. 23.)

A ed. R. C. — Adopta lição diferente na qual se segue a este um verso que falta n'esta e em outras :

Em dourado papel sua prosapia;
Os duques coroneis, os regios sceptros.

O verso é inutil e nada tem de bello, mas é possível que o poeta o houvesse eliminado considerando talvez que seria prudente não aludir ao sangue real do bispo (o que não era mentira); esta conjectura ainda que plausivel não se confirma com o facto de ter sido conservado o verso no unico manuscrito emendado por Diniz (o da Bibl. da Ajuda) a juizo da tabella de concordancias que traz a edição R. C. pag. 458.

Em qualquer caso, foi nosso proposito seguir escrupulosamente o texto da edição dos *Satyricos*, Paris, 1836.

Outras variantes occorrem no I canto mas sem importancia especial.

Notemos comtudo esta, por assaz desviada do texto commum :

Cair se vê do céu brilhante estrella. (Pag. 21.)

onde os monosyllabos dão uma impressão da distancia percor-

rida. Na edição R. C. está o verso substituído por est'outro que se me affigura inferior e prosaico :

Brilhante exalação correr se observa

Por todos os motivos preferimos e conservamos a primeira lição.

Igualmente preferimos conservar o texto :

Estes a outros *desta* mesma estofa

(Pag. 20.)

á variante que julgamos inferior :

Estes e outros *taes da* mesma estofa

As variantes adoptadas na edição de Ramos Coelho são quasi sempre infelizes. Nos versos :

Da noite a maior parte assim consome

Nestes projectos *vãos*.

(Pag. 23.)

parece que nada havia a reparar n'aquelle epitheto *vãos* que tão bem assenta áquelles projectos do bispo em cuja « cabeça, mil obsequios lhe rolam » de prosapias, genealogias e lisonjas dos seus caudatarios. Entretanto, a ed. R. C. transforma *vãos* em *vis*.

Da noite a maior parte assim consome

N'estes projectos *vis*.

No canto II ha que attentar nos seguintes versos :

O deão abre a boca, estende os braços,

A cabeça levanta...

(Pag. 30.)

Esta é a lição do nosso texto, e excellente. Veem-se os successivos movimentos da *boca, braços, cabeça*. A edição Ramos Coelho inclue entre aquelles dois um verso esteril que destroe todo o effeito e vida esthetica da composição :

O deão abre a boca, estende os braços,

E da negra visão sobresaltado,

A cabeça levanta...

Outras variantes existem que não offerecem materia de exame. Entretanto, a da ed. R. C. ainda no canto segundo :

As rendas dissipava do *convento*

diverge da nossa que fala de *mosteiro* em lugar de *convento*.
No verso 8º do canto II diz o texto :

O gran chá de Pekin, e lá da Mêca...

na edição R. C. apparece a lição :

O bom chá de Pékin, e lá de Moka
O cheiroso café...

Quasi todas as impressões seguem o texto que conservamos.

... a distincta honra
De ter por chefe, por pastor e bispo
Um ramo do real portuguez tronco.

(Pag. 38.)

O manuscrito S., diz que a estes se seguiam os dois versos que foram supprimidos :

Bem que em Varões bravos enxertado
Que assombrou co'a copa o mundo inteiro.

Outra variante é a de um unico verso de accrescimo :

.....tronco
Bem que em arvores bravas enxertado.

Na primeira lição algumas copias leem *capa* em vez de *copa* e não sem intenção conhecida, que foi a da importante reforma das *capas* de seda roxa levada a effeito com grande tumulto, quando a relaxação dos costumes reclamava outras reformações mais graves. A esse ridiculo proposito, referem-se os versos da pagina seguinte onde se relata o feito do grande Prelado que zelosamente substituiu por *capas* vistosas os antigos *alamares franjados*...

Os grandes e franjados alamares
Que a móda já ridiculos tornára.

« Em os primeiros manuscritos, que appareceram, este Verso não vinha; o seu lugar era occupado pelos tres seguintes :

Que de balde proscriptos, por malvados
Imposta, a vil e escandalosa alcunha
De *mulas com gualdrapas*-nos deixaram.

O autor quando revia, e emendava de sua mão algumas copias que se lhe apresentavam, encontrando estes versos, costumava supri-los pelo que vai impresso n'esta edição. Gracejando dizia, que as capas ficando aos *Conegos*, ficaram-lhes as *gualdrupas*; que a reforma do Bispo abrangera somente os *atafaes*, bem significados pelos *franjados alamares*; e que riscava este tres versos, como faltos de exacção historica e descriptiva. Acrescentava depois, com mais sizudas razões, que os *lembrados versos* não só continham um sentido contradictorio, mas que até eram de *stylo summamente improprio* sobejamente baixo, na lisongeira narração que das grandesas do seu Bispo fazia um *Conego agradecido*.

Com a mesma razão de *impropriedade*, apagava tambem o Auctor outro verso, que a principio interposêra entre o decimo sexto e o decimo septimo. Falando o *Genio tutelar das Bagatellas* assim dizia :

Eu a escrevi, eu mesmo, em meu canhenho,
 Nem menos que Pilátos eu me julgo,
 E o que escrevo uma vez, nunca mais borro.

O motivo, que dava o auctor para riscar o segundo d'estes tres versos, é que vinha aqui *Pilatos mettido*, não como no *Credo*, antes sim muito mal accomodado. Acertava sem duvida o Poeta em excluir do seu poema este verso com tal nome, que lembra um factó, muito serio e digno de nosso respeito, para ser referido, em obra jocoseria, pelo *Genio das Bagatellas*.

Faço esta nota para precaver o leitor contra estes e outros versos que poderá encontrar, em alguns manuscriptos, e que, depois de emendados pelo auctor, devem ser tidos por incorrectos e nullos; assim como por espurios, alguns outros que curiosos lhe tem addido. »

Esta é a nota da *ed. V.*, reproduzida na *ed. B.* Declara Ramos Coelho na sua exellente edição que nunca se lhe depararam, em tantos manuscriptos que estudou, os versos que se julgam supprimidos.

« Quanto aos versos que pessoas estranhas accrescentaram ao poema ajunta R. C. não nos parece que os haja nas copias que consultámos; é mesmo difficil conjectural-o, pois essas alterações ou outras só se poderiam suspeitar pela sua impropriedade, impropriedade em que, aliás, o poeta podia incorrer, como em certa nota nos confessou o proprio Verdier.

Nas cópias do *Hysope* não se nota o mesmo que nas dos *Burros*, de José Agostinho de Macedo. Este poema serviu como de estatua de Paschino, onde, primeiro o seu maledicente auctor, e depois os que o conti-

nuaram e adulteraram, expozeram os seus inimigos á irrisão do publico substituindo uns por outros, conforme lhes aprazia; tudo para satisfazer odios particulares. No poema de Diniz os actores são os mesmos; os epithetos pouco variam; o augmento de versos é insignificante e inoffensivo; e as passagens que faltam, de importancia, reduzem-se n'algumas d'essas cópias á scena da cêrca, que o auctor só compoz quando levou a sua obra a oito cantos, e a da critica á camara de Elvas, no canto setimo, que, d'entre os manuscriptos que examinamos, só deix de vir no 1431.

Além do que fica dito acima, lê-se a respeito d'esta innovação do bispo nas notas do sr. Dr. Pitta: — « Vindo D. Lourenço de Lencastre para bispo de Elvas, sendo antes monsenhor da Patriarchal, e vendo que os conegos usavam nas capas magnas da quaresma de quatro alamares roxos de requifes de cada lado, com que prendiam a murça roxa ao capello, ordenou se tirassem os alamares e se puzessem as capas magnas da mesma fórma que em tal tempo usam os conegos da Basilica, com a unica differença de serem as murças dos da Basilica de pelles, e as dos outros de setim roxo, e é a isto que allude o poeta. »

O verso que reimprimimos n'esta edição dos *Satyricos*

Dos dois padres *cortez se despediu*

(Pag. 70.)

acha-se na edição R. Coelho sob a variante

Dos dois padres *risonhos se despede*

e esta lição é preferivel por que evita a terminação em agudo, sempre desagradavel no verso branco. Pode ler-se todavia *despedia* por *despediu*, como occorre em varias copias do poema e assim está na ed. de 1808, pag. 77.

O verso do mesmo canto V, pag. 55 :

Sobre uma *agra* montanha que se estende

onde o epitheto *agra* parece um pouco improprio, tambem apparece com as variantes

Sobre uma *montanheta* que se estende

Sobre *uma* montanha que se estende

Esta ultima é um verso frouxo em que as syllabas iniciaes

Sobre uma... equivalem metricamente a *Sobre uma ogra...* da lição preferida.

Ainda o verso do texto dos *Satyricos* :

Em asno n'um instante *se formara*

(Pag. 62.)

Que conservamos, representa uma lição muito seguida. Outras copias dão *se voltara*, e *se tornara*, e esta ultima foi adoptada na edição R. Coelho.

Uma cascata que a de *Terni* iguale

(Pag. 69.)

A variante que diz *Trevi* em vez de *Terni*, é a preferivel porque o poeta se refere a um jardim de Roma d'aquelle primeiro nome. (Ed. R. C., 316-317). A lição *Terni* é a mais seguida; e erro, se houve, foi do proprio Diniz.

Entre algumas variantes do canto VII, não é possivel aceitar a lição :

Perfido Achates o pomposo Lara

Em lugar da verdadeira :

O *noventa-cabelos* conhecido

Por fido Achates do pomposo Lara

(Pag. 85.)

A primeira lição, da ed. 1808 e outras, deve ser erro de copia. O verso :

Mais nobre, mais *gagé* e mais chibante

(Pag. 87.)

apparece com outras variantes diversas :

Mais nobre, mais *gagé* e mais *xarifa*

(Ed. 1808 e outras.)

Em outros manuscritos (ed. R. C. pag. 331).

Mais nobre, mais *gagé*, mais *delicada*

Um erro escapou em varias edições (de 1802, 1808, e outras) construindo-se o verso descuidadamente

Com que *mandar gravaste* sobre a porta

(Pag. 92.)

em lugar de *mandaste gravar*, etc.

No canto VIII apparecem os versos :

Na minha mocidade instituida

Fui nas artes da madre Celestina...

(Pag. 100.)

com a variante de algumas edições e copias :

Eu, senhor, sendo moça instituida

Fui...

Não deixa de ter interesse notar que no verso :

Sobre a *rasa campina* Abracadabro

a palavra *campina* é substituida por *campanha*, nas ed. de 1802, 1808, de 1834 (de Lisboa) e por isso é essa lição a preferivel. Ramos Coelho diz que o poeta sempre escrevia *campanha* e não *campina* : affirmação que me parece sem fundamento algum.

II. — Fontes de inspiração

Como todos os socios da Arcadias, e Diniz era o mais erudito de todos elles, o nosso poeta muito propositadamente põe garbo em recordar ou repetir alguns passos de Vergilio, Horacio e Ovidio.

O *Hyssope* é original embora se inspire no *Lutrin* de Boileau, como já dissemos no estudo preliminar, e mais remotamente ambos se inspiram na *Viajem ao parnasso* de Cervantes.

Não queremos todavia confrontar as innumeradas allusões da mythologia, tão frequentes nos arcades, imitadores de Pindaro ou de Horacio que com exagero transportaram para a poesia

portugueza todos os deuses e toda a historia do gentilismo greco-romano.

Notaremos outros lugares menos communs.

Estes cujas cabeças desgraçadas
Não bastam a curar tres *Anticyras*.

(Pag. 17.)

Assim escrevendo o autor passa a tonica á terceira syllaba da palavra e evita um verso exdruxulo e errado. Allude-se, pelo nome de lugar, a uma erva, o helleboro, veretro ou quer que seja.

E'uma reminiscencia de Horacio da Sat. 3ª, livro II :

*Danda est hellebori multo pars maxima avaris
Nescio an Antycirum ratio illis destinet omnem.*

Na traducção de Seabra :

A mór dose de helleboro aos avaros
E'devida e não sei (se) lhe destina
Toda a Antecira imparcial juizo.

Satyras (ed. Garnier.) Pag. 75.

Melhor se conforma com o verso do *Hyssoppe* outra passagem da *Arte poetica* :

Tribus Antyciris caput insanabile.

O sentido vem, de que o helleboro passava por especifico contra a loucura. (Cf. ed. 1817, ed. 1876 e trad. fr. p. 18). Ainda de Horacio são os versos do canto VII :

... quando Jove
Com a *rubida mão* dardeja irado, etc.

da Ode II :

...*et rubente
Dextera sacras jaculatus arces...*

Do capricho obra, em tudo, muito prima
Onde a *materia cede muito a Arte.*

(Pag. 17.)

O ultimo verso aliás pensamento vulgar, é de Ovidio; indica-o Boissonade

Materiam superabat opus

Met. II.

e ainda approxima a exclamativa do canto III :

O raro engenho,
Meu poder, minha força, meu conselho!
 (Pag. 35.)

de outra analoga de Venus prara o Amor nas *Metamorphoses* :

Nate, *meæ vires, mea, nate, potentia.*

Ainda mais importante é o influxo vergiliano que attestam numerosos lugares do Hyssope :

Em tanto a Senhoria *em cujo peito*
Allamente ficou depositada
 Da soberba excellencia a petulancia...
 (Pag. 25.)

Os versos atraçoam uma reminiscencia de um lugar de Vergilio, pois que come no poeta latino *alta mente* equivale a secreta, profunda e recondita, e aqui a *senhoria* aponta ao elogio dos casquilhos qual outra Venus :

...manet alta mente repostum
 Judicium Paridis.
 Eneida I, 26.

Vergilio attribue a Juno um resentimento profundo que Tacito recusa entretanto ás mulheres : *Feminis lugere honestum est, viris meminisse* (De moribus Germaniæ-27, 7.)

Outra reminiscencia de Vergilio se-depara nos versos do Canto I :

...E mais veloz que a leve setta
 Parte do Itureo arco.
 (Pag. 21.)

que são tomados das *Georgicas*, II :

Ityræos taxi torquentur in arcus

Ityræos por *parthicos*. Em algumas edições do poema diz-se *curvantur* por *torquentur*, como na de Nivellium. (Paris, MDC.)

Os epithetos vergilianos são frequentes : o *fero Ilion* (pag. 64,

superbum Ilium-Æn. III, 3) e a *Neptunina Troja* (pag. 64 *neptuna Troja*, Æn. III, 3; II, 625.)

« O campo em que estava (*Troia*) » é o *campus ubi Troja fuit* (Æn. III).

E ainda : Musa tu me inflama (*Musa, mihi, causas memora* (Æn. I, 12), « Sem dizer palavra » no final do canto VII (*Vox facibus hætis*); a caverna e o montro, canto VIII (Georg. I, 178), os cabelos se eriçam, pag. 96 (*Steteruntque comæ*. Æn. III, 48) e em muitos outros lugares.

A balança de que se serve o Genio das Bagatellas na Canto VIII é a mesma de Jupiter (*Jupiter ipse duas æquato examine lances...* Æn. XII).

Confrontem-se ainda :

Não! se cem bocas
Cem linguas eu tivesse e a voz de ferro...

Canto VI.

*Non mihi si linguæ centum sint, oraque centum,
Ferreæ vocæ...*

Æn. VI, 625.

Diniz traduz literalmente o poeta latino.

No poema heroi-comico as façanhas do encantador Abracadabro são tomadas simultaneamente a Horacio e a Vergilio :

Com seus conjuros
Muda as louras searas
(Pag. 101.)

Atque satas alio vidi traducere messes

Ecloga VIII, 98.

e ainda por sortilegios :

Arranca do alto céu a branca lua

façanha que de direito pertencía Canidia de Horacio

Polo

Deripere lunam vocibus possum meis.

(Epist. XVII, 77.)

Essa superstição dos antigos está testemunhada em varios autores (1).

(1) Ovidio. *Metam.* VII. (Te quoque, luna, traho) ou em Tibullo (Hanc ego de cælo ducentem sidera vidi, I, 2). Veja-se ed. de Boissonade, donde tomei alguns dos seus confrontos, e a do *Lutrin* de E. Geruzez.

Note-se aqui o influxo de Boileau, que é o modelo do nosso arcade.

Era dia de festa; na alta torre
Da grande cathedral de vinte sinos,
O grave carrilhão compendo os ares...

(Pag. 32.)

Assim começa o canto III que Boissonade aproxima da passagem do *Lutrin* :

Les cloches dans les airs, de leurs voix argentines,
Appelaient à grand bruit les chantes à matines.

(Ch. IV.)

Os versos que se seguem aos primeiros citados,

...*Venus* pintada
Sobre um globo de tenros *Cupidinhos*

representam não a fantasia do poeta, mas a realidade. Esse quadro mythologico era um dos motivos ornamentaes da especie de xarão inventado por Martin (*o verniz Martin*, a que se refere, o poeta anteriormente) com que se decoravam as carruagens e liteiras da moda pelos fins do seculo XVIII. O *sujet* pinturesco era talvez demasiadamente casquilho para um prelado, e positivamente Portugal não conheceu essas galanterias nem o espirito de oitocentos.

Ainda n'este canto Boissonade nota algumas imitações do *Lutrin* :

« Amigos, companheiros que o destino
Fez do meu mal e bem participantes!... »

é quasi o mesmo do poema de Boileau :

Illustres compagnons de mes longues fatigues
Etc.

N'este mesmo canto terceiro os versos seguintes :

Então o *Ramalhete*
Theologo chapado e canonista
Que o dialectico Pharo de cór sabe,
Que de Santo Thomaz tem lido a *Summa*
O Genet, Busembaum...

(Pag. 40.)

constituem subentendida periphraze dos do *Lutrin* do poeta francez :

...Alain, ce savant homme
 Qui de Bauny, vingt fois, a lu toute la *Somme*,
 Qui possède Abéli, qui sait tout Raconis,
 Et même entend, dit-on, le latin d'Akempis...

(Ch. IV.)

O hemistichio que precede esta citação :

Alain tousse et se lève

corresponde á amplificações mais prolixas em Diniz :

E inchando do pescoço as cordovéas...
 A voz alçando grave...
 Etc.

No canto VI o poeta francez é quasi literalmente traduzido. Quando Diniz escreve :

Ah não amado esposol por aquelles
 Primeiros suavissimos instantes
 Do nosso doce amor, pela fé pura...
 Por essas ternas lagrimas...

não é possível crer que não tivesse na memoria os versos do *Lutrin* :

Où vas-tu, cher époux?...
 D'un œil sans pitié vois-tu couler mes larmes?
 Au nom de nos baisers, jadis si pleins de charmes,
 Etc.

Ch. II.

No metro e no rythmo do endecasyllabo é sempre Camões o eterno modelo. Ás vezes, Diniz repete um ou outro verso proverbial :

Ah que não sei de nojo como o conte!

E' como todos sabem um verso dos *Lusiadas*, do episodio de Adamastor :

Oh que não sei de nojo como o conte!
 Que crendo ter nos braços quem amava
 Abraçado me achei c'um duro monte...

a seu turno, suggestão de *horresco referens* com que principia uma narrativa de Eneas no poema de Vergilio (En. II).

As imitações do numero e ritmo camoneano são fréquentes :

Tu, jocosa Thalia, agora dize

O caso sabereis mais execrando
(Pag. 33.)

Se alegre, salta, folga e se imagina
(Pag. 37.)

Tambem sabe que a gloria da cabeça
Aos mais membros se estende
(Pag. 38.) (1)

Todos no canto III. Fora quasi impossivel escrever endecasyllabos harmoniosos fora da medida e do ritmo camoneano.

III. Referencias literarias

A ironia de Diniz não podia poupar o mau gosto literario e a leitura de velharias da literatura popular, que ainda gozavam de prestigio em seu tempo : os romances freiraticos e gongoricos, as novellas de cavallaria, as complicadas especies de silvas, romances, acrosticos ainda eram o deleite da sociedade culta das provincias e de toda a parte onde não haviam ainda chegado os echos da reaccão e das ideas novas.

Aqui, pois incluimos, as suas continuadas allusões a esse estado d'alma e de emoção do tempo :

...Anagramas,
Labirintos, acrosticos, *segures*.
(Pag. 16.)

Nunca se soube perfeitamente se o poeta quiz empregar aquella palavra insolita que antes parece um erro de copia : *segures*. E' todavia, presumivel que a empregasse, porque no manuscrito corrigido por elle proprio e que está na bibliotheca da Ajuda, a palavra não foi emendada.

Apenas entre as muitas lições que ha do poema que foi largamente copiado e estropeado, ha uma variante que não merece muito credito, de manuscrito que pertencia a Ribeiro dos Santos

Labirintos, acrosticos, *enigmas*

(1) Indicado par A. de Faria, este, e ainda o v. do canto V :
E Orlando inda que fora verdadeiro.

e outras que dizem :

Labirintos, *acrosticos*, *sonetos*

A difficuldade reside na palavra *segures* que está nas primeiras edições e nos melhores manuscritos.

O anotador, repetido na edição de Barcellos, diz que *segures* eram composições muito tolas em que as prosas ou alcunhados versos tomavam a forma de um machado. Um exemplo podia ser visto no gordo livro in-4º, que Frei Francisco da Cunha, frade agostiniano imprimiu a custa da rainha, mulher de Dom João V. o *Elogio da rainha da Hungria*.

Ramos Coelho, perem, que viu o livro ahí não encontrou os *segures*. Pela minha parte nos antigos tratados de versificação de *Borrvalho* e de *Rengifo* tão abundantes n'essas especies, verifiquei não ser *segure* mencionado o.

F. Denis admitte-a; e com quanto não tenha eu noticia ou exemplo de *segures* em portuguez, é certo que esse artificio metrico existiu e justamente foi um dos maus exemplos antigos dado por Theocrito ou talvez por outro poeta da decadencia grega e áquelle attribuido. As composições dispostas em figuras geometricas deviam ter-se originado do costume das inscripções sobre pedra, em estelos, tumulos, anneis, etc. Em forma de *crux* muitas andam compostas ainda em tempo recente.

Creio, pois, que o nosso poeta conhecia a expressao classica *segure* que correspondia exactamente ao que foi acima definido, mas nunca foi praticado, que eu saiba, por poetas portuguezes.

Os *acrosticos* e *anagrammas* ainda são hoje vulgares. Não o é mais o *labirinto*, que consistia em decimas que se podiam ler de varios modos, de baixo para cima, dividindo-a em quadras, lidas ao revés, etc. E essas inversões ora podiam ser quanto aos versos ou quanto as dicções, letras e syllabas. Encontra-se curioso exemplo nas *Luzes da Poesia*, de Manoel Borrvalho, Lisboa, 1724; pag. 159.

Cairam em ridiculez as façanhas e bravatas do famigerado *Rodomonte* de quem disse Ariosto :

Non habea il campo d'Africa più forte,
Ne saracin più audace di costumi...

(Orlando — XIV.)

venceu-o afinal *Rugero* na fabula do poeta italiano, que soube aqui unir a lisonja á poesia. O typo de *Rodomonte* symbolisou depois a faufarronice e a covardia e neste sentido é que se deve interpretar o texto.

O sentido foi adulterado pela mera emphase que envolve a sonoridade das palavras sempre adrede escolhidas dos escritores de novellas de cavallaria. O mesmo succedeu ao *Imperador de Trapisonda* que se tornou um lugar commum nos romances do occidente e a que se refere tambem o nosso poeta no canto I :

Se julgam mais felizes e opulentos
Que o grande imperador da *Trapisonda*

(Pag. 17.)

Por algum tempo houve um fraco e pequeno imperio da *Trapisonda* que succumbiu aos golpes dos turcos.

Outras allusões aos romances cavalheirescos se acham espar sas pelo texto do poema. No canto V, por exemplo, deparam-se os versos :

...E' por acaso
O grande *Ferrabraz* de *Alexandria*?
Ou *Galafre* da ponte de *Mantible*?

(Pag. 65.)

São heroes do *Carlos Magno* ou os *Doze pares de França* e das historias que d'esta se formaram na literatura de cordel.

Ainda os versos do canto V :

o mesmo *Achilles*,
Mandricardo, *Gradasso*, *Sacripante*
Commettel-a por certo recceram,
E *Orlando* ainda que fora verdadeiro.

(Pag. 72.)

São todos personagens do *Orlando furioso* do Ariosto. Destes o que se vulgarisou, e com triste fama, foi *Sacripante* talvez por se haver confundido com *sycophanta*, um e outro, ora, epithetos injuriosos.

E' ainda uma recordação da novella de *Carlos Magno* a que apresenta no canto VIII o verso :

Arranca da brilhante *durindana*
(Pag. 102.)

A *Durindana* era a formidavel espada de Roldão, um dos doze pares de França. (*Ch. de Roland*, verso 926.)

A *Roda da fortuna*, os *Cristaes d'alma*.
(Pag. 38.)

São os titulos de romances ou novellas que no seculo XVII e XVIII tiveram grande celebridade.

A *Roda da fortuna* é do padre Matheus Ribeiro, o autor de *Allivio de tristes*, outra novella ainda mais lida e apreciada no tempo, pelo estylo gongorico, fatuo, pomposo e declamatorio.

Os *Cristaes d'Alma*, *frazes do coração* por Gerardo de Escobar (1690), escritos em estylo joco serio, é uma novella entremeiada de versos em forma de pastoral do genero creado por Sanazzaro, e praticado por Jorge Montemor e Rodriguez Lobo. Em Escobar a decadencia é manifesta. A intenção do poeta de *Hyssope* é aludir ao *frazead*o tolo, alambicado, torcido e exdru-xulo dessas composições só conhecidas hoje dos amadores de coisas antigas, e outr'ora apetecidas e plagiadas pelos que
...lhe circiam alguns pedaços

(Pag. 38.)

ainda mesmo em arrazoados e em outros papeis mais graves.

Em regra, aquelles livros e aquellas prosas não destoavam da poesia do tempo, das silvas e romances academicos, e sob roupagens extravagantes por vezes escondiam formas realmente bellas e verdadeiras.

A mesma Arcadia que veiu reformar os costumes literarios commeteu com a sua pedantesca erudição mythologica outros e talvez peiores desatinos. As *Odes pindaricas* de Diniz são talvez mais illegiveis hoje que os versos maganos de Serrão de Crasto e de Escobar onde pelo menos não falta o chiste ou a graça.

Ainda pelo discurso da narrativa outras alusões se deparam a obras que tiveram grande popularidade, como as que registram os versos :

Na lição de *Florinda e Carlos Magno*
Quiz metter seu bedelho...

(Pag. 41.)

A *Historia de Carlos Magno* leitura favorita da plebe ainda hoje tem entusiasticos leitores; menos conhecida é agora a historia de *Florinda* ou mais propriamente os *Infortunios trágicos da constante Florinda* (por Gaspar Rebello, licenciado), romance erotico e mystico, escrito para deleite de freiras (1707).

Em uma farça de cordel *Incisão anatomica ao corpo da Peralta* moteja-se d'estas leituras favoritas do povo :

— Vem cá homen, que teus lido?
— O', lá n'isso não falemos :
Li os *Contos do Trancoso*,
As *Diabruras de Roberto*,
As *Constancias de Florinda*,
De *Magalona* os extremos,
O *Entremez dos Peraltas*,
E na *Hora de Recreio*
A *vida de Carlos Magno*
E a morte de *Veltenobres*...

(Ed. 1771.)

No *Entremez* em versos *Os Encantos de Escapim* ha seguinte dialogo :

— Acaso, diga, é da raça
De *Avaçarages*, *Zulemas*,
Ferrabrazes, *Radamantes*,
Paios, *Pires* ou *Viegas*?
—
Sou do almirante *Balão*...
Venci *Dom Blianis de Gaula*,
Dom Floricel de Niquea,
Dom Quixote, *Sancho Pança*,
E *Palmeirim de Inglaterra*.

(Pag. 5.)

Em outro hugar, volta o nosso poeta :

Do Bacharel Trapaza e Peralvilho
De Cordova, a historia portentosa
Ouvi lèr

(Pag. 66.)

São duas novellas do genero picaresco. *Las aventuras del Bach. Trapaza* de dom Alonzo de Castillo Solorzano, foi publicada em 1634, e é uma das fontes do Gil Blas de Le Sage. O portuguez Matheus da Silva Cabral deu-lhe uma continuação nova (1) com a *Vida de Peralvilho de Cordova*.

Aqui ha que registrar um facto ainda não averiguado. Innocencio nunca logrou vêr exemplar do *Peralvilho* e talvez o livro nunca fosse impresso, mas como se vê do *Hyssope* devia ser popular. Pela minha parte nunca o vi e tenho que devia correr manuscrito.

A nota que acompanha a primeira edição dos *Satyricos* (Paris, 1834) que faz incluir o *Peralvilho* no romance da *Constante Florinda* é absolutamente insustentavel.

. bom poeta
Que sabia o *Borrvalho* todo inteiro

(Pag. 66.)

Era um antigo compendio de versificação, no genero gongorico muito em voga naquella epoca; trazia titulo sesquipedal e obscuro : — *Luzes da poesia descobertas no Oriente de Apollo nos influxos das Musas...* por Manoel da Fonseca Borrvalho. Lisboa, 1724. Esse manual é já um resume de outro espanhol, de Rengifo, muito mais desenvolvido.

A Arte da Cosinha...
Que é obra quanto a mim mais proveitosa.

(Pag. 68.)

(1) Nova, dissemos; porque effectivamente da lavra do autor espanhol era já continuação do *Bach. Trapaza* a novella *La Garduña de Sevilla* Vidé J. Fitzmaurice-Kelly-Litt. esp. (ed. franceza, 330-351).

Uma profunda erudição bebida
 Nos *autos de Reinaldo e Valdevinos*
 E do *Infante dom Pedro nas Partidas*,
Florisel de Niquea e outros livros...

(Pag. 70.)

São livros populares todos muito estimados do gosto simples da plebe.

A *Arte da Cozinha* é aqui a que escreveu e publicou em 1680 o cosinheiro do rei Pedro II o famoso Domingos Rodrigues; obra que logrou innumeradas edições ou indigestões. Parece que a esta é que se refere o poeta.

O *auto de valdevinos* é o mesmo do *Marquez de Mantua* de que existem algumas versões populares; de uma d'ellas fala Jorge Ferreira na *Aulegrafia*: outras existem, a de Baltazar Dias e a mais moderna de Garret.

O *Livro das partidas do infante Dom Pedro*, formado no seculo XV, tem uma redacção portugueza de 1554; e outras versões ha com diferentes titulos *Auto do Infante D. Pedro*, ou as *Sete partidas*, etc. A livraria Cruz Coitinho reeditou em folhetos volantes este e outros autos mais lidos e populares.

A *Cronica de Florisel de Niquea e Anaxartes* foi escrita em castelhano por Feliciano da Silva (Lisboa 1566). « La cronica de los muy valientes caballeros F. de N. y el fuerte A. hijos del excelente principe Amadis de Grecia. »

Doutor em *Anno historico* não foste
 Dos ultimos que a rica sala entraram

(Pag. 89.)

Eximio pregador que leu inteiro
 O livro dos *Conceitos predicaveis*
 O *Zodiaco sobr'ano* e outros muitos...

(Pag. 94.)

Estas referencias que são do canto VII se completam com os dados seguintes :

O *Anno historico* que trata de « pessoas e coisas notaveis » foi escrito pelo Padre Francisco de Santa Maria (1653-1713)

É um livro de ephemerides, pouco exacto mas de linguagem pura e classica.

O *Zodiaco soberano* de Fr. Jorge de Santa Rosa de Viterbo, assim como os *Conceitos predicaveis*, ou a *Bibliotheca secreta de pregadores* são verdadeiros especimens do maugosto e decadencia a que ja havia descido o estylo culto na primeira metade de seculo xviii.

Bastariam os titulos das obras de Fr. Jorge de S. Rosa para indicar as singularidades da sua eloquencia. Uma d'ellas intitula-se *Antidoto orthodoxo sympathico e homogeneo receitado pelo divino Proto medico*, etc. É um sermão de cinzas. O proprio *Zodiaco* aque se refere aqui o poeta é acompanhado de substitulos gongoricos interminaveis (transcritos da ed. R. Coetho) :

Zodiaco Soberano que entre dois cometas da vida humana contem brilhantes astros em discursos tropologicos, encomiasticos e exegeticos para os doze mezes do anno, quaresma e advento, ideados nas divinas letras, exornados de varias allegorias, exquisitos problemas, mysteriosos hieroglyphicos, philosophicas sentenças e humanidades selectas. Com um astrolabio sacro-rhetorico, omnimoda instrucção de pregadores, na qual como em planispherio mathematico estão recopilados todos os preceitos de rhetorica sagrada, breve extracto de quanto o evangelico orador deve saber, compendiado dos maiores oradores gregos e latinos sagrados e profanos.

Saiu em 2 volumes, impressos em Salamanca; I, 1726; II, 1734, in-4º.

No canto VIII, refere-se o poeta a outra obra, esta realmente de extraordinario valor literario, em allusão á heroina da tragicomedia :

Eu, sendo moça, instituida
Fui nas artes da madre *Celestina*
Pela velha *Canadia*.

A *Celestina*, a celebre tragicomedia do seculo xv, fonte de todo o theatro literario espanhol, tem por intriga a astucia de uma velha alcoviteira *Celestina*, nome que se tornou proverbial na peninsula. A *Celestina* descendo do 2º idilio de Teocrito, atravez de Ovidio, Catullo, da *Pamphilus* (medieval) e da *trota conventos* de Hita.

IV. — Allusões e personalidades.

E'consideravel o numero de pessoas graves ou ridiculas que se viram envolvidas na trama e enredo do poema.

Não são obscuras as allusões feitas quasi sempre directamente e com o proprio nome ou alcunha que traziam aquelles individuos; e d'est'arte não foi tarefa difficil nos começos de seculo XIX descobri-las todas.

O *manuscripto S.* (de 1803) em copiosas notas contribuiu mais do que outro qualquer apographo ou edição impressa a esclarecer a maior parte das duvidas e incertezas.

Na mesma igreja d'Elvas e cabido
Ha um *Bastos*, um *Sousa*, dois *Aporros*
Que juntos com os *Pittas*...

(Pag. 20.)

Ha aqui varias allusões a pessoas de tempo, cuja identificação é hoje inteiramente conhecida.

De todas os fontes consultadas, a de n. 3 (M. S.) é a que parece ser a mais completa quanto aos pormenores, a respeito das personagens aludidas n'aquelles versos :

« João Alberto de Souza Bastos (1) irmão do Tenente-rei Manoel de Basto e Souza.

Este conego é um homem raro pelos seus fracos e diminutos talentos, uma peça original em todo o sentido. Parece incrível o que o poeta d'elle nos diz no canto 3.º; pois é muito mais asno ainda, muito mais tonto do que o vemos pintado. N'uma occasião em que fui a Elvas o encontrei em casa do Verna (?) então Sargento-mór, onde repetiu e fez varios versos, como elle lhes chamava, ás senhoras que estavam na companhia, e tudo quanto se lhe disse, o attribuiu a obsequio. Havia elle a esse tempo 60 annos. Se eu então presumisse que me haviam de ser necessarias as muitas anedoctas que ha de sua illustre vida, teria feito collecção das que são mais dignas de memoria, bem como de seus versos. Uns que elle fez a uma rua de uma quinta são :

Esta torta rua
Não a fez João Alberto
Nem cousa sua.

N'aquelle mesmo tempo estava Francisco d'Azevedo Vasconcellos na sua quinta do Ramalhão com toda a sua familia, aonde por ser perto

(1) Outros anotadores dizem João Alberto de Bastos.

da cidade o iam visitar varias pessoas de bem de seu conhecimento; e com a liberdade de quinta se passavam alli as tardes com bastante satisfação na companhia de tão amavel e illustre familia. Alguns dos sujeitos que lá estavam n'uma d'ellas se propozeram a faser versos elogiando n'elles sua filha D. Maior, que é uma senhora das mais esbeltas e corpulentas da cidade. O conego Travassos lhe fez uma Iyra (que me repetiu) pelo tom de Anacreonte e, muito bonita. O famoso Bastos que lá estava n'essa occasião, e ouviu fallar nos bosques do Ramalhão na dita Iyra não quiz ficar atraz e lhe fez os que se seguem:

*Com olhos de licranco,
Com cabeça de tourão,
Cantaes, bella Maior,
Nos bosques do Ramalhão.*

São incontaveis as farças e bobices que se referem d'este tonto. Uma das ultimas que não deixa de ser rara e talvez nunca vista, foi a cerimonia com que, annos ha, elle recebeu em sua casa uma cunhada sua que casou com seu irmão Antonio José de Bastos. A noiva não teve mais remedio que passar pelos, e soffrer, os insultos que lhe fizeram; e teve até o incommodo de aprender como e com que pé havia de pizar a portada de casa; foi perfumada, foi coberta e depois coroada de rosas, e condusida em seguinda para debaixo de um docel, e obrigada a outros mil disfarces ridiculos. O mestre d'este cerimonia lfoi o mesmo conego, que gastou meses no ensaio d'este e nunca visto acto. Houve curiosos que foram espreitar e assistir a esta scena. O Batalha, então Juiz de Fóra de Elvas, foi um dos que presenciaram essa funcção e a referiu por vezes, para alegrar e divertir as companhias; e ao mesmo Conego se lhe fez repetir, passo por passo, nas casas onde gostam de o soffrer, todo este magestoso recebimento, mui contente e satisfeito de sua vida.

Pedro Antonio de Souza d'Almeida e Castello Branco, Conego vigario da Sé d'Elvas, pessoa de boa capacidade e brioso, que se entra nos poema é por ser um dos maiores cortesãos e o maior obsequiador de s. exc. ^a o bispo, que fez a fortuna de sua numerosa familia, ordenando-lhe cinco irmãos, por cujo motivo pedia a gratidão que praticasse com s. exc. ^a todos os maiores obsequios.

Dous irmãos gêmeos do dito Pedro Antonio de Souza d'Almeida e Castello Branco; um Conego barulante e outro ceroferario da Sé d'Elvas. Um chama-se José Antonio e o outro Antonio Thomaz. São duas figuras roliças da mesma altura e disposição, em tudo tão iguaes e semelhantes que dignos se tornam de justo reparo; e por isso são apontados com o dedo em Elvas, e se mostram e notam como raridade. São ambos muito amigos, e raras veses se vê um sem o outro, vendo-se separados não se póde distinguir qual seja o Antonio o qual o José: n'uma palavra, são dous apporros, como o poeta os designa (1).

(1) Dos *Dois Apporros* cita outra fonte que eram ajudantes do tesoureiro e depois foram quartanarios da mesma Sé episcopal. Cópia manuscrita diferente diz que eram ambos ceroferarios. V. ed. R. G., 415.

O manuscrito em vez de *Pittas* traz *Pinhos* e diz — que eram dous irmãos, ambos Conegos na Sé d'Elvas, e que ambos fazião a côrte ao bispo e eram seus parciães. Um se chamava Antonio Pereira Pinhoe o outro Manoel Pereira Pinho. Este teve uma filha bastarda que perfilhou e a quem deixou o que tinha. Chamava-se D. Luiza e casou com José Silverio: d'estes descendem os Pinhos de Elvas. »

Outra edição (R. C.) diz *Pirras* e em nota inclue a conjectura de que seria alcunha ou ainda tinham o nome de Pereiras.

Pirra era nome que se dava aos maceiros; na mesma edição.

Paramos aqui neste labirinto de migalhas. O assumpto não reclama maior desenvolvimento. *Pittas*, *Pinhos*, *Pirras* ou *Pereiras*, quem quer que fossem, perderam por pouco a immortalidade.

Com inveja

Olha do illustre *Almeida* a feliz sorte.

(Pag. 23.)

Este *Almeida*, José, foi um fiel criado do bispo, homem muito popular na cidade; e apezar da privança do bispo, sempre viveu limpo de mãos e pobre.

E' esta a opinião mais commum, mas outra é a reputação que delle fazem alguns exegetas que o dão por fofo, superficial, lisonjeiro e ate de arranjador de bons negocios. (Cf. ed. B. 186-187; R. C. 416.)

A personagem apparece em varios lugares. Veja o canto VI.

Chega dos *Elvios* á colonia antiga

(Pag. 29.)

Por uma archeologia (que hoje parece picaresca) correu a suppozição de que os *Elvios* ou *Helvecios* colonisaram a península e fundaram *Elvas*, aos 99 antes de Christo.

Entre o *Prior* e os frades mil disputas

(Pag. 29.)

Frades de são Domingos; era prior Frei Antonio Furtado

taxado de muitos desmanchos e demasias de lingua; ao que parece, jogador, amante da pinga, prodigo e vaidoso. Se não carregam as tintas n'este retrato os seus contemporaneos, era Frei Antonio um sobre vivente das liberalidades freiraticas que vinham de Dom João V. Na sua propria cella celebrava *assembleas*, como então eram chamadas as funcções, bailes ou saráos com chá, doces, whist e maledicencia.

Chamem-me logo, logo, o douto *Andrade*
O *grão Penitenciario*, o secco *Marques*,
E o jantar se prepare promptamente.

(Pag. 33.)

Os anotadores de edições precedentes (ed. V. ed. B), são concordes quanto á identificação d'esses appellidos nas seguintes personagens :

O douto Andrade — João de Andrade Fonseca, conego doutoral da Sé de Elvas e ahi provisor e Vigario geral do bispado.

O grão penitenciario — E'o conego penitenciario Antonio Luiz (Pereira) de Abreu — como o antecedente tambem do partido do bispo.

O seco Marques — Lourenço Marques (ou L. M. Pachec) conego da mesma sé, e assim chamado, *secco*, por muito alto e magro; amigo do bispo.

Segundo o manuscrito S., um certo padre Luiz Tavares tinha posto ao *Grão Penitenciario* a alcunha de *Xorinol* (?). Cf. Ed. B; 142 e 193-194.

Mas o famoso *Bastos*

(Pag. 36.)

E'o mesmo de quem falamos anteriormente, o conego prebendado João Alberto de (Sousa) Bastos.

Pedir manda
Ao *rabula do Cea* alguns autores
Que os canones sagrados commentaram.

(Pag. 37.)

Este *rabula do Cea* é o Advogado Manoel Martins (M. ou

Gomes) Cêa Vidal. « Era destituído de luzes e talentos. Só servia para assignar papeis ». *Ed. B.*

Comtudo, deprehende-se do texto, era o que tinha livraria de canonistas, embora « rançosa e indigesta ».

Estes autores vem em seguida mencionados :

O douto *Accursio*...

O *Bertachino*, o grande *Granha*...

Tamborino, *Escolano*, *Spada*, *Pichler*.

(Pag. 37.)

O famoso *Accursio* de nomeada universal é de seculo XIII (1182-1240), florentino, leu na Universidade de Bolonha e compoz a *Glossa continua* e foi o mais notavel precursor de Bartoldo e dos jurisconsultos modernos.

Bertachino é o autor do *Repertorium Utriusque juris* (Lugduni, 1532). *Tamborini* e *Spada* são jurisconsultos do renascimento, ambos italianos (seculo XVI). *Sigismundo Pichler* é o autor de varias obras de direito *De vera ratione stat. ecclesiastici*, *De ordinibus rerum publicarum* e outras sob o titulo geral de *Dispositio*. Todos elles apenas gozam de valor retrospectivo e historico, mórmente os tres ultimos.

Ainda a referencia que se segue :

Para um voto lançar que semelhante
Nas decisões da *Rota* não se encontre

(Pag. 38.)

explica-se pelo favor que no mundo catholico tinham os arestos daquelle tribunal ecclesiastico, a *Rota*, de Roma, em litigios beneficias. A camara em que se proferiam os sentenças tinha o pavimento em a forma de roda, d'ahi o nome por que foi universalmente conhecida. Tambem se chamou a *Sacra Rota romana* e os seus auditores ou juizes haviam de ser de varias nações do catholicismo.

Um ramo de *real portuguez tronco*

Effectivamente nas veias do prelado corriam algumas gotas remotas de sangue real. Por sua ascendencia vinha do duque de Coimbra, bastardo de D. João II.

Em vão o *Thesoureiro* em vão o *Chantre*
Homens austeros...

(Pag. 41).

O *tesoureiro* era Antonio Marques Sacchetti, amigo do poeta, e, pois, ao abrigo da satyra. Era um dos assíduos do Falcato (veja-se a noticia preliminar a esta edição) e dos que ouviram a primeira leitura do *Hyssope*. O *chantre* que era Mathias Franco (Pereira) Barreto, não frequentava as palestras do Falcato, mas era muito respeitado... pela arte com que sabia dar murros e cachações. Não era homem para ser satyrisado impunemente. Verdade ou prudencia, aqui a Musa se curvou humilde.

N'esta cidade tens discretas pennas,
Tens de *Serpa* o auditor...
O *Céa* tens tambem, tens o *Fernandes*
Oraculos de *Astrea*...

(Pag. 45.)

Do rabula *Céa* falamos já em outra anotação. Os dois outros eram o auditor do regimento de *Serpa*, Gregorio José Pinto da Silveira, e o advogado em Elvas Antonio Fernandes Freire.

Aqui, o traço caricatural do auditor é o de haver sempre recusado autoridade aos antigos juristas Bartholo e Accursio, porque

Porque idolatras foram e adoraram
A Jove, Marte, Juno, etc.

(Pag. 45.)

ridiculai anachronismo que punha Bartholo entre romanos da antiguidade. Não é menos certo, porém, que uma Lei de 18 de Agosto de 1769 prohibira que se allegassem no foro Bartholdo e Baldo; foi conhecida por lei da *Boa razão*. Os rabulas e juizes como os de *Serpa* viam n'essa medida o supposto discredito da idolatria e gentilismo dos antigos juristas. E parece que essa exegese attribuida ao auditor de *Serpa* foi testemunhada pelo proprio poeta. Mais tarde carregaram essa estúpida hermeneutica sobre os jesuitas quando estes cairam em desgraça na ultima metade do seculo XVIII.

Ao padre Guardião somente quero. (Pag. 56.)

O padre guardião era Frei João d'Evora Monte.

Faz vir o triste *Luz* que a honra goza
De tocar mal rabeça... (Pag. 70.)

José da Luz escrivão ecclesiastico e rabequista da Sé. Convinha-lhe o epitheto de *triste* por ser muito sorumbatico, de fisionomia funebre, e por seu mal, zarolho e mau rabequista. Outra allusão um pouco adiante.

Ao hom *Gonsalves* (Pag. 72.)

é feita a outro escrivão judicial, Bernardo Gonsalves, atrevido e desaforado, como o testemunham o poeta e os seus contemporaneos de Elvas (ed. R. C. et ed. B.).

O mesmo digo do temido *Almeida*
De quem V. Ec^a tem o sangue... (Pag. 73.)

Ha ainda uma referencia a *Almeida* na pagina anterior, alguns versos acima.

A allusão que se contem nos versos seguintes :

De Cambaia murchar as altas palmas
Na brutal Cafraria elle não vira
Se afouto ou temerario não zombara
Do bater dos sapatos dos Menezes...

funda-se na em curiosa historia de uma destas superstições não raras ainda hoje em tempos mais esclarecidos. A ed. R. C. resume a nota do manuscrito S., reproduzido na ed. B. :

« Indo o principe D. Affonso, mallogrado filho de D. João II, a galopar pela ribeira de Santarem, espantou-se-lhe o cavallo, ouvindo o som de uns sapatos, que certo homem limpava da areia, batendo um contra o outro, do que resultou cair o principe e morrer pouco depois. D. João de Menezes, senhor de Cantanhede, seu aio, tomou agoiro ao dia de terça feira, em que teve logar tão fatal acontecimento e ao facto que lhe deu

motivo. Sendo depois o mesmo Menezes capitão da praça de Arzila, e projectando uma sortida n'um dia muito tempestuoso, mandou alguém, com o fim de o dissuadir, bater-lhe á porta uns sapatos, mas D. João, conhecendo a astucia, disse a quem os batia: Dize a teu senhor que por isso que fazes não lhe quero dar maior pena que a que elle leva por ir n'esta jornada, aonde eu sei que se ha de aproveitar mais dos seus pés do que dos seus sapatos.

Chegando á Aguada de Saldanha o grande D. Francisco de Almeida, primeiro vice-rei da India, na sua volta para o reino, desembarcou ahi alguma gente dos navios portuguezes para se prover de agua, mas, sendo esta acossada pelos cafres, sahio elle mesmo em terra para lhes dar o merecido castigo. Aconteceu porém que, indo pela praia, se lhe encheram os sapatos de areia, pelo que descalçou e o seu camareiro os sacudiu, batendo um contra o outro; o que notando o vice-rei, disse: Que fôra estava D. João de Menezes (se ali fôra) de dar mais um passo adiante ouvindo o seu bater dos sapatos, ainda que fosse dar uma batalha de muita honra sua; mas como eu creio em Deus, acrescentou, mais do que em abusões, não deixarei de seguir o meu caminho. Pouco depois eram elle e grande parte da sua gente mortos ás mãos dos cafres, triste acontecimento que veiu dar mais credito ao agoiro de D. João de Menezes. »

O manuscrito de 1803 diz que ficou proverbial a locução — *O tinir dos sapatos dos Menezes* — mas não vejo na literatura antiga nenhum signal que o confirme.

A verdade é que á morte de Almeida ás mãos dos cafres se refere o poeta relembado aqui do canto X dos *Lusiadas* :

Ali cafres selvagens poderão
O que destros inimigos não puderam,

.....
Occultos os julzos de Deus são!

(Canto X — est. 38.)

Segue Camões aqui o texto das *Decadas* de João de Barros, onde se relata o infausto acontecimento.

Tu, ó pobre *Milheiro*! tu o dize
Que por zombar da fita do palmito
Na respeitavel face do *Roquete*,
Mestre de cerimoniaes e cabalas...

(Pag. 76.)

Ha duas referencias e alusões a *Milheiro*, Francisco Martins Milheiro, beneficiado, prezo e castigado por haver rido desres-

peitosamente em uma procissão de Ramos, da fita que trazia Frei Caetano *Roquete*, carmelita calçado, reitor do seminário diocesano, mestre entendido de cerimônias, e como tal, muito exigente a respeito de fitas e outras minúcias rituaes. As circumstancias do ridiculo successo ficam bem explicitas no texto.

Outra alusão logo se depara na pagina seguinte

O charlatão do *Medico pequeno*

(Pag. 77.)

que por avareza usava sempre como diz o poeta-o *habito escolastico*, isto é, a capa e volta, inteiramente fora de uso, pois os medicos então já haviam adotado o costume de vestir-se como quaesquer leigos. Chamava-se Francisco Xavier, e foi condemnado por não dar alimentos ou dinheiro á esposa. « Bem sabe o gato cujas barbas lambe » diz a este proposito um anotador talvez da casta deste somitego Francisco Xavier.

Foi o moço *Sequeira* que hobreando
Com a *pae sagaz* na usura

(Pag. 84.)

O *Noventa-cabelos* conhecido
Por fido Achates de pomposo Lara

(Pag. 85.)

Excepto o triste *misero Tacanho*
Que gerou por seu mal o velho *Torres*

(Pag. 85.)

Como costuma o zote do *Sardinha*

(Pag. 85.)

Serie de alusões pessoases ainda muito frequentes n'este canto VII. São todas conhecidas :

Sequeira e o pae. Vicente Ferreira de Sequeira, filho de João Antonio de Sequeira; ambos enriqueceram em negociatas e o qual mais avarento.

O *Noventa-cabelos*. Alcinha de tarimba posta por soldados ao sargento mór Cypriano Luiz de Sá Coitinho; era calvo e usava cabelleira. Passava por boa pessoa.

O *Tacanho*. O avarento e mesquinho proprietario do lugar Manuel Joaquim Bastos, filho de fuao Torres.

O *Sardinha*. O conego José Maria Urbano da Guarda (filho de certo Luiz *Sardinha*) e um typo original :

« Fala um dia e toda uma noute, e a toda a hora, mas nada diz que mereça attenção, pois só falla em cousas futeis que em cousa alguma interessam os ouvintes. Vae e entra em toda a parte, falla com todos os que encontra, sem que pessoa alguma o queira em casa ou queira fallar com elle. Diz mal e bem de outra pessoa ao mesmo tempo; e refere e conta, tambem logo, tudo quanto sabe de bem ou mal de qualquer sujeito de que se trate, sem que isso se lhe pergunte ou se lhe dê attenção. Uma prima sua lhe poz o nome de *Fragata Mexeriqueira*. Almoça dez veses e merenda outras tantas. Tem sempre vontade de comer e o pede com rodeios desusados. É incommodo a toda a casa e a toda a pessoa. É miseravel, mesquinho e pouco grato. Promette a todos renunciarlhes a conesia, a fim de lhes chupar alguma cousa e de o terem por hospede. »

Assim diz o contemporaneo que anotou o manuscrito S. (de 1805).

Ainda outras alusões a pessoas deparam-se n'este canto VII, e aqui as reunimos por brevidade as que se nos afiguram menos importantes :

O *Velloso*, aritmetico afamado

(Pag. 85.)

Parece estar por erro *Velloso* em lugar de *Vellez* (José Maria) mestre de latim, que pedantescamente pontificava entre incultos com citações e sentenças, um dos tipos daquelle domine de Fray Gerundio tão excellentemente ridiculisado na novella do Padre Isla.

Apesar do atrevido *Casadinho*

(Pag. 85.)

Era um barbeiro assim alcunhado

O vaidoso mulheril *Perinha*

(Pag. 86.)

De nome Jeronymo Caetano de Menezes e Silva, filho do governador de Villa Viçosa. Vaidoso, e imbellé fidalgo que se pintava o rosto com arrebique. « Escrupulisava, diz uma testemunha (ed. B) entrar na egreja receiando que as mulheres tivessem maos pensamentos quando o vissem. Foi uma vez em Villa Viçosa commungar com touca na cabeça como usam as senhoras, mas o Prior fez-lh'a tirar. Tinha boa cara, mas como se vê, era um grande tolo. »

O grande *Salgado*

(Pag. 87.)

O *Dom Felix, Caturra, e Salgado* são typos populares de lugar. *Salgado* era medico : José Caetão *Salgado Franco* ; casou pobre e casou tres vezes, o que não é raro para medicos ; mas esta circumstancia era sempre lembrada porque no tempo de estudante *Salgado* havia escrito um « Rol das senhoras que namóro » com os dotes e legitimas de cada uma. Aparte essa ninharia anecdotica, foi sempre excellente pessoa.

Na pagina anterior occorrem as allusões a

O *Leite* e o *Barquinhos*

(Pag. 86.)

O manuscrito S. quer que se leia *Barquilhas*, e traz a seguinte nota que por interessante e curiosa aqui transcrevemos :

« O Falcato que escreveu o poema é o doutor Caetano José Vaz de Oliveira a quem em outro lugar Diniz se refere, e que foi contemporaneo e amigo d'elle na Universidade, disem que eram o *Leote* e o *Barquilhas*. Este chamava-se José Henrique da Motta, e o povo d'Elvas chamava-lhe D. José Alarve, dando-lhe o Dom por sua mãe D. Angela que era filha de D. Vicente Henriques de Almeida Soutomaior, dos de Arronches e Portalegre. O outro era Manoel Leote de Alaide de Castello Branco, capitão do Regimento de Mexia. Estes dous sujeitos eram duas peças originaes, muito tolos, muito feios, com umas caras desusadas que por isso lhes poseram o nome de *bichos* no sotão de Falcato, onde serviam de pasto e riso nas horas de recreio ; com a differença que o D. José era jovial, gostava e não se dava que zombassem com elle. O outro, porém, era muito desconfiado. Para que este divertimento fosse mais solemne lhes metteram na cabeça que elles chamavam bicho a D. José Henriques, mas em particular, a Manoel Leote, e áquelle disseram outro tanto. Nesta persuasão viveram muitos tempos e fazia rir a todos a materialidade de ambos, pois quando estavam juntos, fallando-se do *bicho*, cada um de per si o tomava pelo outro, e riam ambos a fartar e ao mesmo tempo. Fartos de os aturarem ou projectando novos divertimentos metteram na cabeça ao Henriques que fosse diser ao Leote que este era o bicho.

O Henriques o por assim lh'o terem dito, ou por seu alvedrio disse ao Leote — Não sabes que tu é que és o bicho, e não eu?... Os de sotão do Falcato tem até aqui zombado de ti, e tu cuidando que eu era o bicho ! — O Leote assim se persuadiu e desconfiou de maior. Dava elle tambem sotão em sua casa, aonde iam varias peccas de bem, e socios, do sotão do Falcato quando d'este sabiam: depois da meia noute e da uma hora, iam até o sotão de Leote e lhe perguntavam : — Esteve cá o bicho ? Que asneiras disse elle cá ? — Antes do conto do Henriques lhes contava o Leote tudo quanto Henriques lhe tinha dito e feito ; e todos juntos com-

mentavam as suas asneiras, e renovavam-se as passadas parvoíces, e com novas graças e petas. Passado este ultimo e certo divertimento se recolhiam para suas casas. Em a noute em que Henriques contou ao Leote o já referido, e foi sem o saberem os da scucia do sotão do Falcato, vieram todos juntos ás horas do costume ter ao sotão do Leote, que acharam fechado contra o costume. Bateram disendo : — Esteve cá o bicho? — Chegou o Leote a uma janella de cima e perguntou : — Que é isso? — Elles lhe responderam e perguntaram entao : » Esteve cá o bicho? » Então foi que o Leote atirou sobre elles um penico porcamente temperado que a todos sujou e salpicou. Desde então principiou o entremez dos bichos que durou à mesma hora em varias noites successivas a que muita gente ia assistir. E lá foi disfarçado o proprio visconde de Lourinhã a fim de rir e notar os bon applausos que n aquellas occasiões se disiam ao famoso Leote. Isto se fez publico pela cidade e o bom Leote era apupado por todos de fórma que se não atrevia a sahir de casa. Esteve em resolução de se mudar para Campo Maior, mas tomou outro expediente e foi ir-se queixar d'estes desacatos ao visconde da Lourinhã que se fez de novas, mas lhe prometteu terminar esta scena, e mandou dizer aos amigos do sotão do Falcato que não fossem jamais metter a a bulha Manuel Leote e mandou rondar pelas ruas prendendo e castigando a todos que lhe chamavam grifo. Eis aqui como terminou a alegria e prazer da Elvense terra.

A historia de perdoar sinceramente ao toiro que lhe rasgou os calções de camurça foi facto certo e succedido em Elvas n'uma festa de toiros na qual o D. José Henriques fez esse papel ridiculo. A de mungir o Leote as tetas d'um bode aconteceu n'uma funcção que os taes amigos foram ter nas herdades, onde os Falcatos tinham a sua lavoura e grangearias. E foi quando o Deão Lara lhes emprestou os espelhos que lhe chamavam as calhandras, e em que as esperavam para as matar; e estando n'esse divertimento passou por aquelle sitio um rebanho de cabras, e correram todos para apanhar cada um a sua, a fim de as ordenharem e brincarem por este modo. Ao Leote, porém, lhe coube por sorte infeliz um bode. Entrou a querel-o ordenhar, cuidando era cabra, o que deu motivo a varios ditos e apódos que lhe dirigiram os companheiros, moços divertidos e de notavel feição, que compunham a sociedade estimavel do celebrado sotão do Falcato, onde se passava uma vida alegre. »

Cavalleiro do porte dos *Venegas*

(Pag. 88.)

Refere-se a D. Luiz de Sequeira Moraes, cavalleiro de Malta. Era conhecido por D. Luiz o *Alarve* (conforme a alusão dos versos que se seguem a este) por ser comilão.

O prior da Santa Igreja

(Pag. 88.)

Da igreja de Alcaçova, a padre fr. João Antonio da Costa e Aragão, homem violentissimo que de uma feita sabendo que um moribiendo recusava receber a extrema unção, lhe levou o viatico e armou-se de faca para obrigar a doente a commungar.

O longo potroso do Saldanha

(Pag. 88.)

Chamava-se Miguel José Pereira de Saldanha e conhecido em Elvas, diz uma das copias de *Hyssope*, por Miguel *Burro*, homem avarento e sordido como o pinta Diniz

Tu, tambem, grosso *Silva*...

(Pag. 89.)

Os versos que se seguem ahi, dão alguma noticia acerca d'este José da *Silva* Machado, natural de Torres Vedras, dado a estudos de genealogia e futeis antiguidades. Tinha, de certo, uma aduela, senão algumas, de menos; pois presumia indicar aos casamenteiros as noivas que lhes convinham e por certas razões de prognosticos que pedantescammente ostentava.

« É por este ar de oraculo que o poeta lhe chama doutor em *Anno historico*, que é um dos livros mais materiaes que se conhecem. Estava em Elvas no tempo em que foi composto o poema, e deu tambem em ir ao sotão do Falcato e em fallar sempre com Antonio Diniz que por muitos annos o tratou indifferentemente. Elle, porém, capacitou-se de que o poeta era seu amigo; entrou a repetir as visitas a casa de Diniz e a dar-lhe varias secas impertinentissimas, oppostas ao genio e estudo do poeta, e lhe mostrava os seus titulos e papeis genealogicos, até que este se resolveu a desenganal-o, vendo que lhe não adoptava seus pareceres e alguns conselhos que por politica lhe deu. Algumas veses d'isto se queixou o *Silva* em algumas partes, dizendo mal de Diniz que vindo a sabel-o entrou a escarnecer e zombar d'elle publicamente, mettendo-o a a bulha quando o encontrava, de sorte que o fez desconflar de todo. Estava uma noite o Antonio Diniz no sotão do Falcato, e como estava doente dos olhos, assentou-se em lugar onde ficava quasi ás escuras e á sombra do candieiro. Desgraçadamente entrou pouco depois o *Silva* no mesmo sotão e não deu noticia de que estava lá o Diniz, pois já disse que elle tinha um olho branco e por isso não via muito bem; e começou com as suas descripções do costume de que passou a diser muito mal de Antonio Diniz. Os mais que estavam presentes foram-lhe dando materia a que elle repetisse tudo o que por veses lhe tinham ouvido dizer. O *Silva* deembaraçou-se quanto pôde e estando já fartos de o ouvirem, se evantou um d'aquelles amigos, virou a bandeira do candieiro e voltando-se para o *Silva* lhe disse: « Sr. José da *Silva* aqui o tem que até agora tem estado ouvindo e muito calado os elogios com que o tem obsequiado. »

Então foi que começou a comedia, que o Diniz enfeitou com mil graças e apodos contra o Silva, que corrido e envergonhado nada podia diser até que se retirou, como a fugir, farto de ser objecto de mil descomposturas e da irrisão e da zombaria. Eu posso ser testemunha de que elle tinha uma zanga figadal ao poeta e lhe ouvi diser muito mal d'elle em Lisboa. »

Bolorento *Pão ralo* e tu que falas
A lingua da mourama, o'bom *gouçado!*

(Pag. 89.)

Pão ralo era a alcunha de um ricasso Luiz Garcia Feirer empreiteiro de sisas et de outros negocios. *Gonçalo* Peres de Gusmão, atoleimado e tertamudo; d'ahi a referencia á *lingua da mourama*, do poeta.

O grande *Eugenio* e o famoso *Felix*

(Pag. 89.)

Eugenio Furtado da Silva, rabequista e o que cantava de tenor na sé. Outro musico insignificante é o Felix Francisco Xavier Félix que, parece, veio para o Brazil, e sem fortuna repatriou-se mais tarde.

Se tu o'extremada *Zamperini*
Que em Lisboa aos caquilhos embaraças...

(Pag. 87.)

A celebre cantora *Zamperini* mais do que nenhuma outra e em tempo algum, quasi excitou uma revolução na sociedade portugueza, cerca de 1770. A sua conta inspiraram-se os poetas do tempo, formaram-se partidos literarios e artisticos e criou-se o verbo *enzamperinar-se* quasi para indicar o furor com que governou todos os chichisbéos, peraltas e homens grave. Pombal disse que era ella a *Pantana* porque naturalmente tudo ali ia parar e mal; algumas fortunas com ella se aniquilaram em empresas temerarias ou loucas. Pombal, emfim, fel-a sair de Lisboa.

Recentemente (1907) Alberto Pimentel editou a *Zamperineida* e em erudito prefacio historiou a fascinação que sobre a sociedade portugueza exerceu a famosa cantora veneziana (1).

A *Zamperineida* é uma collecção facticia de versos da *Guerra dos poetas* do tempo da *Zamperini*, acirrada por outras rivalidades que já dividiam o Parnaso.

(1) *Zamperineida*, segundo um manuscrito da Bibliotheca Nacional. Publicado e anotado por Alberto Pimentel. Lisboa, 1907.

A Zamperini havia de ter verdadeiros dotes de artista e cantora, realçados provavelmente por algumas bregeirices profissionais.

Depois o *Vidigal* ligeiro toma
Uma bandurra...

(Pag. 90 et 91.)

Refere-se ao Padre Francisco *Vidigal* de Negreiros, cantor, ao que parece, abominavel. Aqui ainda o poeta alude a

Voz agallegada do *Malifa*

que (segundo o man. F.) era a alcunha de um capitão de regimento de *Mexia*, chamado Christovão Antonio, notabilidade local, ao que parece.

V. Notas geraes e historicas.

Aqui incluimos as referencias a dignitarios da sociedade religiosa ou civil, a jurisconsultos mormente as auctoridades do antigo direito que a reforma pombalina lançou ao olvido e por isso se tornaram obsoletas ou ridiculas, nos espiritos reaccionarios que ainda as seguiam.

A *escolastica*.
. que alvaçaram
Até á morte os perfidos *Solipsos*.

(Pag. 16.)

A palavra *egoista* foi inventada e vulgarizada pelos encyclopedistas; a unica equivalente mas pouco conhecida, era a de *Solipso*, de *solus* e *ipse*, creada pelo jesuita allemão MELCHIOR INCHOFFER para titulo da sua obra *Monarchia Solipsorum* (1648) que é um ataque virulento a ambição dos jesuitas. Esta interpretação é a que se encontra em todos os editores que tocaram o assumpto depois da edição de Lecusson Verdier (1817). Mas é discutivel que a *Monarchia Solipsorum* seja de INCHOFFER ou do P. SCOTTI, e se na formação da palavra o primeiro elemento

foi tomado a *solus* ou *sol*. Cf. FERD. DENIS — no prologo da traducção do Hyssope — *Le Goupillon*, 15; e a *Bibl. critique* I, 512.

Que em Roma conversou com o *Datario*
(Pag. 30.)

O *cardenal datario* o que preside a *dataria* da curia romana, tribunal ou officio onde se recebem as supplicas e petições e se despacham ou expedem os *breves*; o instituto foi creado por Bonifacio VIII, segundo affirmam as autoridades no assumpto.

O *datario* vem logo depois do *Papa* que quando muito se poderá *vêr*; o nosso heroe, como diz o poeta, *viu* o papa e *conversou* com o datario.

Algumas linhas adiante (diz a *Discordia* falando ao presidente do Cabido) como é possível q. vossa *Senhoria* que vin o Papa, etc. Traga o hyssope pela porta travessa e escusa,

Para offreceo a um *Bispo* de ma'morte?

Aqui o traductor francez foi victima de um engano porque leu *mão morta* em lugar de *mã morte*, fraze idiomática de difficil intelligencia para estrangeiros. « Je n'entends pas bien (diz elle) cette plaisanterie. En termes de droit, si l'évêque était homme de *main morte*, le doyen l'était aussi. »

Boissonade, erudito e douto hellenista, traduziu (apezar de um ou outro lapso, raro) com grande intelligencia e fidelidade o texto do *Hyssope* (1).

Correm velozes por fugir da multa
(Pag. 36.)

São passiveis de multa os conegos que faltam ao côro, dever

(1) Ainda em outra conjunctura (canto VII) não logrou Boissonade entender a locução — *pae velho* — (canto VII) que em nota approssimou de « *à force de consulter les Pères de l'Église.* » O *pae velho* é a traducção interlinear (ou *burro*) dos classicos latinos; todavia, a traducção *à coups de dictionnaires* que preferiu adoptar no texto do poema é satisfactoria.

de que são annualmente dispensados por *cem dias* os que pedem licença previa, e a que chamam *tomar estatuto*. Sem essa declaração e formalidade soffrem desconto e multa.

O Genet, Busembaum, Lacroix, Guimenio,
(Pag. 40.)

Autoridades em theologia : François *Genet*, bispo de Vaison ; *Busenbaum*, jesuita, casuita celebre, favoravel, como outros d'esse tempo e companhia, ao regicidio, quando, ao parecer d'elles, necessario. *Lacroix*, commentador do antecedente ; *Guimennus*, pseudonymo do jesuita Moya autor de opusculos de theologia censurados em 1665 pela Sorbona...

Adiante, refere-se o poeta a varios textos :

Sexto, Decretaes e Clementinas
(Pag. 41.)

As *Decretaes* são cinco livros de decisões dos papas, publicadas por ordem de Gregorio IX. O *Sexto* (livro) foi um accrescimento aos primeiros, do tempo de Bonifacio VIII ; e os *Clementinas* são as constituições mandadas compilar por Clemente V : todos estes monumentos do direito ecclesiastico formam a II parte do *Corpus juris canonici*. E' o que diz uma illustração de Boissonade n'este ponto.

. O novo *Caio*...
(Pag. 46.)

Ven Espen, Dupin, Barthelo.
(Pag. 47.)

Nomes de praxistas e de autores da literatura juridica, ainda então de crescente voga. *Caio* ou *Gaio* é o jurisconsulto do tempo de Marco Aurelio (1).

Com a reforma dos estudos universitarios começou o influxo

(1) Não pode haver alusão ás *Institutas* de Gaio, que só foram descobertas mais tarde (1816) por Niebuhr.

Continuam as referencias a outros juriconsultos :

O bom *Panormitano*
Em grande letra gotica, os *Fagnanos*,
Valenças, *Bellarminos*, *Anacleto*.
(Pag. 48.)

Entende-se : Nicolai Parnomitano (*Pratica de modo procedendi*) Bellarmini Roberto, theologia italiano e cardeal, autor das *Controversias*; Fagnani Prospero (*Commentaria in II libri Decretalium*, etc.); Valença (o padre V.) jesuita espanhol, exegeta da *Summa*; Anacleto, papa. Todos, autores antiquados.

Pouco adiante alude o poeta aos velhos praxistas portuguezes :

Do bom *Phebo* bom *Mendes*, e bom *Pegas*.
(Pag. 49.)

ou de mistura com outros :

. Palma, Decio,
Bartoldo, Castro, Baldo...
(Pag. 50.)

e assim nas paginas seguintes, de que seria enfadonho tratar com prolixidade :

Belchior *Phebo*, que compoz varias obras; Manuel Alvares *Pegas* que commentou as Ordenações; Manuel *Mendes*, autor da *Praxis lusitana* e do *Repertorio ás ordenações*; José dos Santos *Palma*, escreveu adições a *Phebo* e outras obras; Decio, Filipino (Comm. in Decretales, Pandectas, etc.); Gabriel Pereira de *Castro*, o autor das *Ulyssea*, tambem jurista (*Manu Regia*, etc., etc.); Baldo, juriconsulto italiano (sec. XV).

Cabem aqui as outras referencias que se deparam no mesmo canto IV de poema :

O autor da *Arte Legal*, nem do *Perfeito Advogado* ou do *Flavense Gomes*
(Pag. 50.)

O grande portuguez *Cabral Vanguerve*,
E o famoso *Bremeu*... (Pag. 50.)

O nosso *Ferreira*... (Pag. 51.)

Que esses seus *Zalweins*... (Pag. 51.)

O doutor *Caetano*...
.....
Não sei com que *Noodts* com que *Strachios*
E outros galantes nomes... (Pag. 51.)

- O autor da *Arte legal (para estudar a jurisprudencia, etc.* Lisboa, 1747), é o espanhol Bermudez de Predraça, traduzido por F. d'Almeida Jordão.
- O *Perfeito advogado*, ou antes, *Perfectus advocatus* é de Jeronymo da Silva de Araújo.
- Flaviense Gomes* (Antonio Caetano Gomes) escreveu o *Manual pratico* 1748 e outras obras.
- Antonio *Vanguerve Cabral*, autor da *Pratica judicial*, Lisboa, 1712.
- Padre Antonio Cortez *Bremeu*, autor do *Universo juridico*: Lisboa, 1749.
- Manoel Lopes *Ferreira* é o autor da *Pratica criminal*; Lisboa, 1730.
- Gregorio *Zalwein* (1712-1766) canonista allemão da Universidade de Salzburgo.
- O doutor *Caetano* José Paz de Oliveira, advogado em Elvas e contemporaneo do poeta.
- Gerardo *Noodt*, hollandez (1647-1723), professor de Leyde.
- Strachio*, isto é, Strauch, jurista allemão (Boissonade) ou talvez o italiano *Straccha*. (Ed. R. C.).
- Outras referencias ahí entremeiadas já foram alhures esclarecidas, como as que apontam a Bartholdo, o Cêa, etc.
- Ainda o verso
- Me deu o *Passionei*...

(Pag. 48.)

refere-se ao archeologo cardeal Domenico Passionei, coleciona-

dor de antigualhas sacras (*Veronicas, breves, etc.*) a que alude anteriormente o poeta.

Não são esses (sorrindo-se lhe torna)
Mas outros, os *Apostolos*, que digo,
E que precisos são no nosso caso.

(Pag. 48.)

E anteriormente na mesma pagina :

. . . não se esqueça
De pedir os *Apostolos*...

(Pag. 48.)

Apostolos, diz-se, na ed. B., que eram, na antiga jurisprudencia, as cartas demissorias que o juiz *a quo* enviava ao juiz de apellação para attestar que o impetrante apellava da sentença da primeira instancia.

O direito aos que dormem não socorre

(Pag. 51.)

Era essa uma regra antiga, como o testemunham varios passos do *Digesto* : *Jus civile vigilantibus scriptum est. Non negligentibus aut dormientibus subvenitur, etc.*

Alta sciencia...
Que tanto fez suar ao grande *Scoto*
Aos *Baconios*, aos *Lullos*...

(Pag. 58.)

Referencias a Duno *Scoto*, o escolastico, mathematico e alchimista; Rogerio *Bacon*, frade, tambem inglez e do seculo XIII, um d'aquelles alchimistas a quem se attribue a invenção da polvora; Raimundo *Lullo*, natural de Maiorca, seculo XII, frade, theologo, philosopho, missionario, em cuja vida a tradição popular entreteceu maravilhosas lendas.

São mencionados a proposito das « *sciencias mais profundas* » n'aquelle tempo « *reservada dos claustros* ».

Consoante aos appellidos de uso naquelle evo barbaro *Bacon* era o *doctor admirabilis*, *Lullo* o *doctor illuminatus*, e o *Scoto Doctor subtilis*.

VII. — Folklore.

Constantemente apparecem no *Hysope*, onde se pinta com tão fleis cores a vida provinciana, muitas referencias a abusões, credices, festas e divertimentos populares. Notar cada uma d'essas allusões do tradicionismo, seria talvez empreza longa embora util. Entendemos, comtudo, salvar aqui as excepções mais notaveis, que podem servir de materiaes proveitosos aos que estudam o *folklore* epcalogia collectivo syha do nosso povo.

Os silfos, salamandros, ninfos, gnomos

E os outros genios da subtil *Cabala*

(Pag. 48.)

E' curioso certificar que na linguagem commum a idea de *Cabala* inteiramente resultou falsificada, como ja bastariam para o attestar, os versos do nosso poeta, que, no sentido proprio e verdadeiro, apontam a disparate.

O anotador (ed. V. reprod., ed. B.) diz o seguinte :

A Cabala é uma d'aquellas loucuras que, com o nome de sciencia, tem acometido, em diversas épocas, a triste humanidade. Os judeus Hellenistas, querendo reforçar a autoridade das suas tradições oraes, com alguns principios dos Philosophos gregos, foram os inventores d'essa especie de *Giría* a que deram o sublime nome de sciencia occulta; e com bem razão assim a appellidaram, pois no conhecimento e progresso d'ella tão intelligentes e adiantados se mostraram os Inventores e Mestres, como o eram os simplices iniciados. Nomes, figuras, numeros, movimentos dos Astros, etc, etc., singular, ou simultaneamente calculados, e analysados por subtis analogias tam absurdas quanto inintelligive-formavão a base dessa Arte. Desgraçados e inuteis esforços da memoria, captivada pelo mais ridiculo fanatismo, paesavam por infinda erudição, e da supriam as Leis da logica a menos subida. Da Cabála, ou antes abuso arte de raciocinar, pode dizer-se que grandes forças cobraram a Superstição, a Philosophia escolastica, a Astrologia Judiciaria, a Alchymia etc. assim como o quebranto, os feitiços; e o remedio d'estes, quaes os cintos das crianças recém-nascidas, as figas de azeviche, as meias uas, e o signos *samão*, ou de *Salomão* a quem imputam ainda hoje alguns embusteiros a invenção de tão estupendos despropósitos. »

Dom Francisco Manoel escreveu um tratado da *Arte Cabala*

(impr. em 1724), mas especimén mais perfeito de ironia é a cabala do Pegaso de Giordano Bruno em que se faz o elogio da estupidez.

Com quatro *caramelos* n'uma salva.

(Pag. 22.)

E quatro versos antes d'este : « Lhe faz bradar por *agua e caramelos* ». Ha em Elvas uma cisterna publica de celebrada agua fresca e a cujo pé se vendiam os caramelos ou neve; e aqui alude o poeta a esse costumé local que é um dos regalos do verão elvense. O poema, como já dirsemos, foi composto em Elvas. Ao mesmo intento, communicou-me Alberto de Faria, o nosso *folklorista*, a seguinte nota :

« Leio na revista *Portugalia*, II, fasc. 1 á 4 (1905-08) pag. 659 as seguintes linhas de A. Thomaz Pires, natural da terra classica das azeitonas :

« *Ah! Aos caramelos! Ah! como torrão! A cinco réis! Aguinha da cisterna* ». Pregão de rapaz. Entre as pequenas industrias populares da cidade de Elvas figurava, nos seculos XVII, XVIII e XIX, a do fabrico de caramelos. — especie de confeição de assucar em ponto muito subido, batido fóra do lume, de modo que, coagulando se, fica *fôfo*, — industria caseira (hoje bustante decadente) exercida por mulheres. Creio que esta industria foi creada ou se desenvolveu depois do anno de 1650, em que se concluiu a construcção « para commodo e delicia dos elvenses » da grande cisterna publica denominada *Cisterna da praça*, magestoso edificio feito cob a traça e direcção do engenheiro francez Nicolau Lan gres. O reservatorio (destinado a fornecer agua fresca a toda a população no estio e que se abre com certa solennidade na vespera de dia de S. João Baptista) tem a capacidade de 2.240 metros cubicos e é abastecido pelo monumental aqueducto da *Amoreira*.

Antonio Diniz, no poema *O hyssope*, c. I, refere-se a esta industria elvense :

E o calor que as guellas lhe seccava
Lhe faz bradar por *agua e caramelos*. »

A edição R. C. introduz aqui uma variante que não podemos aceitar :

Para tamanha empreza um copo *cheio*...

O nosso texto diz *enchendo*. E' evidente que a variante foi sug-

gestionada por principios logicos ou grammaticaes diante do verbo da oração principal *lhe leva* (um copo *cheio*, e não *enchendo*); mas a correccão *lh'o leva* torna superfluo aquelle escrupulo. Abs-tivemos-nos, pois, de qualquer emenda.

Bom poeta, orador, *Petrus in cunctis*.

(Pag. 34.)

Petrus in cunctis equivale ao que na giria de hoje se diz-o *homem dos sete instrumentos*, ou o *pau para toda a obra*, o que tem muitas partes, manhas ou habilidades, como as que enu-mera o poeta nos versos antecedentes, gentilhomem, homem de gabinete, de conselho, poeta, orador, etc.

Fora da giria das escolas, creio que nunca se tornou popular.

Anda no bairro *Lubishomem*
Ou homem por *fadario* transmudado
Em jumeuto orelhudo ou em sendeiro

(Pag. 63.)

Crença ou superstição popular de Portugal e Brazil. Cf. Theophilo Braga. *O Povo portuguez* II, 85 e 155 (com um trecho de A. Herculano, referente a esse mytho). Do *lobishomem* trata Leite de Vasconcellos nas *tradições populares*, 262 *sequ.* onde se registram as variedades dessa especie demoniaca-*corredor*, *lubishomem*, etc. No Brazil complica-se esta lenda com a do *Caapora*, de conteudo differente, ainda que semelhante em alguns pormenores. Não é aqui o lugar mais proprio para tratar das origens deste mytho do nosso *folk lore*; aos leitores indica-mos as autoridades acima apontadas.

Essa superstição europea foi causa das maiores barbaridades na idade media quando se condemnavam á fogueira os doentes de *lycanthopia*. O atroz expediente foi lembrado por uma junta de theólogos convocada pelo imperador Sigismundo.

O benzer dos feitiços e lombrigas,
O grande e extraordinario privilegio
De irmãs e mãe de frades...

(Pag. 70.)

« representam uma crença, não só do Alentijo, mas também do Minho, — a de taes parentes de monges terem o poder de quebrar feitiços e curar os doentes de lombrigas. »

E' uma nota que me communica o erudito escritor Alberto de Faria.

Sobre o influxo virtuoso de irmãs de clerigos ou padres, veja Th. Braga. *O povo portuguez*, II, 186.

O erudito Lecussan Verdier aproxima ousadamente estes versos de Diniz de outros latinos do poema *Franciscanus* do escossez Jorge Buchanan que veio ensinar na Universidade de Coimbra a chamado de D. João III, honra que lhe custou o não escapar a santa Inquizição nacional. Os versos de Buchanan são os seguintes :

Illa tamen patribus seges olim uberrima nostris
Fingere nocturnos lemures, manesque vagantes
Lustrali compescere aqua, magicisque susurris,
Frigida nunc tota est : postquam nasuta juvenus
Pectora crassorum male credula ridet avorum.

Cf. Ed. Verdier, 1821; repetida na ed. R. C.

E por dar mais prazer aos convidados,
De *cavallinhos fusc*os...
O galante espectáculo prepara.

(Pag. 83.)

Grande estudioso do nosso *folk lore*, Alberto de Faria chamou-me a attenção para esse passo do poema e para o que escrevera Theophilo Braga no *Povo Portuguez* (II, 164 *sequ.*), acerca deste divertimento popular portuguez, pouco conhecido no Brazil :

« Outros elementos mythicos se encontram nos emblemas e symbolos hieraticos da procissão do Corpo de Deus ; taes são os *Cavallinhos fusc*os, ordenados no Regimento de 1482 : « Os trapeiros, que são os mercadores de pano de linho, e os mercieiros todos com suas tochas accesas e castellos de estanho : e levacão cua bandeira e alábaque e dois *cavallinhos*

fuscos. » No regimento da Camara de Coimbra para a Procissão de Corpus, de 1517, os cordoeiros, albardeiros, odreiros, e tintureiros levam quatro *cavallinhos fuscos*, bem feitos e bem pintados. « E no Regimento Camara do Porto para a mesma Procissão, em 1621, os selheiros, esteireiros e correeiros irão com os *cavallinhos* e Anjo armado no meio. O emblema dos *cavallinhos fuscos* não pertencia a uma classe especial. D. Francisco Manuel de Mello refere-se a este costume que se tornava divertimento popular: « Sempre está no cavallinho da alegria, mas vigie-se dos *cavallinhos fuscos*... Onde enterra o senhor os que mata? Entre as unhas em *valle de cavallinhos*. » Evidentemente, estas phrases ainda populares referem-se á superstição *mythica* e *germanica* do cavallo. « Os Germanos, como os seus passados Gotas e Scythas, tiravam prognosticos do relincho dos cavallos.

A este respeito, a nota mais completa e exacta que temos é a de Adolpho Coelho em que se estuda a expressão e o seu fundamento no *folk lore* europeu.

« Em Coimbra, na minha infancia, ouvi muitas vezes a expressão *ir ver os cavallinhos fuscos* no sentido de ir vadiar, ir passear á busca de qualquer espectáculo que se offerecesse pelas ruas. Ninguem me soube dizer o que eram os taes *cavallinhos fuscos*, a que depois encontrei allusões em diferentes auctores. Na *Feira dos Anezins* (edição Innocencio) 2. 2. 1 lê-se: « Sempre está no cavallinho da alegria; mas vigie-se dos *cavallinhos fuscos*. » O auctor das *Enfermidades da lingua* (s. letra C, pag. 111) condemna esta expressão *cavallinhos fuscos*. Soropita na sua prosa burlesca e embrulhada falla de *cavallinhos fustes*, o que é sem duvida, a mesma coisa: « E depois se levaram de presente ao sogro do grão Turco, juntamente com umas beringelas e uns *cavallinhos fustes*, que lá comem esperregados pelo inverno, que são maravilhosos para dôr de madre; e nós somos tão malhadeiros que os temos aqui todos os annos e nunca nos sabemos aproveitar d'elles (*Poesias e prosas ineditas*, edição de Camillo Castello Branco, pag. 38.)

« D'estas passagens não se conclue ainda o que eram os taes *cavallinhos fuscos*; sabemos-o porém claramente de dois documentos publicados por João Pedro Ribeiro nas *Dissertações chron. e crit.* tomo IV parte II, pag. 201-207 e pag. 226-230. No segundo d'esses documentos, que é o regimento da festa do Corpo de Deus feito pela camara de Coimbra em 1517 (segundo Ribeiro) lê-se: « Os cordoeiros, e albardeiros, e odreiros tintureiros, que todos andam em o officio são obrigados a darem quatro *cavallinhos fuscos* bem feitos e pintados, e se os elles taes não fizerem a cidade os mande fazer, como lhe parecer que devem de ser, e elles os paguem, e terem huma boa bandeira, e hiram em Priciação. » No outro documento, que é o regimento da mesma festa feito pela camara do Porto em 1621, estatue-se: « *Item*. Irão os Celleiros, e Cutileiros,

Bainheiros, Espadeiros, Caheiros, e Asteireiros, e Correeiros, com sua bandeira e castellos bem ornados de bandeirinhas, boninas, e flores, e sua cera com os cavallinhos, e Anjo armado no meo, etc. » Vê-se d'essas passagens que os *cavallinhos fuscos* deviam ser umas figuras de cavallos, feitas de madeira ou pasta; é de erer que fosse movidos por homens que figurassem ir montados n'elles; constituíam uma parte necessaria no prestito do Corpus Christi, como ainda hoje os cavallos de carne e osso. O caracter symbolico ou mythologico das outras figuras que desfilavam na procissão leva naturalmente a buscar a significação (forçosamente devia ter uma, como todas as festas tradicionaes em todas as suas partes) d'esses cavallinhos. Essa representação do cavallo encontra-se em muitos povos europeus; na França chamam-lhe *chevalet*. » Le Chevalet, diz Edélestand du Méril (*Histoire de la comédie. Période primitive*. Appendice 1. pag. 421 à 423) est populaire dans presque toute l'Europe sous des noms très divers. On l'appelle *Bidoche* dans le département de l'Orne; *Cheval-Mallet*, dans la Loire-Inférieure; *Cheval-fug*, dans l'Allier; *Cheval-fol*, à Lyon; *Chiavoux frux*, dans le Midi; *Godon* à Orléans; *Cheval-Godin*, à Namur; *Chinchin*, à Mons, à cause des grelots dont il est orné; *Algodon*, en espagnol; *Caball cotoner* et *Caballet*, en catalan, et *Hobby-horse*, en anglais. Quoiqu'il soit populaire en Allemagne depuis longues années, son nom propre, *Schimmel*, Cheval blanc, n'est pas fort connu: on l'appelle le plus souvent *Theaterpferd*, Cheval de théâtre; *Pferd von Pappé*, cheval de carton, et *Schlittenpferd*, cheval de traîneau. Cette multiplicité de noms suffirait pour rendre inadmissible l'origine historique que lui ont attribué Millin et M. Germain. Il n'y a rien de commun entre ce cheval si cabriolant et celui sur lequel Pierre II d'Aragon ramena tranquillement sa femme en croupe à Montpellier, en 1207: encore moins peut-on le rattacher au cheval empaillé qui figura dans la commémoration de cet événement, en 1239. C'est évidemment l'imitation du cheval avec ses différentes allures, ses vivacités, ses bonds, ses hennissements et son amour de l'avoine. » Du Méril cita diversos auctores que confirmam esta idéa do papel representado pelo chevalet e continúa: « Les circonstances singulières qui accompagnaient l'exhibition du Chevalet à Sainte-Lumine de Contais, dans le département de la Loire-Inférieure, rappellent cependant le rôle mythique du cheval dans la religion gauloise. Le jour de la Pentecôte, l'homme-cheval assistait à la messe paroissiale dans le banc du seigneur, puis il se rendait processionnellement sur la place publique suivi de deux personnages qui ferraillaient pendant toute la marche avec de longues épées, et tout le monde dansait autour d'un chêne qu'on avait planté tout exprès. Mais ce n'était là sans doute qu'une fantaisie purement locale, qui ne change en rien le caractère tout minique du Chevalet. Il se retrouve, non-seulement au Mexique, mais en Chine, où ne pénétraient point les choses d'origine étrangère, et le nom qu'on lui donne en espagnol ne permet pas de douter qu'il ne fût aussi connu des Mores. » A ultima conclusão de du Méril não tem fundamento, porque *algodon* (portuguez *algodão*) é uma palavra, que, embora de origem arabe, os hespanhoes podiam independentemente applicar

ao cavallinho. O mesmo auctor cita em nota um opusculo provençal *Leis Juechs de la Festo de Diou*, pelo qual se vê que na Provença, como entre nós, o cavallinho apparece pela festa do Corpo de Deus.

« A Kuhn e W. Schwartz, *Nord-deutsche Sagen, Märchen und Gebräuche* (Leipzig, 1848) mencionam o *Schimmel* entre os usos de quarta feira de cinza (pag. 369), Pentecostes (pag. 381) e Natal (pag. 402). Os factos e observações reunidos por Kuhn opusculo citado pag. 510, *Märkische Sagen und Märchen*, (Berlin, 1843), pag. 308 por J. Grimm, *Deutsche Mythologie*, (3.ª edição), pag. 621-629, por K. Simrock, *Deutsche Mythologie* (2.ª edição), pag. 559 provam que o *Schimmel* (e por consequencia o nosso cavallinho fusco) é o representante do antigo cavallo do sacrificio. Na minha obra sobre os costumes populares portuguezes exporei esses factos e observações e discutirei se o costume entre nós deve ser considerado de origem celtica, romana ou germanica. E o nome ou antes o adjectivo *fusco*, d'onde vem? Soropita escreve *fuste*, sem duvida porque um *fuste* era empregado para armar o cavallinho; mas era essa a fórma primitiva, verdadeira da palavra? O mais antigo documento portuguez que cito diz *fuscos*; não ha uma certa similhaça com o *Cheval-fug* do Allier, com quanto illusoria? (1) »

Ainda a estes divertimentos populares devemos aqui ajuntar a referencia que se depara no ultimo VIII canto do poema.

Voemos! — E n'um ponto, coisa rara!
E que igual nunca fez *Juan de las Vinhas*,
Pelos ares voaram livremente...

(Pag. 102.)

Nos theatrinhos de bonecos ou bonifrates o *João das Vinhas* ou *Juan de las Vinhas* é uma das figuras mais notorias, e a ella é que se attribue sempre uma viagem de que não volta, ao desaparecer da scena (2).

(1) « Um etymologo da velha escola não duvidaria de tirar o *cavallinho fusco* do *cheval fug*; mas a forma primeira é realmente a dada por Soropita. Em Ducange, edição Henschel, s. v. *Cavalletus*, citam-se documentos pelos quaes se vê que *chevel fust* designava o cavalleto da tortura; *cheval feust* (forma apenas distincta phoneticamente, peculiar a outro dialecto) o apparelho do qual « utuntur mercatores, ut merces suas exponant, ponderent vel metiantur pro vario mercimoniorum genere... Cujusmodi instrumentum plurimis artificibus in usu est, quod quatuor veluti pedibus sustententur, sic dictum. » Nota do mesmo A. Coelho Este exellente artigo foi ainda refeito le reimpresso na *Rev. Lusit.* em n.º agora a nós inacessivel.

(2) Cf. que escrevi a respeito da expressão *Viajem de João Gomes*. (na 1 serie das *Frazes feitas*). Um nosso grammatico, o Dr. Silyio de Almeida, estudioso mediocre e inhabil senão ignorante, acha que *João Gomes* equivale a *Não tornes* (!).

O' grande Elvas, cidade em todo o tempo
Por teus famosos filhos memoranda!

(Pag. 91.)

Os de Elvas, segundo um apodo popular, são famosos pelas parvoices. Aqui esclarece o poeta com exemplos esse anexam, e os exemplos passam por verdadeiros. Assim o foi o da economia do senado da Camara que para concertar o velho e já rachado sino.

Quatro gatos mandou lançar de ferro

(Pag. 92.)

Esse remedio, que era uma logração, sempre foi crido e ainda haverá quem deite gatos de ferro aos sinos para lhes restituir o tom perdido. Em Elvas o acontecimento ainda originou um pleito entre o senado e o serralheiro.

Outra anecdota quanto a essa parvoice de Elvas refere o poeta nos versos da pag. 93, quando á cidade chegou o « rumor ainda incerto dos regios desposorios da princeza real »; apoz um lauto banquete commemorativo os vereadores entenderam lançar ao povo apinhado fóra do edificio do senado, as « reliquias da merenda » :

Ovos molles

Arroz doce, cidrão, e leite crespo

Que o povo ás rebatinhas apanhava...

(Pag. 93)

Naó é menos celebre a de uma inscripção a que se refere Diniz n'este mesmo lugar :

*« Que direi, (prosequiu) da subtiliza,
Com que gravar mandaste sobre a porta
Que tem de Esquina o nome, em negra pedra,
Por que ninguem a lél-a se atrevesse,
A famosa inscripção, em negras letras!*

Lá existe (diz o manuscripto S, 1805) ainda essa pedra. Eu a vi, mas, depois de corridos, poseram-lhe letras brancas. E cousa que não agradou a muitos. O auctor d'esta maravilha foi João Leite, sendo vedor geral, por cuja inspecção correu a dita obra. Seriam effeitos já da agua das Amoreiras, que dizem que todo o que d'ella bebe diz e faz asneiras. Eu não sei se é agouro ou abuso isto que se diz. É verdade que não sou dos mais credulos, mas é digno de notarse que n'esta cidade é onde tem acontecido historias e parvoices raras. Pouco ha que succedeu outra bem digna de notar-se no referido catalogo. E foi vir por vereador um nego-

ciante rico, chamado d'alcunha o *Linheiro*. Opposeram-se a isto todos os seus collegas. Eram mais pobres que o *Linheiro* e deseguaes nascimento e nobresa!... O certo é que não é facil notar em outra qualquer terra tantas peças originaes e retratos veridicos como vemos n'este poema, ficando ainda alguns no tinteiro, como foi um João Sardinha Brissos, commissario da thesouraria, digno de correr parilhas com o Zote do Sardinha e com ambos os Bichos. »

VII. — A linguagem.

Hyssope ou *Hyssopaida*

Hyssope é o nome mais vulgar do poema. Não é menos certo que tambem foi conhecido com o titulo de *Hyssopaida* e a esse é que se refere Mello Franco no *Reino da Estupidez* que figura n'esta collectanea :

Musa renova no teu vate o fogo
Com que acendeste outr'ora a sabia mente
Não digo de Despréaux, d'aquelle activo
E discreto Diniz na *Hyssopaida*.

Canto IV. — Pag. 147.

Em geral, á imitação de Homero e Vergilio nasceu entre portuguezes a tendencia de formar neologismos, em nomes de poemas heroicos, mas sem firmeza quanto ao suffixo de incremento e derivação; *cada, iada, aida*. E assim disseram *Eneada*, *Henriqueida*, etc.

O neologismo *Lusiadas* que Camões adopto u foi creado por Jorje Coelho na opinião do D^r José Maria Rodrigues ou por André de Resende, segundo a D^{ra} Carolina Michaëlis de Vasconcellos persiste fortemente em afirmar (1); em qu alquer caso foi inventado entre 1525 e 1535, mais de trinta annos antes da primeira edição da grande epopea nacional.

N'essas derivações eruditas nem sempre os portuguezes letrados do outro tempo tomaram por modelo o caso obliquo com o seu incremento e é frequente a concurrencia de formas duplas

(1) Conheço o estado da questão até o opusculo de Carol. Michaëlis de Vasconcel'os: *Lucius Andreas Resendius*, publicado ha tres annos (1905).

Amarillis, Cloris, Filis, e Amarillidas, Cloridas, Filidas e por analogia outros nomes de formação recente (Cf. o que diz F. Dias Gomes em anotação as suas *Obras poeticas*, 81). Não ha nada menos logico do que o uso que perpetuou *Lusiadas* e desterrou *Eneadas* usado outr'ora, em favor de *Eneida*.

O proprio *Lusiadas* concorreu com *Lysiadas* e Camões foi de certo quem acreditou perennemente a primeira forma (1).

O neologismo camoneano não foi muito imitado, apesar de um ou outro exemplo como a *Elegiada* de Luiz Pereira; ao contrario, mais frequentes, os titulos periphrasticos a maneira italiana e espanhola prevalecem no genero epico: *Lisboa edificada, Lisboa destruida, Viriato tragico, Malaca conquistada, Lusitania restaurada*, etc., costume que alias ainda é muito frequente n'uma especie do mesmo genero, a novella ou o romance.

Grammatiquices.

Algum tempo discutiram editores e copistas se se havia de dizer, logo no começo do poema,

. . . as margens apraziveis
Que o *Sena bordam* de arvores viçosas,

ou se antes conviria substituir *bordam* por *borda*, pois que o rio e não as margens é que *borda*. Questão byzantina que consideramos já resolvida desde que no unico manuscripto revisto e corrigido pelo poeta se adopta a lição *bordam*.

Outra pueril grammatiquice foi a que deparou o verso, mera inadvertencia, talvez de copista, e que já apontamos entre as variantes:

Que mandar gravaste..

Onde não é difficil perceber que a verdadeiro leitura é *gravar mandaste*.

(1) Ainda no seculo xvii diziam a *Lusiada* por suggestão de-a *Iliada*.

PER e POR

Nas primeiras edições de *Hyssope* seguiu-se a distincção orthographica e syntactica entre as duas palavras *per* e *por*.

O uso de hoje não as distingue mais e a forma *por* quasi que exclusivamente absorveu as funcções de uma e outra.

Um dos editores de poema achou conveniente fazer a seguinte declaração :

« Cumpre-me declarar aos estudiosos leitores, que o sabio e benemerito auctor do *Hyssope*, fez a devida distincção entre as preposições *per* e *por*. Servir-mehei de seus proprios termos :

— Ha differença entre as preposições *per* e *por* : *per* indica o agente, o meio; e *por* denota o objecto, o motivo de, como em francez *par* e *pour*. Os modernos escriptores portuguezes confundem estas preposições; e ignorando este principio logico, commettem anomalias absurdas. Quem entenderá estes versos?

De Leiria, que d'antes foi tomada
Por quem *por* Mafamede enresta a lança.

Camões, Lusíadas, canto 8º, est. 19

Versos que assim se acha em quasi todas as edicções. Pobre *Camões* ! O nosso illustre bispo Jeronimo Osorio em uma de suas cartas, dá-nos um exemplo assás notorio da differença das sobreditas preposições e n'um só frase :

E viu o reino que as pessoas *per* que se governava el-rei, eram da companhia da sua cevadeira, e feitos *per* ella, e *por* ella, e para ella ser tudo em tudo. »

Não nos parece que este uso antigo e obsoleto deva ou possa ainda ser resussitado.

Para depois tecer grossos volumes
Do — *h* — sobre a pronuncia.

(Pag. 17.)

E'mera recordação de erudito. Na lingua portugueza a letra *H*, embora inutil, nunca offereceu difficuldade de pronuncia salvo no grupo *ch* da transcripção greco-latina.

O autor aqui foi suggestionado pelo que se acha no methodo de *Port Royal* a cerca de quanto disputaram os grammaticos sobre este ponto.

Os orthographos portuguezes, Nunes de Lião, Vera, Franco Barreto não deram nem podiam dar importancia ao caso. Com

mais propriedade falou o Tolentino quanto ás *leis do adverbio e da conjuncção*.

Quem mais sente as terriveis consequencias,
E'a nossa *portuguez* casta linguagem,
Que em tantas traducções anda envasada
Etc.

(Pag. 58 et 59.)

O adjectivo em *es* era já então variavel.

Aqui se deparam os bellos versos sempre citados e repetidos contra a invasão de gallicismos na lingua portugueza, mormente no seculo XVIII. Filinto Elysio quasi paraphrazeia Diniz, n'este dialogo :

« Dêmos que resussite (o que hoje é facil)
Vieira, e ouça falar certos Peraltas,
Pregoeiros de afrancezada lingua.
Parace-me que o vejo franzir beiços,
Encrespar o nariz, perguntar logo :

VIEIRA

Quem vos torceu as falas á franceza,
Meus pardaes novos de amarello bico?

PERALTA

Lemos livros de fita, e é nesses livros
Que nós *puisamos* o falar á moda,
No mais *charmante* tom, mais *sêdusante*.

VIEIRA

E quem trouxe essa moda, meus meninos?

PERALTA

Elle é, pois que *exigis* que com *justeza*
Rapporte o *renomado Chefé*, é esse o
Traductor do Telemaco cortado
De sermões Vicentinos precedido,
Avamcorrores d'esta nova escola.
« Vou-me lá » (diz Vieira) — Eil o que bate
A porta do Ribeiro, e pède novas
Desta nova eloquencia gallo-lusa.

VIEIRA

Quem préga cá melhor? quem faz bons versos

PERALTA

Eloquencia, Monsieur, tem alto *rango*;
 É o *affaire* do dia, os meus *Elèves*
Bellos espiritos, chefes do bom gosto,
 Tem dado á linguagem taes *nuanças,*
 Que nunca em *golpe de ólho* *remarcá rão*
 Os antigos na *affrosa* obscuridade.

VIEIRA

Pare, pare, senhor, c'o sarrabulho
 Dessa phrase frandúna. Eu fui a França.
 Nunca lá me atolei nesses lameiros,
 Nunca enroupei a lingua Portugueza
 Com trapos multicóres, gandaiados
 Nessa feira da Ladra. Os meus Latinos
 Me dêrão sempre o precioso traje,
 Com que aformosentei a Lusa fala.
 Com Deus fique, senhor. Tal giria esconsa
 De ensosso mixtiforio bordalengo
 Só médra co'esses tolos, que se enfronham
 Com lingua estranha, sem saber a sua.
 E dão co'essa mistura a vera effligie
 Do apupado ridiculo enxacôco.

D'ahi por diante foi moda combater os *gallicismos* que em verdade não são menos espurios que os *latinismos* do seculo de quinhentos. O phenomeno era e ainda é por sua natureza inevitavel, como o foi a reacção por parte de portuguezes, espanhoes e italianos. Os puristas conseguiram alguma coisa contra os *peraltas* que é hoje toda a gente: levantaram o gosto das leituras antigas, rehabilitaram muitas das esquecidas excellencias da lingua dos classicos e impediram muitas innovações ridiculas e escusadas.

O proprio Diniz, ao escrever o *Hyssope*, já estava affogado na inundação dos francezismos que busca evitar não sem algum sophisma.

N'um dos primeiros versos do canto III emprega a palavra *surpreza* então condemnada como insoffrivel gallicismo pelos

puristas, e apenas accomodaticamente, escreve-a em letra grifa :

Tu jocosa *Thalia* agora dize
Qual seu espanto foi, sua *surpreza*.

Notamos acima que Diniz emprega *surpreza* e sublinha a palavra pela julgar suspeita. Ainda no *Hyssope* encontramos a expressão *bugia* (velas) que se não generalizou, apesar de usada no seu tempo, e o epitheto « dama *gagé* » (desembaraçada) francezismo da moda no seculo XVIII.

O gallicismo era já então irresistivel em muitos dos expressões hoje correntes.

Essa reacção contra o estrangeirismo estava muito longe de ser uma novidade; ao contrario, era um dos symptomas de vulgarismo e de patriotismo da plebéa que encheu todo seculo XVIII: n'este periodo, inventaram-se facecias e lances ridiculos por conta do *peralta* ou *francinote* que foi a bigorna em que malharam todos as farças, entremezes, e satyras desde Nicolau Luiz a Filinto Elysio. Ora o *paralta* estrangeirado, a franceze ou a italiana, desprezador da literatura nacional e do theatro do Bairro-Alto, é por uma ironia e contradicção não rara na historia, um dos estimulos mais fecundos d'essa erudita Arcadia (mais que estrangeira, excentrica) da qual Diniz é o mais estreneo representante.

Co'um puxativo *escalda*.

(Pag. 102.)

São diversas e desconformes as explicações que tem sido apresentadas a cerca d'esta palavra pouco conhecida :

Reproduzimos alguns commentarios dos editores do poema.

« Esta é nota que á palavra *escalda* dá Verdier na sua ediação do *Hyssope*, Paris 1817. Melhor nos parece, porém, e mais verdadeira a explicação d'essa palavra dada por José da Fonseca em nota a ella na edição que do *Hyssope* anda no tomo 6º do Parnaso Lusitano, impresso em Paris em 1834— e é a seguinte :

Escalda é palavra alemtejana e significa iguaría apimentada, ou para

melhor dizer as iscas de fígado frito, que provocam, aos que as comem a regar frequentemente os gorgomilos com o sumo de Baccho. — (Ed. B).

Escalda parece-me synonymo de espada, catana, etc, e será talvez, vóz corrente em *Elvas*, e no Alemtejo, mas de certo, em estylo familiar; bem como — *ferrumpéa*, *ferrusca* ou *farrusca*, *tarasca*, *ferrugenta*, *Maria francisca*, *timebunt*, etc., são nomes que em Portugal o povo de varias terras dá, familiarmente falando, á essa arma.

O leitor deverá lembrar-se que algures o nosso poeta introduziu, no numero dos Convidados, este Prior da *Alcaçova d'Elvas*, e o pintou de loba e capa.

Mas debaixo o braço co'a *catana*...

Que aqui appellida — *puxativo escalda* e logo mais abaixo — *brilhante Durindana*. (*Ibid.*)

« Escalda é, conforme nos asseveram pessoas da provincia do Alemtejo, comida apimentada e muito adubada, com que os devotos do deus Baccho costumam excitar sua devoção á frequencia das libações; em outras provincias dá-se-lhe o nome de isca, de escapola, etc. No mesmo Alemtejo appellidam-se outrosim escaldas as tavernas ou bogedas, onde se vendem essas comidas, e tambem as refeições em que, entre amigos, se comem as taes iscas puxativas. » (Edição de 1821.)

As notas do sr. Dr. Pitta dizem a este respeito o seguinte :

Escalda é um guizado ou caldeirada de peixe, recém-pescado, que os pescadores do Guadiana fazem com poejos, alhos, pimentão, azeite e vinagre, e chama-lhe puxativo porque é incitativo para beber vinho. » (Ed. R. C).

As palavras que se encontram no *Hyssope* são da linguagem corrente, excepção feita de algum vocabulo propriamente local como este *escalda* e em outro lugar do poema a expressão *fregona* (criada) espanholismo sem duvida vulgarizado pelos entremezes e comedias do seculo XVIII.

A syntaxe do poeta não offerece particularidade notavel, Como arcade e neo-classico, usa e abusa de inversões hoje intoleraveis :

Mil, em silencio, deixarei sucessos.

(Pag. 91.)

E est'outros versos que ainda parecem mais extravagantes :

Os dias gasta, desfructando a honra

D'a rustica curar gente da vargem.

(Pag. 87.)

O Reino da Estupidez

A fabula d'esse poema heroi-comico é simples e não tem quasi urdidura alguma.

A *Estupidez* determina e consegue erguer um throno na terra dos Lusos; antes d'isto era repellida de toda a parte e de todos os paizes cultos. Procurou entrar e aboletar-se em França, terra ainda havia pouco abalada pelos encyclopedistas e pelos philosophos da revolução, mas

Da gallica nação ligeira e douta
Mil pragas vomitando fojem todas.

C. I.

Depois deste insuccesso e desta má fortuna procura as praias da « *britanica gente* » mas logo ella e o seu sequito desesperam porque áquelle

. . . profundo povo
Brilhantes apparencias nunca illudem.

Discorrem ainda pelo « *frio Norte* » as furias sequiosas da Estupidez e sem que se lhes depare acolhimento e abrigo. Afinal teem uma idea que resultou a melhor :

D'aqui fujaamos para o *Meio-dia*
Paiz de toda a Europa o mais ditoso.
Aqui mais resistencia não teremos
O povo habitador d'este terreno
Apesar dos passados contratempos
A meu mando viveu sempre sujeito.

E' consequentemente ahí nas *amenas Hespanhas* » como diz o poeta, é que com armas e bagagens acampa a *Estupidez*.

Para o poeta a *Estupidez* confunde-se com o ensino religioso, a *Theologia* que domina todos os cursos da Universidade. D'ella são companheiras a *Raiva*, a *superstição*, a *hypocrisia*. Cada um d'estas personagens no poema encarece as qualidades e as vantagens proprias por meio de discursos em que tomam a mão successivamente.

Eis uma pintura da *Superstição* :

Logo a Superstição em pe se pãe ;
 Mas fazendo primeiro mil monices,
 O chão prostrada per tres vezes beija ;
 Outras tantas rosnando certas cousas,
 Faz sôbre o coração quinhentas cruces,
 Debaixo da camisa tambem tira
 Uma grande almofada, que constava
 De muitas orações, muitas reliquias,
 Ja contra mal-feitiços, contra a peste,
 E muitas contra a tentação da carne,
 Beija, e rebeija o venerando Breve ;
 E com os olhos para o Céu erguidos,
 Benze-se...

Volta-se, pois, ao reinado da *Estupidez* no qual a santa Inqui-
 sição faz renovar as suas torturas e de novo faz correr rios de
 sangue como

Na celebrada noite dos francezes

isto é, na memoravel S. Barthelemy. Como no tempo em que
 os mouros eram apodados de *perros*, de novo

... por alma de cão qualquer é tido
 Que a santa fé de Roma não professa

G. II.

Contra essa entrepreza de retrogadação, ha apenas, no con-
 gresso academico de Coimbra, uma voz que se levanta em favor
 da liberdade de consciencia e das sciencias modernas suffocadas
 pelos estereis syllogismos da philosophia dogmatica. Esta voz é
 a de *Tirceu*, nome que no poema symboliza o do lente de prima
 em mathematica, o D^r José Monteiro da Rocha. O seu discurso

Não é a gloria vã de distinguir-me...

(Canto III.)

é uma vibrante apostrophe contra a legião dos retrogradados com-
 panheiros da *Estupidez*; marca o ponto de maior interesse do
 poema.

Como era de prever, a *Estupidez* triumphá. Os lentes que
 adherem á nova Deusa cantam-lhe ferventes louvores :

Os Oradores vêem : off'rece um d'elles
 A discreta oração *de sapientia*,

Que foi causa de ser tam cedo Lente.
 O outro o mesmo faz da sua Analyse
 Do parto septimestre, cousa prima!
 Um bando de Rhetoricos rancosos
 Depois acode; um d'elles assim falla :
 (Parece, que Bezerra se appellida)
 « Soberana Senhora, a vossas plantas
 Tendes rendida per vontade, e gôsto,
 A porção principal do vosso Reino.

Em resumo, o *Reino da Estupidez* não é propriamente um poema porque lhe falta de todo a acção; é antes uma *satyra* um pouquinho longa e que lucraria de certo em ter sido mais breve.

Como quer que seja, as condições do momento, pelos fins do seculo XVIII, deram popularidade a essa investida contra o carrancismo do *antigo regimen*, como era a expressão tomada aos francezes, o não o era menos o facto, pois toda a Europa estremeia e vibrava com o terramoto da grande revolução.

Para aquelle tempo, o *Reino da Estupidez* parecia ousadia estrema; hoje mal se comprehende que fosse necessario occultal-o da vista dos beleguins e dos sustentaculos do throno e do altar, e ganhasse d'esta perseguição o sabôr das coisas prohibidas.

Depois de muitos annos foi impresso e obteve algum favôr e modesta popularidade de que já não ha quasi vestigio senão na memoria de criticos, bibliographos e historiadores.

Depois de Boileau entrou em Portugal a moda dos poemas comicos; a *Benteida*, o *Foguetario*, o *Hyssope*, a *Gaticanea*, o *Reino da Estupidez* e uma duzia de outros, são especimens curiosos d'essa subalterna imitação do grande mestre francez. Salva-se, todavia, o *Hyssope* como sendo a mais feliz de todas as tentativas.

Não canto aquelle heroe pio e valente

(Canto I)

é uma allusão a Eneas e ao modo de começar os poemas epicos, desde o exemplo de Vergilio seguido nas epopeas do Ariosto, do Camões, Tasso e todos quantos vieram depois d'estes. Não era necessario esse introito (que o dispensou Diniz no *Hyssope*) mas o poeta naturalmente entendeu que o caso era seme-

lhante ao dos Eneades, pois a *Estupidez* apoz varias peregrinações que se recontam no canto I veiu fundar um reino nas longinquas praias da *Lusitania*. Foi essa igualdade de destino que, a meu ver, lembrou esse bordão ja cansado, e não a tradição camoneana seguida na *Benteida* e em outros poemas do genero.

. . . . quem diria
Que estas *pobres mulheres* perseguidas
Do *dragão infernal* em pouco tempo
Haviam de encontrar pelos mosteiros
Prompto socorro a seus crueis tormentos?
(Canto II)

A estes versos ajunta o primeiro anotador dos *Satyricos*, P. da Fonseca, a nota seguinte :

Um d'estes Espiritus-cornicabras, sendo expulso pelo Padre-Exorcista do corpo d'uma das taes Mulheres, caiu, per engano, na pia d'agua benta, e com os baldões das âncias, que o atormentavam, despejou toda a água; verdade é que obteve escapar; mas pellado para sempre como um Leitão.

Outro Diabrete (ao sair do corpo da Possessa) foi obrigando, por preceito do Frade-Exorcista, a tanger o sino do Convento; a fim de testemunhar, com esse *são-são*, aos outros Padres do mesmo Convento, e ao Circumstantes, que realmente deixára de atormentar a sua Victima. »

Historias naturaes, *foronomias*,
Chimicas, anatomias, e outros nomes
Difficéis de retêr são as sciencias
Que vieram trazer os Estranheiros.

Canto III.

E' assim que fala e com grande vehemencia e indignação, o Lente de prima de Theologia, infenso a todas as innovações mormente em materia de sciencias naturaes a physicas, taxadas sempre do vicio do athéismo ou do materialismo.

Phoronomia (como diz poeta) era o nome então uzado para designar a sciencia mecanica do movimento e das leis do equilibrio dos corpos. A expressão já caiu em desuso.

A estas denominações difficeis e arvezadas oppõe Fonseca as seguintes reflexões que ainda hoje tem alguma cabida.

« Phoronomias, etc. — Os compositeiros de livros de Medicina, d'Historia-Natural, de Chymica, etc., teem de tal modo abarrotado a linguagem scientifica franceza, etc., de termos barbaros inintelligiveis, que um pobre Dictionarista, que se ve forçado a traduzil-os em portuguez, dá-se a perros, não digo ja para atinar-lhes co'o vero significado, mas para escrevel-os correctamente. Quem pronunciará sem custo *arythenoepiglottico*, *gymnoletraspermo*, e milhares d'outros da mesma cathegoria? A verdade é que os nossos bons Maiores, sem estes palavões anatomico-botanicos, curavam os doentes, e conheciam perfeitamente as plantas. Hoje não ha sendo charlatanismo em tudo!!!

Não menos certo que este real abuso é que as coisas novas necessitam novos termos e denominações mais precisas e exactas. O defeito maior consiste em trazel-as para a linguagem commum, com o fito de supprir por vozes grandiloquas a inopia dos que as pronunciam, ou o que é ainda peor, o de inventar neologismos desnecessarios e excusados por esconder a ignorancia e pobreza de ideas.

Mas chegando Tirceu homem singalo,
Que seus dias consome sobre os livros
Contemplando a profunda Natureza...

Este *Tirceu* que representa no poema, o espirito novo a alma moderna, inimiga do superstição e do fanatismo reaccionario e decrepito é entre os da Universidade, o lente de mathematica, José Monteiro da Rocha.

Monteiro da Rocha, portuguez, foi educado pelos jesuitas no Brasil. Mathematico e astrónomo insigne, foi o seu nome conhecido no estrangeiro. No tempo de Pombal e depois da expulsão dos jesuitas, deram-lhe incumbencia de collaborar na reforma dos estudos scientificos da Universidade. Foi mestre do principe D. Pedro (mais tarde Pedro I do Brasil) em Lisboa para onde se retirou nos ultimos tempos da ma vida e ahi falleceu em 1819 na avançada idade de 85 annos. Deixou muitos manuscritos, ainda guardados nos archivos da Academia de sciencias, e varias obras impressas entre as quaes nomeamos as estimadas traduções de obras de mathematica e mecanica de Bezout, Maria e Bossut que emprehendeu para melhorar e encaminhar o ensin o

universitario conforme os estatutos q havia eleborado, memorias especies sobre a *Solução do problema de Kepler*. Aditamento as regras de Fontane sobre o *problema das quadraturas*, a *Determinação das orbitas dos cometas*, *Memoires sur l'Astronomie pratique*, *Ephemerides astronomicas do observatorio de Coimbra*, etc.

O douto secretario, que em Aveiro
Alçou já vara branca, o *subscripsi*
Poê no fim do papel...

(Do mesmo quanto)

Alude-se, como anota P. Fonseca, ao secretario da Universidade que escrevia *subscripsi* por *subscripsi*.

O Bezerra...

(Canto IV)

« Os Estudantes da Universidade chamavam-lhe *Bezerra*.] Certo Sujeito, indo procural-o, perguntou ao Criado « se estava em casa o senhor *Boi?* » Admirado o servo de semelhante pergunta, respondeu-lhe: « V. M^{te} engana-se, meu Amo é o Senhor *Bezerra*. » — « Perdoe, acudiu o tal Sujeito, como ha perto de seis annos que o não vejo, cuidei que ja era *Boi!* »

O dito Bezerra fazia *odes* tam compridas, que Francisco Manuel, disse, ácerca d'uma sua tambem longuissima, o seguinte :

« Se eu para desculpar a desmesurada gigantez d'esta *ode* me quizesse escorar em algum exemplo, mui volumoso o tinha nas *odes* do Senhor Bezerra, que como Professor da Universidade deve mui bem saber todas as bitolas d'uma *ode*. Ora elle faz *odes sine fine dicentes*. Ergo Rosas. »

E' o que diz Fonseca.

Acrescento que se trata do D^r João Antonio Bezerra de Lima que foi successivamente professor de Grammatica latina e de Rhetorica na Universidade de Coimbra, e por ocasião da reforma pombalina (1772) tomou a cadeira criada então de *Historia e Antiquidades* que, dizem os seus biographos, regeu com grande credito e erudição. Era homem excentrico e pouco favorecido das Musas, as quaes teimava conversar não sem correr o risco de ridiculez.

Innocencio da Silva no seu *Diccionario Bibliographico* (III, 287) repete a seguinte nota, a respeito de Bezerra, das *Obras* (t. IV) de Filinto Elysis :

« O tal Bezerra tem feito um argel de odes compridas, entre ellas uma de trezentas estrofes, tão sobeja de palavros quam falha de enthusiasmo. Delle contam que convidando varios amigos para lhe ouvirem recitar, quando muito esfalfado parou em meio para humedecer a gaita da garganta com um copo de agua e achou-os todos a roncar. »

As publicações impressas de Bezerra não legitimam esse severo juizo quanto a supposta extensão e prolixidade de suas *odes*. As suas *Quatro Odes*, (1773) couberam em menos de vinte paginas. Não resta, porem, a menor ouvida que são bastante opio para « fazer roncar » aos mais espertos.

Os versos do *Reino da Estupidez* quasi sempre desleixados denunciam a pouca dextreza do autor n'esse genero. As elisões são frequentes e forçadas como testemunham os exemplos :

A barb'ra geometria tão gabada
(Canto III, pag. 134.)

Que *diff'rente* linguaagem hoje escuto
(pag. 136.)

Versos fouxos, senão errados, como :
Aos lentes, doctores, estudantes
(Ibid. 136.)

Ou, com deselegante, pobre e e ambigua construcção, como a d'este que não é o unico :

Uns de encarnado vão *todos* cobertos
(pag. 145.)

Não são menos numerosos os versos prosaicos :

O bom filho! insisti n'este sistema,
Etc.
(pag. 148.)

E todo o começo do canto IV que assim diz :

Apenas o edital se põe na porta
Da grande sala que pr'os Actos serve.
(pag. 141.)

Estes defeitos graves e inescusaveis provam que evidente-

mente o exito do *Reino da Estupidez* foi devido ás circumstancias do momento, ao descalabro, atrazo e desmoralisação dos estudos universitarios e principalmente á reacção estúpida, ferrenha contra as ideas novas de reforma, quando em nome da religião se oppunham os retrógrados ao ensino das sciencias experimentaes e quebravam lanças a favor do esteril silojismo.

Odes de Tolentino.

Achamos coisa dispensavel ajuntar algumas notas ás composições de Nicolau Tolentino; as circumstancias em que foram feitas as satyras eram familiares e inteiramente comprehensíveis á geração e ao meio em que se divulgou o livro. E ainda hoje o são, salvo um ou outro pormenor que já se apagou da lembrança da sociedade de hoje, sem embargo da profunda alteração que soffreu a vida social entre os extremos do seculo findo.

O BILHAR

Esta satyra que é a primeira da collectanea ja havia entrado na primeira edição das *Obras poeticas* do autor (Lisboa, 1801) e é a unica que delle existe em oitavas.

O collector do *Parnaso lusitano* que considera esta satyra a obra prima de Tolentino ja a havia reproduzido no tomo III e conjunctamente outras que tambem entraram no 6º volume agora reimpresso. São accordes em reconhecer a primazia do *Bilhar* Costa e Silva e o ultimo editor do poeta, José de Torres.

Não podemos subscrever essa opinião que nos parece pouco sustentavel. Questão de gosto...

No *Bilhar* ha evidente e desagradavel allusão a Antonio Diniz, compositor de odes *mouras*: incomprehensíveis, cheias de nomes mythologicos, imitadas de Pindaro e que tanto aborreciam a Tolentino.

Tolentino tantou escrever algumas odes que lhe saíram sempre mediocres ou insignificantes.

A GUERRA, OS AMANTES

As demais satyras que figuram n'esta collectanea (*A Guerra,*

os *Amantes*, a *D. Martinho*, a *Função*, o *Velho*) parecem-me as melhores e as mais características do genio do poeta.

Em todas, seguiu Tolentino a tradição da *quintilha* já adoptada em seculos anteriores por Sá de Miranda e D. Francisco Manoel, forma graciosa, leve e facil, em tudo preferivel a dos endecassyllabos e oitavas do *Bilhar*.

Algumas *decimas* fecham o volume, genero que Castilho considerava ingrato e de extrema difficuldade por que nellas não se podia soffrer imperfeição alguma : « O seu tempo parece ter passado com os *oiteiros* e as *glozas*... e um gosto extremado não achará muito que deplorar « apud *ed.* de José de Torres, L III). A vivacidade e perfeição technica das *Decimas* mais se coadunava ao genio de Bocage, consumado na arte do verso.

Tolentino preferia o verso facil, natural e espontaneo, e por isso tinha em horror as *Odes* eruditas, pedantescas, sesquipedaes tão cultivadas dos Arcades; mas da sua capacidade em generos difficeis deixou primorosos exemplos em alguns sonetos. Um d'estes o *Colchão dentro do toucado*, que começa :

Chaves na mão, melena desgrenhada

foi já reproduzido no tomo III do *Parnaso lusitano* e era dos que Garret mais prezava; e assim o da *Sege* :

Que sege, senhor conde? eu fiz um voto
De andar antes por mar e mar com moiros...

FIM

INDICE

	PAGS.
Introdução.	1
Argumento do Poema.	13
O Hyssope.	15
O Reino da Estupidez.	106
Prologo.	111
Satyras de Tolentino.	151
Notas.	237
Notas ao Hyssope.	239
Notas ao Reino da Estupidez.	297
Notas ás Odes de Tolentino.	304